

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Mara Bontempo Reis

A construção da Santa Lôla:
materialidade do sagrado e catolicismo devocional

Juiz de Fora

2021

Mara Bontempo Reis

**A construção da Santa Lôla:
materialidade do sagrado e catolicismo devocional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciência da Religião. Área de Concentração: Religião, Sociedade e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira.

Juiz de Fora

2021

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Reis, Mara Bontempo.

A construção da Santa Lôla: materialidade do sagrado e catolicismo devocional / Mara Bontempo Reis. -- 2021.

196 f. : il.

Orientadora: Emerson José Sena da Silveira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2021.

1. Santa Lôla. 2. Catolicismo Devocional Mineiro. 3. Materialidade do Sagrado. I. Silveira, Emerson José Sena da, orient. II. Título.

MARA BONTEMPO REIS

**A CONSTRUÇÃO DA SANTA LÔLA: Materialidade do sagrado e
catolicismo devocional**

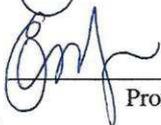
DISSERTAÇÃO apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ciência da Religião da Universidade
Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para
obtenção do título de MESTRA EM CIÊNCIA DA
RELIGIÃO.

Juiz de Fora, 25/03/2021.

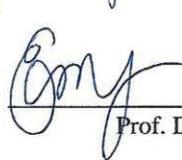
Banca Examinadora



Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira – Orientador

P/ 

Prof. Dr. Volney José Berkenbrock (UFJF)

P/ 

Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira (PUCMG)

AGRADECIMENTOS

Para a conclusão dessa dissertação pude contar com muita gente generosa no meu caminho. Não vou me atrever a escrever aqui todos os nomes, pois correria o risco de deixar de citar alguém, mas os nomes que escrevo aqui representam muito bem todas as pessoas importantes na minha trajetória.

Deixo o meu agradecimento mais que especial ao meu orientador Prof. Emerson: Obrigada por sua generosidade, por tanto aprendizado, pelas provocações e puxões de orelhas durante a pesquisa. Agradeço também por trazer Sloderdijk para as suas instigantes aulas e assim fazendo surgir um monte de caraminholas na minha cabeça. Avante!!!

Agradeço aos professores Volney Berkenbrock e Rodrigo Coppe Caldeira pela valiosa contribuição participando da banca.

Agradeço as professoras e professores do PPCIR pelo compromisso com a Ciência e Educação e a CAPES pelo financiamento da bolsa.

Obrigada às pessoas que se dispuseram de alguma forma a contribuir com a pesquisa, sobretudo aquelas que participaram das entrevistas.

Aos meus pais Antônio e Lurdinha, obrigada por me permitirem ser a filha caçula!!! “O amor é labirinto de caminhos que se encontram” (Flávio Venturini). À minha enorme família, obrigada pelo amor, mesmo estando distantes.

Ao Revelino, meu parceiro de vida: “Eu te proponho, não dizer nada. Seguirmos juntos a mesma estrada...” (Roberto Carlos).

A Mel, obrigada pelos treze anos juntas.

Aos amigos e amigas do PPCIR, obrigada pela partilha e parceria!!!

Giovanna, Rita, Rúbia, Túlio, Luana, Malu, Raquel, Siloeh, Izabela, Rosiléa, Rafael (o pai do Heitor), Paulo Victor e Ricardo agradeço por me trazerem leveza e aprendizado!!!

Aos amigos e amigas “Melancias”, obrigada por fazerem parte da minha vida!!! À Claudinha, Carlota e Virnoça, obrigada pelos encontros etílicos!!!

Aos meus amores palhaços: Aline Cristina (Lilica), Marcos Marinho (Zé Boléo/ Sr. M), Júlio Phenix (Faísca) e Revelino Mattos (Arfrânio), obrigada pela caminhada juntos. A saudade dá doendo, mas em breve estaremos vacinados, subindo nos palcos e pegando a estrada.

RESUMO

Como se faz um santo? Não é algo pronto, caído do céu, como um raio de Deus. Partiu-se dessa pergunta para investigar a construção de santidade de Floripes Dornelas de Jesus – Lôla, uma leiga católica de uma pequena cidade mineira que está a meio caminho dos altares. No catolicismo devocional, a força da materialidade do sagrado – objetos, relíquias, novenas, procissões, terços – tem sido pouco investigado no processo de escrituração de uma santa, que sai da história terrena e entra para os céus mitológicos. A hipótese é de que, no catolicismo devocional, o sagrado manifesto na cultura material é um dos elementos centrais na construção, embora ao lado de mais fatores – a hagiografia, a virtude – da aura de mítica santidade que leva um santo ou uma santa aos altares. A dissertação combinou metodologias qualitativas, a saber, um levantamento documental (online e físico) e um levantamento bibliográfico parcial (catolicismo e materialidade do sagrado), também o trabalho de campo junto aos lugares onde a santa andou e viveu, entrevistas abertas com seus fiéis devotos, catalogação de objetos sagrados ou que assim se tornaram. Uma simples mulher branca, solteira, mineira, e sua aura de santidade, amalgamam-se dentro do catolicismo devocional e, com junto ao concreto da materialidade, tornam-se, nas correntes narrativas dos fiéis, um poderoso mito religioso. O lugar do mito católico é no altar, para ser cantado e louvado como exemplo de outro mito, ainda maior, o da vida cristã, Cristo e sua Igreja. Nasce mais uma pequena estrela e se junta a outras cintilantes para compor a enorme galáxia mítico-histórica do catolicismo devocional.

PALAVRAS-CHAVE: Santa Lôla. Catolicismo devocional mineiro. Materialidade do sagrado.

ABSTRACT

How saints are made? It's not something done, falled from the sky, like a lighting from God. This question was the started-point to investigate the construction of holiness of Floripes Dornelas de Jesus – Lôla, a lay woman from a small town of Minas Gerais that is halfway to the altars. In devotional catholicism, the power of the materiality of the sacred – objects, relics, novenas, processions, rosaries – has not been the subject of much analysis in the bookkeeping process of a saint, who leaves earthly history and enters the mythological skies. The hypothesis is that, in devotional Catholicism, the sacred manifest in material culture is one of the central elements in the construction, although alongside other factors – the hagiography, the virtue - of the aura of mythical holiness that lead a person to be sanctified to the altars. As methodology, the dissertation combined qualitative methodologies, i.e, documentation survey (online and physical) and partial bibliographic survey (catholicism and materiality of the sacred), fieldwork in the places where the saint walked and lived, open interviews with her devotees, cataloging of sacred objects or those that have become so. A simple white woman, single, from Minas Gerais, and her aura of sanctity, amalgamate within devotional Catholicism and, together with the concrete materiality, become, in the current narratives of the devotees, a powerful religious myth. The place of the Catholic myth is on the altar, to be sung and praised as an example of another myth, even greater, that of the Christian life, Christ and His Church. Another small star is born and joins other sparkling ones to compose the huge mythical-historical galaxy of devotional Catholicism.

KEYWORDS: Saint Lola. Devocional Catolicism from Minas Gerais. Materiality of the sacred.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1	Detalhe para o terço na mesa de cabeceira	25
Foto 2	Fita que a autora ganhou de presente de Lôla na adolescência	43
Foto 3	Fitas confeccionadas pela devota Luciana e sua família	43
Foto 4	Fita que a devota Maria usa	44
Foto 5	Fonte de água localizada no sítio	87
Foto 6	Visitantes chegando no Recanto Sítio da Lôla	92
Foto 7	Óleo de uso pessoal da devota Luciana.....	103
Foto 8	Óleo que a devota Luciana compartilha com outras pessoas	104
Foto 9	Boneca de louça da devota Débora	111
Foto 10	Relicário dos devotos Paulo e Débora	112
Foto 11	Lôla no dia em que entrou para o noviciado da Pia União das Filhas de Maria	136
Foto 12	Lôla na juventude antes do acidente	136
Foto 13	Parte da família de Lôla	137
Foto 14	Jazigo da mãe e irmãos de Lôla	137
Foto 15	Jazigo de Lôla, no qual também foi sepultada sua irmã Dorvina	138
Foto 16	Placa em homenagem a Lôla instalada no local onde foi velada na Matriz de São Manoel em Rio Pomba	138
Foto 17	Funeral de Lôla	139
Foto 18	Cortejo do Enterro de Lôla ocorrido em 10 de abril de 1999 em Rio Pomba	139
Foto 19	Santinho que era distribuído por Lôla e que atualmente Leda distribui	140
Foto 20	Oração pela Beatificação de Lôla	140
Foto 21	Romarias na casa de Lôla na década de 1950	141
Foto 22	Romarias na casa de Lôla na década de 1950	141
Foto 23	Revista Manchete edição de 02 nov. 1957	142
Foto 24	Revista O Cruzeiro edição de 23 nov. 1968	142
Foto 25	Memorial instalado na Matriz de São Manoel em homenagem aos 20 anos da morte de Lôla	143
Foto 26	Atualmente na Matriz de São Manoel	143

Foto 27	Fachada da casa de Lôla	144
Foto 28	Visitantes chegando no Recanto Sítio da Lôla	144
Foto 29	Missa 1ª sexta-feira 01 de novembro de 2019	145
Foto 30	Quarto da Lôla	145
Foto 31	Caixa para arrecadação de dinheiro destinado a manutenção do sítio	146
Foto 32	Livro registro de presença que atualmente consta na casa de Lôla	146
Foto 33	Livro registro de presença de 01 de julho de 1951	147
Foto 34	Lôla em seu quarto	147
Foto 35	Devotos em oração na porta do quarto da Beata	148
Foto 36	Devotos em oração na porta do quarto da Beata	148
Foto 37	Imagem localizada entre a casa e a capela	149
Foto 38	Bilhete de um devoto deixado na cesta	149
Foto 39	Imagem presenteada por Lôla aos pais da autora	150
Foto 40	Dedicatória escrita por Lôla na imagem presenteada aos pais da autora	150
Foto 41	Toalha que ficava na cabeceira da cama da Lôla	150
Foto 42	Terço da devota Maria	151
Foto 43	Imagens distribuídas pela devota Maria	151
Foto 44	Imagem pertencente ao devoto Marcos	152
Foto 45	Dedicatória feita por Lôla na imagem pertencente ao devoto Marcos.....	152
Foto 46	Imagens no altar na casa da devota Luciana	153
Foto 47	Imagens no altar na casa da devota Luciana	153
Foto 48	Armário na casa da devota Luciana	154
Foto 49	Quadros na casa da devota Luciana	154
Foto 50	Crucifixo da devota Luciana	155
Foto 51	Anel da devota Luciana	155
Foto 52	Pastas com várias lembranças de Lôla da devota Luciana	156
Foto 53	Pedaço de tecido da roupa de Lôla que a devota Clara guarda em sua bolsa	156
Foto 54	Pombinha de papel que a devota Clara guarda em sua bolsa	157
Foto 55	Santinho que a devota Clara guarda em sua bolsa	157
Foto 56	Livro que era distribuído por Lôla e que a devota Clara guarda em sua bolsa	158

Foto 57	Anel da devota Raquel	158
Foto 58	Imagem pertencente a devota Raquel	159
Foto 59	Dedicatória feita por Lôla em abril de 1986 na imagem da devota Raquel	159
Foto 60	Livro da devota Raquel	160
Foto 61	Imagem pertencente a devota Laura	160
Foto 62	Pedaço da manga de camisa que era da Lôla	161
Foto 63	Santinhos do acervo da devota Laura	161
Foto 64	Imagem e fita do devoto Francisco	162
Foto 65	Livros distribuídos pelo devoto Francisco	162
Foto 66	Livro que é distribuído atualmente aos devotos no sítio e também pela devota Maria	163
Foto 67	Andor da Festa do Coração de Jesus ano 1998	163

LISTA DE TABELAS E GRÁFICO

Gráfico	As denominações religiosas presentes no município de Rio Pomba	21
Quadro 1	Canções	83
Quadro 2	Objetos durante Vida de Lôla	101
Quadro 3	Objetos em pós-morte Lôla	102
Quadro 4	Classificação dos objetos quanto ao uso	104
Quadro 5	Perguntas e objetos	109

LISTA DE ABREVIATURAS

AACL	Associação dos Amigos da Causa da Lôla
AO	Apostolado da Oração
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
COVID-19	Coronavírus Disease 2019
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
RCC	Renovação Carismática Católica
UTI	Unidade de Tratamento Intensivo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FLORIPES DORNELAS DE JESUS: A SANTA LÔLA	20
2.1	O COTIDIANO DA BEATA DE RIO POMBA ANTES DA QUEDA DA JABUTICABEIRA	20
2.2	AS MUDANÇAS OCORRIDAS EM SUA VIDA APÓS O ACIDENTE ...	30
2.3	ENCASULADA OU ENCLAUSURADA: ESCOLHA, NECESSIDADE OU OBEDIÊNCIA?	46
2.4	DA MORTE AO PROCESSO JUNTO AO VATICANO	52
3	MITOS E RITOS COMO MATERIALIZAÇÕES DO SAGRADO EM LÔLA	66
3.1	AS NARRATIVAS MÍTICAS EM TORNO DA CANDIDATA A SANTA	66
3.1.1	As narrativas vividas e ouvidas	67
3.1.2	A Revista Manchete como sujeito participante da materialidade religiosa	71
3.1.3	O óleo bento	74
3.1.4	O Beija-Flor da Lôla	75
3.1.5	Em suas orações lembre da Dorvina	78
3.1.6	As especialidades da Candidata à Santa	80
3.1.7	Canções em homenagem a Candidata a Santa	83
3.2	OS RITUAIS DOS DEVOTOS	85
3.2.1	A água da fonte	86
3.2.2	Os ritos de aniversário dos vinte anos da morte de Lôla	88
3.2.3	O cotidiano das celebrações	91
3.2.4	O cotidiano das celebrações no contexto da pandemia	94
4	OBJETOS SAGRADOS E OS DEVOTOS DE LÔLA	99
4.1	UM OLHAR PARA A DEVOÇÃO A PARTIR DA MATERIALIDADE DO SAGRADO	99
4.2	CATEGORIAS DOS OBJETOS SAGRADOS	101
4.3	NARRATIVAS EM TORNO DOS OBJETOS SAGRADOS	105
4.4	A CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE E A MATERIALIDADE DO	117

	SAGRADO	
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
	REFERÊNCIAS	125
	APÊNDICE (S)	133
	ANEXO (S)	136

1 INTRODUÇÃO

Segundo Engler (2013), a parcela mais significativa da tradição religiosa com mais adeptos no mundo é o Catolicismo. De acordo com o último Censo/2010, o Catolicismo representa 64,63% da população brasileira¹. Todavia, projeções indicam hoje que há um declínio do monopólio católico, tendo em vista a pluralidade religiosa presente na contemporaneidade. Apesar da queda de sua hegemonia, a Igreja Católica “é uma instituição com uma capacidade impressionante de controlar suas dissidências e de negociar visões opostas dentro de si mesma” (SOFIATI; MOREIRA, 2018, p. 278). Em contrapartida, a Igreja Católica enfrenta dificuldades para manter a fidelidade de seus integrantes, frente à liberdade que as pessoas têm de escolher qual religião ou até mesmo nenhuma religião.

Por outro lado, Berkenbrock (2019, p. 29) diz: “o catolicismo presente no Brasil não é uma tradição unitária e se poderia falar em catolicismos, pois ele se apresenta em diversas faces”. Há o catolicismo institucional, devocional, o Catolicismo ligado a movimentos leigos, experiencial, midiático, carismático, dentre outros, como o Catolicismo Popular². Nesse último tipo, a estrutura religiosa traz em sua gênese a relação do fiel com o santo, seja ele reconhecido ou não pela Igreja. Segundo Tavares (2013, p. 37), “o elemento central no catolicismo popular tradicional e, por sua vez, da vivência popular do catolicismo, é o santo”. E essa relação é revestida de intimidade, pois, de maneira geral, para o devoto o santo é o seu intermediário com Deus resultando assim em manifestações materiais de devoção.

O milagre configura elemento importante na religiosidade popular, demonstrando a relação do fiel com o sagrado através da figura do santo. A identificação com o santo ou a santa, por este ser muito próximo da sua realidade, como uma pessoa que passou por sofrimentos e privações e a materialidade do sagrado com os seus objetos, relíquias, novenas, procissões, terços, tudo isso reforça a prática do catolicismo popular no Brasil. Para Meyer (2019), a materialidade do sagrado

¹Disponível em:

https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf. Acesso em: 02 ago. 2019.

² Os estudos acerca do catolicismo popular ganharam projeção nas décadas de 70 e 80. Tais estudos fomentaram discussões para uma melhor compreensão dos inúmeros e diferentes fenômenos religiosos que são originários dos leigos e que pertencem primeiramente a uma religiosidade popular antes de qualquer tipo de reconhecimento institucional por parte da igreja.

possibilita compreender a religião, as formas materiais e a sua utilização na prática cotidiana religiosa, dá aos objetos, a condição de inerentes à religião e não apenas dimensões adicionadas, enfim, a cultura material é parte constituinte da construção do santo ou da santa. Ainda que nunca apareça como construção, embora o seja, e sim como vontade, virtude e, a vida do santo, a hagiografia, é, desde seu início, também a epifania da materialidade, a fome, as pústulas, os trapos e as vestes, a espada, a caveira, a palavra dita, o livro, a tortura, a árvore, a flecha, a corda, a rocha e a pedra, para citar apenas algumas das mais presentes entre os santos e santas mais populares.

Nesse contexto, apresento a figura de “Santa Lôla”, uma santa consolidada aos olhos do povo, entretanto, ainda não reconhecida pelos meios oficiais da Igreja. Floripes Dornelas de Jesus, popularmente conhecida como Lôla, sofreu um grave acidente doméstico em 1934, na cidade de Rio Pomba – MG. Ao longo dos anos, segundo os relatos dos nativos, deixou de se alimentar e passou a ingerir apenas a hóstia (BOMTEMPO, 2005). Quando o “fato” se espalhou pela cidade e região, romarias chegaram à sua casa e as pessoas lhe atribuíram milagres realizados através de suas orações (FERREIRA, 2007). O sofrimento é o mote central no catolicismo popular e devocional, principalmente se é suportado com galhardia, altivez e abnegação, ou, ao menos seja assim aos olhos dos fiéis e dos amigos e parentes do santo. O que me levou a almejar a análise do processo de construção da santidade de Lôla por meio dos objetos que são considerados sagrados por seus devotos, uma Frida Khalo católica, ou melhor, ao avesso, assexuada, anoréxica, mas como a artista mexicana, com a coluna quebrada e fraturada. Por tudo isso, aos olhos populares, é reflexo das virtudes virginais, vindas do centro da galáxia devocional católica, Maria (PORTELLA, 2016).

De que materiais são feitos os santos e santas, foi a trilha da questão inicial pela qual percorri os caminhos do trabalho de campo, com entrevistas profundas entre os devotos, levantamento bibliográfico e levantamento documental (online e físico) com recorte sobre catolicismo e materialidade do sagrado. Ressalto que recorri a alcunhas para me referir à Lôla e, portanto, serão encontrados nomes como Serva, Beata, Santa, Católica de Rio Pomba, Candidata a Santa, Santa Riopombense, dentre outras. Estão grafadas com iniciais maiúsculas e, com isso, incorro num risco, o de, ao invés de analisar, resvalar para o mito, atraída pelo que há de cintilante nas histórias. Por outro lado, pensei que seria um modo de mostrar como uma vida histórica, prosaica, simples e um acidente aleatório muda uma história e, com a materialidade sacral, e os desdobramentos do devocionalismo católico, dá início ao mito da santa que, enfim, está

a caminho dos altares: ela tornada ou reconhecida beata pelo Vaticano, no adro da Congregação para as causas dos santos³, uma espécie de chancela máxima de devoções populares. É um selo de qualidade apostado após um longo processo, mas simultaneamente, é um forte controle institucional, uma canalização do sentimento religioso popular que corre muitas vezes indócil pelas veias devocionais católicas e ameaça a dogmática institucional.

O porquê desse interesse pela figura de Lôla e da materialidade do sagrado pode ser explicado de diversos modos. Nasci em Rio Pomba e morei até dezembro de 1998, poucos meses antes do falecimento da Serva. Com frequência, ia à casa da minha avó materna, vizinha e amiga da Candidata a Santa. Apesar da intimidade existente entre as duas, não tive a oportunidade de conhecê-la. A memória que tenho sobre a Beata é de ter ido uma única vez em sua casa, embora não tenha sido permitido que eu entrasse em seu quarto. Minha avó sempre respeitou o desejo de sua amiga, se mantendo reservada sobre os assuntos da quase futura Santa. Ao longo de anos, ouvi as histórias de devoção à Floripes, participei indiretamente como moradora da cidade até 1998. Ouvi as narrativas de milagres e conheci um primo distante, médico pessoal, que fez parte da construção mítico-histórica da santidade sacral de Lôla. Presenciei aspectos dessa devoção levando em conta a importância que algumas pessoas conferem aos objetos relacionados à Serva: alguns guardam terços, anéis, trabalhos manuais, cartas, bilhetes, pedaços de roupas e tantos objetos constituintes dessa materialidade religiosa que considero relevante para a pesquisa.

A grande maioria das pessoas que conviveu com a Católica de Rio Pomba morreu. Desse grupo, restou apenas, a senhora Leda⁴, atualmente com 80 anos. Ela participou dos cuidados diários da Beata e eu a entrevistei. Ainda que carregando na memória fatos de sua convivência com Lôla, durante a entrevista, observei que quando eram tratados alguns assuntos, a anciã devota buscava mudar o tema da conversa ou apresentava um argumento tangencial ao assunto abordado. Entendo que sua postura, de manter sigilo sobre determinados assuntos, possa ser motivado por uma fidelidade que cultivara junto de sua amiga e madrinha nos quarenta anos de convivência. Essa percepção da postura de uma manutenção de sigilo pôde ser encontrada em contatos

³ Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/index_po.htm

⁴ Para a presente pesquisa recorri a nomes fictícios. Faz-se necessário ressaltar que, tanto os devotos que possuem objetos, quanto outros indivíduos que foram entrevistados, tiveram os seus nomes verdadeiros resguardados e, portanto, adotei nomes fictícios.

realizados para entrevistas, pois sete pessoas, dentre elas parentes distantes e devotos, se recusaram a falar, justificando que não sabiam muito por não ter convivido ou por considerar importante assegurar o silêncio que Lôla tanto prezava. O sigilo é uma expressão material do imaterial, o não-dito é palpável pela brusca interrupção, por sinais corporais: lábios contraídos, pernas descruzadas, suspiros, olhares.

Quando decidi participar do processo seletivo para o mestrado, comecei a frequentar as celebrações que ocorrem no Sítio Recanto da Lôla, para que pudesse iniciar a elaboração do meu pré-projeto. Após o período de aprovação, nos primeiros encontros de orientação, vimos que era plausível analisar o processo de construção de santidade por meio dos estudos sobre materialidade do sagrado. Religião Material era algo novo e desafiador para mim. Tive que se submeter a presente pesquisa ao comitê de ética e recebi a aprovação⁵. Diante das inúmeras possibilidades de tal análise, parto do pressuposto de que os objetos representam ou apresentam a Santa e a tornam presente na vida de seus seguidores como memória viva.

Propus pensar de que forma poderia compreender a dinâmica da relação estabelecida entre a Serva, materialidade do sagrado – relíquias e objetos – e os devotos. Para isso levei em consideração a força do reconhecimento da sua santidade pela comunidade. Papel fundamental para isso teve a imprensa, uma revista de tiragem nacional, numa polêmica reportagem que apresentarei mais à frente, mas que por sua força material, neste caso, algo profano, algo sagrado, deu a mítico-histórica de Lôla uma impulsão tremenda.

Na primeira etapa da pesquisa realizei um levantamento bibliográfico e leituras que se referem ao Catolicismo Popular, Antropologia da Devoção e Materialidade do Sagrado. Os objetos considerados sagrados pelos fiéis de Lôla foram analisados sob as lentes da Antropologia da Devoção e Religião Material tendo como principais referências os estudos de Renata de Castro Menezes (2004, 2005 e 2011) Birgit Meyer (2019), respectivamente.

Para a segunda etapa desenvolvi uma pesquisa de campo, como já deixei entrever acima. Colhi depoimentos de devotos que possuem objetos considerados sagrados. Foram ao total, onze pessoas⁶ entrevistadas individualmente com perguntas direcionadas e examinadas a partir do conceito de análise de conteúdo de Laurence

⁵ Parecer substanciado do Comitê de Ética e Pesquisa aprovado sob o nº 4.134.263, em 03 de Julho de 2020. Documento digitalizado disponível no anexo B.

⁶ No apêndice C descrevo em tabela os principais dados dos participantes das entrevistas.

Bardin (2016).

Durante a pesquisa, participei das missas que acontecem no sítio, ao longo de doze meses (março de 2019 a março de 2020), para que eu pudesse observar a devoção dos fiéis. Muitos dos frequentadores são oriundos de localidades próximas como Ubá, Tocantins, Visconde do Rio Branco, Piraúba, Tabuleiro e Juiz de Fora, e de lugares mais distantes como Rio de Janeiro, São Paulo, Goiânia e Brasília. Foi durante as idas ao sítio que conheci pessoas que se dispuseram a conversar a respeito de sua devoção.

Algumas delas, falam abertamente, porém, outras preferem manter certa discrição, algo que é peculiar e fruto do próprio desejo da Beata de querer se manter reservada, justificativa usada por muitos de seus fiéis. Visitei por cinco vezes o túmulo onde a Serva foi sepultada. É um dos túmulos mais enfeitados do Cemitério Municipal de Rio Pomba e recebe uma quantidade significativa de visitantes regularmente, principalmente no Dia de Finados, data em que o número de devotos aumenta consideravelmente. Freitas (2006) me faz refletir acerca da referida data, explicando sobre a movimentação diante de determinados jazigos durante o feriado de finados. A autora faz uma observação para esclarecer que, o que diferencia um túmulo de uma pessoa considerada santa, para um jazigo de outro morto que também recebe muitas visitas “[...] é o número incomum de pessoas que se quedam junto a ele, e o vai-e-vem constante o dia inteiro, que pode começar já na véspera” (FREITAS, 2006, p. 79).

Para esse estudo, estabeleci um diálogo entre a pesquisa de campo e os autores estudados, analisando os objetos e definindo categorias, objetos que foram produzidos durante a vida terrena da Católica de Rio Pomba e os produzidos após sua morte. Esses objetos, segundo Menezes (2011a, p. 24): “são expressões materiais de vínculos e emoções que envolvem santos e devotos, o que permite ver essa relação em operação, em movimento”. Por isso é importante compreender como os objetos podem ser decisivos nas narrativas constituintes de um mito religioso, visto que tais objetos, envolvendo imagens, terços, relicário, santinhos, novenas, fotos, fonte de água localizada no sítio, o quarto no qual a Serva permaneceu por longos anos, enfim, tudo que é materialidade concreta relacionada a ela, de alguma forma, permeia e contribui para a construção de sua santidade.

No que diz respeito às informações apresentadas nessa dissertação, além das histórias contadas pelos entrevistados, recorri a outras fontes de pesquisas realizadas anteriormente, como a tese de Simone Geralda de Oliveira (2008) e livros mais documentais-biográficos, em especial, Bomtempo (2005), Pereira (2000), Ibrahim

(2007), Ferreira (2007), dentre outros. Todas essas fontes estão sendo lidas sob o viés da análise de conteúdo com o foco na materialidade do sagrado. Meslin (2014) aponta na religiosidade popular, uma forma de experiência vivida empiricamente. Uma relação viva que se desenvolve e transforma-se constantemente. É possível constatar que a devoção dos fiéis manifestada à Lôla possui características do catolicismo popular.

Além do cabedal teórico apresentado foram utilizadas outras fontes bibliográficas que tratam do tema, como fontes primárias, jornais e revistas e, também, pesquisas na web. Analisei publicações inseridas na internet como vídeos produzidos por devotos e divulgados no canal YouTube, documentos que se encontram no Museu Histórico de Rio Pomba, objetos guardados e preservados na antiga casa da Santa Anoréxica da pequena cidade mineira. No fluxograma inserido no Apêndice A, descrevo a rede de contatos acionados para a realização das entrevistas a partir do Método Bola De Neve⁷. Consta nesse fluxograma apenas os nomes fictícios das pessoas com quem realizei contato direto, excluídas aquelas que não autorizaram a informação de dados para que eu tentasse conversar e pessoas cujos contatos foram feitos por meio eletrônico e que não obtive retorno.

Diante do cenário apresentado esta pesquisa pretende contribuir para uma melhor compreensão no que diz respeito aos significados e simbologias presentes nos objetos considerados sagrados pelos devotos da candidata a Santa. Tais objetos contribuem para a construção do mito religioso. Para Meyer (2019, p. 113), dar atenção às coisas religiosas e o que tudo que tem relação com elas “[...] é um ponto de partida fascinante e promissor no estudo da religião, porque ele nos convida a levar a sério a dimensão material muitas vezes minimizada da religião, que é indispensável para a criação de crenças, identidades e comunidades religiosas”. Considero que abordar a materialidade da religião nessa pesquisa possibilita aprofundar discussões sobre aspectos pouco estudados do catolicismo devocional e abrir novas linhagens de pesquisa, a materialidade do sagrado aplicada à Ciência da Religião, conjugando teorias e perspectivas metodológicas enriquecedoras e compreensivas.

A partir desse momento, o leitor terá contato com histórias que pertencem não apenas a uma cidade, mas que fazem parte da vida de pessoas de diferentes localidades, narrativas de vida e devoção que misturam elementos históricos, mas sobre-projetados no plano mítico-religioso. Relatos de fiéis que fazem parte da construção da imagem de

⁷ Sobre o método de amostragem ver Vinuto (2014).

uma mulher que, segundo suas imagens, buscou acolher, por meio de suas orações, os desejos e aflições de todos que a procuravam. Uma mulher cuja presença modificou a vida de muitas pessoas por meio da sua fé.

A presente pesquisa está dividida em três principais capítulos os quais estão subdivididos de acordo com os temas. No primeiro capítulo discorro sobre a vida de Lôla, antes e após o acidente, de sua morte ao processo junto ao Vaticano. No capítulo dois, apresento as narrativas míticas contadas pelos devotos, os rituais dos devotos e, sobretudo, as missas e outras celebrações que são realizadas no Recanto Sítio da Lôla. No capítulo três, abordo a materialidade do sagrado, ou seja, os objetos pertencentes aos devotos da Serva.

2 FLORIPES DORNELAS DE JESUS: A SANTA LÔLA

Abordarei a hagiografia de Santa Lôla, alguns aspectos do seu cotidiano antes e após o acidente sofrido no ano de 1934, sua clausura, morte e o processo junto ao Vaticano. Na hagiografia procurei esboçar o itinerário da vida da Candidata a Santa, sem pretender ser uma biografia, pois a hagiografia é centrada na divulgação dos valores e virtudes do santo e sua construção ocorre posterior à vida da personagem (TEIXEIRA, 2013). É a partir desses elementos que as narrativas míticas vão surgindo, construindo e integrando uma materialidade religiosa, com diversos objetos, orações, santinhos, imagens, sendo importante para pensar a constituição da santidade da Beata de Rio Pomba.

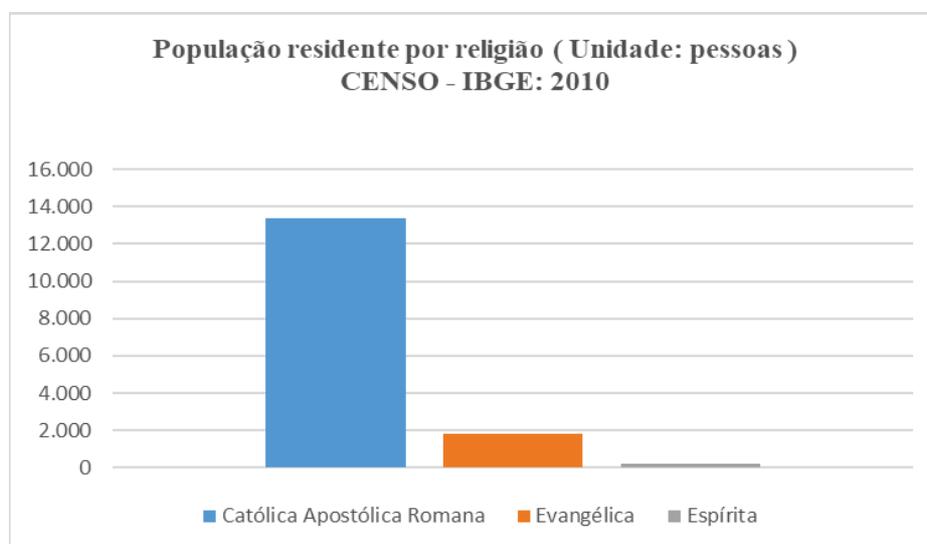
Ressalto que a hagiografia é constituída de fonte mitológica como também histórica, apresentando uma relação que produz um questionamento pertinente “onde acaba a mitologia e onde começa a história?” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 52). Essa questão traz a perspectiva de que, tendo a mitologia como algo predominante sobre a história, onde o fabuloso e o transcendente fortalecem o mito, me permite pensar que esse desequilíbrio destrói a hagiografia e todo o seu construto. Portanto, a hagiografia dever ser concebida não apenas no âmbito das narrativas míticas, mas de uma forma ampliada considerando suas estruturas sociais, políticas e econômicas.

Nas entrevistas, conversei com fiéis que consideram Lôla como Santa e que possuem objetos sagrados, procurei entender o sentido religioso inscrito na matéria, aparentemente, inerte. No que se referem às bibliografias utilizadas, elas não objetivaram o critério acadêmico, sendo algumas delas, devotos (Bomtempo, Ferreira, Pereira E. e Ibrahim). Os objetos que me foram apresentados pelos seguidores de Lôla durante a pesquisa, são permeados de histórias que possivelmente não tem como serem narradas com todas as minúcias de quando as coisas aconteceram, entretanto, traz a memória de uma figura Santa para os seus devotos e para a cidade de Rio Pomba. Stallybrass (2012) aponta uma reflexão pertinente a respeito da complexa relação entre as coisas como objetos que carregam nossa memória, e considera que quando na ausência ou morte de uma pessoa, os objetos que tiveram relação direta com ela “[...] absorve sua presença ausente” (STALLYBRASS, 2012, p. 14).

2.1 O COTIDIANO DA BEATA DE RIO POMBA ANTES DA QUEDA DA JABUTICABEIRA

Falar da trajetória de Lôla é uma tarefa difícil, pois ela é permeada de histórias ou lendas que levam a um lugar-comum, ou seja, a sua santidade. O fato de a Beata ter expressado o desejo da não divulgação de sua vida, mas somente a propagação da fé no Sagrado Coração de Jesus, resultou no posicionamento das pessoas de evitarem falar dela. Entretanto, um dos obstáculos maiores ao acesso às informações mais fáticas, é o fato da maioria das pessoas que conviveu com ela já ter falecido. Das narrativas em torno de Lôla, diversas delas decorrem de relatos escritos e verbais, que são propagados por seus seguidores e pela Igreja. Segundo Silveira e Sampaio (2018) “[...] as histórias contadas são atravessadas por múltiplos esquecimentos e lembranças, forças sociais, políticas e culturais, em um jogo complexo entre lideranças leigas, religiosas e eclesiais, e os adeptos, fiéis (mais ou menos), transeuntes” (SILVEIRA; SAMPAIO, 2018, p. 12).

Rio Pomba foi a cidade onde Lôla viveu desde a infância até sua morte. O município localiza-se na zona da mata mineira e distante da capital Belo Horizonte, aproximadamente 242 Km. De acordo com o Censo/2010, a população é de 17.110 habitantes. No que diz respeito à religião, apresento no gráfico abaixo dados obtidos no site do IBGE. Nele constam apenas três denominações religiosas: Católica, Evangélica e Espírita, sendo o catolicismo predominante no município. Há relatos da existência de outras manifestações religiosas, como Umbanda e Candomblé, todavia, não posso afirmar a veracidade dessa informação. Quando criança assistia grupos de Folia de Reis e me recordo que acerca de uns quinze anos atrás, me deparei com um desses grupos pelas ruas da cidade.



Fonte: disponível em <https://www.ibge.gov.br/>

Cresci ouvindo muitas histórias imbuídas de mistérios, sendo um deles que Lôla tinha o poder de prever o futuro. Algumas pessoas ficaram à vontade em falar da Beata de Rio Pomba, e é a partir dessas histórias, que construí uma imagem e conhecimento sobre sua vida, ainda que de forma incipiente. Com o aprofundamento dos meus estudos, coletei alguns dados acerca de sua vida. Seus pais, Joaquim Dornellas da Costa e Deolinda Maria de Jesus tiveram treze filhos, sendo seis homens e sete mulheres. Durante a pesquisa consegui os nomes de doze deles: Alcides, América, Antônio, Cesarina⁸, Floripes, Dolores, Djanira, Dorvina, Eurico (faleceu quando criança), Francisco, José (Juca), Nominato⁹.

Lôla, por sua vez, nasceu no dia 09 de junho de 1913 na cidade de Mercês – Zona da Mata Mineira. Segundo os dados do IBGE¹⁰, O Distrito foi criado com a denominação de Mercês em 07 de abril de 1841 e era subordinado ao município de Rio Pomba. Foi reconhecido como cidade somente em 10 de setembro de 1925. De acordo com o último Censo (2010), a população de Mercês era de 10.368 pessoas.

Há controvérsias em relação ao seu natalício. Em sua certidão de nascimento¹¹ consta que Floripes nasceu em 1913 e na certidão de batismo¹² que ela recebeu o sacramento em 1911. Esse tipo de erro foi corriqueiro durante décadas, principalmente quando se tratava de regiões rurais, pois o registro civil não era obrigatório e as famílias se preocupavam mais com o sacramento. O registro civil no Brasil passou a ser obrigatório a partir do Decreto 19.710, de 18 de fevereiro de 1931, sancionado pelo presidente Getúlio Vargas. Na presente pesquisa considereirei a data que consta em sua certidão de nascimento.

Caçula de treze irmãos, aos dois anos de idade, Lôla mudou-se com sua família para Rio Pomba, município próximo de sua terra natal, tendo em vista a aquisição de alguns alqueires de terra (FERREIRA, 2007, p. 57). A propriedade foi nomeada Sítio Lindo Vale e foi onde a menina de Mercês viveu até sua morte, ocorrida no dia 09 de abril de 1999, aos 86 anos. Tal sítio, hoje conhecido como “Recanto Sítio da Lôla”, é um dos símbolos que fazem parte da devoção a ela e constitui uma materialidade religiosa concreta. Estudos como de De La Torre Castellanos (2012), apontam, dentre

⁸ Cesarina ingressou na Congregação das Freiras Cabrinianas Missionárias do Sagrado Coração de Jesus e, como era o costume da época, adotou o nome de Madre Lúcia.

⁹ Tive acesso aos nomes por intermédio das entrevistadas Leda e Luciana.

¹⁰ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 05 jan. 2021.

¹¹ Documento digitalizado disponível no anexo C.

¹² Documento digitalizado disponível no anexo D.

outros aspectos, que locais sacralizados e as peregrinações são significativos para a manutenção dos laços sociais locais e regionais. Pode perceber que, no caso do Recanto, todas essas características se fazem presentes, o que eleva a importância da existência do sítio para todo o processo da materialidade que envolve a santidade de Serva.

A propriedade rural, após a morte da Beata, transformou-se num lugar onde os seus seguidores frequentam com assiduidade, pois lá ocorrem diversos eventos como a realização de missas periodicamente. Antes da pandemia¹³ de COVID-19, eram celebradas missas nas primeiras sextas-feiras e nos terceiros domingos mensais. Ocorriam também festividades como do Apostolado da Oração (AO) e celebrações relacionadas a movimentos de casais, jovens e adolescentes das paróquias. Diante dessa situação, o sítio teve suas portas fechadas e os eventos suspensos por tempo indeterminado.

Para os fiéis, o sítio é um espaço onde se guarda as lembranças de uma vida santificada, que para mim é uma forma de intensificação e fortalecimento do vínculo entre a Santa e os seus devotos. A casa da Serva é um objeto ritual, um espaço mítico que realiza mediações relevantes entre o fiel-Lôla, devoto-Igreja, Igreja-Santa-seguidores, como também entre os próprios fiéis, visto que essa materialidade constrói a devoção em torno da santidade de Floripes. Para Morgan “o lugar se torna um corpo de memória, com a forma da ausência de alguém, o último lugar em que a pessoa esteve se torna um elo com ela” (MORGAN *apud* SOUZA, 2019, p. 136). Portanto, o sítio, a casa, o quarto e o túmulo onde Lôla foi sepultada, tudo se torna religioso, e constituem o complexo de materialidade religiosa que está na origem da trama mítico-histórica da Santa anoréxica.

O culto à santidade de Lôla se dá antes do fim do seu corpo, iniciando nas relações pessoais, no âmbito familiar e das amizades. Posteriormente, ocorre uma transferência dessa devoção para membros da comunidade próxima e ampliada para outras localidades. A partir dessa ampliação, a devoção deixa de ser algo estritamente particular, ligada aos sentimentos e aproximações, sem a necessidade do corpo vivo e presente, passando a ser substituída pela materialidade (BROWN, 1981).

¹³O termo é empregado para explicar a situação em que, de um lado existe o vírus que causa a doença COVID-19 e este interage, concomitantemente, com outras várias doenças não contagiosas, tudo isso inserido em um contexto social e ambiental marcados por uma grande desigualdade social. Sobre o assunto ver Jaramillo (2020) e Stark (2020).

Há discrepâncias presentes na vida da Serva e as encontrei no que diz respeito ao seu nome, pois ela possuía nomes distintos como Floripes Maria de Jesus¹⁴, Floripes Dornellas da Costa¹⁵, Floripes Dornelas de Jesus¹⁶ e Floripes Maria Dornelas¹⁷. Porém, o apelido Lôla, recebido na infância, é o nome que possui maior adesão, principalmente entre os seus fiéis que a conhecem como Santa Lôla. Para esse estudo adotei os nomes Floripes Dornelas de Jesus e Lôla. O apelido está acentuado, em respeito à grafia utilizada por ela como consta em vários bilhetes e cartas escritos. É relevante destacar, que o nome utilizado pela Igreja tem o sobrenome Jesus, o que remete também à noção de materialidade do sagrado, colaborando na construção de sua santidade.

Sua família era católica. Seus pais, Sr. Joaquim e D. Deolinda, todos os domingos frequentavam a missa com os seus filhos. Diariamente na residência, rezavam o Rosário da Imaculada Virgem Maria¹⁸, às 18 horas (Hora da Ave Maria), como era de costume das famílias cristãs da época. Esses hábitos provavelmente exerceram influências em sua trajetória religiosa que pode ser percebida pelos objetos que compõem o mobiliário do seu quarto que hoje é local de visitação de seus fiéis. Observei que dentro do quarto, dentre diversos objetos, destaca-se um dos terços que a serva usava, que se encontra exposto na mesa de cabeceira. O objeto é constituído de contas de acrílico na cor vermelha e é admirado por seus devotos.

¹⁴ Nome que consta em seu registro de nascimento. Documento digitalizado disponível no anexo C.

¹⁵ Nome que consta no Testamento deixado por Lôla e registrado em cartório. Transcrição do documento na íntegra em Ferreira (2007).

¹⁶ Nome que consta no Comunicado emitido pelo Arcebispo de Mariana D. Luciano Mendes de Almeida, em 27 de junho de 2005, referente a abertura do processo de beatificação. Documento digitalizado disponível no anexo E.

¹⁷ Nome que consta em livros de registro de visitas antigos que constam no arquivo do Museu Histórico de Rio Pomba.

¹⁸ Sobre o assunto ver Oliveira (2008).

Foto 1: Quarto da Lôla. Detalhe para o terço na mesa de cabeceira



Fonte: compilação da autora (2019).

O registro fotográfico em destaque foi realizado no domingo dia 09 de junho de 2019. Durante um bom tempo fiquei observando os fiéis que chegavam até a porta do quarto. Alguns deles faziam comentários sobre os objetos presentes no cômodo, enquanto outros ficavam diante da porta em silêncio e em oração. Os comentários às vezes eram de encantamento em torno da crença na santidade de Floripes, outros eram indagações relacionadas às histórias contadas pelos nativos de como ela viveu durante décadas sem se alimentar, anorexia santa ou santa anorexia? Santa Catarina de Siena, (1347-1380).¹⁹ dentre outras, também são santas anoréxicas famosas na Igreja, mulheres que recusaram a materialidade do pão e dos alimentos, em virtude da imaterialidade da fé, embora a denominação anoréxica seja recente. Essas ações dos visitantes me fazem perceber que o referido espaço e os objetos que são parte dele, permitem a conexão com o sagrado, assegurando, de alguma forma, a manutenção da relação íntima do fiel com a Santa (PUGLISI, 2018). A arrumação do ambiente, com o altar, os adereços e tudo que compõe o cenário que consta na foto, eram diariamente mantidos dessa forma quando Lôla vivia nele, conforme relatado por Leda.

¹⁹ Sobre o assunto ver Giovetti (2017).

Dando continuidade aos fatos de cotidiano da Serva antes do acidente ocorrido, em 27 de maio de 1930, a jovem Beata entrou para o noviciado da Pia União das Filhas de Maria²⁰ e, segundo ela, teria sido o

Dia feliz em que me aproximei do sagrado altar, para receber a fita de filha de Maria, que alegria senti no coração, mas não pude continuar nas reuniões, em seguida Jesus me chamou para o leito de enferma. Dele não mais me levantei, e, espero qualquer hora a minha partida. Deixo esta recordação para todos aceitarem o último adeus do meu coração. Floripes Dornelas de Jesus. 27 de maio de 1944.

Essa mensagem está inserida em um santinho que, segundo os entrevistados, Lôla gostava de distribuir para aqueles que a procuravam solicitando orações. Com o passar do tempo, milagres foram sendo atribuídos a Santa Lôla e as pessoas foram estabelecendo uma relação de confiança, tornando-se fiéis da Serva. Como afirmei, os milagres são elementos materiais importantes nas narrativas em torno dos santos compondo a “reputação de santidade”. Assim a figura do santo ou da santa se forma e se difunde, ainda que a contragosto (MENEZES, 2004). As narrativas dos milagres e a relação construída entre o fiel e o santo/santa, são materialidades, visto que a religião material é vivida e sentida, experimentada cotidianamente nessa relação.

No santinho consta a figura de uma mulher que descansa recostada nos ombros de Jesus e a oração do terço ao Sagrado Coração de Jesus. Leda ainda distribui esses santinhos, dando continuidade à tradição de sua madrinha, inclusive no dia em que a entrevistei, ela me deu um exemplar. Essa ação da devota entrevistada se torna significativa para pensar diversas possibilidades: será uma maneira apenas de representar Lôla e dar continuidade a uma tradição? O intuito é tornar a Beata de alguma maneira presente na vida das pessoas? Ou o objetivo é divulgar a hagiografia da Serva?

Explorando sobre a função dos santinhos, constatei que é uma prática comum no catolicismo popular e que proporciona possibilidades para uma melhor compreensão

²⁰ A Pia União das Filhas de Maria surge no contexto de modernização do mundo ocidental. Neste sentido, a Igreja Católica se viu obrigada a dialogar com os novos tempos e, para tanto, buscou por meio da criação de grupos de devoção romanizada, como as Filhas de Maria, pessoas que se empenhassem em levar os dogmas da Igreja para o mundo. Sobre o assunto ver Souza (2010). Disponível em: [http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1275852667_ARQUIVO_Construindo identidadescomunicacaoanpuh2010textofinal.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1275852667_ARQUIVO_Construindo%20identidadescomunicacaoanpuh2010textofinal.pdf)

do fenômeno religioso “a capacidade de condensação de determinados objetos – que concentram ações e significados – torna-os pontos estratégicos para a análise de expressões religiosas” (MENEZES, 2011b, p. 46). Dentro de uma perspectiva antropológica, os santinhos são elementos mediadores na relação santo-devoto e, segundo Menezes (2011b), são elementos passíveis de análise na materialidade da devoção. Os santinhos podem ser utilizados como forma de divulgação da vida de um santo, como eu pude averiguar nas entrevistas. Alguns dos seguidores de Lôla usam o objeto para se proteger, outros para propagar a hagiografia lolesca.

A imagem e texto me levam a pensar em um tipo de prática comum na religiosidade popular envolvendo a definição de sacrifício. Ações como penitências, autoflagelação, oferta, renúncia ou privação de algo, são elementos constituintes do sacrifício e “a ideia de sacrifício tem o sentido de consagração, ou seja, de tornar as coisas sagradas” seja um lugar, um objeto e/ou uma pessoa (PEREIRA, 2011, p. 139). Na circunstância da Beata “em seguida Jesus me chamou para o leito de enferma. Dele não mais me levantei, e, espero qualquer hora a minha partida”, são atitudes sacrificiais, visto que, para a Serva, assim como para os fiéis, essas ações como oferta e privação, são acatadas e almejadas pelo divino.

Nesse sentido, a consagração surge como um elemento primordial nos ritos de sacrifício e as consequências dessa consagração vão além do que foi consagrado, visto que o consagrante passa a ter um caráter religioso. No ritual do sacrifício, há diversos elementos envolvidos (sujeitos, objetos e lugares) que se articulam, isto é, esses elementos são impulsionados perante a força social e o significado que se encontram presentes na ação (MAUSS; HUBERT, 2017). Pensar sobre dinâmica do sacrifício fornece subsídios para pensar na agência da materialidade do sagrado. No caso lolesco, o sacrifício que, segundo os nativos, foi realizado por várias décadas pela Serva, é fator importante na composição de sua santidade, formando uma comunidade de devotos. A constituição da figura da Santa, o surgimento de seus seguidores, enfim, as formas espiritualizadas não surgem do nada, existe um processo de construção das crenças que as sustentam, que produzem e reproduzem uma cultura material católica, como a mercantilização de imagens, santinhos, camisas, canecas, livros devocionais, terços e muitos outros objetos (ALGRANTI, 2011).

Em depoimentos dados ao Padre Euler Alves Pereira, publicado em seu livro “LOLA, tal qual a conheci” (2000), a Beata discorre sobre sua vida antes do acidente que era constituída também de afazeres domésticos e missas na matriz.

Em um desses depoimentos, ela narra sobre a caminhada de cerca de 6 km que fazia da sua casa até a igreja para ir à missa aos domingos. Ela gostava também de participar de festas na igreja, sobretudo das comemorações do Sagrado Coração de Jesus.²¹

Todos os domingos eu ia assistir a Santa Missa na matriz. Saía de madrugada, a pé, rezando o terço. No tempo de frio ou debaixo de chuva. Como era gostoso andar na frescura da manhã, antes de o sol nascer, e ouvir a passarada cantar os louvores de Deus! Na cidade encontrava poucos fiéis que iam em direção à Matriz. Antes da missa eu fazia adoração ao Santíssimo e outras orações. Durante a missa comungava. Terminado o ofício, os fiéis iam se retirando, aos poucos, e eu ficava a sós na igreja. Como era gostoso ficar na igreja em silêncio. Interessante: ninguém me importunou perguntando o que eu fazia tanto tempo na igreja. O meu encontro com Jesus se estendia até às duas horas da tarde. Não me cansava. Aí eu voltava para casa. Ao chegar, minha mãe, aflita, me perguntava: - Minha filha, comeu você alguma coisa? Eu respondia: - Sim, Mãe. Eu pensava na Santa Comunhão, o Pão da Vida, e mamãe no alimento material que tivesse ingerido em casa de uma amiga ao visitar uma família (PEREIRA, 2000, p. 11).

Nessa declaração de Lôla, me deparo com uma ambiguidade que marca sua hagiografia. No momento em que sua mãe lhe pergunta se ela se alimentou, a filha responde afirmativamente fazendo alusão à eucaristia. No entanto, a jovem sabia que a sua mãe se referia ao alimento material e não espiritual. A ação de ficar sem se alimentar por horas, dias e anos, remete a um tipo de anorexia mística, presente na vida de santos e santas da Igreja. Para os católicos, a hóstia consagrada é o principal alimento para os cristãos. Floripes, assim como outros místicos e santos, no decorrer de sua vida, como veremos no próximo item, passou a se alimentar apenas da hóstia, tal evento tornou-se elemento marcante para a construção do mito Santa Lôla.

Cabe ressaltar que não existem símbolos, mesmo os religiosos, fora do homem, pois o homem é o único que dá significado às coisas, ou seja, o valor hierofânico atribuídos aos seres e às coisas “não existe se não pela palavra do homem, e a natureza em si mesmo é muda” (MESLIN, 2014, p. 224). Portanto, a hóstia é símbolo, é a representação do corpo de Deus, é comer o corpo do sagrado, numa espécie de teofagia. Não poder experimentar o sagrado de outra forma, leva o homem a utilizar da linguagem simbólica.

Ainda sobre o depoimento, é possível perceber a relação que a jovem tinha

²¹ A devoção ao Sagrado Coração de Jesus é antiga, todavia, esta devoção ganhou estímulo após as visões de Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690). Disponível em: <http://aomej.org.br/>.

com Deus. Para ela, desde o momento que saía de casa, o caminho que percorria já era de preparação para a missa, para a comunhão e para o seu “encontro com Jesus”, que segundo ela, durava até às duas horas da tarde. Ao longo do trajeto o terço que rezava, novamente o objeto presente, traduz a materialidade do sagrado, garantindo a manutenção da experiência de proximidade física com o divino, o que faz remeter a Mauss (1981) em seus estudos sobre a prece, no qual determina que os objetos – terço, medalhas, dentre outros – são orações materializadas. Essa devoção de Lôla descrita nas suas manhãs dominicais permeia uma vivência íntima com Deus. Entretanto, na sua própria narrativa, há uma contradição dessa vivência, pois o seu retorno para casa perde todos os elementos constituintes que remetem a Deus. Pode-se inferir que a sua ida à missa lhe proporcionava um sentimento de ver em tudo uma manifestação do sagrado, porém ao deixar a Igreja, a narrativa se volta para a relação cotidiana entre mãe e filha.

O relato por Leda nos dá dados sobre a rotina da jovem Floripes. Segundo ela, antes do acidente, sua madrinha exercia trabalho remunerado, confeccionando mantas utilizadas por trabalhadores rurais como parte integrante da sela do cavalo. O fato de uma mulher executar trabalhos além do serviço doméstico era difícil para sua época, tendo em vista que as mulheres cuidavam apenas dos afazeres do lar, enquanto os homens é quem sustentavam a casa. Disso pode se extrair um dos traços da personalidade de uma mulher que ditava a sua própria vontade diante de determinados costumes sociais. Segundo relatos de entrevistados para a pesquisa, a Serva era uma pessoa destemida, característica que aparecerá em outros momentos de sua vida e que abordarei adiante.

Segundo Ferreira (2007) não consta registro de Lôla em nenhuma escola do município de Rio Pomba. Observei nos bilhetes e cartas redigidos por ela, que sua escrita era simples e primária²².

Todavia, Ibrahim (2007) afirma que ela foi uma aluna assídua da escola da roça, frequentando aproximadamente por três anos e, segundo esse autor, havia horários para estudar e brincar, vivendo uma infância comum como todas as pessoas da zona rural. A ideia da ordem e da disciplina desde cedo reforçam a áurea de santidade. Algumas pessoas dizem que, assim como sua irmã Cezarina, a jovem Beata também tinha pretensões de seguir a vida religiosa e se tornar freira, porém, Rosa, uma das

²² O ensino no Brasil, anterior à Reforma Capanema de 1942 não possuía um investimento por parte dos governos. Na maioria das vezes apenas as classes mais abastadas é que tinham acesso ao ensino. Sobre o assunto ver: SAVIANI, ALMEIDA, SOUZA, VALDEMARIN (2006).

entrevistadas, amiga íntima de Lôla desde a infância, afirmou que ela nunca externou esse desejo a ela. Essas contradições existentes nas narrativas sobre Floripes, não acarretam nenhum tipo de prejuízo para a devoção, longe disso, essas divergências mostram a força e a permanência da Santa no imaginário dos seus seguidores. Diante desses relatos sobre a vida de Floripes, percebe-se que, como moradora de uma cidade interiorana, não acontecia nada de excepcional no que diz respeito à ligação dela com a Igreja Católica, entretanto, a partir do acidente doméstico, a narrativa passa a ter outra direção, conforme será analisado no próximo item.

Ainda assim pude averiguar que há poucos registros e relatos sobre a vida da Católica de Rio Pomba antes do acidente, o que me faz interpelar qual seria o verdadeiro motivo? Não há o menor traço de namoro e sexualidade. Os vestígios materiais do amor romântico e do sexual não foram vistos, mas apagados e silenciados, diminuídos ou sublimados. Um espelho da Virgem Maria, polido pelo sofrimento santificador. Seria pelo fato de Lôla não gostar que sua vida fosse divulgada? Seria porque a maioria das pessoas que conviveram diretamente com ela já morreu e, sendo assim, impossibilita desvendar alguns aspectos da sua vida? Seria porque ela viveu um cotidiano considerado normal para o seu tempo? A partir dos levantamentos realizados na pesquisa, constatei que a história de vida foi suplantada pela hagiografia.

2.2 AS MUDANÇAS OCORRIDAS EM SUA VIDA APÓS O ACIDENTE

No ano de 1934 Floripes sofreu um grave acidente²³ enquanto colhia jabuticabas no seu sítio em Rio Pomba. Ela caiu da árvore em cima de um cercado de bambus e como consequência teve uma perfuração do baço e complicações na coluna. Entre os anos de 1934 até 1937, a Católica de Rio Pomba se alternava entre sua residência e a Santa Casa de Misericórdia em Juiz de Fora para tratamento (FERREIRA, 2007). No decorrer da pesquisa não consegui obter documentos ou testemunhos que pudessem confirmar se foi logo após o acidente que ela deixou de andar, ou se inicialmente ela se locomovia de alguma forma e, somente com o passar do tempo, é que o quadro se agravou levando a completa paraplegia.

O que se tem, a partir da narrativa do Padre Euler, é que a Beata lhe confidenciou que sua família insistiu no tratamento em Juiz de Fora por um período,

²³Sobre o acidente ver Ferreira (2007).

porém, chegou um momento que lhes foi confirmado que o quadro era irreversível, pois havia uma lesão na medula na região lombar (BOMTEMPO, 2005, p. 92).

Tomei todos os remédios que ele me receitou. As injeções doíam muito. Não adiantou nada. As dores continuavam. Mamãe resolveu me levar, de novo, a Juiz de Fora. A cada solavanco do trem sentia dores terríveis. Parecia que eu ia morrer. O trem era a única condução que havia naquele tempo. O doutor receitou os mesmos remédios. As injeções provocaram dores horríveis. Quis mamãe me levar outra vez, a Juiz de Fora. “Para que”? Perguntei. “Os remédios não adiantaram nada” (PEREIRA, 2000, p. 12).

De acordo com narrativas populares, no decorrer do tempo, Lôla deixou de consumir alimentos, de ingerir líquidos e medicamentos, passando a se alimentar apenas da hóstia. Essa recusa do alimento profano e aceitação apenas do sagrado, no caso a hóstia, são indícios que me remetem as histórias das santas anorexias como Santa Maria Madalena de Pazzi (CORDAS; WEINBERG, 2002). Algumas mulheres praticavam longos jejuns como forma de purificação e de maior proximidade com Deus. Almeida e Neves (2012) elencam a prática de jejuns longos, rigidez e disciplina comportamental, reclusão e outras características que estão presentes nos relatos sobre a Católica de Rio Pomba. Algumas dessas características é a redução nas horas de sono, tempos prolongados de oração e a rigidez no comportamento. As santas anoréxicas, assim como Lôla, usavam a mesma argumentação: a ingestão do alimento lhes deixava doentes, e não a falta deles. A recusa da materialidade profana em troca, sacrifício, de outra imaterialidade, a do céu, que se tornará material em plenitude um dia, mas que desponta na vida pelos sacramentais: os objetos de devoção, terços, água benta etc.

A Católica de Rio Pomba afirmou que a partir do ano de 1943, não mais se alimentou (FERREIRA, 2007). Para a Serva, o jejum poderia ser a busca de uma transcendência religiosa e uma maneira de se unir a Deus. Como disse, a importância da eucarística no catolicismo, a hóstia é o sagrado materializado, sendo para os católicos a busca da comunhão da vida divina, a união dos cristãos e a garantia de uma vida eterna.

A hóstia representa o divino, é mais que o simbólico do corpo e sangue, pois, na tradição eclesial, é ingerir o corpo de Deus, corpo este supostamente presente, materializado, sagrado. Há toda uma mitologia popular que, em tom de medo e cuidado, recomenda não mastigar a hóstia. A lógica simbólica subjacente é clara: não lacerar o corpo do Salvador Jesus, mas dissolvê-lo como forma de suavizar o cruento sacrifício.

[O símbolo] intervém também como elemento mediador em todas as relações que o homem entretém com o mundo que o cerca e com o outro, bem como naquelas relações que ele estabelece com o divino. (MESLIN, 2014, p. 224).

Meyer (2019) ressalta a necessidade de se prestar mais atenção no papel que as coisas ocupam, pois elas participam no processo de formação das comunidades. No caso da Beata, os relatos de recusa de alimentos e a ingestão apenas da hóstia, merecem a atenção tendo em vista que são fatores que tiveram destaques para os fiéis e essa narrativa tornou-se para os seus seguidores uma verdade fundante que originou o mito Santa Lôla. Assim,

A narrativa mítica não é só a mensagem, ela é a dinâmica pela qual ocorre a mensagem que é – ao ser narrada – transportada adiante. O mito é assim – em forma de narrativa mítica – veículo transmissor, veículo de transporte de elementos religiosos que passam de pessoa a pessoa, de grupo para grupo, de comunidade para comunidade. (BERKENBROCK, 2018, p. 174).

Junto à narrativa popular de que a Beata de Rio Pomba somente se alimentava da eucaristia, alegam também que ela não dormia e não acusava necessidade fisiológica o que aguçou, no final da década de 1940 e início dos anos 1950, a curiosidade do Padre Gladstone Batista Galo²⁴. Para comprovação, o sacerdote nomeou algumas postulantes da Pia União das Filhas de Maria, para se revezarem em vigília, durante o dia e a noite. “Todas atestaram, sob juramento, que durante todo o tempo que estavam com ela, Lola não comeu nada, não bebeu e não dormiu. As moças se revezavam. Lola rezava o Terço com elas” (PEREIRA, 2000, p. 13).

Todavia, refutando minhas expectativas no início da pesquisa e, apesar de todo o esforço, não consegui os nomes das mulheres que participaram da vigília e, portanto, não há como mostrar a autenticidade do ocorrido e nem mesmo precisar o número de dias que a vigília ocorreu. As entrevistadas Luciana e Leda garantem que todas as postulantes que estiveram na empreitada já morreram.

Cláudio José Coelho Bomtempo²⁵, que foi médico e amigo de Lôla durante alguns anos, relata em seu livro “O que o meu coração aprendeu” (2005), o ocorrido em

²⁴ Padre Gladstone Batista Galo, mais conhecido como Padre Galo, foi seu orientador espiritual durante vinte e oito anos.

²⁵ Médico clínico, formado pela Faculdade de Medicina de Valença – RJ em 1993. Especialista em Geriatria e Medicina do Trabalho. Foi médico de Lôla no período de 1996 a 1999. O pai de

sua primeira visita, quando perguntou a ela sobre o momento de abstinência alimentar, eis que ela responde:

Dr. Claudinho²⁶, as coisas não aconteceram assim, parando de me alimentar... Na verdade assim que caí do pé de jabuticaba, parei de sentir fome, parei de sentir sede, parei de sentir sono. Eu não sinto necessidade de nenhuma destas coisas, mas isso para mim não é sacrifício, porque eu não sinto a necessidade delas... (BOMTEMPO, 2005, p. 92).

Em relatos recolhidos e transcritos por Pereira (2000), Lôla narra também sobre como ocorreu o processo em que ela deixou de se alimentar e dormir

Durante a doença minha mãe punha quitandas no criado-mudo que ficava ao pé da minha cama. Eu não tocava nelas. Quando ficavam velhas minha mãe punha outras novas. Um dia viu minha mãe da cozinha atirando as quitandas pela janela. Da cozinha pode-se ver meu quarto. Minha mãe foi ter comigo para dizer-me: “Coma, minha filha, para você sarar”. “Não, mãe, eu não sinto fome”. Depois passei a alimentar-me de canja. Muito pouco. Como o meu estômago não aceitava mais canja passei a beber água de cidra. Cidra fervida em água. Na sexta-feira da Semana Santa do ano que o Pe. Galo tomou posse da paróquia de São Manoel eu bebi a água de cidra e vomitei logo. Desde esse dia não comi, não bebi e não dormi. Meu estômago não aceitava nada. Nem água. Não dormi. Porque eu não sei. Meus olhos não fechavam (PEREIRA, 2000, p. 13).

Fazendo uma análise dos discursos apresentados e comparando-os com a hagiografia de outras mulheres que praticaram o jejum prolongado²⁷, destaco a recusa da materialidade mais básica do humano que é a ingestão de alimentos, e noto o quanto o corpo e a materialidade estão interconectados (PUGLISI, 2018).

Constato que nessas narrativas, ocorrem elementos marcantes além do jejum, como a prática da vigília permanente. Jolles (*apud* OLIVEIRA, 2009), salienta a diferença entre a vida de um ser humano comum e a trajetória de uma pessoa considerada Santa. As narrativas hagiográficas ocupam-se a identificar, a manter acontecimentos vividos, todavia apenas os momentos nos quais os sinais de santidade se revelam, permitindo que seja criado um modelo exemplar a ser imitado.

Cláudio era primo de segundo grau da minha mãe e, portanto, somos primos distantes.

²⁶ Forma carinhosa que Lôla se referia ao médico e amigo Cláudio José Coelho Bomtempo.

²⁷ Estudos na área da antropologia sobre jejum de mulheres ocidentais ver Counihan (2012). Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n39/02.pdf>

No caso específico da Beata de Rio Pomba, as histórias contadas por seus devotos apontam que as circunstâncias de não se alimentar, não dormir e a completa dedicação à Igreja, são indícios de uma vida Santa e que deve ser tomada como modelo. No que se refere a não ingestão de alimentos, é importante destacar que a prática de se alimentar é uma condição comum ao ser humano, e na vida mística, há várias constatações de pessoas que reduziram, e até mesmo suprimiram essa necessidade que é considerada indispensável para a manutenção da vida. Além de Catarina de Siena, já citada, outros nomes como Teresa Palminota (1896-1934), segundo relatos, tiveram jejum absoluto nos últimos treze anos de vida; Marthe Robin (1902-1981) dizem que, por mais de cinquenta anos, não comeu e nem bebeu²⁸. Essas são algumas pessoas que se destacam no que se refere à alimentação reduzida ou inexistente, contudo existem outros aspectos da vida dos místicos, que causa espanto nas pessoas, como os estigmas²⁹.

É necessário salientar que não é o meu objetivo atestar a veracidade da Beata de Rio Pomba ter vivido em completo jejum e sim buscar compreender os significados e sentidos que as pessoas atribuem aos assuntos relacionados a ela. Durante a pesquisa pude observar que é notório para o devoto este evento sendo elemento constituinte da santidade de Lôla, construindo narrativas em torno de sua vida.

As mudanças na vida da Serva após o acidente foram surgindo e, quando se espalhou a notícia de que havia uma mulher em Rio Pomba, paraplégica e que não se alimentava, romarias começaram a chegar ao Sítio Lindo Vale. Na década de 1950, muitos romeiros viajavam à cidade de Urucânia (MG) por conta de acontecimentos milagrosos do Padre Antônio Ribeiro Pinto, que atraía inúmeros visitantes em busca de suas bênçãos com intercessão de Nossa Senhora das Graças³⁰. Parte dos peregrinos que viajavam para Urucânia, passavam pelas imediações de Rio Pomba e com isso, rapidamente tomaram conhecimento sobre Lôla e ficou o registro da presença de cerca de trinta mil pessoas no sítio Lindo Vale (FERREIRA, 2007). As romarias para Urucânia ocorrem nos tempos atuais e há um processo em andamento para beatificação do Padre Antônio, conforme consta no site do Santuário de Urucânia³¹.

Muitas dessas presenças foram registradas com assinaturas em livros e, três volumes desses livros, encontram-se no acervo do Museu Histórico de Rio Pomba, os

²⁸ Sobre os santos e místicos citados ver Giovetti (2017).

²⁹ Idem.

³⁰ Sobre o assunto ver Assis (2011).

³¹ Disponível em: <https://santuariourucania.com.br/beatificacao>. Acesso em: 09 maio 2020.

quais tive acesso durante a pesquisa. Os livros estão numerados em nº 2, nº 3 e nº5 e correspondem aos dias 01 de julho de 1951 – 27 de julho de 1951 (livros nº 2 e 3) e 30 de julho de 1951 – 31 de julho de 1951 (livro nº 5). Em cada livro constam registros de aproximadamente 100 cidades e um total de 18.980 assinaturas. De acordo com Ferreira (2007), o livro nº 1 foi assinado pelo Padre Gladstone Batista Galo no verso de sua capa “e o povo entende o gesto como uma chancela da Igreja Católica” (FERREIRA, 2007, p. 98).

A prática de registrar as visitas com assinaturas em livros na antiga residência de Lôla persiste. É a materialidade do sagrado revelando o vínculo do visitante com a Candidata a Santa, que antecede e vai além da visita ao espaço religioso. Na mesa de uma das salas da casa, há um livro de capa preta, nos moldes dos que estão preservados no Museu. O livro fica em uma mesa grande coberta com toalha de renda branca. No trabalho de observação, constatei que os fiéis fazem questão de assinar o livro como uma forma de legitimar a devoção. Diante dessa prática reconheço nesses devotos uma espécie de relação social que os conecta à Serva e tudo o que se relaciona a ela, ritos, objetos, promessas, são expressões materiais que estabelecem vínculos e demonstram emoções que envolvem o santo e o devoto, o que possibilita enxergar a dinâmica dessa relação (MENEZES, 2011a).

Há pessoas que afirmam que Floripes mantinha-se a orar por aqueles que a procuravam e que buscavam alcançar alguma graça para resolução de problemas, tornando-se assim personagem conhecida no meio religioso da cidade de Rio Pomba e Zona da Mata Mineira. Lôla distribuía gratuitamente aos fiéis o livro “A grande Promessa do Sacratíssimo Coração de Jesus”³², além de novenas, imagens de gesso do Sagrado Coração de Jesus, quadro de entronização, santinhos de anotar novenário e fitas do Apostolado da Oração Masculino. Todo esse material faz parte da vida de diversos devotos da Beata, que deram origem aos objetos sagrados, e era custeado com recursos financeiros próprios, gerados com os ganhos na pequena atividade pecuarista que era desenvolvida no sítio e através de doações que recebia de amigos (PEREIRA, 2000).

Na literatura acadêmica pesquisada não encontrei dados que pudessem confirmar ou negar a existência de tal prática de distribuição de materiais devocionais por parte de outros santos. O que se tem é que, de acordo com o contexto histórico,

³² Autor Frei Salvador do Coração de Jesus – Terceiros dos Menores Capuchinos, traduzido do italiano, com autorização do autor por uma zeladora do Apostolado da Oração. Foi escrito em 1923.

alguns modelos de santidade atuaram de formas variadas, como virtudes heroicas, ascetismo, virtudes taumatúrgicas, a virgindade consagrada, as obras de caridade, enfim, são ideais de santidade que podem sofrer mutações ao longo do tempo (JURKEVICS, 2004). A partir das narrativas encontradas, considero que essa prática foi uma maneira que Lôla encontrou de peregrinar e de poder estar ativa na Igreja, tendo em vista que, devido a paraplegia, ela vivia permanentemente dentro do seu quarto “a circularidade do objeto remete à ideia de um caminho incessante da contemplação e da perfeição cristã” (OLIVEIRA, 2009, p. 92).

A distribuição dos materiais citados fez parte do Testamento que Lôla deixou. Nele a Serva não se preocupou apenas com a administração, destino e uso do sítio, mas determinou tarefas a serem executadas pelos fiéis e pelos padres da cidade, dentre elas a continuidade da distribuição gratuita dos materiais para devoção ao Sagrado Coração de Jesus. As santas anoréxicas costumam ter vontade de ferro, indomáveis, ou, serem teimosas, ou inflexíveis, caso se observe por perspectivas menos encantadas (CORDAS; WEINBERG, 2002). No livro distribuído aos devotos, na página 2, Lôla escreveu em junho de 1985 o seguinte texto: “Em suas orações lembra sempre de Dorvina³³, Sagrado Coração de Jesus eu confio em vós”. O texto passou a ser impresso em todos os livros e, após sua morte, acrescentaram a seguinte frase: “Rezemos pela beatificação de Floripes Dornelas de Jesus, 09-04-99”³⁴. O referido livro, atualmente, é distribuído nas primeiras sextas-feiras e no terceiro domingo quando acontecem celebrações na capela do sítio. O livro foi reeditado e inserido um breve histórico sobre a Serva e a oração pela sua beatificação.

Proponho aqui uma breve reflexão acerca da regularidade das celebrações no sítio, que faz parte do calendário litúrgico da paróquia que administra a propriedade. O calendário litúrgico é tido como mecanismo de controle e poder da Igreja, entretanto, outro aspecto presente, é a integração no complexo sacro-material em torno de Santa Lôla.

Ainda sobre o livro, em um determinado momento, ele foi motivo de um diálogo entre a Católica de Rio Pomba e o médico Cláudio Bomtempo. Sempre que ele a visitava, ela o aconselhava a levar livros para que pudesse dar aos seus pacientes “conforme achasse que fosse útil”. Ele ainda declara ter se surpreendido “[...] muitas

³³ Dorvina era uma de suas irmãs e teve um papel relevante na vida de Lôla. Foi ela quem, por quase 50 anos, realizou os cuidados diretos da beata, inclusive no que diz respeito à higiene pessoal.

³⁴ Data de falecimento de Lôla.

vezes com a eficácia da novena na minha vida e de tantos para quem levei” (BOMTEMPO, 2005, p. 54 e p. 55).

Dr. Claudinho, este livrinho é muito importante na vida das pessoas, sei que às vezes elas não têm paciência para ler tudo o que está escrito aqui, mas eu te peço: Peça às pessoas que leiam pelo menos a novena na última página, A NOVENA EFICAZ AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. Diga a elas que tudo o que for pedido, com fé, através desta oração, será atendido. Pode acreditar no que estou lhe dizendo, confie, muitas pessoas são e serão curadas pelo que acreditarem desta oração. Você também, Doutor, acredite nisso e reze pelos seus pacientes, entregue-os ao Coração de Jesus que ele tem a cura para a alma”. (BOMTEMPO, 2005, p. 54).

Mais um fio da materialidade é articulado ao longo manto que revestirá a futura santa nos altares católicos: os livrinhos devocionais que trazem em seu rastro, bênçãos materiais, o material santificado em circulação gera materialidade do sagrado sob a forma ação do divino. No diálogo apresentado destaco o valor que Lôla atribuía ao livro. Para ela, ainda que a pessoa não tivesse “paciência para ler tudo”, não tinha problema. O mais importante era a oração nele contida. Bastava rezá-la “que tudo o que for pedido, com fé, através desta oração, será atendido”. Esse valor imposto pela Beata ao livro, fez com que os seus seguidores passassem a considerá-lo como um objeto sagrado e parte integrante da devoção, ação que pude confirmar em entrevista com Clara, por exemplo, que leva diariamente dentro da sua bolsa o pequeno livro.

Segundo as narrativas populares, Floripes viveu mais de sessenta anos reclusa em seu quarto, se alimentando apenas da hóstia, sentada em uma cama sem colchão, recostada em algumas almofadas e com as pernas levemente fletidas (SILVEIRA; ELIAS, 2015). Há aqui uma semelhança com Santa Catarina de Siena, que viveu os seus últimos dias de vida deitada sobre tábuas de madeiras como uma forma de sacrifício (ALMEIDA; NEVES, 2012). Ela passava os dias confeccionando pequenos trabalhos manuais, se dedicando às orações, à leitura de textos sobre a vida de santos, ao Apostolado da Oração (AO)³⁵, principalmente o masculino e administrando a propriedade rural onde morava (IBRAHIM, 2007). É fundamental destacar que é comum santos e santas terem registrado em suas hagiografias o hábito de leitura sobre a vida de outros santos, buscando como inspiração para a vivência de sua própria história

³⁵ Grupo Católico de devotos do Sagrado Coração de Jesus. Existe o grupo das mulheres e outro dos homens.

de santidade. Isto posto, noto que a produção de hagiografias pode ser vista como um artifício usado pela Igreja a fim de chamar à ação e participação de mais fiéis (GUARIZA, 2015).

Leda garante que apesar de se manter definitivamente dentro do seu quarto, era Lôla quem administrava o sítio com a ajuda de pessoas de sua confiança. A Católica de Rio Pomba ditava as regras e tomava as decisões. A entrevistada relata “Lôla tinha uma cabeça ótima, dava conta de tudo. Quando nascia um bezerro este era levado até o seu quarto para ela ver. Às vezes ela dava nome” (Relato de Leda, 10/07/2020). Um imenso poderio, uma singularidade diante de demais santas anoréxicas.

Quando se refere a Lôla dizendo que ela tinha uma “cabeça ótima”, ela explica que Floripes era inteligente, atenta e tinha uma “sensibilidade aguçada”.

[...] E ela tinha uma sensibilidade, uma inteligência, ela sabia quem estava lá fora. Ela sabia o que eles estavam pensando e que não estava. Ela tinha um... não sei dizer mas ela virava e dizia “oh, fulano tá aí, ele precisa disso e daquilo”, ela então dava o santinho e orientações, mandava eu levar. Mas ela já sabia de tudo que a pessoa precisava, ela tinha uma percepção tão grande. Ela tinha uma sensibilidade muito grande (Relato de Leda, 10/07/2020).

É relevante destacar que as sensações são materialidades, tendo em vista que vivemos a partir das nossas percepções.³⁶ Isto é, segundo Souza (2019, p. 61), “[...] os sentidos seriam a porta de contato com o mundo” e as sensações do tato, olfato, visão, paladar e audição “exercem um papel nada secundário, pelo contrário, primordial, na maneira de aprender, interpretar e agir no mundo”.

No decorrer do tempo, as ações de Lôla e tudo que possui relação com ela, sobretudo os objetos, tornam-se sagrados para os seus seguidores. A devoção material e sua história passam a ser descritas como feitos que comprovam o seu poder e transcendência. Tais narrativas favorecem a personagem Santa Lôla, que gradativamente vai ocupando o lugar da jovem comum que era antes de aderir ao jejum absoluto. “É por meio do mito, enquanto uma narrativa original, que o homem religioso busca uma identificação com a divindade, com o transcendente” (ANDRADE, 2010, p. 135).

A Beata foi responsável pela fundação do Apostolado da Oração (AO) masculino em Rio Pomba e cidades da região. Mais uma singularidade a mostrar o

³⁶Um trabalho importante que aborda sobre esse assunto é *Fenomenologia da Percepção*, 2011, de Merleau-Ponty.

poderio religioso, ao lado do poderio socioeconômico. Lôla dizia que seu empenho era maior com o apostolado masculino porque percebia que os homens não eram tão frequentes na Igreja assim como as mulheres e, por esse motivo, incentivava os homens às atividades religiosas (FERREIRA, 2007).

Na ocasião da criação do AO masculino em Rio Pomba, Padre Galo foi o interlocutor entre a Serva e os homens interessados em integrar o grupo. A primeira reunião para a fundação aconteceu no dia 08 de agosto de 1954 na Matriz de São Manoel, sendo gerida pelo padre e, de acordo com a indicação de Lôla, foi nomeado como primeiro Presidente do Apostolado o Sr. José de Assis Vieira³⁷, que ficou na presidência por vinte anos (FERREIRA, 2007). Para os católicos de Rio Pomba, o AO é uma das mais importantes realizações no legado de Lôla. É atribuída a ela também a fundação do Apostolado em Barbacena – MG (FERREIRA, 2007).

É relevante destacar que a devoção ao Coração de Jesus surge por meio de Santa Margarida Maria Alacoque, uma freira francesa, nascida em 22 de julho de 1647 e falecida em 17 de outubro de 1690³⁸. Todavia, o início do AO no mundo aconteceu em 03 de dezembro de 1844 em Vals – França. No Brasil foi difundido por dois missionários jesuítas, Pe. Bento Schembri que fundou no Recife o primeiro centro do AO em 1867 e Pe. Bartolomeu Taddei, em 1871, fundou em Itu – SP. A partir dessa data de fundação em Itu, o Apostolado se espalhou por outros estados brasileiros e Pe. Bartolomeu foi considerado o fundador e principal propagador da associação no país, sendo nomeado na época Diretor Nacional³⁹.

As devoções europeias no final do século XIX e começo do XX – a do sagrado coração de Jesus, por exemplo – foram importantes veículos do processo de romanização levado a efeito por um grupo hegemônico de bispos e padres brasileiros com a intenção de expurgar o catolicismo das misturas populares, mas, na verdade, estes significavam novos controles institucionais. Tornar nosso catolicismo mais disciplinado, rígido e europeizado era um objetivo a ser perseguido, embora a própria imagem de catolicismo europeu fosse, na verdade, um imenso estereótipo, pois no Velho Mundo, folclore antigo, paganismo e misturas populares grassavam no catolicismo camponês ocidental-europeu há séculos.

³⁷ Foi também diretor do Jornal O IMPARCIAL.

³⁸ Sobre o assunto disponível em: <https://aomej.org.br/>

³⁹ Sobre o assunto disponível em: <https://aomej.org.br/>

De acordo com o depoimento de Cleonice de Carvalho Deotti⁴⁰, amiga e seguidora de Lôla, em retribuição a uma graça alcançada que, segundo ela, foi por intermédio da Serva, a devota fundou em sua paróquia o AO masculino. Cleonice relata que durante cerca de dez anos realizou, junto ao padre local, aproximadamente setecentas entronizações do Sagrado Coração de Jesus em diferentes casas em Juiz de Fora, mandou imprimir e distribuir livros devocionais, prática que Lôla desenvolvia e ampliada pela devota:

Minha mãe sarou. Comecei pagando minha promessa fazendo o Apostolado da Oração. Ia à missa todos os dias, observava os homens católicos e convidava-os para o Apostolado. Fundamos o Apostolado da Oração Masculino na minha paróquia de São Sebastião, em Juiz de Fora e aos domingos fazia, junto com o Sacerdote, a entronização do SCJ nas famílias (FERREIRA, 2007, p, 161).

Eu destaco a participação efetiva das mulheres na Igreja conforme apresentei. Essa presença feminina acontece de diferentes formas como em grupos de catequese, pastorais, Pia União das Filhas de Maria, Apostolado da Oração, dentre outros. No caso de Santa Margarida Maria, consta na historiografia do AO que ela, com a ajuda do seu diretor espiritual, Pe. Cláudio de la Colombière, conseguiu que o culto ao Sagrado Coração de Jesus obtivesse grande desenvolvimento tendo o aval do Papa Pio XII na Carta Encíclica *Haurietis Aquas*.⁴¹ Lôla, ela foi responsável pela fundação do AO e influenciou Cleonice a expandi-lo, ambas com o apoio dos sacerdotes paroquianos. Apesar de a presença feminina ser relevante, as mulheres sempre estiveram sob a tutela masculina seja ela leiga ou clerical. Poder de um lado, submissão de outro.

A ação de criar grupos do AO, assim como outras irmandades, são vistas como estratégias de romanização, com o objetivo de agregar mais fiéis que se empenhassem na propagação dos dogmas da Igreja, buscando anular qualquer prática e/ou interpretação que não fossem centradas no pontífice. Sendo assim, definindo uma identidade doravante a modernidade, isto é, uma identidade única que poderia ser reconhecida em qualquer parte do mundo, ou seja, universal. Apesar de serem grupos leigos, a direção deles é submetida aos padres locais, estes remetem ao bispo e, a arquidiocese ao papa, formando um círculo hierárquico nos moldes romano e universalista (SANTIROCCHI, 2010).

⁴⁰ Ver Ferreira (2007).

⁴¹ Sobre o assunto disponível em: <https://aomej.org.br/>

Os afiliados do AO, quando inseridos no grupo, recebem uma fita na cor vermelha que legitima sua participação. Lôla confeccionava as fitas para os homens do Apostolado. Essa fita é disposta nos ombros do devoto e os participantes consideram que ela é uma armadura⁴², pois eles se identificam como “soldados de Cristo”. Além disso, ela também simboliza o pertencimento a uma rede de orações mundialmente difundida na Igreja Católica. A fita é usada pelos membros em missas, momentos de oração, procissões, terços e em diversos outros eventos religiosos. O membro atuante considera a fita como um objeto sagrado, existe a forma correta de dobrá-la para guardar. Antes de colocá-la e após o seu uso, o postulante a beija como se estivesse reverenciando o próprio Coração de Jesus. A fita no AO, assim como outros objetos sagrados, sintetizam significativamente o mundo da vida do peregrino, sua vida cotidiana. Eles ocupam um lugar central em devoção ao santo (ALGRANTI, 2011).

Até o dia 02 de dezembro de 2019, a fita possuía dois tamanhos, sendo uma larga que era de “zelador” e uma estreita que era do “zelado”. O zelador ou zeladora tem a função de cooptar novos membros para participar, é como se fosse padrinho e madrinha. De acordo com o desempenho do zelado ou zelada, com o tempo ele pode subir o degrau na hierarquia e tornar-se zelador ou zeladora, passando a ter os seus próprios “afilhados” e assim vai se formando uma espécie de irmandade. A partir de 03 de dezembro de 2019, a direção nacional do AO, após consultar diretores e coordenações de várias dioceses do Brasil, definiu que todos os membros do AO no Brasil passam a usar apenas a fita larga, deixando de existir, portanto, a fita estreita para seus membros. A intenção, segundo consta no site da Ordem, é a de manter a unidade visual do serviço eclesial que somente no Brasil conta com quase 3 milhões de pessoas⁴³.

Considero que essa unidade não seja apenas visual, por conta da padronização da largura da fita, é também a possibilidade de ampliar a legitimação de um grupo que possui um número significativo de afiliados. Todavia, constato traços de um processo de romanização, ou seja, uma tentativa de manutenção de controle hierárquico da instituição Igreja Católica. E, tomando o objeto fita como expressão de identidade desse grupo, o destaque como elemento integrante da religião que forma o sujeito e os grupos, segundo os seus aspectos materiais, pois os objetos também desempenham funções simbólicas e sociais (GONÇALVES, 2007).

⁴² Sobre o assunto: <https://www.youtube.com/watch?v=9ZPZrUa2PNw>

⁴³ Sobre o assunto disponível em: <https://aomej.org.br/>

Na minha adolescência, por cerca de três anos estive envolvida com o Apostolado feminino por influência da minha avó materna que, para me incentivar ao ingresso, me deu de presente uma fita feita por Floripes, o que na época me fez sentir usufruir de um privilégio. No decorrer do tempo, fui deixando de participar dos movimentos da Igreja e, por um longo período o objeto ficou desaparecido. Quando iniciei o mestrado, indaguei a minha mãe se ela tinha conhecimento de onde estava guardada a fita, ela então se dispôs a procurá-la e a encontrou. É uma fita muito diferente das que as outras mulheres e os homens usam. Lôla confeccionava as fitas para os novos integrantes do AO masculino. Eram fitas feitas em tecido vermelho e compostas por adereços. Em relato de Aluizio Clemente Vidal, primeiro secretário do Apostolado de Rio Pomba, transcrito por Ferreira (2007), na ocasião da primeira reunião na qual foi oficialmente criado, ele se refere à importância das fitas confeccionadas pela Beata para os novos integrantes do grupo

Torna-se necessário frisar que as fitas foram cuidadosamente confeccionadas pela nossa querida LOLA, que assim deu um valor de relíquia ao precioso símbolo, que passam a ostentar todos os associados da novel fundação religiosa, valor que não pode, em hipótese alguma, ser comparado materialmente (FERREIRA, 2007, p. 241).

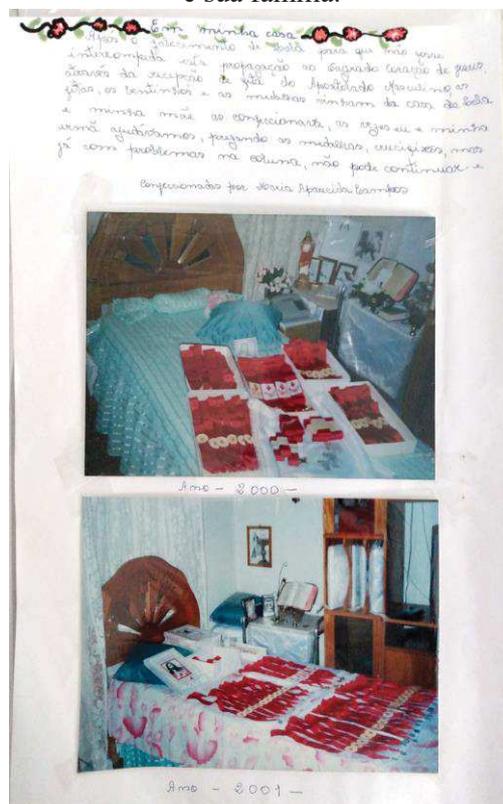
Como afirmei, a fita é um símbolo notório para os membros do Apostolado, porém, como apontado por Aluizio em seu discurso, quando ela passa a ser confeccionada pelas mãos de Lôla, lhe é atribuído o valor de relíquia sacral, algo a mais. Essas relíquias, como o terço, o livro, a fita dentre outros, se tornam mediadores entre o devoto, a Beata e Deus, pois essa materialidade, além de mediar, também é produtora do sagrado (PUGLISI, 2018). As fitas que a Serva produzia para os homens ficavam em sua residência e eram retiradas de lá somente na hora da festa do Sagrado Coração de Jesus. Após seu falecimento, Luciana, uma das devotas que entrevistei, conta que, junto de sua mãe e irmãs, continuaram a costurar as fitas até o ano 2001. Depois das fitas prontas, levavam para casa de Lôla e elas saíam de lá no dia da entrega que acontecia na festa, dando prosseguimento à tradição.

Foto 2: Fita que a autora ganhou de presente de Lôla na adolescência.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 3: Fitas confeccionadas pela devota Luciana e sua família.



Fonte: arquivo pessoal da devota Luciana (2020).

Foto 4: Fita que a devota Maria usa.



Fonte: compilação da autora (2020).

Luciana, que frequentava a casa da Beata, relatou em entrevista que durante muitos anos, contratou os serviços de um cinegrafista para que fossem registradas as comemorações do Coração de Jesus, principalmente o momento de entrega das fitas do Apostolado. A devota justificou que o registro em vídeo tinha como objetivo permitir a Lôla assistir e vivenciar a realização da festa, tendo em vista que, após a paraplegia, ela não mais esteve presente nos festejos. A devota ainda possui os vídeos em VHS, porém relatou-me que foram danificados com a ação do tempo. Ela guarda os vídeos em um armário, num cômodo de sua casa, no qual tudo que se encontra nele tem vínculo com a Santa. Todos os objetos que a entrevistada me mostrou guardados nesse quarto, me fez perceber que essa materialidade é componente mediador entre a devota, a Santa Lôla e Deus. No capítulo três falarei desses arquivos e relíquias que a seguidora guarda em sua casa.

A festa anual do Coração de Jesus passava pelo crivo da Católica de Rio Pomba. Além de confeccionar as fitas para os novos integrantes, ela também opinava em como seria a decoração do andor no qual seria colocada a imagem do Coração de Jesus para a procissão. A Serva também providenciava papéis picados que eram misturados com pombas desenhadas em papel com mensagens de fé escritas. Esses

papéis juntos com as mensagens eram jogados do alto da igreja no encerramento da festa. Nos seus últimos anos de vida, por conta de algumas limitações físicas, como dores fortes nas mãos, Lôla teve a ajuda de amigos e amigas para a atividade. Recordo que durante vários anos tive essas mensagens em mãos, cheguei inclusive a guardar algumas, porém com o tempo elas se perderam. Vivenciei a expectativa dos fiéis aguardando as pombas de papel e admito que fiz parte desse grupo, até os anos 1990, e que queria conseguir pegar um dos pássaros.

Dando enfoque a esse momento que era tão esperado na festa do Coração de Jesus, com as mensagens que vinham em formato de pombas, confeccionadas pela Serva ou por pessoas de sua confiança, elenco algumas reflexões. Qual a função desses objetos, no caso específico, as pombas de papel? No meu caso simbolizava benção e proteção, porém considero que, para cada pessoa, os objetos possuem inúmeros significados, carregando histórias e memória. Cada pessoa atribui um valor e os objetos podem sinalizar dimensões sociais dos seus fiéis. Para Algranti (2016), um material abençoado que carrega força é para o devoto não apenas algo que tenha relação com uma promessa feita ao santo, mas, sobretudo é um símbolo concreto que funciona como uma extensão dessa experiência.

De acordo com o depoimento de Leda, até o ano de 1955 muitos batizados eram realizados na casa da Beata. As crianças que eram batizadas lá se tornavam afilhados e afilhadas dela. Leda afirma que foi a última pessoa a ser batizada no sítio. Ela conta que pertencia a uma tradição religiosa pentecostal, porém o seu namorado, que depois se tornou marido, era veementemente católico e, após uma conversa com a Serva, ela foi batizada na Igreja Católica, tendo como madrinhas Lôla e sua irmã Dorvina e como padrinho o próprio Padre Galo que a batizou. Mais uma vez, vê-se o poder de Lôla na organização religiosa local.

A devota tinha 23 anos e traz a consagração como o marco de sua conversão, ratificando sua amizade e respeito pela Candidata a Santa. Segundo o depoimento de Rosa, quando o batizado não ocorria dentro do quarto de Lôla, a criança poderia receber o sacramento na Igreja. Nesse caso, os responsáveis apenas citavam o nome da Beata como sendo a madrinha e o sacerdote considerava como se ela estivesse presente no momento.

Uma importante materialidade do sagrado foi a autorização formal para que o Santíssimo Sacramento ficasse num sacrário, em um pequeno altar no quarto da Beata

dada pelo Arcebispo Dom Oscar de Oliveira⁴⁴. Atualmente o Santíssimo fica exposto na capela localizada no sítio. Segundo Ibrahim (2007), a autorização foi em 28 de março de 1965 e tal concessão foi mantida pelo então titular Dom Luciano Mendes de Almeida⁴⁵.

A indicação feita pela Católica de Rio Pomba para a primeira presidência do Apostolado, as tomadas de decisões em relação à festa do Sagrado Coração de Jesus, a permissão de realização de batizados no sítio, ser madrinha de batismo mesmo não estando presente na igreja e a entronização do sacrário em sua residência, demonstram a influência que ela desempenhava na sociedade riopombense. Essas ações são indícios do prestígio que ela exercia junto à comunidade eclesial, um protagonismo feminino pouco comum para o seu tempo.

2.3 ENCASULADA OU ENCLAUSURADA: ESCOLHA, NECESSIDADE OU OBEDIÊNCIA?

Padre Paulo Dionê Quintão, que foi seu orientador espiritual nos últimos treze anos de vida, afirma que muitas pessoas que visitavam Lôla pediam orações, conforme relato que consta em Ferreira (2007).

Ela recomendava confiantes orações. Muitos milagres e prodígios começaram a acontecer. Aumentou enormemente o número das “romarias”. Até dez mil pessoas ao dia acorriam a ela. Mesmo que um de nós, em plena saúde, se dispusesse ao atendimento de tanta gente, não resistiríamos. Por isso, interromperam-se as visitas, por volta de 1960. (FERREIRA, 2007, p. 41).

Rosa narra que, anualmente, durante a quaresma, a Católica de Rio Pomba se encasulava ainda mais. O círculo de pessoas próximas ficava mais restrito durante os quarenta dias. Apenas sua irmã Dorvina e alguns padres é que tinham permissão para entrar em seu quarto durante a quaresma. Rosa ia até a casa de Lôla durante esse período, porém conversava do lado de fora do quarto, não entrava e justifica: “era um desejo dela e a gente respeitava”. Eram quarenta dias completamente dedicados às orações, penitências e reflexões. Conforme depoimento que consta em Pereira (2000),

⁴⁴ Foi Arcebispo de Mariana no período de 1960 até 1988. Segundo consta no site da Arquidiocese, ele renunciou por limite de idade. Disponível em: <https://arqmariana.com.br/>. Acesso em: 28 maio 2020.

⁴⁵ Foi Arcebispo da Arquidiocese de Mariana no período de 1988 até 2006. Disponível em: <https://arqmariana.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2020.

Lôla relata “durante a quaresma, sinto muitas dores, os meus cabelos caem todos” (PEREIRA, 2000, p. 21). É importante destacar que os católicos mais rígidos com a doutrina, assim como dizem que a Beata era, consideram a quaresma como tempo de penitência coletiva e que “deve ser vivida com intenções e sinais de uma pesadosa espera: um Deus que nasceu homem faz muitos anos vai morrer daqui a alguns dias. A quaresma é uma restrição dos sentidos para que a memória não deixe de lembrar isso” (BRANDÃO, 2010, p. 145).

De acordo com o Padre Paulo, que consta no livro de Ferreira (2007), Lôla lhe confidenciou que, por conta do crescente número de romeiros, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Mariana, D. Daniel Tavares Baeta Neves⁴⁶, comunicou ao Arcebispo D. Helvécio Gomes de Oliveira⁴⁷ a necessidade de interromperem as visitas, alegando estar preocupado com a saúde da jovem⁴⁸.

As romarias, sendo os seus líderes leigos e não o corpo clerical eram vistas pela Igreja como sendo manifestações de superstição e falta de conhecimento dos dogmas. Diante da necessidade de controlar esses fenômenos, a Igreja buscou ter sob o seu poder os santuários, imagens, devoções, inclusive as romarias.

Assim sendo, estaria concretizando a estratégia de romanização do catolicismo brasileiro, transferindo completamente o poder dos leigos para os clérigos (JURKEVICS, 2004). Portanto, noto que manter determinados aspectos da sociedade sob o controle eclesiástico é uma prática da Igreja Católica que, em períodos anteriores, mantinha em seu poder preceitos morais, éticos, inclusive controlando o saber. Tais mecanismos salvaguardavam a hegemonia da instituição perante a sociedade.

Há controvérsias em relação ao ano exato em que Lôla recebeu ordens da Igreja para o encerramento das romarias. Existem relatos que diz ter sido no período de D. Helvécio Gomes de Oliveira e outros que foi no período de D. Oscar de Oliveira. Nesta pesquisa, tomei como base o relato citado de Padre Paulo Dionê Quintão que afirma ter sido por volta de 1960.

O fato das romarias se multiplicarem a cada dia e as circunstâncias estarem tomando uma grande proporção, contribuíram significativamente para que a Igreja optasse pela proibição das visitas dos romeiros. As instituições, sejam elas civis ou

⁴⁶Arcebispo Auxiliar da Arquidiocese de Mariana no período de 1947 até 1958. Disponível em: <https://arqmariana.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2020.

⁴⁷ Foi Arcebispo da Arquidiocese de Mariana no período de 1922 até 1960. Disponível em: <https://arqmariana.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2020.

⁴⁸ Sobre o assunto ver: Ferreira (2007).

religiosas, sempre quiseram e tiveram o controle das romarias, buscando monitorar o fluxo e regulamentar as formas devocionais. Mas o que leva as pessoas a peregrinar? A participação em romarias, mesmo acontecendo de forma coletiva, ela é uma experiência individual porque é a partir de motivos pessoais que o indivíduo vai peregrinar (MESLIN, 2014).

Diante disso, percebo, de um lado, a necessidade de muitos fiéis em propagar a fé em Santa Lôla e de outro, com a proibição das romarias vinda do Arcebispo, que as portas formais começavam a se fechar.

Lola acolhe na obediência e na simplicidade de coração. Sempre manifestou, até o fim, a sua gratidão por este gesto da igreja, pois além do desgaste, sofria com o inconveniente comércio informal que vinha se desenvolvendo por parte de terceiros, nas redondezas. Tinha uma bela consciência sobre a gravidade do mercantilismo da fé. Dizia: Jesus já foi vendido uma vez. A sombra de Jesus é muito boa, mas coitado de quem faz da sombra d'Ele um meio para ganhar dinheiro (FERREIRA, 2007, p. 41).

O Arcebispo tinha conhecimento da obediência da Serva. Diante da ordem, ela então acatou as orientações e passou a receber um número reduzido de pessoas, em sua maioria padres e freiras. Tais visitas passaram a ser previamente agendadas (SILVEIRA; ELIAS, 2015). Essa decisão da Beata de se manter reservada era ratificada pelas atitudes das pessoas de sua confiança, que faziam questão de manter sigilo sobre sua vida. Exemplo claro foi vivenciado pelo médico que a assistiu nos últimos anos, pois, apesar dele ter familiares na cidade, quando vinha visitar sua paciente, evitava desviar o seu trajeto, para que não levantasse nenhum tipo de comentário “procurava ser o mais discreto possível, até mesmo na emissão de receitas das pomadas e outros medicamentos que foram necessários” (BOMTEMPO, 2005, p. 139).

Destarte, Floripes de 1958 até sua morte ocorrida em 1999, ou seja, por mais de 40 anos viveu cercada por poucas pessoas, apenas aquelas de sua confiança. Leda que conviveu com ela desde a década de 1950 até seu falecimento relatou que o isolamento foi, primeiramente, uma escolha de Lôla. Entretanto, como pude apurar em algumas das entrevistas, ela optou pela clausura não apenas pela orientação da Igreja, como também por uma matéria veiculada pela revista *Manchete*⁴⁹ publicada em 1957. Para os fiéis, essa reportagem retratava de forma negativa a sua vida. No próximo

⁴⁹ A Revista *Manchete* foi uma revista semanal publicada no Brasil entre anos 1952 a 2007, criada por Adolpho Bloch, empresário da imprensa brasileira escrita e televisionada.

capítulo abordarei de forma mais ampla a polêmica reportagem da Manchete. Em pesquisa realizada no Museu Histórico de Rio Pomba, encontrei outros veículos de comunicação como a Revista O Cruzeiro, que na década de 1960 se interessou pelo assunto e enviou jornalistas para realizarem levantamentos de fatos sobre a história da Beata.

Em 06 de abril de 1998, Floripes registrou em cartório uma escritura declaratória na qual reforça o desejo de se manter isolada e de não propagação de sua vida⁵⁰. Um elemento civil-secular que foi trazido à complexa trama de constituição da materialidade do sagrado em torno da Santa de Rio Pomba. É importante destacar que as escrituras públicas são documentos que formalizam e dão segurança a diversos atos jurídicos, mas também podem conter declarações, que de forma pública, as partes declaram feitos que desejam ou que sabem, sob sua responsabilidade civil. De acordo com o depoimento de Leda, viver em recolhimento era uma coisa que a Serva queria, porém muitos não acreditavam, pois “Cada um falava de um jeito. Foi então que a Rita⁵¹ foi lá e ela falou ‘eu tenho que fazer o que eu quero, é a minha vida, eu quero sair fora dessa vida, porque já que eu não posso ter contato com um, com ninguém” (Relato de Leda, 10/07/2020).

Diante de tal documento e do depoimento de Leda, percebo que este foi o meio que a Beata encontrou para que aqueles que não acreditavam no seu desejo passassem a acreditar, e para que as pessoas respeitassem sua decisão. Além disso, essa escritura serviu para cessar as contradições do real motivo do seu isolamento. É relevante o fato de Lôla utilizar-se de uma via não religiosa para fins religiosos. O desejo de não divulgação de sua vida, sob qualquer forma, o segredo e a discrição são elementos que dizem muito a respeito da constituição do mito religioso. Não obstante o desejo de não divulgação, os santinhos, o quarto, o oratório, enfim, a materialidade iam em sentido contrário, ao da fama, ao da divulgação das virtudes santas e sagradas, exemplares.

Na referida escritura, a Católica de Rio Pomba apresenta outra versão do motivo que a levou à clausura. Ela aponta que, com o passar dos anos, sua saúde se agravou e com a idade avançando, foi aconselhada por seu médico a não mais receber o grande número de visitas que a cada dia crescia mais. O importante a se destacar nesse evento é que ela outorga sua clausura a uma orientação médica e não à eclesiástica.

⁵⁰ Documento digitalizado disponível no anexo F.

⁵¹ Escrivã do Cartório do Segundo Ofício de Notas de Rio Pomba responsável em lavrar a Certidão da Escritura Declaratória feita por Lôla em 06 de abril de 1998.

Leda relatou, sem precisar exatamente a partir de qual período, que Lôla deixou também de receber os parentes. E nos últimos três anos de vida, ela se isolou ainda mais. Ela recebia as pessoas que ela queria e precisava no seu dia a dia. A devota narrou que na época do Padre Galo, o sacerdote às vezes insistia para ela receber as pessoas.

O padre queria que ela recebesse, mas ela disse “não, não vou receber”. Quando o Padre Galo ia lá com alguém que ela não queria receber, ela não dava uma palavra, a pessoa entrava e saía sem ela dar uma palavra, porque se não era para falar com ninguém, era ninguém, pra ela nenhuma pessoa podia ser privilegiada, se não é pra falar com ninguém, é com ninguém. (Relato de Leda, 10/07/2020).

Na descrição acima, um trecho da fala de Leda, me chamou a atenção: “Quando o Padre Galo ia lá com alguém que ela não queria receber, ela não dava uma palavra, a pessoa entrava e saía sem ela dar uma palavra”. Nesse discurso noto mais uma vez a afirmação da sua influência no meio eclesial, tendo em vista que, apesar da imposição do Padre para que ela recebesse certas visitas, ela se recusava a atender. E, em casos como no exemplo destacado, ela utilizava da prerrogativa do silêncio para fazer valer a sua vontade. Ou seja, havia simultaneamente, uma extensão material, por meio de santinhos, mas, por outro, uma recusa material, duas ambivalências na constituição da trama da materialidade do sagrado em torno da Devota Anoréxica.

Nos diversos documentos consultados, constatei que Lôla conheceu diversos padres e bispos. Alguns desses religiosos, ela elegeu como sendo seus orientadores espirituais. Os três mais conhecidos são: Padre Galo, já citado anteriormente, Padre José de Oliveira Valente, ambos os párocos pertencentes à Matriz de São Manoel em períodos distintos e Padre Paulo Dionê Quintão, que na época era sacerdote em Barbacena. Sendo o Pe. Paulo Dionê orientador espiritual da Serva nos últimos treze anos. Isso me leva a perceber o quanto seu poder de influência, ocorrido ao longo da vida e em momentos distintos, foi marcante em sua trajetória na relação com a Igreja.

Valente narra que um dia surgiu uma conversa entre Lôla e ele acerca de sua morte

Um dia o assunto encaminhou-se para esse lado; deu-me azo e com cauteloso estremeamento de magoá-la, inquiri: - Fiel à orientação de Mons. Deolindo, não quer ser vista. (Ela aceitou, vezes, com muita excepcionalidade, conversar com certas pessoas, com a porta do quarto semicerrada, e atrás da porta não era vista. Muito severa nesse sentido). Mas... quando falecer, poderemos permitir que seja vista na sua urna? Titubeou e sentenciou: – “SIM, AÍ NÃO SEREI DONA DE

MIM”. Perdão, Lola. Meu intento é trazer a lume vários ângulos, retificar incorreções, – antes que nós dois ou um de nós “se retire de cena, na ponta dos pés” – com inúmeras pendências irrespondidas [...] (FERREIRA, 2007, p. 71).

Padre Valente se fez presente e confidente durante 15 anos e, mesmo distante de Rio Pomba, por várias vezes retornou para, segundo ele, se refazer espiritualmente. Para Valente, Lôla tinha a intenção de manter-se isolada “seu propósito, esclareceu-me, consiste em encasular-se e, enclausurada, na deslembração total, ninguém se conscientize da existência de sua pessoa” (FERREIRA, 2007, p. 67). Esse apontamento do Padre Valente traz palavras antagônicas, “encasulada” e “enclausurada” que participam do rol da construção da santidade da Beata, assim como outros eventos (dores acentuadas e cabelos que caem durante a quaresma e a permissão de deixá-la vê-la no caixão).

Em contrapartida, os acontecimentos anteriores a essas duas condições de clausura e/ou encasulamento, ocorreram de formas casuais e independentes: a queda da jabuticabeira, a paraplegia, a recusa pelo tratamento médico após várias tentativas e, posteriormente, as romarias, a procura insistente de repórteres, a declaração pública de que o isolamento era uma indicação médica para preservar a saúde. Tudo isso me leva a pensar que tanto o encasulamento, quanto a clausura, não foram ações premeditadas pela Serva. Mas todos os eventos se tornaram fios que teceram, de forma não planejada e espontânea, o manto material da capa de santidade e que apenas a posteriori é possível colocar em perspectiva e pensar como uma sucessão de marcas e marcos passíveis de agrupamentos epistemológicos.

Lôla vivia reclusa em seu quarto, uma vida voltada à oração. Todavia, com uma inevitável e necessária relação com o mundo exterior por meio dos laços de sociabilidades que envolvia amigos e religiosos. O seu modo de vida foi motivado por uma escolha pessoal que, independente dos eventos que ocorreram ao longo de sua trajetória, a opção sempre foi a de se afastar, mantendo um grupo restrito de contato. Tal atitude foi percebida por mim em vários relatos sobre sua vida, como o momento em que se isolava na igreja aos domingos ainda na adolescência. A discordância na continuidade do tratamento preferindo se manter dentro de casa a fazer as longas viagens a Juiz de Fora. A recusa de receber algumas visitas encaminhadas pelo Padre Galo e outros eventos similares que ocorreram quando ela se encontrava acamada no sítio.

2.4 DA MORTE AO PROCESSO JUNTO AO VATICANO

Quatro meses antes de sua morte, Lôla teve seu estado de saúde agravado e por isso recebeu a unção dos enfermos no dia 16 de dezembro de 1998. Segundo relato de seu médico, a Beata sentia-se mais cansada e com muita falta de ar. Por conta disso o médico começou a visitá-la com mais frequência, a fim de lhe dar orientações, pois ela se recusava a ingerir qualquer tipo de medicamento. Numa dessas visitas médicas, ele insistiu e conseguiu convencê-la a tomar uma medicação sub-lingual, uma vez que sua paciente não tomava líquidos e ele respeitava o seu posicionamento. O remédio foi aceito por ela com a condição de que ele fosse primeiramente abençoado pelo Padre:

Dr. Claudinho, eu aceito tomar o remédio que o senhor propôs, porque “Ele” me respondeu que com remédio ou sem remédio, eu ficarei boa, porque o meu remédio é o Coração de Jesus, é nele que está a cura de tudo. Aceito tomar o remédio com uma condição: Que o Padre Paulo o abençoe primeiro (BOMTEMPO, 2005, p. 187).

A benção sacerdotal, feita em gesto material, o sinal da cruz, sobre outra materialidade, o remetido, mas profana transforma-o simbolicamente e, com isso, em outra coisa. Essa atitude de Lôla, solicitando que o medicamento fosse abençoado antes da ingestão, demonstra o vínculo de intimidade com o divino e pode ser considerado comum no contexto da religiosidade popular, como no caso das benzedadeiras⁵² com suas rezas e remédios feitos de ervas e, para o crente, essa é uma maneira de sacralização.

Dentro da perspectiva da Religião Material, percebo que quando o objeto passa para outra pessoa, ele adquire outros valores a partir da vivência do novo usuário, o que constatei com a situação que aconteceu com o medicamento, que para o médico era algo corriqueiro, porém para a Serva ele passa a ter outro valor quando é benzido pelo padre. O evento também remete a Mauss (2003) quando se refere que a sociedade é antes de tudo constituída por uma dimensão simbólica, e a atribuição de poderes mágicos, no caso do medicamento, se resguarda na crença coletiva acerca de sua eficácia.

No que diz respeito ao vínculo de intimidade, de acordo com um dos relatos da sua juventude, quando se encaminhava para as missas dominicais, ela narrava a manifestação do sagrado nos vários eventos que encontrava ao longo do caminho. No

⁵² Sobre o assunto ver Maciel & Guarim Neto (2006) Um olhar sobre as benzedadeiras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar e as plantas usadas para benzer e curar.

caso aqui destacado, percebo que esse vínculo perpassa inclusive a sua visão da eficácia da ciência. A essa devoção que a Beata nutria pelo Sagrado Coração de Jesus agrega-se outras emoções e sensações que demonstram não estar em disputa apenas as ações de pedir, receber e retribuir, mas indica uma relação que envolve dimensões mais intensas (MENEZES, 2011a).

Dias depois de ter sido medicada, parece que Lôla teve uma melhora significativa e, por conta própria, deixou de usar a medicação que deveria ser de uso contínuo. Passados alguns meses, a Católica de Rio Pomba morreu em sua casa na madrugada do dia 09 de abril de 1999, seu corpo foi velado na Igreja Matriz de São Manoel e o sepultamento ocorreu no dia seguinte. Estiveram presentes à missa durante o velório vinte e cinco padres, várias religiosas e, conforme dados da Polícia Militar⁵³, cerca de doze mil pessoas participaram tanto da missa como do cortejo até o cemitério de Rio Pomba onde foi sepultada. A Beata foi enterrada no mesmo túmulo em que sua irmã Dorvina, falecida 15 anos antes⁵⁴.

Vários jornais noticiaram a morte da Beata moradora de Rio Pomba. Dentre eles o jornal Estado de Minas, em 11 de abril de 1999, que destacou no seu editorial a celebração da missa e o cortejo do seu funeral que teve a presença do carro do Corpo de Bombeiros e aplausos das pessoas que o acompanhavam. No canal do YouTube há um vídeo com o título “Sepultamento da Serva de Deus Floripes Dornellas de Jesus (Lola) – Rio Pomba (MG)”⁵⁵, no qual constam imagens da missa de encomendação, do velório e do cortejo de Lôla. Diante dos desdobramentos acerca dos ritos do funeral e do sepultamento, percebo uma materialização da experiência do devoto de poder estar próximo fisicamente da Serva. Segundo Meslin (2014), as ações rituais também são expressões sociais da experiência religiosa e são capazes de estabelecer e estreitar laços entre o fiel e o grupo que professa a fé.

O processo de santidade de Floripes Dornelas de Jesus se fortaleceu perante os seus fiéis, após a sua morte. Fato relevante que podemos destacar é a criação da Lei nº 1.160/2003⁵⁶, assinada pelo prefeito, que à época era Giovani Baia, na qual instituiu o dia 9 de abril como feriado municipal (Rio Pomba, MG, 2003). A instituição do “Dia da Lôla” demonstra a influência e a força que ela exerce não apenas no campo religioso, mas no político, assim como Santa Catarina de Siena que atuou no âmbito político

⁵³ Ver sobre o assunto em PEIXOTO (1999).

⁵⁴ Ver sobre o assunto em PIRES (1999).

⁵⁵ Disponível em: <https://youtu.be/2ka4QwYnx5w>. Acesso em: 07 out. 2019.

⁵⁶ Lei Municipal na íntegra disponível em: <https://sapl.riopomba.mg.leg.br/norma/275>.

(ALMEIDA; NEVES, 2012). A lei aprovada teve adesão da elite política rio-pombense, conforme constatado pela votação unânime dos parlamentares⁵⁷. Também é fundamental destacar a instalação de uma placa no chão da Igreja Matriz de São Manoel, exatamente no local onde ela foi velada, que remete ao seu prestígio junto à comunidade eclesial.

Além desses eventos, após o seu óbito, ocorreu a abertura de um processo de beatificação que se encontra em andamento sob o nº 2699. Em 01 de julho de 2005 o processo começou a correr e em 30 de novembro daquele ano, foi declarado pelo Vaticano *NULLA OSTA* – nenhum obstáculo – o que significa que o processo foi acolhido pela Congregação das Causas dos Santos do Vaticano e Lôla recebeu o título de Serva de Deus (FERREIRA, 2007).

A tramitação iniciou sob a coordenação de Dom Luciano Mendes de Almeida, Arcebispo de Mariana no período. Com o título de Serva de Deus para a próxima etapa deverão ser apresentadas as virtudes necessárias para que Lôla seja considerada venerável. Em seguida, a comprovação de um milagre e, assim, será beatificada. Todavia, a canonização é a última fase e ocorre após a comprovação de um segundo milagre.

A legislação eclesial que normatiza os processos de beatificação e canonização compreende os seguintes documentos: Código de Direito Canônico de 1983, *Normae servandae in inquisitionibus ab Episcopis faciendis in Causis Sanctorum* de 1983, Constituição Apostólica *Divinus Perfectiones* Magister de 1983 e instrução *Sanctorum Mater* de 2007⁵⁸. A referida legislação organiza os processos de beatificação e canonização em duas fases: a diocesana, ou seja, local, cuja competência é dos bispos diocesanos e a apostólica, que ocorre em Roma, sendo responsável a Congregação para as Causas dos Santos. De acordo com as normas eclesiais, o bispo local constituirá e nomeará as pessoas que ficarão incumbidas do trabalho, supervisionará o desenvolvimento do processo.

O percurso para que a Igreja declare a Católica de Rio Pomba como Santa, é complexo, demorado e oneroso. O controle pesado da Igreja se deve a muitos fatores históricos: necessidade de controlar a irrupção do carisma individual, evitar a fragmentação do culto, dentre outros. Tal controle centralizado, cada vez mais acirrado,

⁵⁷ Sobre o assunto ver Ferreira (2007)

⁵⁸ Documentos disponíveis no site do Vaticano, inclusive em língua portuguesa. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/vatican/pt.html>. Acesso em: 02 de Jun. 2020.

busca combater efetivamente tudo que não se enquadra nos moldes romanos (JURKEVICS, 2004).

É necessário o empenho da diocese e dos fiéis. Diversas ações são realizadas, tanto por parte da Igreja, como pelos seus seguidores, com intuito de preservar a memória de Lôla e, também, de contribuir com o processo canônico. Todavia, ao longo do tempo, as ações da Igreja e dos fiéis são conflituosas e de competição, pois há uma disputa pela herança religiosa da Serva que envolve um embate de poder. Em uma conversa ocorrida em setembro de 2019⁵⁹ com o padre, responsável pela administração do “Recanto Sítio da Lôla”, ele não soube detalhar o processo, mas apontou a grande dificuldade financeira para custear o processo, que, segundo ele, é um valor consideravelmente alto. O clérigo também me relatou que o andamento do processo foi prejudicado por conta das divergências entre a Igreja e a Associação dos Amigos da Causa da Lôla (AACL).

A AACL, segundo o seu estatuto, iniciou suas atividades em 19 de julho de 2006, constituída por um grupo de fiéis, em sua maioria, moradores de Rio Pomba, que se mobilizou em busca de provas que ratificassem a santidade de Lôla. O sacerdote local que administra o sítio me afirmou que a referida associação foi extinta formalmente e judicialmente há alguns anos, porém realizei uma busca no site da Receita Federal⁶⁰ – Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) – e verifiquei que sua situação cadastral se encontra ativa. Perguntei ao sacerdote se a paróquia possui documentos da Serva em sua posse e ele respondeu que não, mas disse que uma das fundadoras da Associação, “tem muito material em seu poder”. O padre relatou os conflitos e tensões entre a Igreja e a AACL⁶¹.

Dos participantes das entrevistas, uma delas fez parte da fundação da AACL sendo a pessoa que o padre se referiu. Ela apenas me apresentou um bloco de folhas, espiralado, com vários documentos. Neste bloco constam, dentre outros documentos, cartas enviadas à Arquidiocese de Mariana, abaixo-assinado de fiéis e ata de fundação da associação. Ela afirmou que esses documentos foram produzidos durante o período em que a associação mantinha as suas atividades, hoje se encontra inativa. Diante dessa documentação, indaguei sobre a possibilidade da existência de mais materiais da

⁵⁹ Conversa ocorrida no dia 20 de setembro de 2019 no escritório da paróquia.

⁶⁰ Disponível em:

https://www.receita.fazenda.gov.br/PessoaJuridica/CNPJ/cnpjreva/Cnpjreva_Comprovante.asp.

Acesso em: 23 out. 2019.

⁶¹ Alguns desses desacordos são citados em OLIVEIRA (2008).

associação, todavia, encontrei dificuldade em acessar informações. O que me impossibilitou investigar mais a associação. Inclusive me foi informado que ela possuía alguns diários escritos por Lôla⁶², porém ela negou que tivesse sob sua guarda. A entrevistada se limitou a responder, com poucas palavras, algumas das minhas indagações e notei que ela se esquivou e evitou responder outras. O motivo que a levou tomar tal atitude, dentre uma série de fatores, pode ter sido a disputa entre a associação e a Igreja pela guarda dos bens materiais e imateriais de Lôla.

Do bloco espiralado que foi apresentado pela integrante da associação, me foi fornecido cópias de treze cartas que correspondem ao período de 2003 a 2007⁶³ e a ata de uma das reuniões da AACL⁶⁴. Diante das cartas contidas no referido bloco, pude constatar a ocorrência de conflitos entre a associação e a Igreja, sobretudo com os padres das Paróquias de Nossa Senhora do Rosário e São Manoel. Esses padres foram nomeados pelo Arcebispo, no início dos trâmites canônico, como sendo os responsáveis pela administração de tudo que se refere à Católica de Rio Pomba, desde o sítio, até documentos comprobatórios para o processo de beatificação. Algumas cartas foram direcionadas a D. Luciano Mendes de Almeida. Nessas cartas, os Amigos da Causa da Lôla reivindicavam informações e providências em relação ao processo de beatificação, destino do sítio, autorização para a criação da associação, dentre outros assuntos.

Da documentação citada, irei tratar das correspondências e da ata de uma das reuniões realizadas pela associação. No tocante às cartas, me ocupei em destacar detalhes relevantes e as organizei de forma cronológica. Analisando esses documentos, notei que eles contêm indícios pertinentes para se compreender o processo de beatificação e canonização de uma pessoa que viveu grande parte de sua vida em uma determinada comunidade, mantendo um ciclo de amizade restrito e, a partir desses laços, após a sua morte, alguns desses amigos próximos, iniciaram um movimento com intuito de acelerar e contribuir com o processo junto à Igreja. Todavia, após a criação da associação, o desenrolar dos fatos apresentam um embate e uma disputa de poder de quem passaria a assumir o controle de tudo que envolve a vida de Lôla. Ginzburg (2006) traz duas contribuições para esse tema: o entendimento do processo histórico pelo microcosmo social e do paradigma indiciário; ambos têm na documentação seu principal objeto.

⁶² Em Ferreira (2007) constam alguns escritos desse diário.

⁶³ Documento digitalizado disponível no anexo G.

⁶⁴ Documento digitalizado disponível no anexo H.

Do ponto de vista do microcosmo social os embates e a disputa de poder, averiguados nas missivas e nos relatos dos entrevistados, são elementos a serem destacados no processo. Ainda dentro do microcosmo social há outros aspectos que vão além do trâmite documental canônico que é a crença na Candidata a Santa pelos seus seguidores no contexto da religiosidade popular. Sobre o paradigma indiciário, conforme Ginzburg (2006), as missivas indicaram uma das faces da disputa que envolve a herança da Beata, porém, não devem ser consideradas como o fator inicial, pois o reconhecimento da santidade é composto por múltiplos aspectos indiciários que podem vir a se completar com a finalização do processo de canonização. Em outras palavras, faltam apenas mais alguns fios para o manto santo recobrir miticamente a história da Serva de Rio Pomba.

A primeira das cartas, datada em 09 de dezembro de 2003, teve como emissor Padre Roque Schneider (Companhia de Jesus) para Padre José Macedo (Redentorista e Diretor Espiritual dos Amigos da Causa da Lôla). Na missiva, Schneider informa que, a partir daquela data, quem passaria a tomar as decisões cabíveis relacionadas à Floripes Dornelas de Jesus, inclusive o sítio, seria D. Luciano Mendes de Almeida, Arcebispo de Mariana. Ele relata que, em conversa com o referido Vigário, o mesmo “entende os anseios da equipe local de Rio Pomba, [*sic*] e demais componentes da equipe, interessados vivamente na construção de um santuário do Coração de Jesus nos terrenos de Lôla” (Carta de 09 de dezembro de 2003). Mais à frente na carta, Padre Schneider destaca que D. Luciano teria outros projetos e que a construção do santuário ficaria para outro momento.

Em carta escrita por uma das precursoras da associação, na data de 03 de junho de 2004, para D. Luciano, ela pedia atenção do arcebispo para reforma da casa da Serva, pois, segundo a missiva, a construção encontrava-se abandonada “Pedimos ao senhor que seja valorizado um local santo e importante. Que o testamento de Lôla seja cumprido” (Carta de 03 de junho de 2004). No testamento deixado por Floripes, a propriedade e o gerenciamento das terras seriam da Congregação dos Padres Jesuítas do Brasil, que posteriormente as doou, juntamente com a administração, para a Arquidiocese de Mariana. A arquidiocese tornou-se administradora e proprietária, controlando as visitas a casa.

Quando a remetente da carta, que escreve em nome do grupo de Amigos da Causa da Lôla, considera a casa como um “local santo e importante”, é relevante apontar que em grande parte das tradições religiosas, o “lugar” é de extrema

importância para crença e o culto, e, segundo Eller (2018) “esse local não é um espaço aleatório, mas um espaço onde algo aconteceu ou onde algo está” (ELLER, 2018, p. 110-111). E para os devotos da Serva, o sítio, e tudo que nele se encontra, sobretudo, a casa são sagrados. Tudo que é materialidade concreta relacionada a Lôla e que, de alguma forma, permeia e contribui para a construção de sua santidade, irei aprofundar sobre o tema no capítulo três da dissertação.

Dando prosseguimento ao entendimento dos acontecimentos envolvendo a Igreja e o grupo que se constituiu posteriormente como associação, no mês de maio de 2005, a “Comissão de Amigos da Causa da Lôla” publicou uma Carta Aberta no jornal da cidade de Rio Pomba, direcionada a D. Luciano. A carta inicia discorrendo as dificuldades que o grupo estava tendo para obter respostas, com os padres locais, sobre o processo canônico e que eles sempre dizem “são ordens do D. Luciano”, “somente D. Luciano pode autorizar” (Carta Aberta publicada no Jornal O Imparcial – Maio/2005).

A comissão, que nesse momento ainda não era oficialmente uma associação, se queixa de D. Luciano não ter levado os documentos e comprovantes recolhidos pelo grupo de amigos para ser anexado no processo de beatificação. Na carta é relatado sobre a proibição de se falar em assuntos relacionados à Serva e de não poderem rezar por sua beatificação.

O nome da Lola virou tabu porque nos têm sido negadas as explicações necessárias para lidarmos com um assunto tão santo e delicado. Ninguém veio nos explicar como acontece um processo de beatificação passo a passo. O que deve ser feito, o que é permitido, o que é proibido segundo o direito canônico. Só ouvimos conselhos para calar a boca e ficar quietos (Texto extraído da cópia fornecida pela AACL, da Carta Aberta publicada no Jornal O Imparcial – Maio/2005).

As reclamações elencadas na Carta Aberta pela comissão trazem novamente à tona as disputas pelo patrimônio da Serva e também contribuem para reafirmar que, de acordo com Andrade (2010), os santos oficiais, são frutos de um ordenamento racional e os não oficiais

[...] são frutos de um processo místico e emocional, que se expande, apesar dos protestos e das tentativas de controle institucionais, pois para os adeptos os trâmites de beatificação e canonização são desconhecidos e, mais do que isso, totalmente dispensáveis. (ANDRADE, 2010, 134).

Como resposta à Carta Aberta publicada no jornal, D. Luciano divulgou, em 27 de junho de 2005, um comunicado às comunidades paroquiais pertencentes à Arquidiocese de Mariana⁶⁵, no qual convida os fiéis a cooperarem com orações no processo para a santificação de Lôla. Ainda sobre o referido documento, o Arcebispo reforça que o controle e responsabilidade são da Igreja, tudo de acordo com a Santa Sé, evitando qualquer tipo de ação que não estivesse em conformidade com a Igreja. Nota-se mais uma vez a Igreja praticando o seu domínio e controle. Todavia, de acordo com Andrade (2010), dentro do espectro da religiosidade popular, o devoto crê na eficácia do santo, não se preocupando com o posicionamento da Igreja. Esses mecanismos utilizados pela Igreja não causam prejuízos à devoção, pois como pude observar durante a pesquisa, os eventos que acontecem no sítio, buscam renovar a presença de Lôla na vida de seus seguidores.

Decorridos cerca de seis meses, em novembro de 2005, a Comissão de Amigos da Causa da Lôla enviou uma correspondência a D. Luciano, solicitando que fossem tomadas as providências cabíveis para que, em 2007, durante a visita do Papa Bento XVI ao Brasil, fosse anunciada a beatificação de Lôla e reafirma os milagres atribuídos à Serva tinham sido catalogados e enviados para Mariana. Os Amigos da Causa se disponibilizaram a enviar membros da comissão “durante as férias escolares” (Carta de novembro de 2005), para auxiliar o Tribunal Eclesiástico de Mariana. Aqui se percebe a falta de conhecimento dos trâmites canônicos por parte da comissão, ao solicitar participar de um processo que não se desenvolve abertamente para a sociedade, pois são processos velados e de domínio do pontificado.

Seguindo com as missivas, em 18 de novembro de 2005, a Comissão enviou uma correspondência aos padres locais e externou a preocupação com a demora no cumprimento do desejo de Lôla que constava em testamento e sugerindo a criação da associação, oferecendo ajuda aos sacerdotes na coordenação dos trabalhos ainda que tendo ciência do aviso de D. Luciano sobre a Arquidiocese ser responsável por todo o processo canônico.

Dois meses depois, 07 de janeiro de 2006, o grupo de amigos da causa, diante das dificuldades e impedimentos com a arquidiocese local, remeteu uma correspondência a D. Lorenzo Baldisseri (Núncio Apostólico no Brasil⁶⁶). Na carta o

⁶⁵ Documento na íntegra em Ferreira (2007).

⁶⁶ O Núncio Apostólico é o representante do Papa e do Estado do Vaticano no país. D. Lorenzo Baldisseri exerceu a função no período de 2002 – 2012. Sobre o assunto ver:

grupo relata que tentou concretizar uma associação ou fundação que auxiliasse os padres na construção de uma igreja e uma casa de retiros no sítio, mas segundo a associação, os padres recusaram ajuda e o arcebispo negou as autorizações e o projeto arquitetônico. Discorrem ainda sobre os problemas e dificuldades enfrentados com as paróquias e a arquidiocese. No dia 16 de fevereiro, o Núncio Apostólico acusa o recebimento da missiva e os vários documentos sobre a Católica de Rio Pomba anexados à correspondência. O representante papal orientou que o grupo enviasse tais documentos à “pessoa competente a esta questão” (carta de 16 de fevereiro de 2006), no caso, D. Luciano Mendes de Almeida. O grupo seguiu as ordens do Núncio e os enviou para D. Luciano em 23 de fevereiro de 2006.

No dia 16 de novembro de 2006, o grupo de amigos da causa da Lôla, realizou uma reunião, na qual foi comunicado pelos dirigentes da plenária, que a Associação dos Amigos da Causa da Lôla tinha sido oficialmente criada, com registro em cartório e CNPJ. Na reunião foi dito que seriam enviadas cartas para a população riopombense, comunicando e explicando sobre a AACL, juntamente com carnês para contribuição mensal e dados bancários para quem preferisse depósito. No comunicado das cartas também seriam enviadas orientações para que, caso alguém quisesse, poderiam ser efetuadas doações de imóveis. Anunciou também a criação de um jornal de nome “O Beija-Flor” que seria enviado para os contribuintes periodicamente com as ações realizadas pela associação. Foi citado por uma das fundadoras, o desejo de se ter uma casa alugada na cidade para comportar a sede da associação a fim de “expor algumas relíquias, receber os visitantes e possivelmente vender algum bem recebido em doação” (Ata da reunião do dia 16 de novembro de 2006).

Na ata da plenária foi registrada a presença do pároco da Matriz Nossa Senhora do Rosário, apesar de, segundo ele, não ter sido convidado. Conforme consta em ata, o sacerdote relatou que estava se sentindo ofendido. Em seguida o padre leu uma carta de D. Luciano na qual nomeava os clérigos locais para administrarem tudo que se relaciona a Lôla. Diante do ocorrido, nota-se que o grupo de amigos da causa, apesar das inúmeras tentativas sem sucesso junto à Igreja, insistiu na empreitada e levou adiante o seu propósito.

A AACL passa a ser reconhecida pela lei brasileira, enquanto a Igreja a rejeita. Depois do contratempo entre o padre e a associação, decorrido alguns dias, ainda no

mês de novembro de 2006, a AACL expediu uma carta para os sacerdotes locais se colocando novamente à disposição para auxiliá-los em todo processo referente à canonização:

Por mais prerrogativas que tenham as autoridades eclesiais elas não tiveram o convívio que tivemos com Lola. Somos testemunhas de sua vida e do seu legado. Sentimo-nos presos a um compromisso com Deus de não deixar a mínima lembrança de sua vida sem produzir o fruto do seu significado; o que nossos padres, por melhores que sejam, não conhecem. O que para uns são velharias, para nós e para os futuros devotos são relíquias. Essa necessidade nos é premente, reivindicamos o nosso direito de ajudar no que for possível (Carta de 06 de novembro de 2006).

Quando a AACL se refere às coisas que pertenciam à Católica de Rio Pomba como relíquias, se faz necessário pensar de modo considerável que esses objetos sagrados podem ser uma maneira de torná-la presente, de alguma forma, na vida de seus devotos. Além disso, pode ampliar o entendimento de como as pessoas fazem a religião acontecer materialmente e, em que medida, a religião influencia na construção de mundo das pessoas.

Em 23 de novembro de 2006, a Arquidiocese de Mariana enviou um novo comunicado às comunidades paroquiais⁶⁷ a fim de esclarecer que a AACL não possuía qualquer vínculo com a Igreja e que não se responsabilizava pela destinação que seria dado ao dinheiro que porventura fosse arrecadado pelo grupo. O comunicado foi assinado por três pessoas, pois no momento a arquidiocese encontrava-se sem arcebispo oficial, tendo em vista que D. Luciano acabara de falecer. Todavia deixam claro no comunicado que as ordens e decisões continuavam sendo aquelas colocadas anteriormente pelo arcebispo. Reafirmaram no comunicado que o sítio da Lôla era uma propriedade particular pertencente à Arquidiocese de Mariana e sua administração realizada pelos padres locais.

Alguns meses depois, em abril de 2007, AACL enviou uma carta para D. Geraldo Lyrio da Rocha⁶⁸, que acabara de ser nomeado arcebispo de Mariana. Na missiva, a associação saúda e dá boas vindas ao novo arcebispo e solicita algumas reivindicações em relação à Lôla: a) o empenho e interesse do arcebispo em dar continuidade ao processo de beatificação e na “preservação fiel e integral de sua

⁶⁷ Documento digitalizado disponível no anexo I.

⁶⁸ Foi arcebispo de Mariana de 2007-2018. Sobre o assunto ver: <https://arqmariana.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2020.

memória através do patrimônio físico legado por ela” b) A averbação do testamento junto ao cartório de registro de imóveis de Rio Pomba c) “a construção em caráter urgente de uma capela em sua propriedade para que os seus restos mortais e de sua irmã Dorvina sejam para lá trasladados”. A justificativa para esse pedido é para evitar que acontecesse novamente outro ataque de vândalos. d) Que fosse abrigada no sítio uma ordem religiosa de adoradores perpétuos do Santíssimo Sacramento. A justificativa para tal pedido era para dar continuidade a incessante vigília de oração que Lôla fez durante várias décadas. e) Que fosse acolhida a AACL com base no Concílio Ecumênico do Vaticano II.

Para essa carta não houve resposta da arquidiocese, entretanto, o Apostolado da Oração da Matriz Nossa Senhora do Rosário se sentiu no direito a dar uma resposta à associação e, em 05 de maio de 2007, expediu uma carta para a associação. Na carta o apostolado se posiciona a favor da postura dos padres locais. O título da carta foi “Amigos da Lola e inimigos da esperança”? (Carta de 05 de maio de 2007). Na carta o apostolado repreende as atitudes tomadas pela AACL sem autorização dos padres, de não saberem aguardar para que as coisas aconteçam no tempo certo. Questionam: “vocês são o que? Católicos Apostólicos ao modo de vocês? Ou não acreditam que o tempo de Deus não é o nosso tempo” (Carta de 05 de maio de 2007).

Em resposta, a AACL escreveu ao apostolado, argumentando que o objetivo da associação era dar continuidade a obra de Lôla. Defendeu que as acusações sofridas pela associação por parte do apostolado eram caluniosas. E, então, a AACL se coloca na carta como “ovelhas rejeitadas” (Carta de maio de 2007) e que eram taxados de fundamentalistas, finalizando a carta,

[...] não podemos deixar de fazer o que fazemos. Gostamos muito dos nossos padres, mas entre contrariá-los e contrariar ao Sagrado Coração de Jesus e os interesses do Reino de Deus, preferimos contrariar aos nossos sacerdotes. Confiamos plenamente em nosso senhor, que ‘repara as nossas faltas e santifica as nossas obras’. Tudo por Vós Ó Sagrado Coração de Jesus (Carta de maio de 2007).

Por se encontrarem sem respostas por parte do novo arcebispo, a associação insistiu em buscar respaldo da Igreja e decidiu enviar outra correspondência em dezembro de 2007. Nessa nova carta para o arcebispo, a associação relata os problemas com os párocos locais e fala que “diante do silêncio que se seguiu resolvemos fundar uma associação de leigos para trabalhar pela causa da Lôla” (Carta de dezembro de

2007). Na missiva a associação relata que durante o processo de constituição jurídica da associação, descobriram que o testamento de Lôla não estava averbado no cartório de registro de imóveis de Rio Pomba. “A fundação da associação levantou contra nós a ira dos párocos locais” (Carta de dezembro de 2007). Logo no início da carta a associação deixa claro que o objetivo da carta não é “fazer pressão como querem insinuar (implícita e explicitamente) os nossos párocos” (Carta de dezembro de 2007). A associação relata que pensaram em procurar o ministério público “para fazer valer o testamento da Lola” (Carta de dezembro de 2007), porém, com a chegada do novo arcebispo resolveram aguardar para saber sobre o seu posicionamento.

Ainda na referida correspondência, a AACL narra sobre um ataque de vândalos que o túmulo de Lôla sofreu. A associação fez um abaixo-assinado para o novo arcebispo pedindo providências para os fatos e, por conta disso, segundo a associação, foram alvos de insultos feitos publicamente em uma das missas, por um dos padres de Rio Pomba. Na missiva, a associação relatou que o patrimônio de Lôla “está sob a ditadura dos padres que fazem somente o que dita seus gestos e opiniões pessoais” (Carta de dezembro de 2007). E acusam os padres de estarem fazendo reformas na casa sem se preocuparem com a fidelidade “não levam em conta a necessidade da fidelidade da conservação nos moldes de quem lida com relíquias” (Carta de dezembro de 2007). Diante dessa solicitação para o arcebispo, percebo que a preocupação por parte da associação, não é apenas no que diz respeito ao aspecto sagrado de como lidar com o patrimônio material da Serva, mas também promove uma disputa de poder entre a associação e a Igreja em torno da materialidade religiosa de Lôla. Essa disputa de poder se reflete no uso da palavra ditadura quando os membros da AACL acusam os padres de tomarem decisões sem estabelecer um diálogo com os fiéis.

Quando acessei as cartas e tomei ciência sobre o ataque que o túmulo de Lôla havia sofrido, pesquisei no jornal de Rio Pomba, O Imparcial. Na busca me deparei com a publicação de 29 de abril de 2007: fala-se de uma ocorrência policial. O túmulo da Lôla havia sofrido um atentado, de acordo com a matéria, um ato de vandalismo. Busquei informações com a diretoria do jornal a respeito e me foi dito que o caso foi arquivado, que o pai do rapaz que praticou o ato o acompanhou até a delegacia para reconhecer o erro e se desculpar. Ataques diretos à materialidade do sagrado redundam em comoção, ou em confirmação da santidade que envolve a trama.

O fato de o caso não ter gerado nenhum tipo de processo judicial e punição, percebi em mais um evento relacionado à Serva, que prevaleceu o sigilo e o silêncio.

Isso seria por conta do respeito por ela ser uma pessoa considerada por muitos como sendo Santa? Fidelidade à Beata? Respeito ao desejo de sua clausura? Tais questões podem ser pensadas a partir da concepção de que a santidade de Lôla já está consolidada por parte dos seus seguidores junto à comunidade, inclusive em poderes constituídos como a polícia e a justiça. O historiador Peter Brown (1981) também aponta para uma direção quando ele denomina de “mortos especiais”, aquelas pessoas que, em seu jazigo, são cultuados e, portanto, o que é sagrado não deverá ser violado.

Decorrido mais de vinte anos da morte de Floripes, a situação de disputa pela herança material e imaterial persiste. A Arquidiocese é proprietária do sítio e a Paróquia Nossa Senhora do Rosário o administra. Porém, apesar da Arquidiocese ser legalmente proprietária, o padre que gerencia o sítio me confidenciou que há pouco tempo a Igreja enfrentou um processo judicial, iniciado por parentes distantes da Santa Católica Pombense que reivindicavam parte das terras, mas perderam o processo. Quanto à AACL, ela permanece sem ser reconhecida pela Igreja e, de acordo com uma das fundadoras, não há atividades oficiais sendo desenvolvidas. Todavia, os conflitos e enfrentamentos continuam acontecendo indiretamente. Constatei esses embates ao longo das entrevistas, em que há pessoas que consideram que a associação tem um papel indispensável para o andamento do processo e outras que a gestão e coordenação deve se manter sob a responsabilidade exclusiva da Igreja.

No que diz respeito às disputas entre a Igreja e a AACL, não se pode inferir apenas como um embate institucional. Pois, as narrativas produzidas por atores em determinado tempo e espaço possibilitam diversas interpretações.

Não há aqui uma oposição ou rupturas absolutas em relação aos fatos e eventos histórico-concreto-empíricos, mas uma relação tensa e interlocutória com apropriações, ênfases, escondimentos e empréstimos que ficam entranhados nos discursos orais e escritos dos grupos e dos indivíduos (SILVEIRA; SAMPAIO, 2018, p. 14).

Os mistérios que perpassam a vida da Serva são da ordem do sagrado. Acontecimentos incomuns, considerados milagreiros e relatados por seus fiéis são constituintes para sua santidade. Os mistérios e acontecimentos às vezes inexplicáveis geraram inclusive informações controversas. O processo canônico será concluído em algum momento. Todavia, para que a devoção ao santo permaneça ativa é necessário que sua causa seja estimulada e, para tanto, é preciso que diversos tipos de ações

aconteçam e sejam mantidas, como a propagação da devoção, o esforço de controle sobre o imaginário hagiográfico, a criação de novos espaços devocionais, dentre outras.

Os trâmites jurídicos e administrativos, exercidos pela Igreja para a comprovação oficial da santidade tornam o processo muito demorado, pois existem muitos protocolos a serem cumpridos. Essas ações têm como objetivos principais incentivar e controlar a prática devocional, criando uma rede de objetos sagrados e não-sagrados que atuam como atores e sujeitos na sua hagiografia. A Igreja faz questão de manter o domínio, o poder e o controle diante de casos como o de Lôla. As normas para as Causas dos Santos, promulgada em 07 de fevereiro de 1983 artigo 36 determina: “são proibidas nas igrejas as celebrações de qualquer gênero ou peregrinações sobre o servo de Deus, cuja santidade de vida está ainda sujeita a legítimo exame⁶⁹”. A par de tudo isso, Rio Pomba convive com a devoção à Serva que leva a peregrinação de um número considerável de pessoas da cidade e de outras localidades ao sítio. Por mais que a Igreja busque controlar o movimento dos fiéis, percebe-se que há um mérito nas ações da AACL e também dos seguidores, contribuindo para a manutenção da devoção.

⁶⁹ Documentos disponíveis no site do Vaticano, inclusive em língua portuguesa. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/vatican/pt.html>. Acesso em: 02 jun. 2020.

3 MITOS E RITOS COMO MATERIALIZAÇÕES DO SAGRADO EM LÔLA

A hagiografia e os apontamentos apresentados no capítulo anterior serviram de base para a coleta de dados e das narrativas que descreverei nessa seção. Durante a pesquisa para a dissertação, visitei várias vezes o sítio em que Lôla viveu, onde são realizadas missas e outros eventos. Nas primeiras sextas-feiras e nos terceiros domingos de cada mês ocorrem missas regularmente. A marcação dos calendários é uma antiga forma de materialidade do sagrado. Em outros momentos acontecem eventos, como encontro de grupo de casais, festa do Apostolado da Oração, dentre outros. Visitei também algumas vezes o túmulo onde a Serva foi sepultada.

Antes de adentrar no próximo capítulo no qual me ocupo dos objetos sagrados dos devotos, apresento nesse momento as narrativas míticas, os ritos, missas e outras celebrações que acontecem no Recanto Sítio da Lôla. É importante ressaltar que as narrativas não são estáticas e que vez ou outra se pode notar ambiguidades nos relatos, elementos externos podem ser inseridos, outros elementos podem desaparecer com o tempo ou serem ressignificados, surgindo assim novas narrativas.

Todavia, segundo Berkenbrock (2018) a narrativa mítica nos aponta para uma direção funcionando como uma espécie de seta. Considerando a ideia do autor, no caso específico desse estudo, as narrativas nos apontam em direção a um entendimento da construção de santidade de Floripes Dornelas de Jesus – A Lôla. Durante as entrevistas, observei que os devotos consideram que uma das formas de valorizar a vida da Serva é contando suas histórias, pois para eles a Católica de Rio Pomba teve uma vida santificada. Os relatos coletados e aqui apresentados são para fornecer aportes na tentativa de entender a transformação que se deu da jovem Lôla, uma pessoa comum, pertencente a um grupo familiar, e a “Santa Lôla” para os seus fiéis.

3.1 AS NARRATIVAS MÍTICAS EM TORNO DA CANDIDATA A SANTA

As histórias sobre Floripes Dornelas de Jesus são inúmeras. Muitos relatos contados pelos seus seguidores são permeados de fé, outros de sensacionalismo, outros imbuídos de mistérios e suspenses, até mesmo repletos de orgulho por ter sido considerada uma pessoa dotada de dons especiais. Durante as entrevistas, percebi o quanto os seus devotos carregam a presença da Serva no dia a dia, seja por meio das

orações, dos pedidos realizados para alguma necessidade e/ou dos objetos sagrados.

É importante destacar que as narrativas em torno da Candidata a Santa não se limitam apenas às pessoas que tiveram algum pedido acatado, ou seja, na linguagem do fiel “uma graça alcançada”, as histórias também vão sendo transmitidas de geração em geração, fato que pude averiguar durante os diálogos com os fiéis e em depoimentos que constam em Ferreira (2007).

Cresci ouvindo histórias sobre ela. Uma das primeiras que me recorde dizia que Lôla vivia numa cama sem colchão, que não andava, não dormia e não comia. Que seu único alimento era a hóstia, que vivia rezando e, que por meio de suas orações, as pessoas alcançavam graças. Minha avó materna, quase nada falava da sua “Comadre Lôla”⁷⁰. Recorde que uma vez vovó me contou da polêmica reportagem da Revista Manchete e me disse que possuía a revista, porém não se sentia à vontade em me mostrar e concluiu “quem sabe um dia eu lhe mostro?” Vovó relatou que os repórteres da referida revista, estiveram em Rio Pomba e que, segundo ela, entraram no quarto de Lôla e a fotografaram sem autorização. Pelo que vovó descreveu, esse episódio foi um momento de muita tristeza para sua comadre e motivo pelo qual ela buscou ainda mais o isolamento. Nos próximos tópicos tratarei das histórias que ouvi desde criança, as que descobri durante o trabalho de campo e entrevistas com devotos.

3.1.1 As narrativas vividas e ouvidas

Há mais de trinta anos, quando tinha cerca de treze anos, eu morava em Rio Pomba, quando mamãe apresentou repentinamente uma perda da visão em um dos olhos. Foram momentos intensos e de muito sofrimento para toda família. Foi-nos indicado um médico em Juiz de Fora e a matriarca da família Reis iniciou o processo de consultas e exames a fim de buscar o diagnóstico. O diagnóstico foi descolamento de retina.

Após cerca de vinte dias, o oftalmologista informou que um colega seu, especialista em retina, residente no Rio de Janeiro, viria em breve a Juiz de Fora para realizar o procedimento cirúrgico. Na semana para acontecer a esperada cirurgia, o

⁷⁰ Forma que se tratavam uma a outra, tendo em vista que a Beata era madrinha de um de seus filhos. Comadre e compadre são expressões da cultura popular brasileira. O Brasil foi durante vários séculos um país rural, desde a colônia até meados do século XX e o desenvolvimento da população brasileira, ocorreu pela constituição de grupos rurais e pelas relações de compadrio que ligavam um grupo ao outro.

médico alegou que o quadro era irreversível e que ela teria de aceitar a condição de ficar cega. A notícia veio como uma bomba. Lembro-me do momento em que mamãe chegou de Juiz de Fora e descreveu, em pânico, o que o médico havia lhe dito.

No dia seguinte ela foi até a casa de sua mãe para lhe contar o ocorrido e como vovó era muito próxima de Lôla, solicitou-lhe que rezasse pela cura de sua filha. A Beata então mandou um recado de volta, que era para que mamãe rezasse a Novena Eficaz do Sagrado Coração de Jesus, que ela também rezaria, e no final da novena lhe seria dado um sinal. Passados alguns dias, quando se aproximava do término da novena, a matriarca estava na porta de casa, quando encontrou uma velha amiga e relatou o seu problema. Sua amiga então lhe indicou um médico renomado em Juiz de Fora. Para a minha progenitora esse era o sinal de que a Beata havia se referido. Mamãe agendou imediatamente uma consulta e já saiu do consultório praticamente direto para a sala de cirurgia. Após o procedimento cirúrgico, que foi considerado de alto risco, o médico, que se dizia cético, manifestou que o sucesso do procedimento tinha sido um milagre, pois quando ele a examinou, não tinha esperança de conseguir recuperar a visão, tendo em vista que sua retina estava muito comprometida.

O pós-cirúrgico foi rigoroso e exigiu cuidados ininterruptos, nos quais minhas irmãs e eu nos revezávamos. Durante a recuperação, mamãe apresentou idêntico problema no outro olho e o médico prontamente iniciou o devido tratamento. Transcorrido quase um ano, a matriarca se recuperou completamente e desde então sempre a ouço dizer que foi “graça alcançada pelas orações da Lôla”. A gratidão que mamãe tem pela Católica de Rio Pomba é imensa e serve de exemplo de uma narrativa que perpassa não somente a devoção individual como também todo o núcleo familiar. Me recordo que minha progenitora, em uma das visitas ao médico, levou para ele, a pedido de Lôla, o livrinho “A Grande Promessa”.

Ainda sobre algumas histórias que ouvi durante a minha adolescência, apresento outros relatos de duas pessoas que vivenciaram um mesmo episódio em torno da Serva. A primeira delas, ouvi de uma professora. D. Terezinha Cunha, já falecida, foi professora do Colégio Regina Coeli de Rio Pomba durante vários anos. Ela acompanhou minha turma do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental II, lecionando as disciplinas de português e educação artística. Segundo a própria professora e outras pessoas que participavam do meu convívio, diziam que ela era uma das amigas íntimas de Lôla.

Sempre me recordo da referida história descrita pela professora e, com o passar

do tempo, fui me atentando aos pormenores, porém, sem a precisão dos detalhes. Lendo as entrevistas realizadas por Ferreira (2007), me deparei com o mesmo episódio que D. Terezinha havia apresentado para a minha turma. No livro, quem descreveu o ocorrido foi minha avó e, segundo o autor, ela narrou com emoção como se estivesse vivenciando novamente aquele momento, assim como ficou para mim a narrativa da professora. Apresento a história a seguir a partir do que ouvi de D. Terezinha e do que a minha memória ainda permite.

Na década de 60, Lôla teve sua saúde agravada e, numa noite, D. Terezinha e outras pessoas próximas à Beata, estavam presentes em seu quarto rezando por sua melhora. Em um determinado momento, D. Terezinha se coloca, segundo seu relato, na cabeceira da cama e segura nas mãos da amiga que se encontrava com uma vela acesa. Preocupados com a situação, o irmão de Lôla, Alcides, pegou o cavalo e foi até a cidade avisar ao padre sobre a situação. A casa paroquial fica cerca de 6 Km de distância do sítio. Já passava da meia noite quando Alcides se aproximava da Igreja e o mesmo ouviu o sino tocar três vezes, toque utilizado quando se anuncia morte nas pequenas cidades do interior de Minas Gerais. A narrativa fantástica diz que os sinos tocaram sem a intervenção de ninguém. Por suposto que para badalar e ressoar som, os sinos devem ser materialmente tocados, mas, aqui, a ordem é a da desconexão entre material e imaterial, e sua reconexão no plano simbólico: o imaterial, o espiritual tocou o material. Segundo a lenda, após ouvi-los, o rapaz decidiu não chamar o padre e retomou o caminho de volta para casa.

De acordo com a minha professora, as pessoas que estavam no quarto com a Católica de Rio Pomba, afirmaram ter escutado os sinos tocarem, apesar da grande distância. Dando continuidade à narrativa de D. Terezinha, ela relatou que por alguns instantes não sentiu mais o pulso de Lôla e, o que todos temiam, aconteceu, a Serva havia morrido. Todos ficaram tristes e comovidos, sobretudo sua irmã Dorvina. De repente, segundo o relato de D. Terezinha, a Candidata à Santa teria retomado a respirar e dizer: “Não chore, Dorvina. Lá é muito lindo”. A professora, emocionada, terminou de narrar a história para os alunos, deixando claro que Lôla morreu e reviveu, viu algo, quiçá o paraíso, e a ele retornou, e que o ocorrido era um milagre.

Essa história eu ouvi na década de 80, ou seja, já haviam se passado mais de vinte anos e D. Terezinha ainda trazia os mesmos sentimentos e eu, adolescente que era não tinha capacidade de mensurar a importância desse relato. Posteriormente ouvi outras vezes, de pessoas diferentes, essa mesma narrativa e, essas lembranças

apresentadas por diferentes indivíduos. Tal fato se remete a Halbwachs (2013), em sua teoria nomeada “memória coletiva”, na qual elucida que as “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2013, p. 30), ou seja, de acordo com o autor, a memória é fruto de um processo coletivo, pois o indivíduo faz parte de um grupo social.

Considerando ainda a teoria de Halbwachs (2013), ressalto que as minhas lembranças em relação à Lôla, fazem parte dessa memória coletiva, tendo em vista que estive inserida desde a infância em grupos sociais como família e a igreja, por exemplo, e que estes exerceram influências na construção dessa memória. Entretanto, hoje o meu olhar para essa narrativa é permeado de reflexões, visto que o mito para se tornar presente e ser propagado entre as pessoas é necessário que os relatos, sendo orais ou escritos, sejam contados e recontados pela comunidade do qual ele faz parte e essas histórias vão construindo sentidos, significados e vão se modificando no decorrer do tempo “[...] provocando deslocamentos, substituições e condensações de figuras e valores” (SILVEIRA; SAMPAIO, 2018, p. 14).

Lévi-Strauss (1989) elucida que é “impossível compreender um mito como uma sequência contínua” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 59), em razão de que o mito é constituído por vários acontecimentos mesmo que tais acontecimentos transcorram em momentos distintos. O mito é contado e recontado para que ele possa se manter vivo e é assim que ocorre no que diz respeito às narrativas em torno do mito Santa Lôla, elas podem existir em diversas versões sobre o mesmo assunto, todavia, é importante salientar que não se trata apenas de histórias, “mas expressão de um modo de pensar religioso” (BERKENBROCK, 2018, p. 163), pois a Beata, ao longo do tempo, construiu sua trajetória, não apenas conquistando fiéis, mas, sobretudo, consolidando a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, por meio do Apostolado da Oração.

Analisando os relatos em textos e nas falas dos devotos, percebo a dinâmica de uma religião material sendo concretizada nos objetos sagrados ou nas próprias narrativas como, por exemplo, a polêmica reportagem que apresentarei a seguir, divulgada em uma revista que, de acordo com as pessoas que entrevistei, foi um veículo de comunicação de grande circulação no país durante vários anos. Penso ser necessário destacar a narrativa dos fiéis em torno da referida revista, porque considero importante fazer e estabelecer correspondências entre diferentes relatos para uma melhor compreensão do fenômeno religioso que é a base de formação da religiosidade popular

(MELLO, 2015).

3.1.2 A Revista Manchete como sujeito participante da materialidade religiosa

Segundo consta no site da Biblioteca Nacional⁷¹, a Revista Manchete foi um fascículo de publicação semanal, lançada no Rio de Janeiro em 26 de abril de 1952, tendo sido mantida regular até 29 de julho de 2000 e, após sua venda nesse ano, circulou de forma esporádica até fevereiro de 2007. Idealizada por Adolpho Bloch, um ucraniano que veio para o Brasil fugindo da Revolução Russa, a revista se firmou como principal concorrente à época da revista O Cruzeiro, que também chegou a publicar, onze anos após a Manchete, uma matéria sobre a Candidata a Santa de Rio Pomba. Na década de 80, a revista semanal, com seu slogan "Aconteceu, virou Manchete" – atingiu seu auge, consolidando-se como um fenômeno editorial, atingindo uma tiragem de milhões de exemplares no referido período.

Em sua edição nº 0289 de 02 de novembro de 1957⁷², a Revista Manchete divulgou um conteúdo no qual abordava sobre a vida de Lôla e tal matéria é citada por vários devotos como sendo a principal causadora da clausura de Lôla. Na ocasião, a revista esteve em Rio Pomba, representada pelo repórter Carlos Alberto Tenório, sendo indicado pelo Monsenhor Francisco Salgado, um amigo antigo do Padre Galo⁷³ que na época era tido como orientador espiritual da Serva. O Museu Histórico de Rio Pomba possui um exemplar do periódico do qual tive acesso e fui autorizada, pela instituição, a realizar registros fotográficos.

De acordo com relatos dos devotos que entrevistei, os repórteres estiveram na casa de Floripes na companhia do sacerdote, que havia conseguido convencê-la de deixá-los entrar. Não obstante, a fotografaram sem autorização, atitude que a desagradou, tendo em vista que ela era avessa à divulgação de sua imagem. É importante destacar que, segundo os fiéis, Lôla foi persuadida a receber os jornalistas, ou seja, não foi algo que ela solicitou e/ou quis de forma espontânea. A seguir destaco alguns trechos da matéria:

⁷¹ Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 01 nov. 2020.

⁷² Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=20477>. Acesso em: 01 nov. 2020.

⁷³ Sobre o assunto ver Ferreira (2007).

Pela manhã, acaba a missa das 6 horas, na Igreja de São Manuel, o padre Gladstone Galo mune-se de uma caixa velha de biscoitos, contendo, agora, apenas a hóstia sagrada. [sic]. Há quem afirme que Lola namorava. Sua irmã Dolores, embora sem emprestar caráter de seriedade ao episódio, também diz que José Filizolla era um pretendente. Mas este desmente frouxamente, e o padre Galo faz questão de declarar que desconhece alguém que a tenha namorado. [sic] Ao lado da delegacia de Rio Pomba moram Dolores de Jesus e o soldado reformado de polícia Manuel Henrique Bernardes. Dolores é vista na cidade como uma mulher sem respeito pela santidade da irmã. Há 8 anos ela pleiteia na Justiça o retombamento e divisão das terras em que Lola reside e que já foram um patrimônio de família. - Minha irmã não é santa coisa nenhuma – diz com irreverência, sentada num banco, ao lado do marido, descalça e mal vestida [sic]. – Ela tem ganho verdadeira fortuna e nós estamos na miséria porque o padre leva tudo que ela ganha. Depois acrescenta, todavia, com honestidade, que Lola vive em completa abstinência. [sic] – O senhor me obedeça que será muito feliz. Uma vez um fotógrafo não fez isso e foi muito infeliz. A noiva dele veio duas vezes aqui me pedir chorando que o perdoasse. E eu só perdoei depois do segundo pedido, porque até então ele não tinha ainda sofrido o bastante para pagar o que fizera.

A reportagem causou indignação ao Padre Galo que redigiu uma carta⁷⁴ à diretoria da revista, obtendo apoio público de pessoas de renome do município de Rio Pomba como o Professor José Borges de Moraes⁷⁵ e Padre Miguel Falabela Castro⁷⁶. Quando o repórter descreve que o sacerdote levava a hóstia dentro de uma lata velha de biscoitos, essa fala foi considerada como uma heresia, pois como elencado no capítulo anterior, a eucaristia para os católicos é um elemento sagrado que exige respeito por parte das pessoas sendo religiosas ou não.

Outro assunto marcante na reportagem é a possibilidade de a Candidata à Santa ter tido algum relacionamento amoroso, que foi veementemente combatida pelo Padre Galo que fez questão de dizer que não tinha conhecimento de alguém que a tivesse namorado. Essa preocupação do sacerdote em esclarecer ou desmentir o que uma das irmãs da Serva havia relatado, é elemento importante na construção da santidade de Lôla, pois estaria contrário ao quesito castidade, significativo na vida de um (a) santo (a), o que me remete ao estereótipo mariológico imposto às mulheres católicas. Portella (2016) apresenta estudos sobre os significados de Maria e sua imagética, nos quais Maria, Mãe de Jesus, é enaltecida pela Igreja por trazer consigo as virtudes de pureza e virgindade. Faz-se necessário ressaltar que os dogmas Marianos convergem para esses

⁷⁴ Ver carta em Ferreira (2007).

⁷⁵ Foi diretor da Escola Estadual de Rio Pomba. Sobre o assunto ver Ferreira (2007).

⁷⁶ Padre em Juiz de Fora, hoje Monsenhor Falabella. Sobre o assunto ver Ferreira (2007).

dois pontos, sendo estes o dogma da Virgindade Perpétua, da Maternidade Divina, da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria.

Outro ponto que atçou a ira do Padre Galo é o que diz respeito às declarações de Dolores, quando ela afirma que sua irmã ganhava muito dinheiro e que o sacerdote tomava posse de tudo. Esse tipo de acusação também poderia afetar a imagem da Católica de Rio Pomba, visto que os seus devotos a enxergam como uma pessoa extremamente honesta. Uma vida exemplar é aspecto relevante na hagiografia de um (a) santo (a), pois os fiéis a tomam como modelo (TEIXEIRA, 2013).

O diálogo que, segundo o repórter, ocorreu entre a Santa Popular e ele, quando ele narra que Lôla o aconselhou a obedecê-la, pois caso contrário, sofreria as consequências, assim como outro colega dele sofrera, essa postura da Serva descrita pelo jornalista causou indignação entre os católicos da cidade. Em algumas das entrevistas, um comentário foi a respeito desse colóquio, que eles consideram inverídico. É necessário destacar que a imagem que os fiéis concebem da Beata, é de uma pessoa santa, bondosa, caridosa e que estaria sempre à disposição para ajudar àqueles que a procurava e jamais seria capaz de desejar mal a alguém, independente de quem fosse.

A reportagem causou muitos contratemplos e Lôla chegou a solicitar que fossem recolhidos todos os exemplares nas bancas de jornal (FERREIRA, 2007). Também orientou aos riopombenses a não comprar a revista. Entretanto, algumas pessoas obtiveram o fascículo. Para muitos devotos, como percebido durante as entrevistas, a reportagem teve um cunho sensacionalista e relatava inverdades sobre a vida da Serva. Todavia, para alguns desses fiéis, a revista foi responsável para ampliação da divulgação do nome da Candidata a Santa para outras localidades brasileiras. A ambiguidade atinge o auge: segredo, mas ao ser divulgado, trouxe fama; inverdades teriam sido ditas, mas, ainda assim, mostraram a “verdade” da santa.

Tomando essa perspectiva de alguns devotos de considerarem que a reportagem, de alguma forma, contribuiu para que outras pessoas conhecessem a existência da Beata, pude observar que a revista é sujeito participante na materialidade religiosa, porque, apesar da reportagem levantar dúvidas e críticas em relação à santidade de Lôla, a cobertura jornalística não abalou a devoção das pessoas que entrevistei, pois existe uma relação já estabelecida anteriormente entre os fiéis e a Serva.

Tal relação faz parte da religiosidade popular, na qual a devoção aos santos é

ponto central, seja o santo reconhecido ou não pela Igreja e essa relação é revestida de muita intimidade, como observa Da Matta (1986), o autor aponta que a relação entre os devotos e os santos se caracteriza por ser intimista e até mesmo familiar. O milagre também configura elemento importante nessa relação do fiel com o sagrado através da figura do Santo. Muitas vezes as orações, comumente direcionadas aos Santos, sejam elas individuais ou coletivas, surgem para pedir ou agradecer graças alcançadas (BRANDÃO, 1980).

3.1.3 O óleo bento

No quarto da Beata havia uma lamparina que ficava acesa dia e noite, da qual era extraído um óleo/azeite que ela considerava abençoado, tendo em vista que a lamparina iluminava o pequeno altar do Sagrado Coração de Jesus e do Santíssimo, que ficava no referido cômodo em frente a sua cama. A Católica de Rio Pomba fornecia aos seus fiéis, sempre que pensava ser necessário, um pouco desse óleo com orientações de como deveria ser usado. Muitas são as histórias sobre o uso e eficácia do óleo bento, que, nos relatos míticos, era capaz de curar e proteger aqueles que utilizam.

Uma das histórias contadas diz respeito a um homem, morador de Rio Pomba, que não acreditava em Deus e que, além disso, vivia fazendo chacotas e críticas em relação à Lôla. Numa ocasião o homem sofreu um grave acidente de carro, tendo vários ferimentos. Passados alguns meses, o ferimento da perna não havia melhorado e os médicos cogitaram amputar sua perna. Ainda sob a convicção de não acreditar em Deus, disseram a ele para procurar pela Serva, pois ela o ajudaria.

Descrente de tudo e até da sua melhora, aguardou até o último instante possível para procurá-la, com os argumentos de que: ‘o pior que pode acontecer é continuar piorando... não tenho nada a perder... já tentei de tudo, agora o que vier é lucro... (BOMTEMPO, 2005, p. 37).

O homem então conseguiu com que Floripes o atendesse e ela o orientou a passar o óleo bento no ferimento e que, dentre alguns dias, ele estaria curado. O homem então retornou à casa da Beata, curado e tornou-se “[...] um dos maiores exemplos de fé daquela época, cumprindo o que ela já previra” (BOMTEMPO, 2005, p. 38). Óleos e correlatos são abundantes nas histórias materiais do sagrado no catolicismo, perfazendo uma tradição, mas não somente, pois se conectam às narrativas bíblicas e populares de

curas e milagres.

Outra narrativa que traz o óleo como protagonista escutei de Luciana durante a nossa conversa. Quando cheguei à sua casa para a entrevista, notei que sua testa estava com uma aparência oleosa, porém pensei que pudesse ser do calor que fazia naquela tarde. No decorrer da entrevista, a devota falou do óleo e da sua eficácia. Disse que usa duas vezes ao dia de acordo com as orientações que recebeu de Lôla na década de 80 e deste então passa na testa com o sinal da cruz.

Numa festa, posso tá toda maquiada, cabelo preso, brinco, cordão, mas minha testinha está brilhando. Muitas vezes as pessoas perguntam pra mim assim “nossa como você tá suando” e eu não respondo nada. Eu penso assim, é preferível as pessoas acharem que estou suando do que falar. Ah não... eu tô abençoada, deixa. [*sic*] Eu deixo um na minha bolsa, porque às vezes eu não venho em casa, porque eu durmo na minha irmã. Eu passo de manhã, às vezes de madrugada, porque eu às vezes não durmo. E às vezes de madrugada, quando ainda não dormi, eu rezo e passo. Duas às vezes ao dia eu utilizo (Relato de Luciana, 15/07/2020).

Luciana tem um vidro de óleo que é somente dela, foi a Lôla quem lhe deu e esse ela não deixa ninguém tocar. Para que o óleo não se esgote e ela possa doar para as pessoas que necessitam, ela vai diluindo um pouco dele misturando-o com outro óleo. A devota orienta com exatidão às pessoas como deve ser utilizado o óleo assim como a Candidata a Santa lhe instruiu.

Como base nas narrativas apresentadas sobre o óleo, a partir do pensamento mítico, o óleo/azeite que era extraído da lamparina, possui significados que são atribuídos à Beata, pelos seus fiéis. Segundo os seus seguidores, Lôla, ocupa um lugar de santidade pelo fato de não se alimentar e isso é considerado um milagre. Sendo assim, tudo que tem relação com ela torna-se sagrado, como óleo que ficava na lamparina do altar do seu quarto. Para Bozzini (2003), os objetos são mediadores e sendo assim, atores, construindo o rito, o santo e os sujeitos. Mas, na perspectiva que adotei aqui, a mediação dos objetos ainda os coloca como assessórios quando, na verdade, são essenciais e estruturais.

3.1.4 O Beija-Flor da Lôla

Outra narrativa encontrada em torno da vida de Floripes, diz respeito a um

beija-flor que, segundo alguns relatos que recolhi, o pássaro era presença constante no quarto da Católica de Rio Pomba. Todavia era considerado o “beija-flor da Lôla”, ou seja, não era qualquer um, era um pássaro específico. A única descrição física que ouvi da ave foi na entrevista com Luciana na qual ela relata que o animal era marrom com uma cauda branca e que a sonoridade do pio era diferente dos demais da mesma espécie.

Apesar de ter crescido cercada por várias histórias sobre a Beata, me surpreendi ao ouvir a respeito dessa narrativa. A primeira vez que escutei foi no dia de finados de 2019, quando conversando com uma devota no cemitério, ela me contou sobre o pássaro. Depois desse dia outras pessoas foram me contando a respeito e fui compreendendo o porquê de muitas publicações na internet, inclusive o nome de um site de divulgação da vida de Lôla, ter o nome “O beija-flor”⁷⁷.

Na ocasião em que a AACL foi instituída, uma das atividades propostas pela associação era a criação de um jornal cujo nome seria “O Beija-Flor”. Tal folhetim seria enviado periodicamente para os devotos contribuintes da associação, conforme relatado em ata da reunião do dia 16 de novembro de 2006, como já citado no capítulo anterior.

No livro sobre fiéis, Pereira (2000) menciona que a Serva Ihe confidenciou que o Padre Galo, nos idos dos anos cinquenta até 1974, por conta das dificuldades de transportes da época, o sacerdote não levava a comunhão todos os dias, porém ela relatou que “todas as tardes, na véspera do Padre Galo me trazer-me a Santa Comunhão, um passarinho entra em meu quarto dá umas voltas e depois saía” (PEREIRA, 2000, p. 14). Na referida conversa Pereira a indagou que pássaro era e ela disse que não sabia, porém, as pessoas afirmam que era um beija-flor.

A narrativa que muitos contam é que, toda vez que o beija-flor adentrava em seu quarto, ele sobrevoava o ambiente, ia até a imagem de Jesus crucificado e beijava as chagas. Segundo os nativos, esse então era o aviso para a Beata de que alguém estava lhe trazendo a comunhão. Diante disso, a Católica de Rio Pomba se preparava, se ajeitava na cama e colocava um véu branco sobre sua cabeça. Usar o véu era um hábito antigo das mulheres para receber a comunhão e um costume comum em toda a Igreja antes do Concílio Vaticano II⁷⁸.

Luísa me confidenciou que quando sua filha mais velha apresentou um problema sério de saúde e os médicos não chegavam a um consenso para o diagnóstico,

⁷⁷ Disponível em: <https://www.obeija-flor.com.br>. Acesso em: 06 jun. 2020.

⁷⁸ Sobre o assunto ver: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/e-obrigatorio-o-uso-de-veu-na-missa/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

então, ela, numa noite em um momento de muito desespero, rezando e pedindo a intercessão de Lôla, pleiteou à Beata que lhe “desse um sinal para que ela tivesse a certeza de que suas orações estavam chegando a Deus” (Relato de Luísa, 02/11/2019). Luísa então foi dormir após as orações. No dia seguinte, bem cedo, quando sua filha caçula estava saindo para a escola, ela acordou com gritos. Sua filha desesperada gritava que tinha um bicho voando na sala. Quando ela chegou, se deparou com um beija-flor que voava insistentemente pela sala, que em seguida voou para o quarto da filha que estava doente e depois no seu quarto. A devota descreve que foi tomada por uma grande emoção e que chorava e agradecia à Lôla porque “o beija-flor era o sinal que tanto pedi e aí eu tive a certeza de que Deus estava sim ouvindo minhas preces e estava no comando da situação de saúde da minha filha” (Relato de Luisa, 02/11/2019).

Luciana, em entrevista, me relatou que, por várias vezes teve a presença de um beija-flor em sua casa em momentos marcantes, inclusive em uma viagem ao litoral do Espírito Santo em que viu o pássaro na praia próximo a uma pedra. A devota considera o beija-flor como algo que teve papel relevante na santidade de Lôla, que ele era uma espécie de “anunciador de boas novas” (Relato de Luciana, 15/07/2020).

Ela me deu um coração de Jesus e outro para o meu pai e quando o beija-flor vinha aqui ele ia no meu coração de Jesus e depois no do quarto da minha mãe e ele tinha um pio diferente. Pode vir um monte aqui de uma vez, mas se o dela estiver junto, eu vou saber que é o beija-flor da Lôla porque ele tem um pio diferente. Ele era marrom de rabo branco. Ele ainda é, não me pergunta por que, mas ele ainda anda às soltas por aí. Um dia eu estava na praia, eu não sabia que existia, nunca ouvi falar, posso tá enganada, mas apareceu um beija-flor na pedra. Eu pensei assim, a Lôla tá aqui, ela tá andando atrás de mim. E então eu fui no comércio de Guarapari e comprei um beija-flor (enfeite) e uma violeta. Como não encontrei nas cores marrom com rabo branco, eu pintei e coloquei numa cestinha e levei de presente pra Lôla tipo “eu entendi o seu recado” (Relato de Luciana, 15/07/2020).

No dia 15 de março de 2020 durante minha pesquisa no Recanto, logo após a missa, estive dentro da casa em companhia de diversas pessoas, uma delas Luciana. Quando estávamos próximas à porta do quarto da Beata, a devota e mais uma amiga estavam em oração, e eu as observando, eis que surgiu um beija-flor e a euforia tomou conta das duas amigas “é o beija-flor, é o beija-flor da Lôla, que alegria” e sua amiga lhe perguntou “ele ainda mora aqui?” A materialidade de animais no sagrado é uma constante no catolicismo nas narrativas míticas, inclusive notoriamente inexistentes,

como o dragão de São Jorge. Temos o leão em São Jerônimo, o lobo em São Francisco. A lista longa, mas indicando a ideia de que o sagrado e o divino imperam na natureza animal e esta celebra a imaterialidade do que é santo, mas, simultaneamente, presente e irresistível.

A alegria de Luciana e a pergunta de sua amiga soaram pra mim de forma intrigante e me trouxeram esclarecimentos e compreensão de que realmente o beija-flor possui um significado na vida de Lôla, ele é também um símbolo para os seus devotos. Segundo Meslin (2014) o símbolo possui a função de mediar as relações sejam elas relação do homem com o homem ou até mesmo do homem com o divino, com o sobrenatural, com o sagrado, com Deus.

Além das características físicas e do diferente pio da ave que alguns dos devotos consideram serem próprios do “beija-flor da Lôla”, há também outros sentimentos envolvidos nessa narrativa, pois percebo que, enquanto a Serva ainda era viva, a ave era como se fosse uma interlocutora entre ela e o transcendente. A partir da morte da Candidata a Santa, o beija-flor passa a ser uma representação da Beata, pois os fiéis se apropriam do pássaro como sendo da Lôla. Aqui uso o termo “apropriação”, a partir do conceito de Renata Menezes (2005) que a autora utiliza para identificar as relações cotidianas no micro espaço social.

3.1.5 “Em suas orações lembre da Dorvina”

Dorvina Dornelas de Jesus, uma das irmãs de Lôla, nasceu em 09 de maio de 1909 e faleceu em 14 de fevereiro de 1983. Minha avó relata que quando a Beata sofreu o acidente, durante um tempo Dorvina carregava a irmã no colo “pra cima e pra baixo” dentro de casa e no quintal. Depois, sem precisar a partir de qual data, a Serva passou a não mais se levantar da cama e nem sair do seu quarto.

Segundo o relato de minha avó, em decorrência da morte da matriarca da família, Dorvina, que não se casou, assumiu o papel de cuidadora da irmã caçula e assim ficou por cerca de cinquenta anos. Após o falecimento da irmã, os cuidados de Lôla ficaram por um tempo com a prima Isaura, depois uma senhora de nome Terezinha e nos últimos anos sob os cuidados de sua afilhada Leda.

Para alguns devotos de Floripes, Dorvina é também considerada Santa, fato que percebi durante conversas com alguns dos entrevistados. A Católica de Rio Pomba relatou para Pereira (2000) que, depois de noventa dias que Dorvina tinha falecido, ela

ficou sabendo que a irmã tinha sido enterrada em “cova rasa⁷⁹”, fato que a deixou extremamente triste. Segundo as narrativas, Lôla disse “quero que Dorvina seja enterrada em cova funda, de 9 palmos” (PEREIRA, 2000, p. 25) e algumas pessoas disseram para a Serva que isso não era possível, pois a lei não permitia, teria de esperar por cinco anos.

Todavia, ainda nos relatos que constam em Pereira (2000), a Beata recorreu verbalmente às autoridades: prefeito, delegado e juiz e todos afirmaram “um desejo de Lôla é uma ordem para nós! Podem abrir o túmulo” (p. 25). O túmulo de Dorvina foi aberto e de acordo com Padre Marcelo Mário da Costa “o corpo de Dorvina estava intacto” (PEREIRA, 2000, p. 25). Essa autorização que Floripes recebeu, ainda que contrariando a legislação, comprova mais uma vez o prestígio que ela exerce não apenas no campo religioso, como também no político.

Esse acontecimento, quando o corpo depois de meses já sepultado continua intacto, é conhecido como um dos fenômenos que podem ocorrer com os místicos e santos e é chamado de incorruptibilidade,

[...] com esse termo entende-se a ausência da decomposição natural dos corpos, e que continua por meses, anos e mesmo séculos. Obviamente desta pesquisa estão excluídos os casos em que o corpo foi embalsamado. (GIOVETTI, 2017, p. 137).

No corpo sem corromper estaria marcado o poder do sobrenatural. Embora se saiba das múltiplas causas e fatores que remetem à ordem empíreo-concreta, nas narrativas míticas sobre o corpo do santo ou da santa, enfatiza-se a ideia de que a corporeidade, perpassada pelo toque do sagrado, se nega a depreciar-se e a desaparecer na sua materialidade visível.

Kallarrari (2013) argumenta que o corpo que se apresenta incorruptível, é venerado pelos fiéis não apenas por suas virtudes em vida, como também por se manifestar como um “fenômeno sobrenatural”. Eu escutei nas entrevistas, o argumento de que o corpo de Dorvina estava intacto e o “fato” seria a justificativa que os fiéis utilizam para considerar Dorvina uma Santa, assim como Lôla, visto que, para os que acreditam, esse evento é sinal material da não desmaterialização de um corpo, embebido

⁷⁹ De acordo com alguns estudos, os cemitérios participam da manutenção das hierarquias sociais, que podem ser percebidas desde o material utilizado para a construção dos túmulos, a localização da sepultura e até mesmo se o morto é enterrado no chão ou em jazigo. Sobre o assunto ver: Motta (2009) e Almeida (2004).

de santidade, é hierofania superior.

Em contrapartida, a Igreja Católica Romana não trata esse fenômeno como sinal de santidade, pois, segundo Kallarrari (2013), em algumas situações, é plausível de ser explicado em decorrência de efeitos naturais. Para a Igreja, os corpos que se apresentam incorruptíveis, a princípio, não são consagrados santos apenas por esse evento, e sim, pela realização de pelo menos dois milagres após a morte.

As imagens do Sagrado Coração de Jesus, os livros A Grande Promessa e outros objetos que a Serva presenteava as pessoas, continha uma dedicatória na qual Lôla assinava o seu nome e de sua irmã. Após o falecimento de Dorvina, Lôla ainda acrescentou à dedicatória “Em suas orações lembre da Dorvina” (SALVADOR, 1987). Durante as entrevistas, pude perceber que os devotos levam esse pedido da Beata a sério incluindo Dorvina em suas orações. No cemitério de Rio Pomba, Lôla foi sepultada no mesmo jazigo que estava Dorvina. Existe outro túmulo da família no qual constam os nomes da matriarca Deolinda e seus irmãos José e Alcides.

Após a morte da irmã da Beata, a via pública de acesso ao Sítio Recanto da Lôla recebeu o nome de Rua Dorvina Dornelas de Jesus que, de acordo com os nativos, é uma homenagem legítima não apenas àquela que dedicou uma vida a cuidar da Candidata à Santa, mas também uma consequência da influência política que Lôla exerce no município de Rio Pomba. Aqui percebo, mais uma vez, uma materialidade da devoção, pois cada detalhe que se refere à Serva é assim colocado em rede com os demais, no caso a rua com a casa e tudo que se tem no sítio, contribuem para o panorama do espaço, para as narrativas que são criadas e para os ritos que me ocupo no presente capítulo.

3.1.6 As especialidades da Candidata à Santa

No que diz respeito à santidade conferida à Católica de Rio Pomba, não há representações específicas, ou seja, não é conferido a ela, até o momento, nenhum tipo de especialidade como vemos, por exemplo, com Santo Expedito, das causas urgentes. É importante destacar que um santo pode ter diferentes especialidades, como pude perceber nas falas dos devotos de Lôla e nos estudos de Menezes (2004a), em que a autora descreve os atributos mais citados em relação a Santo Antônio sendo os mais presentes santo casamenteiro, protetor dos pobres, dentre outros.

A especialidade de um santo possui uma relação direta com a materialidade do

sagrado. No caso da Beata, essa correlação remete aos objetos consagrados pela própria Igreja Católica como o terço, imagem do Coração de Jesus, a hóstia, objetos esses que são frequentes nas fotos divulgadas tanto pela Igreja quanto pelos seguidores da Serva e que participam dos momentos de pedidos feitos à Lôla “segundo João Paulo II, a materialidade do terço pode nos ajudar a compreender a configuração da santidade do devoto através da oração do rosário” (OLIVEIRA, 2009, p. 91).

Eu tive. Muitos momentos que era só Deus mesmo. Essa minha casa em Guarapari, veja só se não é um milagre? Uma vez falei pra ela que estava com as minhas férias marcadas e ela disse que não, pediu para eu ficar com ela. E ela disse “eu vou dar um jeito...” E eu fiquei. Ela falou que ia ter uma casa lá. Olha só se não é coisa de um milagre? Eu estava lá em Guarapari e eu vi a casa com escrito do lado de fora “vende-se” e o dono estava lá, eu fui lá e o dono falou “então a senhora já pode ficar com a chave”. Ele nem me conhecia. Era um casal lá do Rio de Janeiro. Eu nunca tinha visto ele e nem ele tinha me visto. E disse “você já fica com a chave, a casa já é sua” (Relato de Leda, 10/07/2020).

Aqui em casa, ela sempre conduziu a minha família, porque eu não saía de lá, eu era muito apegada a ela, qualquer coisinha era a Lôla. A minha sobrinha quebrou o braço uma vez, corri lá e pedi a Lôla. Depois ela quebrou o braço no mesmo lugar e eu fui lá e pedi a Lôla. Ela quebrou o braço umas três vezes no mesmo lugar e o braço dela hoje não tem nada (Relato de Luciana, 15/07/2020).

Sempre fiz a novena e o Novenário do Sagrado Coração de Jesus, tive momentos difíceis que alguns deles minha avó, que sempre foi próxima de Lola, levava os recados e pedia oração por mim. Confiava na oração e na fé dela, então tudo que precisava eu rezava e coloca nas mãos do Coração de Jesus por meio dela. Acredito muito que tudo que passei durante a minha vida e tudo que conquistei devo tudo às orações e acreditar que o que acontece ou vem para mim é vontade de Deus. Quando pedíamos oração para Lola, o recado era este: que confiássemos no Coração de Jesus e fizéssemos a novena. Minha mãe foi curada por meio das orações dela [...] Sou casada há 25 anos e estamos juntos há 33 anos, não foi fácil, mas sempre nas dificuldades eu coloco tudo nas Mãos do Coração de Jesus como Lola sempre disse (Relato de Clara, 20/07/2020).

Tem explicação? Só tem uma explicação, né. Pra esse tanto de coisa que acontece na região e aqui não acontece. Só tem uma explicação, né. É a mão dela, a proteção dela, eu acho. Eu tenho essa certeza comigo. Destruição, coisa ruim mesmo, muita coisa ruim que acontece aí em volta, aqui a nossa cidade sempre foi muito abençoada. Por quê? Tantas coisas, desastres ambientais, é enchente, é chuva, acontece tanta coisa por perto e não acontece na nossa cidade graças a Deus. É muita proteção. Não tem outra explicação (Relato de Débora, 15/08/2020).

A nossa cidade que tem cerca de 20 mil habitantes e tem coisas que muitas cidades de 50 mil habitantes não têm. Hoje, nós somos uma cidade privilegiada, nós temos quatro bancos, duas igrejas e tem muitas outras coisas. A gente tem o comércio bom, o melhor da região. O Instituto Federal teve um crescimento enorme e eu acredito que tenha a mão dela, porque tá perto lá dela. Tudo isso. Você vê, a nossa cidade com 20 mil habitantes, se você pegar São João Nepomuceno que tem quase 50 mil habitantes, ela tá muito mais atrasada. Rio Pomba é mais elevado até em nível de cultura que São João. O Pomba, por exemplo, dá muito emprego, o meu irmão, eu, a gente tem muito funcionário de Mercês, Piraúba, Tabuleiro, Silveirânia, o Pomba é centro disso tudo, pra pessoa trabalhar e vim buscar dinheiro. Eu acredito muito nisso, na mão dela nisso tudo aí (Relato de Paulo, 15/08/2020).

Nos relatos apresentados acima, Leda considera o fato de ter conseguido comprar uma casa em Guarapari como sendo um milagre concedido pela sua madrinha Lôla. Os relatos de intervenção imaterial do sagrado sobre o material, no caso posses e prosperidade são frequentes. Ao estabelecer uma relação causal, que não pode ser comprovado, ou melhor, não existe de fato, entre a santa, na ordem do imaterial, com o material, a fiel se apropria de uma ordem simbólica e, com ela, atribui às causas, seus agentes.

Enquanto Luciana destaca que a Serva sempre conduziu os acontecimentos na família como o restabelecimento da saúde de sua sobrinha. Clara descreve que vários momentos de dificuldades foram superados por meio das orações da Beata, como a cura da doença da sua mãe e o sucesso do casamento. A devota ainda destaca que tudo que conquistou deve às orações de Lôla e que acredita que os acontecimentos em sua vida são frutos da vontade de Deus. Perguntei para Clara o que ela quis dizer com “tudo que conquistei devo às orações” e a seguidora respondeu que sua vida e de sua família é regida pela vontade divina e que a Serva é sua intercessora junto a Deus. Nos depoimentos de Débora e Paulo pude perceber que Floripes é vista como sendo protetora da cidade.

Ao analisar as entrevistas concedidas, percebi que os fiéis não precisam da anuência eclesiástica para cultuar Santa Lôla, pois eles já a elegeram como tal e atribuí-lhe, diariamente, um caráter sagrado a ela e a tudo que lhe diz respeito (DILLMAN, 2012). Pude constatar que ela possui uma área de atuação diversificada, sendo qualificada pelos devotos como Santa milagrosa, uma Santa capaz de solucionar problemas afetivos, curar doenças, uma Santa capaz de proporcionar aquisição material

por parte dos fiéis e Santa protetora da cidade. Os depoimentos apresentados fornecem subsídios para melhor compreensão da relação entre santo e devoto e elucida o que constatei durante a pesquisa, de que Santa Lôla não tem uma única especialidade para os seus seguidores, pois as graças alcançadas são constituídas de diferentes particularidades.

3.1.7 Canções em homenagem a Candidata a Santa

O conceito de santidade é histórico, poderá sofrer mudanças e o processo para efetivação de canonização garante à Igreja poder dizer quem é ou não santo e, nos casos dos santos não oficiais, há uma atribuição de santidade imposta por uma comunidade de devotos (MENEZES, 2011a). Com base nessa ideia, considero importante destacar duas canções, cujos trechos encontra-se no quadro abaixo, que classifiquei como sendo música 1 e música 2, compostas em homenagem à Lôla após sua morte.

Quadro 1 - Canções

Música 1 Autor: Fabio Coelho Gomes	Música 2 Autora: Maria das Graças C Campos
Foi aqui que ela viveu E a todos ela muito amou Porém, chegou o dia Que o Senhor a levou Nesse dia pra ti vou cantar Jesus está entre nós Oh querida Santa Lôla Rogai por nós! Santa, querida Santa Tenho esperança em vós Agradeço muito a Jesus Por ter vivido entre nós Santa, querida Santa	Vida limitada, o mundo, a ela impôs, Mesmo assim não se esquivou de ser feliz No silêncio e na oração a Deus buscou Seu testemunho, devoção, realizou Lôla viveu como ninguém conseguiria Com alegria propagou a sua luz Pedindo a todos que louvasse com fervor O sacratíssimo coração do bom Jesus Floripes Dornelas de Jesus A Lôla que o povo conheceu Doou sua vida para o amor

Rogai por nós!	Aos irmãos e a Cristo Redentor
Na cama entrevada ficou maior parte da sua vida (<i>Sic</i>) coração de Jesus Seus dias ela legou	Aqui na terra uma serva se tornou Obediência, humildade e oração Nada além da eucaristia alimentou Extrapolando o seu limite doação
Filha querida do Pai Sempre estava a rezar Pedia o povo pombense Nessa terra que lhe acolheu Deixou um belo legado Por jovens de devoção Fundou o apostolado	Sua vida conduziu como quem ama Que conhece os desígnios do senhor Guardaremos a lembrança tão serena De sua face transbordando de amor

Fonte: Pesquisa Pessoal, 2020.

Em vídeos produzidos por devotos e divulgados no canal YouTube⁸⁰, observamos que uma canção é cantada na Igreja, porém a outra não. Segundo as narrativas⁸¹ de alguns fiéis, o motivo de não poder cantar na Igreja uma das músicas, se dá por conta que nessa referida canção Lôla é citada como Santa, conforme o trecho “Santa, querida Santa. Rogai por nós”.

Abordar essas músicas é relevante para compreender como que as narrativas em torno da Católica de Rio Pomba, são ressignificadas e, a partir dos depoimentos dos devotos, da forma como representantes da Igreja referem-se à Beata como “D. Lôla”, das canções compostas nas quais a Serva é apresentada sob diferentes aspectos. Tudo isso me fez perceber que, para algumas pessoas, Floripes Dornelas de Jesus já nasceu Santa ou já se tornou Santa e, para outras, é uma forte candidata à santidade. E, diante disso, noto que conflitos e contradições vão sendo gerados e novos elementos e informações vão sendo incorporados nessa materialidade religiosa, por meio das narrativas, garantindo uma continuidade da experiência de proximidade física com Lôla,

⁸⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HtXAV3P0NIc>. Acesso em: 23 jan. 2020.

⁸¹ Em visitas realizadas no Recanto e no túmulo da Lôla perguntei para alguns fiéis qual o motivo de apenas uma das músicas ser cantada na Igreja.

levando em consideração que no contexto da religiosidade popular, o fiel deseja estabelecer relações mais simples, diretas e imediatas com o sagrado (MESLIN, 2014).

3.2 OS RITUAIS DOS DEVOTOS

Aqui descreverei os rituais que observei tanto no Recanto Sítio da Lôla como no jazigo que a Serva foi sepultada. Falar desses rituais é necessário, tendo em vista que eles são impregnados de materialidade. Algranti (2016), me faz refletir que participar desses rituais pode ser, de certa forma, participar de um rito, cujas relações sociais são mediadas por um conjunto definido de bens religiosos, nesse caso os objetos considerados sagrados pelos seguidores da Católica de Rio Pomba.

Nas primeiras visitas que realizei, sendo em 2018 e 2019⁸², para a elaboração do projeto de pesquisa, observei que as celebrações religiosas acontecem de forma regular no sítio onde a Beata viveu por mais de oitenta anos, sendo frequentadas por inúmeros fiéis de várias cidades.

As primeiras sextas-feiras de cada mês são dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus e a homenagear a sua antiga moradora. Nos terceiros domingos de cada mês acontecem celebrações no Recanto, além de outras datas e eventos que são realizados que, segundo o padre que administra o local, é uma maneira de motivar as pessoas a irem ao sítio e divulgar a vida de Floripes Dornelas de Jesus.

Também constatei que a sua casa se encontra bem preservada. Seu quarto permanece íntegro, com altar, objetos pessoais, cama, travesseiros, almofadas e está protegido por portas de vidro, facilitando a observação de seus seguidores de forma a se manter intacto. O quarto é o cômodo da casa no qual a Serva viveu por décadas e se configura como um espaço que possui caráter religioso e, portanto, para os fiéis é um espaço cultural “o espaço sagrado deve, pois, preservar a integridade divina de toda a mancha exterior” (MESLIN, 2014, p. 174). Durante as minhas visitas, observei que alguns dos visitantes chegam até a porta do quarto, se ajoelham e ali ficam por um tempo em silêncio e oração.

Em visitas que realizei no cemitério municipal, ocorridas em maio e novembro de 2019⁸³, notei que o túmulo de Floripes recebe a presença de diversas pessoas que vão

⁸² Visitas realizadas nos dias: 03 de agosto 2018, 09 de abril 2019, 09 de junho de 2019 e 06 de setembro 2019.

⁸³ Visita ocorrida em 12 maio e 02 de novembro de 2019.

até lá fazer orações. Algumas rezam o terço, acendem velas, trazem flores e deixam bilhetes e cartas numa caixa trancada com cadeado que fica na parte frontal do seu túmulo. Nesses bilhetes e cartas os devotos fazem e agradecem pedidos.

Essa ação de escrever para Santa Lôla, me remete a teoria de Mauss (2003) sobre a dádiva, tal conceito instrumentaliza para entender, por exemplo, a organização dos grupos sociais, culturais, religiosos e econômicos nas sociedades modernas. Há um processo de organização desses grupos a partir do sistema de trocas, visto que o valor das relações estabelecidas nessas trocas é muito superior ao valor das coisas e, a simbologia presente nesse sistema, é fundamental para a vida social (MARTINS, 2005).

A dádiva é elementar nas religiões e intrínseca na relação entre santo e devoto, pois nessa relação se estabelece uma dinâmica, como o pedido ao santo-promessa-pedido atendido-agradecimento-pagamento da promessa. Essas trocas estimulam um vínculo contínuo, pois a natureza da dádiva é obrigatoriamente a retribuição, criando assim um ciclo, uma aliança. É o sentido das coisas, se você não retribui a dádiva, você rompe com essa aliança e deixa de manter a relação estabelecida anteriormente (MENEZES, 2011a).

Partindo desse pressuposto, o fiel quando faz algum pedido a Deus, seja por intermédio do santo ou diretamente, ele faz uma promessa, ou seja, um voto. Quando o pedido é atendido, o devoto deve efetuar o “*ex-voto*”, que quer dizer consequência do voto, ou seja, o *ex-voto* é produzido após o pedido atendido, representando a troca simbólica entre o devoto e o santo (GÓES, 2009). No contexto da religiosidade popular muitos túmulos de santos ainda não canonizados, como é o caso Iolesco, recebem diversos objetos que representam esses *ex-votos* (PEREIRA, 2011). Todavia, considero que esses bilhetes/cartas depositados na caixa trancada próxima ao jazigo da Serva, exercem a função de *ex-votos*, pois de acordo com relatos dos nativos, nesses escritos constam não somente pedidos, mas também agradecimentos.

3.2.1 A água da fonte

Próxima à porta de entrada da casa de Lôla, existe uma fonte de água, coberta com hera, um tipo de folhagem, com uma imagem do Coração de Jesus feita em concreto. A água que jorra vem de uma nascente que fica bem distante, que, segundo um dos funcionários do sítio, é um dos lugares mais bonito da propriedade. João, que trabalha há oito anos no Recanto, é responsável, dentre outras tarefas, de controlar o

fluxo da água na referida fonte, que possui uma torneira que é aberta nos dias de visitação. Ele considera importante este controle da água para que a nascente não se esgote. Ele diz que somente ele “tem alguns segredos para o funcionamento da água no sítio” (Relato de João, em 06/09/2019).

Foto 5: Fonte de água localizada no sítio.



Fonte: compilação da autora (2019).

Muitos dos devotos da Beata realizam um ritual diante da nascente de água localizada a poucos metros de sua casa, conforme pude observar na ocasião de minhas visitas ao sítio: os fiéis, em sua grande maioria, quando chegam ao sítio, param diante da nascente, se benzem e levam água para casa. Algumas pessoas lavam o rosto, testa, nuca, braços, pernas, mãos e bebem da água, tudo isso na maioria das vezes em oração. Escutei várias vezes os devotos falando entre si que a água da fonte é “abençoada”, “lava a alma”, “cura” e ouvi uma devota dizendo “o padre falou que é bom levar dessa água para casa e deixar a garrafa pertinho do filtro”. Lembro que num domingo, quando eu estava me preparando para ir para a pesquisa de campo, estava enchendo uma garrafa com água na casa da minha família, hábito que tenho em levar água aonde eu vou, e

minha mãe me disse “não precisa de levar água, lá tem água e a água de lá é benta”.

No dia 15 de março de 2020, no terceiro domingo do mês, uma senhora trouxe duas garrafas plásticas e as encheu com água da fonte. Cada garrafa comportava 2 litros. Perguntei a ela como utilizaria a água em casa e ela me disse “eu coloco na geladeira e bebo sem escrúpulos” e ainda completou “essa água é benta e a santidade da Lôla está acima de tudo”. No mesmo dia, uma jovem também encheu duas garrafas de 2 litros cada com água da fonte e a indaguei sobre a utilização e ela me disse que leva para casa para o consumo. Na atitude de se benzerem e/ou ingerirem dessa água, no que se refere à sacralidade atribuída ao líquido, é importante salientar que “[...] subjacente a essa combinação, está o santo, que de alguma maneira se faz presente através desse ritual de consagração e abençoa seres e coisas, estendendo-lhes sua proteção” (MENEZES, 2004a, p. 88).

Percebi que a visita ao Recanto, proporciona aos peregrinos a oportunidade de entrar na vida da Candidata à Santa, porque entram em sua casa, mergulham na sua intimidade e, tudo isso, somado à materialidade presente. A ritualização faz dessa visita uma participação na história de Floripes (BOZZINI, 2003).

3.2.2 Os ritos de aniversário dos vinte anos da morte de Lôla

Durante a pesquisa, uma das mais importantes missas que assisti no Recanto Sítio da Lôla foi em 09 de abril de 2019, quando se celebrava vinte anos de sua morte. Geralmente, o sítio é aberto aos visitantes uma hora antes das celebrações. Eu era uma das primeiras pessoas a chegar e muitas vezes até fui a primeira, o que para mim tornou-se fundamental para a observação dos fiéis.

As celebrações na cidade referentes aos vinte anos de morte de Lôla tiveram início alguns dias antes com a realização de um tríduo preparatório. Diversos eventos foram organizados, separadamente, pelas duas paróquias da cidade: a Matriz de Nossa Senhora do Rosário e Matriz de São Manoel. Além do tríduo, terços foram rezados e houve a inauguração de um memorial dentro da Igreja Matriz de São Manoel. Em todos esses eventos notei a participação de uma parcela significativa de moradores de Rio Pomba, inclusive se empenhando para organização deles.

O referido memorial ficou temporariamente exposto e atualmente no local se encontra um quadro com foto da Beata em desenho/pintura e um pequeno painel com dois quadros também com fotos dela. Na matriz de São Manoel, como dito

anteriormente, foi instalada, na ocasião de seu falecimento, uma placa em sua homenagem, no local onde o corpo da Serva foi velado.

As comemorações pelos vinte anos de morte começaram logo cedo com uma missa na matriz de São Manoel, às nove horas da manhã, com a presença de cerca de mil pessoas, muitas delas membros do Apostolado da Oração. A missa foi ministrada por um padre de Juiz de Fora, que se apresentou como um grande devoto da Serva e, durante a homilia, ele convidou o seu pai para estar junto dele no púlpito para que pudesse narrar uma história na qual o seu progenitor, segundo o sacerdote, obteve uma graça alcançada por meio das orações da Católica de Rio Pomba. O padre diversas vezes se referiu à Beata como Santa Lôla e relatou que seu pai, quando ainda jovem, sofreu um grave acidente e atribui sua cura a ela.

As celebrações e todos os eventos que aconteceram em torno dos vinte anos da morte de Lôla, foram realizados separadamente pelas duas paróquias de Rio Pomba. Sobre o assunto, a única informação que recebi, em uma conversa com o padre que administra o sítio, foi que, durante um tempo a Paróquia de São Manoel contribuía com um valor referente a meio salário-mínimo para ajudar nas despesas do Recanto. Todavia, em um determinado momento, o padre da Igreja de São Manoel se posicionou dizendo que a paróquia não tinha mais condições financeiras para dar continuidade à contribuição mensal e que a localização geográfica do sítio, que no caso pertence a Paróquia Nossa Senhora do Rosário, o desobrigava de qualquer responsabilidade. Essa atual configuração, contraria as ordens iniciais do antigo Arcebispo de Mariana Dom Luciano Mendes de Almeida, que no início do processo de beatificação, nomeou os párocos locais para gerirem tudo que diz respeito à Beata. Aqui me deparo novamente com uma disputa pela herança religiosa de Lôla como já dito no capítulo anterior.

Dando continuidade às comemorações no dia 09 de abril de 2019, a missa que foi celebrada no Recanto, ocorreu às 16 horas com a presença de aproximadamente 1.700 pessoas. A capela estava lotada com todas as cadeiras ocupadas e muita gente em pé e também do lado externo do salão. A faixa etária dos fiéis era diversificada tendo a presença de crianças, jovens, adultos e pessoas idosas. Havia pessoas de várias localidades, porém a grande maioria era da cidade e acredito que o motivo é bem simples, era uma terça-feira, dia útil em outros municípios, sendo o feriado apenas em Rio Pomba.

A celebração foi participativa e a execução das músicas contou com a colaboração do grupo da Renovação Carismática Católica - RCC⁸⁴. No momento da homilia, o padre discorreu sobre a trajetória religiosa da Serva, de sua dedicação à Igreja e sua vida de orações. Ressaltou o trabalho árduo e os obstáculos para administrar o Recanto, inclusive enfrentando processos judiciais. O sacerdote destacou que, apesar de não ter conhecido e convivido com a Católica de Rio Pomba, de nem sequer ser natural da cidade, ele reconhece e nutre muito respeito e fé por ela, a quem se refere como “Dona Lôla”, tendo em vista que para a Igreja ela é uma Serva de Deus e, segundo ele, não pode ainda ser chamada de Santa. Esse posicionamento contradiz o padre de Juiz de Fora que, como relatei, fez questão de chamá-la de Santa por diversas vezes durante a missa.

Em outra ocasião, quando tive uma conversa com o padre que gerencia o sítio, ele declarou que considera relevante a devoção à Beata. Citou a existência de casos e eventos milagreiros que reforçam a sua devoção. Ele relatou experiências próprias que teve com Lôla, mesmo sem ter tido contado físico com ela. Ele narra que a Serva é conhecida não somente no Brasil, que um dia recebeu uma ligação dos Estados Unidos, de uma mulher, que queria conhecer sobre a vida da Candidata à Santa e lhe disse que estava para vir ao Brasil e que gostaria de informações acerca do funcionamento do Recanto.

O sacerdote afirma que a Beata teve uma vida santificada e que teve uma vivência mística verdadeira com o sagrado. O padre fez questão de dizer que Lôla não foi uma pessoa qualquer e que sua dedicação ao Sagrado Coração de Jesus é de extrema importância para o Apostolado da Oração no Brasil. No decorrer da conversa indaguei se a devoção à Serva tem o apoio da Igreja Católica e ele afirmou que sim e que o Recanto é utilizado para a propagação e divulgação de sua vida.

Os tríduos, terços, a confecção do memorial, as missas na matriz de São Manoel, a celebração no Recanto e os devotos, todos os eventos fizeram parte dos rituais dos vinte anos de morte da Serva, uma data relevante para os nativos e “todas as ações rituais, diretamente inspiradas por uma vontade de se religar ao divino, são a

⁸⁴ Na minha adolescência, em Rio Pomba, nos finais dos anos 80 e início dos 90, me recordo de participar regularmente de grupos de oração, grupo esse que depois se transformou no movimento carismático da cidade. A RCC teve seu marco histórico em fevereiro de 1967 na Universidade de Duquesne (Pittsburgh, Pensylvania, EUA) – disponível em: <https://rccbrasil.org.br/portal/>. Acesso em: 27 out. 2020. Estudos sobre a RCC ver Silveira (2008 e 2018) e Maues (2003).

expressão prática de uma experiência religiosa e os lugares onde se realiza” (MESLIN, 2014, p. 153). Destarte, percebo que esses ritos integram uma rede de acontecimentos, que representa uma materialidade sagrada construída ao longo de décadas e que contribui para o fomento do debate em torno do processo de canonização tanto em nível institucional quanto entre os seus seguidores.

3.2.3 O cotidiano das celebrações

Ao longo dessa pesquisa, no período de março de 2019 a março de 2020, no total de doze meses, acompanhei regularmente as missas nas primeiras sextas-feiras e nos terceiros domingos mensais. O número de participantes e faixa etária são bem distintos entre esses dois dias. Nas primeiras sextas-feiras, geralmente o número de fiéis é um pouco menor, se comparado aos terceiros domingos. Nas sextas-feiras, a grande maioria das pessoas tem a idade acima dos cinquenta anos, entre homens e mulheres. Aos domingos, a faixa etária fica mais diversificada contando com a presença de crianças, jovens, adultos e idosos e sempre com a capela repleta. Tanto nas primeiras sextas-feiras, quanto nos terceiros domingos, no término das missas, reza-se a Oração pela Beatificação de Floripes Dornelas de Jesus – a Lôla.

Durante as minhas visitas, procurei circular pelos espaços de maneira estratégica a fim de observar as pessoas chegando. Primeiro chegam aquelas que auxiliam na celebração, sendo que a equipe da sexta é diferente do grupo de domingo. A equipe fica na capela cuidando dos detalhes para a missa. Algumas organizam as cadeiras, outras cuidam do altar, outras do equipamento de som. Enquanto isso, o rapaz responsável nos cuidados gerais do sítio, abre a casa, a torneira que controla a água da fonte e fica ali debruçado na janela ou de prontidão na porta de entrada, sempre atento a tudo e a todos, distribuindo livrinhos e folhetos.

Foto 6: Visitantes chegando no Recanto Sítio da Lôla.



Fonte: compilação da autora (2019).

Enquanto isso eu procurava circular pelos espaços, ora na área externa da casa, ora na capela e em determinados momentos ficava dentro da casa, atentamente olhando os visitantes e em algumas vezes escutava deles as frases “estar aqui traz paz” “a gente vem pra cá e esquece de tudo”, frases que representam a devoção de cada um que estava ali. A casa fica aberta para visita cerca de uma hora antes da missa e uma hora após o seu término. Segundo informações obtidas da equipe organizadora, o padre solicita que a residência fique fechada durante a celebração para que não ocorra a dispersão dos fiéis e para que se tenha uma melhor organização dos trabalhos de visitação.

Aos poucos os fiéis vão chegando, de carro, ônibus, van e a pé. São pessoas de todas as idades e classes sociais. Teve dia de ter a presença de fiéis de aproximadamente onze cidades. O padre sempre no final das missas pergunta os nomes das localidades presentes e solicita a todos uma salva de palmas. São cidades como: Vermelho Novo, Barbacena, Ubá, Tocantins, Piraúba, Juiz de Fora, Volta Redonda, Vassouras, Goiânia, São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro e outras. Um dia conheci o Sr. João, de Mauá (SP), que veio acompanhado de uma moradora de Rio Pomba. Ele relatou que conhecia a história da Serva, por meio de amigos, que estava ali pela primeira vez e que gostaria muito de poder levar a história para a paróquia onde frequentava no estado paulista. Até me mostrou o livrinho e o folheto que tinha acabado de ganhar quando entrou no sítio. É

de praxe alguém ficar distribuindo livrinhos contendo orações e um resumo sobre a vida de Lôla para todos os visitantes do Recanto.

As pessoas chegam e muitas delas vão até a fonte de água, rezam e se benzem. Entram na casa, circulam por ela a fim de conhecer, outras para relembrar, tendo em vista que algumas dessas pessoas já estiveram no local em outros momentos. Conforme citado no capítulo anterior, em uma mesa encontra-se um livro de presenças e papéis em branco para que as pessoas possam escrever seus pedidos e/ou agradecimentos que são colocados nas duas portas do quarto da Beata em uma cesta. Geralmente os papéis ficam dobrados, não sendo possível ler o que está escrito, porém teve um dia que havia um bilhete aberto que consegui fotografar, cujo texto era “Obrigado Santa Lola por tudo e pela recuperação da cirurgia que foi muito boa. Obrigado”.

Essa troca de mensagens por escrito entre o fiel e à Candidata a Santa, ora para agradecer, ora para pedir, mostra a dinâmica dessa relação de devoção. Aqui destaco o conceito de “relação de devoção” proposto por Renata Menezes (2011a), que considera que essa relação vai além do pedir, receber e pagar promessa. É uma relação que se estabelece dando continuidade a outros sentimentos de afeto, confiança, respeito, amizade. No caso do bilhete, o devoto, além de agradecer o bom resultado na cirurgia que se submeteu, ele escreve “obrigado Santa Lola por tudo”, nessa frase percebo que há um vínculo de confiança estabelecido, envolvendo outras dimensões entre o devoto e a Serva.

Dando prosseguimento as minhas observações no sítio, na primeira sala da casa há uma caixa trancada com um cadeado onde se pode colocar doações em dinheiro que, de acordo com o padre, é destinado para a manutenção do sítio. Existem dois quartos com camas e armários e outro com um altar do Sagrado Coração de Jesus e o Santíssimo, onde as pessoas podem entrar para momentos de oração e reflexão. A casa, em construção de pau a pique, dentro das possibilidades, seus administradores tentam manter fiel aos tempos em que Lôla viveu por lá. A casa já passou por uma grande reforma. No último ano a reforma aconteceu na capela, na qual foi instalado um revestimento de gesso no teto do salão. Segundo o administrador do Recanto, à medida que a Arquidiocese autoriza, vai se construindo e reformando o que for necessário.

O cômodo da casa que possui o maior destaque é o quarto onde Lôla permaneceu por mais de sessenta anos. Sua casa, objetos pessoais, o altar, tudo que está nele para os devotos é importante, é sagrado. O responsável pela administração do sítio me confidenciou que apenas ele e uma mulher são quem tem permissão para entrar no

quarto que é protegido por duas portas de vidro temperado. A mulher tem permissão para entrar a fim de executar o serviço de limpeza do local.

As pessoas em geral chegam à porta do quarto e rezam. Já me deparei várias vezes com as pessoas se ajoelhando na porta, outras encostam a cabeça no vidro e ali ficam por instantes em oração. Alguns ficam observando em estado de contemplação e outros curiosos tentando assimilar e compreender o fato de uma mulher viver por tantos anos se alimentando apenas da hóstia, um fenômeno que para muitos é milagreiro. Essa atitude, por parte dos fiéis, de sacralização do sítio é peculiar de um processo social “[...] que leva os membros de uma religião a tratá-los como santuários – espaços de acesso privilegiado ao sagrado – e a eles peregrinarem” (MENEZES, 2004a, p. 17).

Do lado de fora da casa, além da capela há um lago com muitos patos. Entre a casa e a capela, mais precisamente na lateral da capela, na direção da janela do quarto de Lôla, há uma imagem do Sagrado Coração de Jesus exposta em uma espécie de oratório com estrutura de ferro e vidro. Esse também é um local onde as pessoas ficam em oração. Há relatos de que o oratório está localizado onde existia a jabuticabeira, entretanto, Rosa me afirmou que a jabuticabeira não ficava nesse lugar e que, inclusive ela esteve presente no dia em que decidiram arrancar totalmente as raízes da árvore. Ela relatou que muitas pessoas presenciaram e que várias delas levaram pedaços da árvore para a casa.

A visita ao sítio proporciona ao devoto muito além da representação real de Lôla, segundo Bozzini (2003) ela amplia a relação entre o fiel e a santo, e esse vínculo é estabelecido de diferentes maneiras por meio das orações e dos objetos sagrados. No dia 21 de janeiro de 2020, diante da porta do quarto de Lôla, uma senhora, que não quis conceder entrevista, me disse:

[...] a Lôla não precisa que nós rezemos para ela ou por ela, ela não precisa das nossas orações, porque ela é especial, ela já nasceu Santa. Nós é que precisamos das orações e da proteção dela. (Fiel de Lôla que não quis se identificar – conversa realizada em 21/01/2020).

Diante dessa fala noto o quanto é significativo para o seguidor estar ali no Recanto e participar dos ritos, contribuindo assim para o fortalecimento do seu vínculo devocional.

3.2.4 O cotidiano das celebrações no contexto da pandemia

Todas as vezes que estive no sítio ao longo desses doze meses, constatei a presença de vans e ônibus oriundos de diversas cidades, exceto o domingo 15 de março de 2020, quando o número de fiéis estava drasticamente reduzido e não tinha a presença de excursões. O motivo era a pandemia do COVID-19 que já havia proporcionado mudanças nos hábitos dos brasileiros. E a partir desse dia, o Recanto ficou fechado para visitação, por tempo indeterminado.

A sindemia de COVID-19 acarretou sérias consequências em nível mundial, tanto no âmbito econômico, quanto social, da saúde pública como também no campo religioso, com a suspensão de missas e cultos presenciais, atendendo à necessidade de se praticar o distanciamento social, uma das medidas importantes de combate ao vírus. Há muitos especialistas que abordam a pandemia sob diferentes aspectos, todavia não é o meu objetivo discuti-los aqui, porém, o texto de Ribeiro e Abijaudi (2020) “Espiritualidade em Tempos de Pandemia” e o de Teixeira (2020) “A dimensão espiritual da crise do coronavírus”, ambos me trouxeram reflexões para o enfrentamento das dificuldades que surgiram para a minha pesquisa.

Os prejuízos da pandemia no país foram inúmeros, não sendo possível elencá-los nessa dissertação, entretanto, quero destacar que ter que deixar de dar continuidade às visitas ao sítio me trouxe um sentimento de frustração, pois o contato físico com os devotos, as conversas, cada gesto, cada detalhe presente, durante as minhas observações, enriquecia e ampliava o meu olhar para os estudos da devoção.

Diante da situação pandêmica, precisei readequar o que havia planejado em relação às entrevistas, passando a realizá-las por telefone, WhatsApp, chamadas de vídeo, enfim, explorei as ferramentas tecnológicas da melhor maneira possível, sempre me preocupando em deixar o participante mais confortável possível para as conversas. Todavia, muitas foram as recusas, pois alguns dos fiéis não se sentiram à vontade em conceder uma entrevista de forma remota.

Além das adequações que fiz para as entrevistas, não pude participar de alguns eventos que estavam agendados e que foram cancelados. Em maio seria realizado um grande leilão de gado. Os animais seriam doados por diversos devotos e o dinheiro arrecadado seria para cobrir despesas do Recanto e para custear parte do processo de beatificação. Outros dois eventos importantes aconteceriam entre os meses de junho e julho, a festa do Apostolado da Oração e a festa do Sagrado Coração de Jesus, respectivamente. As comemorações do Apostolado, segundo os administradores do Recanto, geralmente conseguem reunir cerca de cinco mil fiéis. Participar desses três

acontecimentos de grande importância para a comunidade de devotos traria para minha pesquisa subsídios relevantes que poderiam corroborar ainda mais para a análise da materialidade religiosa que constitui a santidade de Lôla. Apesar da multiplicidade e dos aspectos diferentes entre esses eventos, noto que todos eles têm como eixo principal a devoção à Católica de Rio Pomba.

Com o fechamento temporário do sítio, para evitar a propagação do vírus, as missas passaram a ser transmitidas por meios de comunicação como Facebook e rádio local. Na manhã de 03 de abril de 2020, primeira sexta-feira do mês, foi um dia atípico, muito diferente dos vividos anteriormente pelos seguidores de Lôla. O padre responsável pela administração do sítio publicou no perfil do Facebook da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, um vídeo gravado no Recanto⁸⁵, no qual reforçava aos seus fiéis, a necessidade de reflexão e oração juntos de suas famílias, em suas respectivas casas, diante da pandemia.

Na oportunidade ele convidou a todos a assistirem a transmissão da missa pelas redes sociais, o que ocorreu às 19 horas através do referido perfil. No final da celebração foi proferida a Novena Eficaz do Sagrado Coração de Jesus e a Oração pela Beatificação de Floripes Dornelas de Jesus como sempre ocorre. Aproximadamente 110 pessoas estiveram online à missa. O vídeo da celebração⁸⁶ teve 35 compartilhamentos, 186 curtidas, 2.300 visualizações e 155 comentários que aqui destaco alguns.

Esclareço que os nomes estão citados tendo como base as iniciais dos nomes e sobrenomes, pois apesar de estarem públicos no Facebook da paróquia, são pessoas que não tive contato para entrevista.

M.G.: “Abençõe nossa cidade Rio Pomba MG e nos proteja com o seu sangue sagrado. Lôla esteja sempre conosco neste momento de tribulações. Interceda junto a Deus por nossas necessidades espirituais e temporais”.

E.M.C.G.C.: “Deus te abençoe Padre Emerson!!! Que o SCJ e N S Rosário intercedam a Deus por todos nós. Vamos pedir também pela beatificação da Lôla. Que Deus abençoe a nossa cidade e o mundo inteiro”.

E.C.: “Sagrado Coração de Jesus e da Lôla protegei-nos dessa pandemia”

⁸⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=271652457166039>. Acesso em: 03 abr. 2020.

⁸⁶ Disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?v=151937626160177&ref=watch_permalink. Acesso em: 03 abr. 2020.

No dia 09 de abril de 2020, quando se celebraria vinte e um anos da morte de Lôla, também não houve missa no Recanto como habitualmente acontece. A missa foi celebrada na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, transmitida também pelo Facebook⁸⁷ e pela rádio Sensação FM⁸⁸. Como coincidiu com a quinta-feira da Semana Santa, na qual as celebrações são específicas nesse período, o padre só se referiu à Serva no fim da cerimônia e não rezou a oração pela beatificação como geralmente é feito. O sacerdote pediu a intervenção da Católica de Rio Pomba para esse momento tão importante que a humanidade está passando.

No “Dia da Lôla” em Rio Pomba é de praxe que ocorra uma maior movimentação no Recanto e no Cemitério Municipal. As pessoas vão até o túmulo da Beata para rezar, acender velas e levar bilhetes com pedidos, orações e agradecimentos. Com a pandemia, além do Recanto, o Cemitério também foi fechado. Todavia, alguns dos fiéis da Serva demonstraram sua fé por meio de mensagens deixadas no Facebook da paróquia na hora da missa online, ratificando assim o respeito e devoção por ela.

O link teve 30 compartilhamentos, 1.700 visualizações, 194 curtidas e 259 comentários os quais destaco alguns a fim de ilustrar o ocorrido.

M.V.: “Amém! Que a serva de Deus Lola, interceda por todos nós juntos a Deus!”

M.F.: “Que a serva de Deus Lola interceda a Deus pela cura deste vírus que está acabando com a humanidade”

M.H.: “Rogai por nós minha santinha nos livra de todas estas doenças que está se espalhando pelo mundo amém”

M.T.: “Intercedei pelo planeta terra”

E.C.: “Intercedei por nós que recorreremos à Vós”

C.B.: “N. S. do Rosário e nossa serva de Deus Lola rogai por nós e pelo mundo inteiro amém”

M.C.Q.: “Minha mãe passou a vida nos contando a história dessa santa. Meus pais e seus familiares são descendentes de Rio Pomba, e sou Pombense de coração”

A.A.: “Que a Lola chegue ao altar dos santos para termos a satisfação de dizer: ‘eu fiz parte dos fiéis que intercederam por ela’. Amém Jesus e nos conceda esta graça”

N.M.G.: “Que a Lola possa interceder junto a Jesus mandando benção para o mundo, nos libertando desse vírus e livrando dessa reclusão a domiciliar, lhe peço senhor olhai por nós!!! Amém”

R.G.C.: “Lola interceda a Jesus por nós, tenho muita devoção a Lola, rezo por ela todos os dias, serva de Deus”

⁸⁷ Disponível em:

https://www.facebook.com/watch/live/?v=1179788472364097&ref=watch_permalink. Acesso em: 09 abr. 2020.

⁸⁸ Rádio da cidade de Rio Pomba – MG.

R.M.C.: “Primo você acredita que mostrei essa foto para o papai ele se lembra dela até hoje! Falou pra mim que nas vésperas do casamento dele ajoelhou nos pés dela e que ela disse para ele que ele que ele ia ser muito feliz no casamento e de fato ele disse que foi até o dia que mamãe virou uma estrela até fiquei emocionada ele contando história sobre a Lola”.

Nos comentários apresentados, tanto no dia 03 de abril, quanto no dia 09, observei a demonstração de fé e confiança que os seguidores têm pela Beata. Para eles Lôla tem a capacidade de pleitear diretamente a Deus proteção e auxílio para todas as necessidades existentes, sejam elas de qualquer natureza. Características relevantes presentes nos santos

[...] a relação de devoção, em que uma pessoa ao entregar-se a um santo que é seu protetor constrói-se como devoto enquanto simultaneamente atribui a seu sujeito de louvor a capacidade de ser portador ou “emanador” de santidade. (MENEZES, 2011a, p. 23).

De acordo com o conceito amplo de mídia e mediação discutido por Meyer (2019), a autora declara que esse conceito abarca mecanismos modernos como rádio, cinema, fotografia, televisão, internet, celulares, dentre outros. Tomando como base essa conceituação, considero que as missas nas redes sociais durante a pandemia, substituindo as presenciais torna-se também materialidade, reconfigurando a relação entre as pessoas, os objetos e Deus.

Conforme as discussões apresentadas nesse capítulo, percebi que a atribuição de sacralidade por parte dos devotos no que se refere às narrativas, à casa, ao sítio, ao oratório, à fonte de água e tudo que fez parte da vida da Serva são elementos que constituem um processo social, sendo essa configuração religiosa construída com agentes, redes e objetos, configurando uma materialidade religiosa palpável, concreta, que afeta os sentidos e por estes é afetada e incorporada no dia a dia dos fiéis.

No próximo capítulo estabelecerei um diálogo entre a pesquisa de campo e alguns dos autores abordados sobre a materialidade do sagrado e antropologia da devoção, dando ênfase aos objetos sagrados e relíquias dos devotos participantes da pesquisa.

4 OBJETOS SAGRADOS E OS DEVOTOS DE LÔLA

As narrativas apresentadas nos capítulos anteriores, as dos devotos participantes e aquelas que envolvem a minha família, se misturam na trajetória desta pesquisa, pois eu sou parte dessas histórias, sobretudo, à medida que fui estabelecendo relações com os entrevistados. Neste capítulo trato dos objetos sagrados dos seguidores da Santa de Rio Pomba e, durante a realização do trabalho de campo, observei que, cada vez que um devoto narra sobre um objeto sagrado, muitas vezes está falando sobre a sua própria vida.

Durante a pesquisa procurei olhar para esses objetos de forma a enxergá-los não em sua funcionalidade e/ou utilidade, mas como mediadores, como componente social, pois eles não existem isolados do ser humano, eles têm papel relevante e são agentes na relação entre os homens e entre o devoto e a Santa. Busquei compreender o valor e o sentido que tem para cada uma dessas pessoas, e como eles contribuem para a construção da santidade popular de Floripes Dornelas de Jesus.

Nesse capítulo estabeleci categorias dos objetos sagrados que me foram apresentados durante o processo da pesquisa, mais especificamente, quando entrevistei as pessoas envolvidas com Lôla, ou melhor, com sua santidade e sacralidade. Primeiramente dividi os objetos em: os produzidos antes e após a morte da Beata. Em seguida, classifiquei os objetos quanto ao seu uso e por último quanto às características que cada devoto atribui a eles. Instituir essas categorias se torna relevante com intuito de corroborar com as discussões propostas na pesquisa.

4.1 UM OLHAR PARA A DEVOÇÃO A PARTIR DA MATERIALIDADE DO SAGRADO

Abordar a devoção trazendo à luz os estudos sobre materialidade do sagrado com os seus objetos, relíquias, novenas, procissões, terços, amplia o entendimento acerca de toda uma configuração religiosa que é construída com agentes, redes e objetos, constituindo uma materialidade religiosa palpável que afeta os sentidos e por estes é afetada e incorporada no dia a dia dos fiéis. Além disso, aponta elementos que mostram que a religião influencia na construção de mundo das pessoas.

Embora as religiões tenham a palavra e o verbo como aspectos principais, os objetos ocupam também o seu lugar de importância, pois permeiam de alguma forma as

religiões, sendo assim relevantes os estudos sobre a materialidade do sagrado. Os objetos se tornam a concretização da experiência religiosa/espiritual e em muitos momentos sobrepõe à palavra. Faz-se necessário ressaltar que materializar os estudos das religiões não é buscar entender ou muito menos explicar como as religiões são expressas na forma material e sim, como elas acontecem materialmente. Meyer (2019) considera que, para o estudo material das religiões, deve haver o pressuposto de que as coisas, com os seus valores, ações e uso não são algo que se acrescenta às religiões, mas sim algo delas indissociáveis. Os objetos têm sua agência e não são meros instrumentos.

No caso da devoção à Lôla, os objetos fazem parte da construção de sua santidade sobrepondo ao discurso, fato que pude perceber durante a pesquisa, tendo em vista que os participantes das entrevistas fazem questão de relatar que possuem objetos que tem relação com a Beata, seja adquirido diretamente dela ou das mãos de terceiros. Para os seus seguidores, acreditar e ter fé nela vai muito além de um processo mental e abstrato, pois a devoção é algo que é sentido, vivido e experimentado diariamente no corpo, através dele e nos objetos (SOUZA, 2019).

Durante a pesquisa, ao analisar a materialidade do sagrado a partir dos objetos dos devotos, pude abarcar importantes elementos que permeiam as relações entre Santa Lôla e seus seguidores. Considero que tal análise é significativa dando aporte para perceber que tais objetos, como já elencado, tornam a Católica de Rio Pomba presente, de alguma maneira, na vida de seus fiéis. O trabalho de campo, quase etnográfico, que desenvolvi, possibilitou ampliar as interpretações das relações entre santo e devoto. Autores como Brandão (1980), Jurkevics (2004), Menezes (2004a e 2005), Mello e Santos (2015), dentre outros, apontam que essa relação é construída, por meio de orações, novenas e objetos sagrados, se constituindo como expressões que demonstram a dinâmica dessa relação, compondo assim a religiosidade popular presente no Brasil.

Segundo Lévi-Strauss (2008), os objetos exercem funções simbólicas e sociais. Os homens se comunicam através de símbolos e signos o que, para a antropologia, é um diálogo que se estabelece entre o homem com o homem. Sobre essa relação, possuir um objeto que seja considerado sagrado e que tenha um poder de cura, pode ser uma maneira do fiel fortalecer a sua ligação com a Serva, se sentindo íntimo dela, pois

[...] para os membros da religião, os “símbolos” podem ser manifestações ou resultados ou vestígios de realidades ou acontecimentos espirituais, ou então canais através dos quais os seres ou forças atuam. (ELLER, 2018. p. 110).

Entretanto, os objetos não participam apenas como agentes na relação entre as pessoas, ou entre um santo e seu devoto, eles também são responsáveis pela construção de nós mesmos, ou seja, as coisas/objetos podem prover vestígios sobre nós. A partir do momento em que olho para os aspectos materiais da religião, constato o quanto a religião forma os sujeitos e os grupos (SOUZA, 2019).

No próximo item apresento categorias que estabeleci como resultado das análises das entrevistas. Tais categorias são relevantes para entender a relação que se constitui entre os devotos e a Santa Lôla, como também para compreender as funções simbólicas e sociais dos objetos e os significados e sentidos atribuídos a eles tornando-os sagrados.

4.2 CATEGORIAS DOS OBJETOS SAGRADOS

Os objetos aqui apresentados fazem parte de uma rede de outros inúmeros que tenho conhecimento da existência, todavia se torna inviável trazer todos para uma dissertação, pois não comportaria tamanha extensão do assunto. Tais objetos não são quaisquer coisas, eles se transformam em algo que tem significado, simbologias, carregam histórias de vida. Quando um objeto passa a ser sagrado para alguém, o objeto traduz a manifestação da fé da pessoa, ele supõe essa fé e a alimenta “sem a fé o sacramento não fala nada e de nada” (BOFF, 1975, p. 74).

No quadro abaixo dividi os objetos em duas principais categorias sendo aqueles que foram produzidos ainda em vida e os produzidos após a morte da Beata. As categorias foram subdivididas conforme consta no quadro.

Quadro 02 – Objetos durante Vida de Lôla

Objetos Produzidos Ainda Em Vida	Descrição Dos Objetos e Devoto (A)
1) Objetos presenteados a amigos, afilhados e/ou devotos.	a) Boneca de Louça Objeto dado à Débora b) Camisa de tecido bordada Objeto dado à Leda c) Imagem do Sagrado Coração de Jesus Objetos dados a Francisco, Luciana e Marcos d) Óleo Bento; Objeto dado à Luciana e) Anel Objetos dados à Luciana, Rosa e Raquel f) Santinhos Objetos dados à Rosa, Laura e Marcos

	<ul style="list-style-type: none"> g) Cartas e bilhetes Objetos dados à Rosa h) Livros “A Grande Promessa” e “Amor, Paz e Alegria” Objetos dados à Laura e Clara
2) Objetos confeccionados e presenteados a amigos, afilhados e/ou devotos.	<ul style="list-style-type: none"> a) Fita do Apostolado da Oração Objetos dados à Francisco e Marcos b) Pombinha de papel Objeto dado à Clara
3) Objetos confeccionados e presenteados por terceiros.	<ul style="list-style-type: none"> a) Relicário, objeto que a devota Aparecida deu de presente à Débora e Paulo

Fonte: Pesquisa Pessoal, 2020.

Dos objetos produzidos em vida, subdividi em três categorias sendo 1) objetos presenteados por Lôla a amigos, afilhados e/ou devotos; 2) objetos confeccionados por Lôla e presenteados a amigos, afilhados e/ou devotos; 3) objetos confeccionados por Lôla e presenteados por terceiros. Das subcategorias 1 e 2 apenas a boneca de louça e a camisa de tecido bordada não eram objetos comuns de serem presenteados pela Serva, os demais faziam parte de seu cotidiano, ou seja, ela os dava de presente com frequência a diversas pessoas. No que diz respeito à subcategoria 3 encontrei durante a pesquisa apenas o relicário.

Quadro 03 – Objetos em pós-morte Lôla

Objetos Produzidos Após Sua Morte	Descrição Dos Objetos E Devoto (A)
1) Objetos pertencentes que foram adquiridos por seus devotos após sua morte	<ul style="list-style-type: none"> a) Toalha de mão Leda b) Manga de uma camisa rosa
2) Objetos pertencentes que foram adquiridos após sua morte e presenteados por terceiros	<ul style="list-style-type: none"> a) Pedaco da manga de uma camisa Rosa deu um pedaco da manga de presente à Laura e Clara b) Terço Maria ganhou de presente de uma amiga c) Óleo bento Rosa deu de presente para Raquel e Laura
3) Objetos produzidos após a morte como forma de incentivo a sua devoção	<ul style="list-style-type: none"> a) Santinhos Débora e Paulo b) Livros Francisco dá livros de presentes às pessoas, assim como Lôla fazia. c) Canecas

	<p>São produzidas e vendidas pela paróquia que administra o sítio. Luciana sempre compra e dá de presente para as pessoas, inclusive me deu uma no dia da entrevista.</p> <p>d) Imagem do Sagrado Coração de Jesus Maria dá de presente para as pessoas doentes de sua corrente de oração.</p> <p>e) Fitas do Apostolado da Oração Maria</p> <p>f) Óleo Bento Luciana</p>
--	---

Fonte: Pesquisa Pessoa, 2020.

Em relação aos objetos produzidos após a morte da Beata, subdividi também em três categorias sendo 1) Objetos que pertenciam à Lôla e que foram adquiridos por seus devotos após sua morte; 2) Objetos que pertenciam à Lôla, que foram adquiridos após sua morte e presenteados por terceiros; 3) Objetos produzidos após a morte de Lôla como forma de incentivo a sua devoção.

Contudo, se faz necessário destacar o óleo bento, pois este objeto transita nas duas categorias antes e após a morte da Serva. Como elencado no segundo capítulo, Luciana, na década de 80, ganhou de presente de Lôla, um pequeno vidro com óleo e desde então ela usa diariamente para se proteger. A seguidora também fornece uma porção do líquido diluída em outro azeite para diversas pessoas e assim considera estar contribuindo para a devoção.

Foto 7: Óleo de uso pessoal da devota Luciana.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 8: Óleo que a devota Luciana compartilha com outras pessoas.



Fonte: compilação da autora (2020).

Outros objetos que circulam nas duas principais categorias são Imagem do Coração de Jesus, Santinhos, Livros e Fitas do Apostolado da Oração que são produzidos como forma de incentivo à devoção. A Paróquia Nossa Senhora do Rosário, que administra os bens da Beata e os devotos Francisco e Maria, são agentes que habitualmente distribuem materiais que compõe a subcategoria 3, ampliando assim o campo devocional de Floripes Dornelas de Jesus. Algranti (2011) aponta que as instituições religiosas são formadas e mantidas por meio de uma cultura material, ou seja,

[...] a partir de un universo más o menos estable de objetos de consumo y referencia producidos, en un principio, por las iglesias o por extensiones de ellas y luego adoptado también por otros agentes laicos (ALGRANTI, 2011, p. 88).

Quadro 4 – Classificação dos objetos quanto ao uso

Objetos	Uso individual	Uso compartilhado
Boneca de Louça	X	
Camisa de tecido bordada	X	
Imagem do Sagrado Coração de Jesus	X	X
Óleo Bento	X	X
Anel	X	
Santinhos	X	X
Cartas e bilhetes	X	
Livros “A Grande Promessa” e “Amor, Paz e	X	X

Alegria”		
Fita Apostolado da Oração	X	
Pombinha de Papel	X	
Relicário	X	X
Toalha de mão	X	X
Manga de uma camisa	X	X
Pedaço Manga de uma camisa	X	X
Terço	X	
Canecas	X	X

Fonte: Pesquisa Pessoal, 2020.

Quando questionei aos fiéis como ocorre a utilização dos objetos, a Boneca de Louça, Camisa de Tecido Bordada, Anel, Cartas e Bilhetes, Fita do Apostolado da Oração, Pombinha de Papel e o Terço é que foram citados como objetos usados apenas individualmente, os demais às vezes operam de forma individual e em outros momentos são compartilhados. Alguns são usados diariamente, outros em ocasiões especiais quando o devoto sente necessidade de proteção e cura, por exemplo.

É importante salientar que utilizei do recurso de categorização dos objetos, não para esvaziá-los de significados e sim para problematizá-los, possibilitando ampliar minha percepção em relação a eles. Constituir categorias me fez constatar a rede que os objetos promovem na comunidade religiosa, entre os fiéis, na relação existente entre santo e devoto, enfim, são objetos que carregam histórias, memórias, conexões reais e, segundo Mauss (2003) sobre a dádiva, ele considera que as coisas que são presenteadas não são “coisas indiferentes”, elas possuem nome, personalidade e um passado e foi o que constatei em relação aos objetos que os seguidores de Lôla elegem como sagrados.

4.3 NARRATIVAS EM TORNO DOS OBJETOS SAGRADOS

Cada contato que realizava para as entrevistas era permeado de histórias. Aquelas pessoas que se dispuseram a colaborar me deram uma grande abertura para as conversas e, algumas delas consideravam que essa pesquisa poderia de alguma forma contribuir para o processo de beatificação. Nas conversas iniciais, quando falava sobre do se tratava a pesquisa, explicava que, a fim de evitar riscos aos participantes terem suas identidades expostas, adotaria como medida de precaução e proteção, nomes fictícios, o que foi acatado por todos, exceto por uma das entrevistadas que externou o desejo que seu nome verdadeiro fosse revelado.

E eu quero te falar que eu quero que você fale o meu nome. Não precisa, eu não sei como que é, mas assim, você pode falar o meu nome, além de eu assinar o consentimento. Mas você não precisa inventar outro nome, fale o meu nome. E eu não sei como que é direito o seu trabalho aí, mas quando você vier para assinar esse papel aí e você quiser fazer alguma filmagem minha, faça, porque eu quero que todo mundo fique sabendo mesmo. Não tem nada para esconder, porque a gente não pode esconder graça, milagre, nada. Isso tudo prova que a Lôla é uma Santa. Então eu quero fazer o mais transparente possível. A não ser assim, que seja normas da faculdade, que você faz o seu trabalho, mas se não for norma, você pode falar tudo (Relato de Maria, 12/07/2020).

Diante do ocorrido, expliquei como funciona os trâmites da Universidade Federal de Juiz de Fora e que o meu trabalho seguia normas do Comitê de Ética e ela compreendeu. Permiti que ela escolhesse o seu próprio nome fictício e então foi escolhido um nome que tinha um significado importante na sua vida. As entrevistas foram sempre marcadas por muita emoção. Segundo Souza (2019), a aproximação/participação do (a) pesquisador (a) na observação dos aspectos materiais faz a diferença e, portanto, ao escutar as histórias e cada objeto que me foi apresentado, lancei o meu olhar para dentro, buscando compreender o valor e o sentido dessa materialidade constituinte da santidade de Lôla.

Percebi que os objetos, à medida que eles participam da vida do devoto, eles se transformam e passam a fazer parte do seu cotidiano, como o caso de Clara que leva todos os dias em sua bolsa o livro *A Grande Promessa*, um santinho, a pombinha de papel com mensagem e um pedaço de tecido de uma roupa da Serva. A seguidora considera que os objetos a protegem. Clara também narrou um episódio no qual o pai de uma pessoa próxima estava com câncer, que ela então deu um pedaço do tecido da roupa de Lôla para a amiga e a orientou a colocá-lo todos os dias no corpo de seu progenitor e rezar a novena do Coração de Jesus. A amiga então acatou as orientações e Clara afirma que o rapaz se curou da enfermidade.

Já Maria, sempre porta um terço. A devota se refere ao objeto como sendo sagrado, pois é com ele que ela inicia a sua corrente de orações para os doentes e complementa “esse terço, mesmo que não tenha sido dado pela Lôla, ele faz parte dessa relação que tenho com ela. Esse terço foi uma amiga que me deu e eu pedi que fosse passado na cama da Lôla” (Relato de Maria, 12/07/2020). Para Oliveira (2009), o terço “é percebido como objeto do qual emana certo tipo de força, um poder especial que ultrapassa sua dimensão utilitária” (OLIVEIRA, 2009, p. 95). Quando a fiel destaca que

solicitou que o objeto fosse passado na cama da Beata, me deparo com uma materialidade religiosa ainda mais concreta que aponta para a “necessidade de prestar atenção urgente a um mundo de objetos real e material e a uma textura de experiência vivida e corporificada” (MEYER, 2019, p. 88).

Maria coordena uma corrente de orações para os enfermos. Ela narra que muitos desses doentes teriam sido curados por intercessão de Lôla e que ela os presenteia com um terço e imagem do Coração de Jesus, assim como a Beata fazia em vida. A conduta que Maria assume, de seguir o exemplo da Serva, distribuindo materiais devocionais, diz muito sobre a relação que a seguidora estabelece com a Santa, nas palavras de Menezes (2004a), “uma dinâmica que liga as pessoas, coisas e santos” (MENEZES, 2004a, p. 10).

Questionei a Maria se ela mesma é quem custeia ou se recebe ajuda de outras pessoas para a aquisição das imagens de gesso, terços e flores artificiais. Ela me relatou que recebe auxílio financeiro de outros devotos, sejam eles participantes de sua corrente de oração ou não. A fiel esclarece que as flores dadas junto a imagem e terço, só são artificiais quando a pessoa que vai receber não reside em Rio Pomba. No caso de ser morador da cidade ela utiliza flores naturais, principalmente rosas que tem em seu jardim. Segundo o seu relato, as roseiras que tem em casa, foram plantadas há muitos anos por seu pai, hoje falecido, como agradecimento dele à Serva por ter tido a cura de um câncer.

É de praxe Maria ter várias imagens em casa para doação. A seguidora me explicou que quando obtém uma nova remessa de objetos, ela leva, aos poucos, para o padre benzer. Ela relata que, sempre que necessário, sai caminhando sob o sol escaldante para levar objetos para serem abençoados pelo sacerdote. Com a situação da pandemia do COVID-19, Maria encontrou dificuldades para conseguir que um dos párocos locais benzesse os objetos.

Todavia, ela obteve contato com o Padre Paulo Dionê⁸⁹ que se prontificou a realizar a benção das imagens e terços via chamada de vídeo. É notório que esse tipo de ação litúrgica através dos meios de comunicação já acontece há muitos anos (por exemplo, as missas televisivas), e, com a pandemia, foi intensificada, portanto, “o ‘lugar’ de encontro muda de acordo com as pessoas e os tempos e hoje ganha novos sentidos e desdobramentos no ambiente digital” (SBARDELOTTO, 2020).

⁸⁹Conforme citado nos capítulos anteriores, Padre Paulo foi orientador espiritual de Lôla nos últimos anos de vida e por esse motivo é tido pelos devotos da Santa como uma pessoa especial.

É importante ressaltar que a Serva não podia se deslocar, então ela utilizava do mecanismo de divulgação (livros, santinhos, terços, imagens, fitas, etc.) como forma de ser mensageira da palavra de Deus e é dessa forma que a seguidora Maria se considera, como divulgadora do Coração de Jesus, e declara

Enquanto eu estiver viva eu vou continuar a missão da Lôla. Eu tenho os meus pecados e minhas falhas, mas eu tenho muito amor a Jesus e a Lôla. Porque a Lôla é tudo pra mim e Jesus é tudo pra mim. E a Lôla fez Jesus o tudo na minha vida. (Relato de Maria, 12/07/2020).

No que se refere aos materiais devocionais distribuídos por Floripes e atualmente por alguns de seus devotos, Pereira (2011) chama atenção para os objetos, explicando que eles “tem a função de agrupar as pessoas ao seu redor, reproduzindo o referido grupo social, comunidade ou mesmo a sociedade local, tendo em vista que ele está intrinsecamente associado à mesma” (PEREIRA, 2011, p. 119) e assim vai se formando a rede de devoção a Santa Lôla com ou sem reconhecimento oficial da Igreja.

Rosa, que foi amiga e comadre de Lôla durante muitos anos, deixa transparecer a alegria e confiança que tem pela Beata no momento da nossa conversa. Todo esse sentimento narrado ratifiquei quando ela me mostrou uma pasta na qual guarda vários santinhos e bilhetes que recebeu da Católica de Rio Pomba e recortes de jornal que fala da morte da Serva. Ela me mostrou ainda um anel que ganhou de presente de sua comadre e garante que não tira do dedo em nenhum momento. Outro objeto que ela possui é uma manga de uma roupa que pertencia à Lôla que ela usa todos os dias “a manga é muito importante pra mim. Eu nem sei explicar, é uma virtude que tem naquela roupa” (Relato de Rosa, 04/08/2020).

Raquel e Laura, filhas de Rosa, assim como a mãe, são devotas de Lôla e possuem objetos que para elas são sagrados. Raquel tem um anel igual ao de sua matriarca e diz ter muita fé no anel. Ela relata que faz uso do óleo bento sempre que sente alguma dor. Além disso, ela possui um livro e imagem do Coração de Jesus, ambos com dedicatórias da Beata. Laura, também tem Imagem do Coração de Jesus, óleo bento, livro, santinhos e um pedaço da Manga que sua mãe lhe deu e que já doou um pedaço para um dos seus filhos. As irmãs afirmam que todos os objetos são sinais de presença e proteção permanentes. Todavia, para os objetos se tornarem sagrados, eles “não podem ser somente ‘coisas deixadas para trás’ pelos santos” (OLIVEIRA, 2009, p. 100), é necessário que eles também demonstrem sua eficácia.

Como constatado, a partir das observações e, de acordo com os relatos dos fiéis, os objetos que me foram apresentados, exercem inúmeras mediações e são conferidos a eles poderes de cura, proteção, garantia da presença da Santa, dentre outras atribuições que cada participante relata sobre o objeto que possui e que considera especial e sagrado. No quadro 5, elenco as características concedidas pelos participantes da pesquisa a cada objeto, tomando como base respostas dadas referentes a uma das perguntas realizadas.

Quadro 5 – Perguntas e objetos

Pergunta: Você possui algum objeto que considera sagrado e que tem relação com a Lôla? Qual o significado dele para você?
Características citadas pelos participantes nas entrevistas
Objetos sagrados que promovem cura
Objetos sagrados que promovem proteção
Objetos sagrados por terem sido dados de presente pela Serva
Objetos sagrados por terem sido confeccionados por Lôla
Objeto sagrado porque pertencia à Lôla
Objetos sagrados que fazem parte de uma relação de devoção e amizade
Objetos sagrados por terem sido abençoados por Lôla
Objetos sagrados porque a Beata incentivava o uso
Objetos sagrados como forma de contribuir para a devoção à Serva e ao Coração de Jesus
Objetos sagrados porque possuem virtudes
Objetos sagrados que ratificam a presença da Beata

Fonte: Pesquisa Pessoal, 2020

Embora no quadro estejam apenas algumas, das inúmeras características que poderão ser atribuídas pelos nativos a cada objeto, constato que esses objetos, como explicado por Meyer (2019), são a religião expressa em sua forma material e dela são inerentes. Tais objetos não são simples coisas, eles agem, eles têm vida, são intrínsecos no cotidiano religioso. Outro argumento que apresento, a partir do conceito elaborado por Meyer (2019), é que o valor conferido aos objetos, por parte dos fiéis e a forma como são usados promove a possibilidade de experimentação do divino por meio dessa materialidade religiosa.

Dando continuidade às narrativas em torno dos objetos, apresento agora as de Débora e Paulo. Casados há mais de trinta anos, foram os primeiros entrevistados e trouxeram para a conversa dois objetos e junto deles muitas histórias. A primeira delas envolve Débora, ainda na infância, quando teve uma inflamação severa no ouvido e que seria necessária uma intervenção médica. Ela narrou que na véspera do procedimento, seu pai esteve com a Católica de Rio Pomba e lhe contou o que estava acontecendo. A Beata orientou que levasse um pouco de óleo bento e que colocasse apenas uma gota no ouvido de sua filha. Débora relatou que, na manhã seguinte, ela não tinha mais nada, mesmo assim seus pais a levaram ao médico que não entendeu e não soube explicar o que ocorrera. Entretanto, os seus progenitores foram categóricos e disseram ao médico que a menina havia sido curada por meio de orações, com aplicação local de um óleo bento. Para eles, Lôla foi a responsável pelo o que consideraram um milagre.

Isto posto, analisando o comportamento dos pais de Débora, me deparo com elementos marcantes da religiosidade popular, tendo em vista que na relação santo e devoto, seja ela qual for, ela está diretamente ligada a uma crença. O fiel acredita no santo, espera ser ouvido por ele, aguarda o resultado e, muitas vezes, espera ainda que um milagre aconteça. Porém, é importante salientar que de acordo com Menezes (2004a), a santidade se define a partir de uma “articulação tensionada”, entre as dimensões taumatúrgica, mediadora e exemplar, ou seja, não é só milagre que a legitima.

Seguindo com as narrativas de Débora, agora sobre a pequena boneca de louça e na sequência sobre o relicário. Ela contou que quando criança ia à casa de Floripes com os seus pais e sempre brincava com uma boneca que pertencia à Serva. Durante uma dessas visitas, a Católica de Rio Pomba lhe deu o brinquedo de presente. Como é um objeto muito frágil, Débora a deixa em uma cristaleira enfeitando e protegendo a casa, assim como uma imagem do Coração de Jesus que seu esposo ganhou de um amigo que trabalhou no Sítio Recanto da Lôla.

Foto 9: boneca de louça da devota Débora.



Fonte: compilação da autora (2020).

No que diz respeito ao relicário, a devota e seu esposo Paulo afirmam que ganharam, há aproximadamente dezesseis anos, de uma amiga de Mercês-MG. Foi na ocasião em que Paulo teve um grave problema cardíaco, sendo submetido à cirurgia e um longo período de internação em Unidade de Tratamento Intensivo – UTI. Os dois participantes na entrevista se emocionaram lembrando momentos difíceis que, para eles, só foram superados pela intercessão de Santa Lôla. O pequeno relicário, guardado com muito cuidado em uma caixinha, foi confeccionado pela Beata e dado de presente a uma menina, há anos, que se encontrava enferma e, de acordo com o relato de Débora, a criança foi curada⁹⁰.

Esse relicário, usado pela criança enferma e depois por Paulo em sua doença, foi enviado no ano de 2018 para São Paulo, pois o sobrinho neto dos entrevistados, recém-nascido, manifestou um problema cardíaco e teve que ser submetido a um rigoroso tratamento. O relicário foi usado, assim como anteriormente, durante o período de internação. Para o casal, o relicário, feito pelas mãos de Lôla, tem um poder de cura e proteção. Eles fazem questão de dizer que todos os objetos que eles possuem: a boneca, a imagem do Coração de Jesus e o relicário, são santos e ocupam a mesma importância na vida deles.

⁹⁰ Débora não soube dizer o ano que o relicário foi feito, porém garantiu que a criança que foi curada por ele, hoje já é adulta e se tornou mãe.

Muito importante. A boneca quanto o relicário, os dois são objetos santos. O relicário era da minha amiga de Mercês e ela deu pra gente, para o Paulo. Porque foi feito pelas mãos da Lôla. E aí eu fico imaginando, o que será que tem aqui dentro e aí passa um monte de coisa na cabeça da gente. Mesma coisa é a bonequinha, eu vejo a bonequinha, a boneca é santa, porque passou nas mãos dela e ela deu de coração pra mim. Nós temos o Coração de Jesus que ele ganhou no dia que ele chegou em casa do hospital. Que pra gente, ninguém põe a mão, fica na nossa sala de jantar. Tem a mesma importância que a boneca e o relicário, mas não foi a Lôla que deu de presente, mas tem a mesma importância. Quem deu de presente foi um amigo do Paulo, que trabalhava lá no sítio da Lôla (Relato de Débora, 15/08/2020).

O relicário, igual no caso, precisou, eu vejo que é um caso, a gente manda logo, porque a gente quer que seja divulgada as bênçãos dela. E a gente quer compartilhar. No caso a gente compartilhou com o meu sobrinho neto. Quando a gente fica precisando, de casos em que as pessoas têm fé, a gente manda o relicário. Antes não tinha emprestado pra ninguém, essa foi a primeira vez, com o meu sobrinho. Mas veio de uma outra pessoa que compartilhou com a gente. Então foi a primeira vez que a gente compartilhou esse relicário, a gente nunca tinha compartilhado não. Ele veio de uma outra casa pra gente. Se houver um outro caso, a gente compartilha. O que a gente quer é divulgar mesmo e, assim, que outras pessoas recebam as bênçãos do jeito que a gente recebeu. (Relato de Débora, 15/08/2020).

Foto 10: relicário dos devotos Paulo e Débora



Fonte: compilação da autora (2020).

Quero aqui destacar a trajetória do relicário quando este é produzido pelas mãos da Beata, que o presenteia a uma pessoa enferma e esta é curada. Passados alguns anos o relicário é entregue ao casal, quando Paulo se encontrava doente e foi curado. Posteriormente o casal repassa para outra criança que acaba obtendo a cura. Constatado aqui uma rede de contatos que esse objeto cria, estabelecendo realidades que tem em comum os processos de doenças e curas, por isso olho para esse objeto com cuidado, observando suas consequências. Tomando como base a teoria de Latour (2012), pretendi não restringir o meu olhar para os objetos, mas para a cadeia de agrupamentos entre pessoas e objetos e como ela se forma, com discursos, imaginários, eventos, ou seja, uma relação multidimensional.

O óleo e o pedaço de tecido de roupa que era da Serva também são objetos que possibilitam a criação de redes, assim como o relicário. No que diz respeito ao óleo, a própria Lôla participava diretamente dessa rede, pois conforme já citado, ela dava para as pessoas usarem e estas pessoas repassavam e continuam reproduzindo para outras. O pedaço de tecido que Clara deu para a sua amiga, e Rosa para a sua filha Laura, e esta que deu para um dos seus descendentes, configurando uma rede de relações, de devoção, é a religião existindo materialmente.

No término da conversa, Débora e Paulo se referem a um santinho que a devota encontrou caído no gramado do Sítio Recanto da Lôla, durante um evento do qual eles integravam. Ela revela que no dia anterior havia chovido, portanto a grama estaria molhada e que o lugar estava sendo ocupado por várias pessoas ao longo do dia, que ela mesma já havia passado pelo local diversas vezes durante o evento e garante que não tinha nada no chão. Em um determinado momento do evento, Débora se deparou com o santinho caído e este se encontrava limpo e novo.

O referido santinho, no dia da entrevista, se encontrava com um dos filhos dos entrevistados, que estava em vista de fazer uma prova importante para a sua carreira profissional. Na ocasião, solicitou que sua mãe deixasse o santinho com ele, durante esse período, conforme relatado por Débora, a fim de lhe trazer bênçãos e sorte. Analisando a fala da entrevistada, faço um paralelo com o pensamento de Bitter (2013) em relação à bandeira na folia de reis “considera-se que ela seja detentora de poderes especiais, sendo capaz de trazer bênçãos e graças, proteção e benesses materiais” (BITTER, 2013, p. 120).

Aí eu entrei, pedi licença a Lôla, quando eu abri a outra porta que vai pra capela, que eu desci a escada, um santinho dela limpinho, novinho, novinho, como se estivesse acabado de sair da gráfica, limpíssimo. O santinho novinho, como se estivesse acabado de sair da gráfica e tinha chovido um dia antes. Um santinho novinho, novinho. Eu falei assim “a Lôla mandou pra mim”. Eu peguei o santinho, beijei, guardei ele. Eu não estou com ele aqui, eu levei para o meu filho que vai fazer uma prova nos próximos dias. Não tem explicação, se todo mundo estava rodando na grama e ninguém pisou, ninguém pisou. Um santinho novinho, caiu esse santinho dela. Se a gente já tinha pisado ali, entendeu? (Relato de Débora, 15/08/2020)

Débora pede licença à Lôla para entrar em um dos cômodos da antiga casa, é como se a Beata estivesse presente no local. Vejo essa postura como sinônimo de respeito e que é comum por parte dos fiéis quando se referem ao santo de devoção. Sendo assim, como apontado por Menezes (2004b) quando afirma que existe uma “etiqueta” para se fazer um pedido ao santo, noto que a ação de Débora de pedir licença, se configura também como uma “etiqueta”, ou seja, uma forma apropriada de adentrar em um espaço que, para os nativos, é considerado sagrado. Débora, durante sua fala, se manifesta dizendo estar “arrepada” ao lembrar-se desse dia, concluindo a conversa emocionada e chorando. Diante dessa manifestação de emoção, e de outros momentos que ocorreram nas entrevistas realizadas, percebo que os objetos não são inertes, eles estão o tempo todo participando, afetando, sendo afetado, bem como produzindo efeito sobre as pessoas (BITTER, 2013).

Com base nessa perspectiva de Bitter (2013) em que ele considera que os objetos causam efeito sobre as pessoas, eles também são capazes de realizar mediações e na entrevista com Luciana percebo claramente esses aspectos. A fiel destaca a presença de Lôla em sua vida desde a juventude, quando frequentava o sítio. Após a morte da Serva, a entrevistada passa a ser propagadora de sua devoção. Em vários momentos Luciana relata a importância e influência que Lôla exerce em seu cotidiano e de sua família “Lôla sempre conduziu as coisas da minha família. Sempre recorremos a ela” (Relato de Luciana, 15/07/2020).

A referida devota possui um quarto em sua casa dedicado à Católica de Rio Pomba, no qual se encontra vários objetos que ela ganhou da Beata como imagens, terços, anéis, óleo bento, santinhos, dentre outros. Além dos objetos presenteados, ela tem pastas com fotos, relatos e recortes de jornais. Tem também várias fitas cassetes com imagens, já danificadas com o tempo, das festas do Coração de Jesus, conforme

relatado no primeiro capítulo. O quarto além de ter armários nos quais são guardados diversos objetos, há também altares com imagens que Luciana faz questão de dizer que foram abençoadas por Lôla.

Percebo o cuidado e zelo que a devota dedica a esse cômodo da casa. Há toalhas brancas nos altares e neles estão as imagens do Coração de Jesus, Nossa Senhora da Rosa Mística, dentre outras. Jarros com flores, genuflexório, almofadas bordadas, velas e uma pequena fonte d'água. Pingentes de crucifixo, anéis, óleo bento, pastas, tudo catalogado, com anotações de datas e o motivo pelo qual o presente foi dado. Quadros com fotografias de Lôla nas paredes, em porta retratos, tudo organizado, demonstrando o quanto a Serva está presente em sua vida. Este pequeno quarto tornou-se um espaço cultural. Para Meslin (2014) o espaço sagrado que se interpõem em um espaço socializado, pode ter diferentes procedências sendo uma delas a invocação do divino pelo homem, por meio de ritos, para que possa fundar e assegurar esse novo espaço transformando-o em um local de adoração.

Esse espaço na casa de Luciana e tudo que está dentro dele são para ela sagrado. A seguidora demonstra alegria ao me mostrar o quarto, falando de cada detalhe, de cada objeto ali presente, do poder de proteção, cura, de serem objetos que fazem parte de uma relação de devoção e amizade. Para a entrevistada, esses objetos de alguma maneira contribuem para ter Lôla presente, é a materialização de sua devoção. Em um determinado momento da nossa conversa, pedi a ela autorização para fazer registro de imagens, o que foi imediatamente atendido, entretanto alguns objetos ela deixou que eu apenas olhasse, não permitindo tocar nem muito menos fotografar.

Outra participante da pesquisa, Leda, também teve uma postura próxima a de Luciana. Leda relatou ter uma camisa de tecido que pertencia a sua madrinha Lôla, porém não me deu o consentimento para se quer ver o referido objeto. A fiel insinuou possuir outros objetos que têm relação com a Beata, porém, me apresentou apenas dois deles: uma toalha de mão branca com estampa colorida que, segundo ela, ficava na cabeceira da cama de sua madrinha e uma blusa, na cor rosa, bordada, que Lôla havia ganhado e, por considerar a peça muito sofisticada, lhe deu de presente. Essa blusa rosa ela não permitiu que eu fotografasse. Conforme relatado pela entrevistada, ambos os objetos fazem parte de seu acervo afetivo.

Uma fala de Leda me chamou a atenção, quando ela destacou a forma simples no dia a dia da Serva, que para mim é um aspecto substancial para os seus seguidores que entreveem como parte de uma vida santificada. Virtudes psicológicas e morais

como caridade, paciência, evangelização e desapego, são configurações que podemos encontrar em diferentes hagiografias (PIRES, 2013).

As ocorrências desses episódios com as duas entrevistadas, de não poder tocar, não poder fotografar e até mesmo não poder ver determinados objetos, aponta para aspectos importantes da relação santo e devoto. Os objetos muitas vezes são tão sagrados que ficam cercados de regras, prescrições e interdições, sendo permitido apenas o devoto manuseá-los (PEREIRA, 2011). Os motivos para tal postura podem variar, alguns acreditam que ver ou tocar o objeto sagrado pode interferir na sua eficácia. Para outros, poderá prejudicar a relação de intimidade estabelecida entre o santo e o seu fiel. Luciana não quis explicar o porquê de não poder tocar, me disse que era uma questão pessoal. Entretanto, Leda foi terminante dizendo:

Não. Era dela. Não compartilho. É reserva dela, eu não gosto que ninguém mexe [sic]. Porque ela não gostava, eu continuo com o ritmo dela. Dela é dela. (Relato de Leda, 10/07/2020).

Em relação a Francisco e Marcos, participantes das entrevistas, eles explicam que rezam, diariamente, diante da imagem do Coração de Jesus que ganharam de Lôla. Essa postura dos dois devotos, de rezarem “diante da imagem” e não “para”, segundo Meyer (2019) “[...] exemplifica como os significados de coisas religiosas podem ser construídos de diferentes formas e sustentados por diferentes ideologias semióticas” (MEYER, 2019, p. 143). Francisco narra que no bairro onde mora na cidade de Ubá – MG, há cerca de vinte anos, ele e outros moradores implementaram a coroação ao Sagrado Coração de Jesus, que é realizada anualmente pelos meninos. Entretanto, por conta da pandemia da COVID-19, no ano de 2020 fizeram apenas por um dia. Francisco afirma que conviveu com Lôla desde criança, que sua família frequentava a casa da Beata quando ainda eram permitidas as visitas.

Marcos é afilhado de batismo da Serva, seus pais eram amigos dela e ele foi batizado no quarto da Candidata a Santa. Como relatei no primeiro capítulo era comum que crianças recebessem o sacramento tendo Lôla, Dorvina e o Padre Galo como padrinhos. Marcos discorre acerca da relevância de seus padrinhos “Sou um abençoado tive grandes padrinhos que tenho certeza que junto com o papai intercedem junto de Deus por mim e minha família aqui nesta terra” (Relato de Marcos, 13/07/2020).

As narrativas que apresentei permeiam não somente a devoção e a santidade de Lôla, mas também histórias de amizade e de vínculos que foram sendo construídos ao

longo do tempo, antes e após o falecimento da Católica de Rio Pomba. Entretanto, é importante evidenciar que sua santidade não acontece apenas no privado, ela agrega pessoas que se formam em comunidades de fiéis devotos.

4.4 A CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE E A MATERIALIDADE DO SAGRADO

No início da minha pesquisa fiz duas perguntas importantes que pretendia responder ao longo desse trabalho. A primeira remete a possibilidade de entender o processo de construção do mito Santa Lôla considerando a materialidade do sagrado presente nos diversos objetos que os devotos atribuem significados e sentidos. A segunda, de que forma poderia compreender a dinâmica da relação estabelecida entre Lôla, materialidade do sagrado – relíquias e objetos – e os devotos. A partir dessas perguntas iniciei uma pesquisa de campo, com observações em eventos no Recanto Sítio da Lôla ao longo de doze meses e realizando entrevistas com diferentes fiéis. Tudo isso aditado à revisão bibliográfica, me forneceram subsídios e demonstraram que os objetos considerados sagrados pelos seguidores de Lôla a representa e a torna presente na vida dos devotos, contribuindo para a construção da mitologia de sua santidade.

Constatai que tanto o objeto que teve contato direto com a Lôla ou aquele que teve indiretamente, ambos se tornam sagrados e possuem um papel relevante na sua santificação porque, para os fiéis, a Beata é Santa. São vários elementos que faz de Floripes Dornelas de Jesus uma Santa aos olhos de seus seguidores, um deles é o modo de vida adotado por ela após o acidente sofrido, despertando a fé em inúmeras pessoas. Para algumas dessas pessoas, o fato dela não se alimentar e não ter as necessidades fisiológicas já é tido como um milagre. Para outras, ter a hóstia como o único alimento a eleva ao grau de Santa.

Nos estudos de Lima (2015) no qual a autora aborda sobre as devoções à Santa Rita ela destaca que “a história do culto aos santos, com suas variações, tem mostrado desde seus primórdios: que os devotos tratam as imagens e também as relíquias como se fossem pessoas, e não como algo que evocaria ou representaria os santos, mas que os ‘presentificariam’” (p. 143), fato que constatei com frequência entre os seguidores da Católica de Rio Pomba, pois ter algum objeto relacionado à Lôla, é a garantia de ter a presença dela.

Alguns de seus seguidores têm sua devoção construída no âmbito familiar, a partir de graças alcançadas pelas orações de Lôla, inclusive há relatos de cura de

doenças. Porém, essa devoção familiar não se restringe apenas na ocorrência de milagres, ela também se estabelece passando de geração em geração, tendo avós e pais como devotos. Alguns dos entrevistados relatam que os seus predecessores participaram do convívio com a Beata por quem nutriram laços de amizade.

Esse tipo de devoção eu percebi em uma das visitas ao cemitério de Rio Pomba, no dia 02 de novembro de 2019, quando encontrei Dona Albertina junto à filha Áurea e a neta Juliana, as três estavam rezando no túmulo da Beata. Perguntei à Áurea a respeito da devoção à Lôla e ela me disse que aprendeu a rezar para a Serva com a sua mãe e hoje transmite esse ensinamento para sua filha de oito anos e que anualmente elas visitam o referido jazigo. Sendo assim, constato uma devoção construída por meio das relações de parentesco e “as devoções associadas a essas razões cruzam a família ao culto aos santos, perpetuando esses laços entre as gerações” (MENEZES, 2004a, p. 234).

Senhor José de 75 anos, no Dia de Finados, visita o túmulo de sua família e em seguida vai até onde a Serva está sepultada, acende uma vela, faz suas orações e, segundo ele, agradece por todas as benesses recebidas. É importante destacar que o dia de finados é uma data marcada por muita devoção aos santos nos cemitérios e tal devoção assume um caráter mais público. Os ritos realizados nesse dia, junto à crença nos milagres, adquirem notoriedade e uma vivência coletiva (FREITAS, 2006). Um forte elemento da materialidade do sagrado.

Luisa e seu esposo, anualmente, vão ao cemitério e, desde a porta de entrada, eles iniciam em voz alta, a reza do terço, percorrendo os corredores do local e terminam as orações em frente ao túmulo de Lôla e Dorvina. Menezes (2004a) defende que existem inúmeros motivos e formas para se explicar a constituição de uma devoção. Sendo assim, a devoção “não é apenas pelo que o santo fez pelo devoto que alguém se vincula a ele, mas também porque o próprio devoto identifica características comuns entre ele e o santo, uma certa afinidade que estimula o culto” (p. 236), portanto, há muita coisa envolvida numa relação entre o santo e o devoto.

Outro elemento que participa da construção da santidade foi narrado por Maria e Leda. Ambas apontam Lôla como responsável pelas suas respectivas conversões. Já Paulo relata a conversão de seu irmão. Esse dado relativo à conversão é destacado pelos três devotos como sendo uma ação realizada pelo fato da Serva ser Santa. Lôla é reconhecida por todos os que entrevistei como sendo uma pessoa cuja vida era dedicada à oração, à Igreja e ao Sagrado Coração de Jesus e que era detentora de uma fé

inabalável, por isso os seus devotos confiam na Beata e muitos se referem a ela como sendo uma pessoa que só fazia o bem para os outros. Essas referências contribuem para a produção da imagem de Santa Lôla.

A função de protetora da cidade de Rio Pomba é elencada por seus fiéis e alguns dos entrevistados acreditam que Floripes possuía a capacidade de prevê o futuro, que ela tinha o conhecimento de tudo o que acontecia mesmo estando reclusa. Para Leda, sua madrinha Lôla foi responsável por lhe proporcionar a possibilidade de aquisição de uma casa na praia. A devota se refere ao ocorrido como sendo um milagre concedido pela Beata. São características que os seguidores de Lôla atribuem a ela, a de taumaturga, exemplo de vida a ser seguido e mediadora, sinais que são apresentados pelos fiéis como sendo de santidade.

Nas entrevistas que realizei, uma das perguntas feitas aos participantes foi “Quem é Lôla para você”? E abaixo destaco os trechos que considero mais relevantes nas respostas de dos devotos entrevistados:

Ela é uma santa. Ela é tudo para mim (Relato de Leda, 10/07/2020).

A Lôla é tudo pra mim. Eu acho que seu eu não tivesse conhecido a história de vida dela, se eu não tivesse alguém pra poder ter me falado, talvez eu não estaria aqui. Eu não estaria aqui com vida para poder trilhar todos os caminhos da fé. Eu não teria tido a oportunidade, porque acaba que eu me converti, porque eu não era uma católica praticante, eu ia à missa de vez em quando. Mas depois que eu conheci tudo da Lôla, depois que eu sou um milagre então, aí Deus passou a ter mais sentido na minha vida. Jesus passou a ter mais sentido depois que eu passo a conhecer toda essa história de vida da Lôla [...] Eu passo a ter mais fé. Eu descubro a minha fé na história de vida da Lôla. Então ela é tudo pra mim. Ela é a intercessora disso tudo, de todas as maravilhas, por eu ser um milagre, por eu ter visto tantos milagres. O milagre do meu pai, da cura dele do câncer dos ossos. Então, eu acho assim, que ela é o caminho. É como se fosse assim... Deixa eu pensar. Ela é o caminho, a verdade e a vida que me levou até Jesus (Relato de Maria, 12/07/2020).

Ela, além de ser minha madrinha eu a considero um exemplo de fé, vida dedicada ao Sagrado Coração de Jesus e a Eucaristia. Um exemplo de santidade (Relato de Marcos, 13/07/2020).

Ela é uma Santa (Relato de Luciana, 15/07/2020)

Lôla para mim é um exemplo de humildade, simplicidade, fé e muito oração. (Relato de Clara, 20/07/2020).

Por outro lado, o seu processo canônico, ainda não foi concluído, o que pode levar à algumas consequências que só serão respondidas no futuro, dentre elas destaco: a Igreja concluirá o processo de santificação conforme esperado pela comunidade? Será que a oficialização canônica é indispensável para a manutenção dessa comunidade que dedica a devoção à Santa Lôla? Mais alguns depoimentos nos dão pistas:

A Lôla pra mim é uma santa, desde crianças tínhamos respeito e seguia o seu pedido, para não divulgar a sua vida. Pois não gostava de mídias, Televisão. Quando criança bem pequena, lembro de romarias que ia na sua casa. Era muita gente que alcançava milagres. Como frequentava a casa nunca tive dúvidas, que ela não alimentava. Isso pra mim já era uma fé muito grande. E uma mulher que dedicou sua vida as orações e ao Sagrado Coração de Jesus. Sem queixar das dores que sentia (Relato de Raquel, 28/07/2020).

Minha madrinha de batismo que sempre rezou por mim. Uma pessoa que dedicou a vida, desde o período da infância, ao Sagrado Coração de Jesus. Alguém que realmente vivia a radicalidade do evangelho e transmitia o amor de Deus (Relato de Laura, 01/08/2020).

Eu considero ela Santa (Relato de Rosa, 04/08/2020).

Bastante difícil de descrever, mas vou resumir: É modelo de fé, devoção, adoração, confiança em Tudo que é sagrado. Viveu uma vida longa de provação e caridade, sempre disposta a rezar para a propagação da Confiança no Sagrado Coração de Jesus (Relato de Francisco, 07/08/2020).

Pra mim é um anjo (Relato de Débora, 15/08/2020).

Eu defino a Lôla com muita humildade que ela tinha. Era tanta a humildade dela, que ela não queria receber ninguém, não queria aparecer pra ninguém, fala nada sobre ela. Ela sentia quando a pessoa estava precisando de alguma coisa, ela mandava aquela pessoa rezar. Se fosse uma outra pessoa, ia abrir aquilo tudo lá pra todo mundo. Pra mim ela é santa, ela santa sempre com muita humildade. Todo jeito que ela era, se ela abrisse as portas, isso aqui, o que que ia virar o Pomba? Ia ser que nem Juazeiro do Norte, aquela loucura todo dia, lá no Nordeste, no Ceará, Padre Cicero, é uma loucura aquilo lá. Na humildade dela, ela não deixou fazer isso, o transtorno que ia ter, tanta coisa que ela fez, ela ficou ali rezando, orando pelas pessoas, fazendo cura, salvando vidas, tirando a dor das pessoas, na simplicidade dela, na humildade dela. Ela não gostava da divulgação (Relato de Paulo, 15/08/2020).

Diante das falas elencadas e das observações realizadas em eventos no sítio, constatei a importância de Floripes para os seus seguidores. Em seus relatos, é possível perceber que há uma confiança na sua santidade.

Para Pereira (2011) “as fronteiras são colocadas pelos intelectuais orgânicos da

instituição eclesial, que classifica o que deve e o que não deve ser cultuado” (PEREIRA, 2011, p. 50). Todavia, no contexto da religiosidade popular, efetivamente, essas fronteiras, não se concretizam como impedimento para que a devoção aconteça.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre idas e vindas ao Sítio Recanto da Lôla, participando das missas, conversando com os visitantes, realizando entrevistas com os devotos, descobertas, olhares, momentos presenciais e virtuais, leituras, fotografias e objetos, chego ao momento de fazer as considerações finais. O presente estudo é resultado de uma trajetória iniciada mesmo antes de eu ser aprovada no processo seletivo do mestrado, quando ainda estava elaborando um possível projeto, que inicialmente seria uma análise da construção da santidade de Lôla sob a lente da Ciência da Religião e da Antropologia. Posteriormente, a partir das primeiras conversas de orientação, o Professor Emerson sugeriu que eu fizesse tal análise a partir de objetos pertencentes aos devotos com o foco na Materialidade do Sagrado, o que para mim veio como um grande desafio.

Durante o trabalho de campo realizado, busquei olhar para os objetos sagrados como mediadores e como componente social, percebendo a rede que eles tecem, tornando-se uma materialidade constituinte da construção da santidade de Floripes Dornelas de Jesus. Pude constatar que esses objetos têm papel relevante e são agentes na relação entre os homens e entre o devoto e a Santa. Compreender como se desenvolve essa construção da santidade, a partir dos aspectos materiais, é legítimo e fundamental, pois as religiões não devem ser conceituadas e ratificadas apenas por suas doutrinas e crenças, pois elas também são sentidas e vividas materialmente e os objetos são sujeitos, personagens e agentes. A materialidade é inerente às religiões e, a devoção, por meio dos objetos, se torna concreta e tangível (MEYER, 2019).

Conforme as discussões apresentadas percebo que os objetos e espaços considerados sagrados pelos devotos da Serva, são elementos que estabelecem um processo social, e, a partir desses elementos, vão surgindo as narrativas, integrando uma materialidade religiosa, sendo importante para pensar a constituição da figura da Candidata à Santa. Nas categorias e sub-categorias que foram constituídas por mim, tanto os objetos que tiveram contato direto com a Beata, quanto àqueles que tiveram indiretamente, todos se tornam sagrados e possuem um papel relevante na sua santificação. Como relatado, são vários aspectos que faz da Católica de Rio Pomba uma Santa aos olhos de seus seguidores, um deles é o fato dela ter passado décadas se alimentando apenas da hóstia e não ter as necessidades fisiológicas.

Alguns dos seus devotos consideram que o seu processo de santificação iniciou

quando ela caiu da jabuticabeira e, diante disso, constato que, mesmo sem o reconhecimento oficial da Igreja, a devoção à Lôla encontra-se cada vez mais forte como pude notar a partir das conversas e observações dos fiéis que visitam sua antiga casa e seu túmulo, lhe atribuindo a realização de milagres. É importante ressaltar que o título de santidade é socialmente atribuído, ou seja,

é preciso que haja uma comunidade moral que reconheça os atributos e os sinais que marcam em uma pessoa a santidade – física ou biograficamente – e que cultue o santo enquanto tal. (MENEZES, 2011a, p. 23).

A partir dos relatos ouvidos, as contradições encontradas na hagiografia de Floripes, não acarretaram, até o momento, nenhum tipo de prejuízo para a devoção. Ao contrário, tais discordâncias, dentre várias outras, como a data de nascimento, nome, o motivo de sua clausura, demonstram a força e a permanência da Santa no imaginário dos seus seguidores. Outros aspectos que me chamaram a atenção nos relatos, referem-se aos traços da personalidade de Lôla que, de acordo com os participantes nas entrevistas, ela era uma mulher destemida e que ditava a sua própria vontade diante de determinados costumes sociais. Do ponto de vista administrativo do sítio, nada era decidido sem a sua autorização. Outra particularidade diz respeito ao prestígio que a Serva exercia junto à comunidade eclesial, política e a população riopombense de um modo geral, um protagonismo feminino pouco comum para o seu tempo.

Em relação aos trâmites jurídicos e administrativos para que a Igreja declare a Católica de Rio Pomba como Santa, constatei que é necessário que aconteçam ações efetivas por parte da diocese e dos fiéis, com intuito de preservar a memória de Lôla e, também, de contribuir com o processo canônico. Entretanto, como elencado anteriormente, ao longo do tempo, essas ações às vezes se apresentam de forma descompassadas, visto que há uma disputa pelo patrimônio religioso da Serva. A Igreja faz questão de manter o domínio, o poder e o controle diante de casos como o de Lôla. Muitas dessas ações têm como objetivos principais o incentivo e controle da prática devocional, criando uma rede de objetos sagrados e não-sagrados que atuam como atores e sujeitos na sua hagiografia.

Os resultados que aqui apresentei, não abarcam a totalidade do tema exposto, visto que se trata de um assunto amplo, que não se esgota nesta dissertação e que compreende diferentes perspectivas, fomentando as discussões na área da Ciência da

Religião. A partir do estudo realizado, vi que os objetos sagrados, representam a Santa Lôla e a torna presente na vida de seus fiéis. Além disso, forneceu subsídios para compreender a dinâmica da relação santo e devoto, relação essa que não depende do reconhecimento oficial da Igreja, ou seja, os processos canônicos e o desejo de controle eclesial sob as santidades, não suprimem as devoções aos santos não canonizados.

Assim, os estudos relativos à dimensão material do fenômeno religioso, tendo importantes estudiosos como Algranti (2011), Puglisi (2018) e Meyer (2019) foram utilizados na pesquisa, buscando contribuir para o enriquecimento do debate. O estudo realizado possibilitou ampliar as interpretações das relações entre santo e devoto e a dinâmica da religiosidade popular presente no Brasil, tendo como aportes teóricos Brandão (1980), Menezes (2004 e 2011), De La Torre Castellanos (2011) e Pereira (2011), dentre outros.

Ressalto que há aspectos que podem ser estudados posteriormente com intuito de ampliar o entendimento da transformação da jovem Lôla, uma pessoa comum, pertencente a um grupo familiar, em “Santa Lôla” para os seus fiéis. Um desses aspectos que poderá contribuir para esse estudo é a transformação do Sítio Lindo Vale em Sítio Recanto da Lôla, não para pensar a respeito da mudança do nome, mas de finalidades, como as obras realizadas na construção da capela, os eventos promovidos no local e a preservação da casa da Candidata a Santa que hoje é objeto de visitação. Assim sendo, sugiro que as obras executadas no sítio, vêm entremeadas de transforma es nas devo es impulsionadas ou incentivadas pela Igreja Católica, dinamizando, ainda mais, a rela o entre constru es materiais e práticas devocionais. Penso, por fim, que a disserta o que apresentei   uma tentativa de compreender como as pessoas fazem a religião acontecer materialmente e, em que medida, a materializa o colabora na constru o de um mundo mítico-histórico para as pessoas, mas também delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, Joaquin. La religión como cultura material. socio-génesis de los circuitos editoriales en el mundo católico y evangélico. **Horizontes Antropológicos**, ano 17, n. 36, p. 67-93, 2011.

ALGRANTI, Joaquin. Consumos Rituales: usos y alcances de las mercancías religiosas en el santuario de San Expedito. Andamios. **Revista de Investigación Social**, vol. 13, núm. 32, p. 331-356, 2016.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Memórias, lembranças, imagens: o cemitério**. Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. XXX, n. 1, p. 105-122, junho 2004.

ALMEIDA, V. M. de.; NEVES, A. K. S.. **Anorexia santa e anorexia contemporânea: o mesmo transtorno em épocas distintas?** Ver. Med. Minas Gerais 2012; 22(3): 348-353.

ANDRADE, Solange Ramos de. O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30331/15916>. Acesso em: 30 out. 2020.

APOSTOLADO, da Oração. Disponível em: <http://aomej.org.br/>. Acesso em: 14 nov. 2020.

APOSTOLADO, da Oração. **Fita do Apostolado Da Oração: Quando usar?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9ZPZrUa2PNw>. Acesso em: 14 nov. 2020.

ARQUIDIOCESE, Mariana de. Disponível em: <https://arqmariana.com.br>. Acesso em: 20 maio 2020.

ASSIS, Margarida Drumond de. **Padre Antônio de Urucânia, a sua benção**. São Paulo: Loyola, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERKENBROCK, Volney J. Os itans e o porquê das coisas – A função do mito na tradição religiosa do Candomblé. In: SILVEIRA, E. S. da; SAMPAIO, D. S. (Org.). **Narrativas míticas: análise das histórias que as religiões contam**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

BERKENBROCK, Volney J. **O mundo religioso**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BITTER, Daniel. Bandeiras e Máscaras: sobre a relação entre pessoas e objetos materiais nas folias de reis. In: GONÇALVES, J. R. S.; BITAR, N. P.; GUIMARÃES, R. S. (Org.). **A Alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonância**. Rio de Janeiro: Maud X: Faperj, 2013.

BOFF, Leonardo. **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos**. Petrópolis, RJ:

Vozes, 1975.

BOMTEMPO, Cláudio. **O que o meu coração aprendeu**. Barbacena: Centro Gráfico e Editora Ltda, 2005.

BOZZINI, David. La médiation des objets, pratiques rituelles dans l'appartement d'une sainte à Naples. **Ethnographiques.org**, Numéro 4 - novembre 2003 [en ligne]. Disponível em: <https://www.ethnographiques.org/2003/Bozzini>. Acesso em: 12 dez. 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e folia: festa e romaria**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.

BRASIL, **Decreto 19.710**, de 18 de fevereiro de 1931. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19710-18-fevereiro-1931-516306-republicacao-83165-pe.html>. Acesso em: 28 maio 2020.

BROWN, Peter. **The Cult of Sants**. Its Rise and Function in Latin Christianity. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

CANÇÃO, Nova. Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/e-obrigatorio-o-uso-de-veu-na-missa>. Acesso em: 06 jun. 2020.

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DA FIOCRUZ. **CEE-Fio Cruz**. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1264>. Acesso em: 26 jan. 2021.

COUNIHAN, Carole M.. Uma visão antropológica do prodigioso jejum de mulheres ocidentais. **Cadernos Pagu** (39), julho-dezembro de 2012:15-53. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n39/02.pdf>. Acesso em 25 nov. 2020.

CORDAS, Táki Athanássios; WEINBERG, Cybelle. Santas anoréxicas na história do Ocidente: o caso de Santa Maria Madalena de Pazzi. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 157-158, setembro 2002. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462002000300011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jan. 2021.

DA MATTA, R. Uma religião democrática. In: ID. **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 139-147.

DE LA TORRE CASTELLANOS, Renée. **Religiosidades nômadas: creencias y prácticas heterodoxas en Guadalajara**. México: CIESAS, 2012.

DILMANN, Mauro. Religiosidade Popular Católica no Brasil durante a vigência do padroado. **Revista Espaço Acadêmico** nº 138 – Novembro de 2012.

ELLER, Jack David. **Introdução à Antropologia da Religião**. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

ENGLER, Steven. Panorama internacional das religiões. In [Anais do] IV Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciência da Religião: “o futuro das religiões no Brasil”/[organizadores Gilbraz S. Aragão, Newton Darwin A. Cabral]. São Paulo: ANPTECRE, 2013.

FERREIRA, Roberto Nogueira. **O Sagrado Coração de Lola: a Santa de Rio Pomba.** Brasília: Ed. L.G.E., 2007.

FREITAS, Eliane Tânia Martins de. **Memórias, ritos funerários e canonizações populares em dois cemitérios no Rio Grande do Norte.** Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

FUNDAÇÃO, Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 01 nov. 2020.

FUNDAÇÃO, Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=20477>. Acesso em: 01 nov. 2020.

GIOVETTI, Paola. **Fenômenos extraordinários de místicos e santos.** Tradução: Paulo Augusto da Silva. São Paulo: Paulus, 2017.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: **o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** Tradução: Maria Betânia Amoroso; Tradução dos poemas: Jose Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOÉS, Maria da Graça Coutinho de. **Ex-Votos, Promessas e Milagres: um estudo sobre a Igreja Nossa Senhora da Penna.** Dissertação (Mestrado em História) no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPB) da Fundação Getúlio Vargas Centro de Pesquisa e Documentação e História Contemporânea do Brasil, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios.** Museu, memória e cidadania: Rio de Janeiro, 2007.

GUARIZA, Nadia Maria. História de religiosas brasileiras: entre biografias e hagiografias. **Diálogos** (Maringá. Online), v. 19, n.3, p. 1253-1281, set.-dez./2015. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/33743/pdf>. Acesso em: 10 maio 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

Hino Lola Floripedes Dornelas de Jesus. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JI23ALTRh_A. Acesso em: 23 jan. 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010.** Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%

C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf
Acesso em: 02 ago. 2019.

IBRAHIM, Márcio Antônio Deotti. **O Grande Tesouro de Lola**, 2007. Produzido por www.santalola.com.br. O site pela Beatificação.

JARAMILLO, Claudia Marleny. **Cómo esta sindemia nos cambió la vida**. Universidad de Antioquia. Facultad Nacional de Salud Pública Hector Abad Gómez. 14 de octubre 2020 – nº 29.

JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. Tese (Doutorado em História) no Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, 2004.

KALLARRARI, Celso. Corpora Miraculosa: a santificação dos corpos santos. **Revista Mosaicum**, n.17, Jan./Jul. 2013.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: Edufba, 2012. Bauru, SP: Edusc, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LIMA, Raquel de Sousa. **Sobre presença e representação nas imagens dos santos católicos: considerações a partir de um estudo sobre a devoção à Santa Rita**. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 35(1): 139-163, 2015.

Lola, *Serva de Deus*, Floripes.wmv. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HtXAV3P0NIc>. Acesso em: 23 jan. 2020.

MACIEL, M. R.; GUARIM NETO, G. **Um olhar sobre as benzedeiiras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar**. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.* [online]. 2006, vol.1, n.3, pp.61-77. ISSN 1981-8122. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v1n3/v1n3a03.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais** nº 73/2005.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Bailando com o Senhor: técnicas corporais de culto e louvor** (o êxtase e o transe como técnicas corporais). *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2003. V. 46 nº 1.

MAUSS, Marcel. A Prece. In: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Ubu editora, 2017.

MELLO, A. B.; SANTOS, M. R. S. Catolicismo Popular e suas performances coletivas. **MÉTIS: história & cultura**. v. 14, n. 28, p. 157-171, jul./dez. 2015.

MENEZES, Renata de Castro. **A Dinâmica do Sagrado**: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2004a.

MENEZES, Renata de Castro. **“Saber pedir: a etiqueta do pedido aos santos”**. *Religião e Sociedade*, v. 24, nº 1: 46-64, 2004b.

MENEZES, Renata de Castro. Uma visita ao catolicismo brasileiro contemporâneo: a bênção de Santo Antônio num convento carioca. **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, p. 24-35, setembro/novembro 2005.

MENEZES, Renata de Castro. **O além no cotidiano**. Repensando fronteiras entre antropologia e história a partir do culto aos santos. São Paulo: Oracula 7.12, p. 20-42, 2011a.

MENEZES, Renata de Castro. **A imagem sagrada na era da reprodutibilidade técnica**: sobre santinhos. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 43-65, jul./dez. 2011b.

MERLEAU-PONTY, Merlaeu. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MESLIN, Michel. **Fundamentos de antropologia religiosa**: a experiência humana do divino. Tradução: Orlando dos Reis. Petrópolis, Rj: Vozes, 2014.

MEYER, Birgit. **Como as coisas importam**: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer. Organizadores: Emerson Giumbelli, João Rickli e Rodrigo Toniol. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

MOTTA, Antonio. **À flor da pedra**: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massagana, 2009.

OLIVEIRA, Paola Lins. **Circulação, usos sociais e sentidos sagrados dos terços católicos**. ISER cap. 4, nº 29, vol. 2, 2009.

OLIVEIRA, Simone Geralda de. **Três Santas do Povo**: Um estudo antropológico sobre santificações populares em Minas Gerais. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.

PARÓQUIA, N. S. do Rosário. Disponível em:
<https://www.facebook.com/watch/?v=271652457166039>. Acesso em: 03 abr. 2020.

PARÓQUIA, N. S. do Rosário. Disponível em:

https://www.facebook.com/watch/live/?v=151937626160177&ref=watch_permalink. Acesso em: 03 abr. 2020.

PARÓQUIA, N. S. do Rosário. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?v=1179788472364097&ref=watch_permalink. Acesso em: 09 abr. 2020.

PEIXOTO, Paulo. Mulher considerada santa morre em MG. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 abr. 1999. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff12049929.htm>. Acesso em: 27 maio 2019.

PEREIRA, Padre Euler Alves. **LOLA**: tal qual a conheci. 2000.

PEREIRA, José Carlos. **Interfaces do Sagrado: catolicismo popular**: o imaginário religioso nas devoções marginais. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2011.

PIRES, Claudia. Enterro de “santa Lola” comove milhares de fiéis. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 11 abr. 1999.

PIRES, Tiago. As hagio-biografias do cura d’Ars (1786-1859): um estudo a partir das obras de Trochu e Ghéon. In: **Anais do VII SNHH**, 2013.

PORTELLA, Rodrigo. **Mirar Maria: reflexos da Virgem em espelhos da História**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2016.

PUGLISI, Rodolfo. **Materialidades Sagradas**: cuerpos, objetos y reliquias desde una mirada antropológica. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 20, n. 29, p. 41-62, ago-dez de 2018.

RECEITA Federal. **Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas**. Disponível: https://www.receita.fazenda.gov.br/PessoaJuridica/CNPJ/cnpjreva/Cnpjreva_Comprova nte.asp. Acesso em: 23 out. 2019.

RENOVAÇÃO Carismática Católica. Disponível em: <https://rccbrasil.org.br/portal/>. Acesso em: 27 out. 2020.

RIBEIRO, C. de O.; ABIJAUDI, A. Y. G.. Espiritualidade em tempos de pandemia. In: PIEPER, F.; MENDES, D. (Org.). **Religião em tempos de crise**. São Bernardo do Campo, SP : Ambigrama, 2020.

RIO POMBA (MG). **Lei nº 1.160** de 01 de abril de 2003. Disponível em: <https://sapl.riopomba.mg.leg.br/norma/275>. Acesso em: 27 maio 2019.

SALVADOR, Frei Do Coração de Jesus. **A grande promessa do Sacratíssimo Coração de Jesus**. São Paulo: Loyola, 1987.

SANTA SÉ. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/vatican/pt.html>. Acesso em: 02 de jun. 2020.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização

– Ultramontanismo – Reforma. **Temporalidades** - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 2, n.º 2, Agosto/Dezembro de 2010.

SANTUÁRIO, Urucânia. **Oração pela beatificação do Padre Antônio Ribeiro Pinto**. Disponível em: <https://santuariourucania.com.br/beatificacao/>. Acesso em: 09 maio 2020.

SAVIANI, D.; ALMEIDA, J. S. de; Souza, R. F. de; VALDEMARIN, V. T. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SBARDELOTTO, Moisés. **A (re) descoberta eclesial do ambiente digital: entre luzes e sombras**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597585-a-re-descoberta-eclesial-do-ambiente-digital>. Acesso em: 11 jan. 2021.

SEPULTAMENTO da Serva de Deus Floripes Dornellas de Jesus (Lola) – Rio Pomba (MG). Disponível em: <https://youtu.be/2ka4QwYnx5w>. Acesso em: 07 out. 2019.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. **Corpo, emoção e rito: antropologia dos carismáticos católicos**. Porto Alegre: Armazém Digital: 2008.

SILVEIRA, E. S. da; SAMPAIO, D. S. Introdução. In: SILVEIRA, E. S. da; SAMPAIO, D. S. (Org.). **Narrativas míticas: análise das histórias que as religiões contam**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SILVEIRA, Stefany; ELIAS, Cosme. “Santa Lola”: trajetória social e origem da vocação religiosa da imagem sagrada do interior mineiro. In: **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 15, n. 1, p. 273-292, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol15/artigo5evol15-1.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2017.

SOFIATI, Flávio Munhoz; MOREIRA, Alberto da Silva. Catolicismo Brasileiro: um painel da literatura contemporânea. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 38(2): 277-301, 2018.

SOUZA, Ioneide Maria Piffano Brion de. **Construindo identidades: a Pia União das Filhas de Maria e o catolicismo romanizado**. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1275852667_ARQUIVO_Construindoidentidadescomunicacaoanpuh2010textofinal.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

SOUZA, Patricia Rodrigues de. **Religião Material: O Estudo das Religiões a partir da Cultura Material**. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) no programa de Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP, 2019.

STALLYBRASS, Peter. **O casado de Marx: roupas, memórias, dor**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

STARK, L.; MEINHAR, M.; VAHEDITHE, L.; CARTER, S. E.; ROESCH, E.; MONCRIEFF, I. S.; PALAKU, P. M.; ROSSI, F.; POULTON, C.. **Syndemic of COVID-19 and genderbased violence in humanitarian settings: leveraging lessons from Ebola in the Democratic Republic of Congo**. *BMJ Global Health*, 2020. Disponível em: <https://gh.bmj.com/>. Acesso em: 27 jan. 2021.

TAVARES, Thiago Rodrigues. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. In: **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 35-47, jul-dez/2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/07/10-2-4.pdf>. Acesso em: 02 out. 2018.

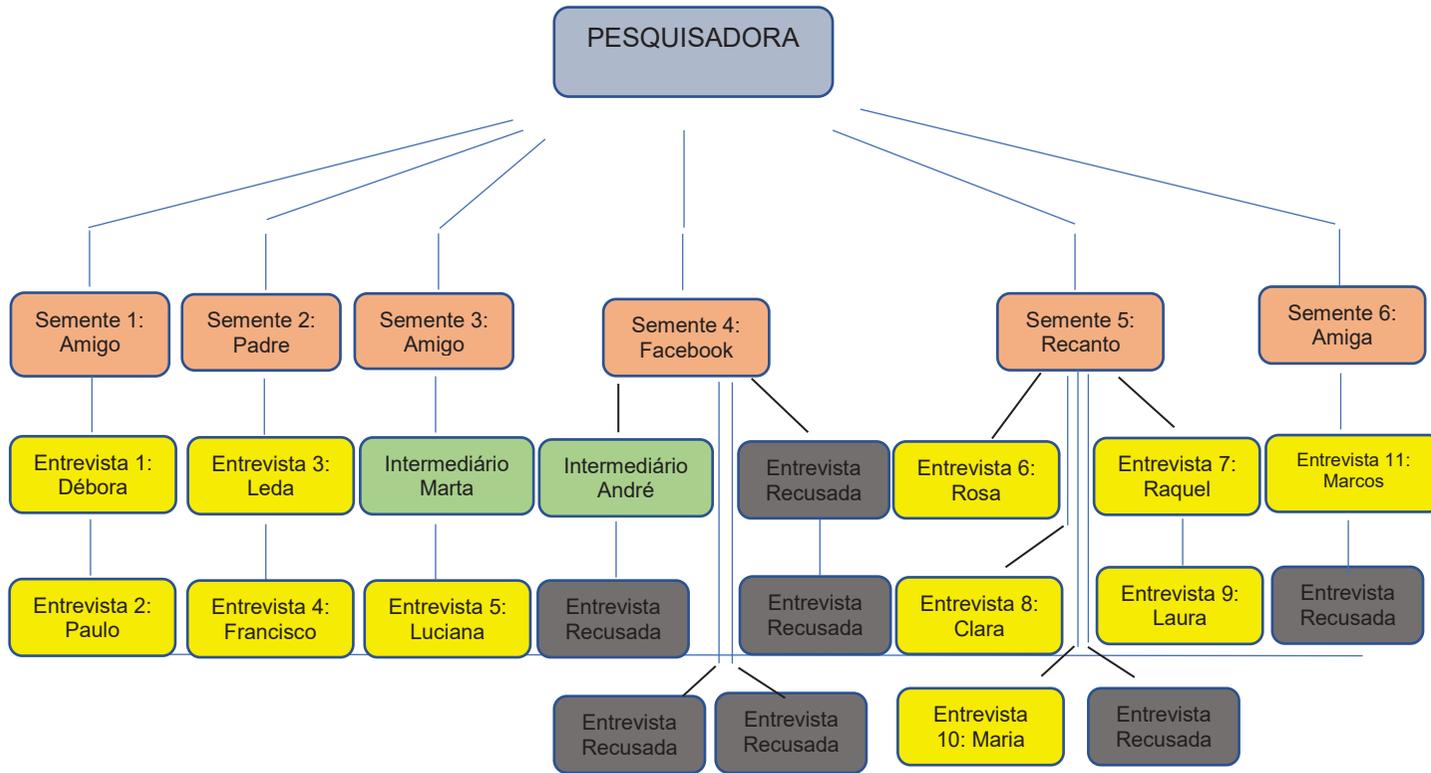
TEIXEIRA, Igor S. Literatura, Tempo e Verdade: o fazer hagiográfico na Legenda Áurea. Histórias: **Questões & Debates**. Curitiba, nº 59, p. 193-216, jul./dez. 2013. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/104237/000929216.pdf?sequence=>. Acesso em: 08 set. 2020.

TEIXEIRA, Faustino. **A dimensão espiritual da crise do coronavírus**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597292-a-dimensao-espiritual-da-crise-do-coronavirus>. Acesso em 10 nov. 2020.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto; amostra não probabilística; métodos qualitativos**. Temáticas, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

APÊNDICE A – Fluxograma ilustrando o método “Bola de Neve”

A pesquisa



Fonte: pesquisa pessoal, 2020.

APÊNDICE B – Questionário aplicado nas entrevistas**Entrevista com os devotos****Nome:****Idade:****Escolaridade:****Profissão:****Cidade onde nasceu:****Cidade onde mora:****Tel.:****e-mail:**

1 - Quando e de que forma tomou conhecimento da existência da Lôla? Antes ou depois do seu falecimento?

2 - Cite algum fato ou mais de um se houver que justifica sua fé em Lôla e a considerá-la como santa?

3 - Você possui algum objeto que considera sagrado e que tem relação com a Lôla? Qual o significado dele para você?

4 - Como é a utilização desse objeto? Você utiliza de forma individual ou compartilha com outras pessoas?

5 - Você usa esse objeto diariamente ou em apenas em ocasião específica?

6 – Quem é a Lôla para você?

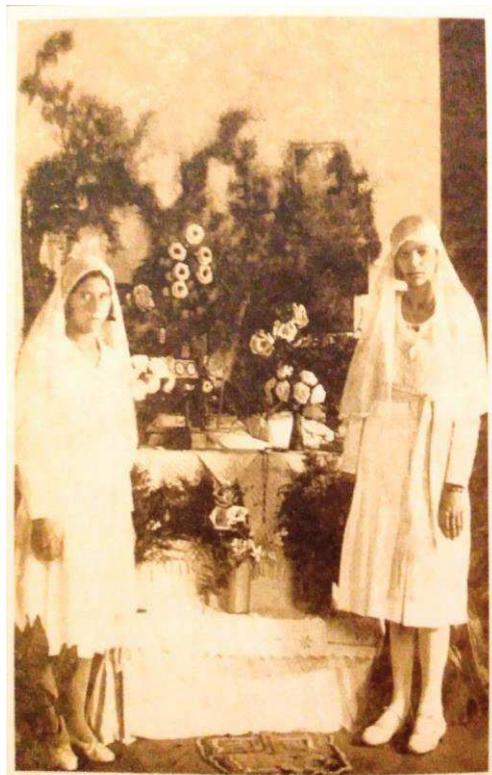
APÊNDICE C – Tabela com os principais dados dos participantes das entrevistas

Nome Fictício	Idade	Escolaridade	Profissão	Cidade onde nasceu	Cidade onde mora
Leda	80 anos	Ens. Médio	Aposentada	Cataguases– MG	Rio Pomba -MG
Maria	36 anos	Ens. Médio	Vendedora	Rio Pomba -MG	Rio Pomba -MG
Marcos	63 anos	Graduação	Engenheiro	Rio Pomba -MG	Juiz de Fora - MG
Luciana	62 anos	Ens. Fund.	Empresária Aposentada	Rio Pomba -MG	Rio Pomba -MG
Clara	50 anos	Mestrado	Servidora Pública	Rio Pomba -MG	Rio Pomba -MG
Raquel	60 anos	Ens. Médio	Autônoma	Rio Pomba -MG	Belo Horizonte - MG
Laura	67 anos	Ens. Médio	Aposentada	Rio Pomba -MG	Porto Alegre - RS
Rosa	94 anos	Ens. Fund.	Aposentada	Rio Pomba -MG	Rio Pomba -MG
Francisco	57 anos	Especialização	Psicólogo e Servidor Público	Rio Pomba -MG	Ubá - MG
Débora	54 anos	Graduação	Contadora	Rio Pomba-MG	Rio Pomba -MG
Paulo	61 anos	Graduação	Professor	Rio Pomba-MG	Rio Pomba -MG

Fonte: pesquisa pessoal, 2020.

ANEXO A - Galeria de fotos

Foto 11: Lôla no dia em que entrou para o noviciado da Pia União das Filhas de Maria



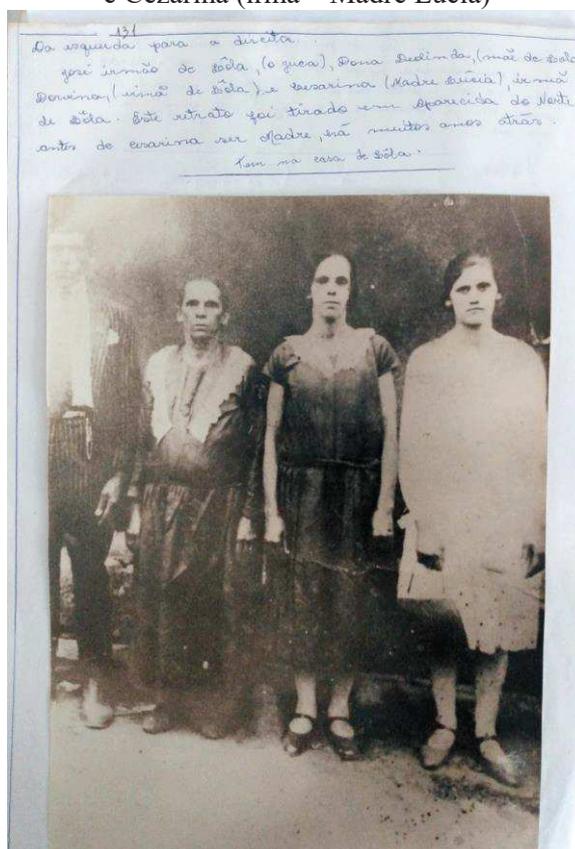
Fonte: arquivo Ferreira (2007).

Foto 12: Lôla na juventude antes do acidente.



Fonte: acervo do Museu Histórico de Rio Pomba (2020)

Foto 13: parte da família de Lôla. Da esquerda para a direita:
José (irmão - Juca), D. Deolinda (mãe), Dorvina (irmã)
e Cezarina (irmã – Madre Lúcia)



Fonte: acervo particular da devota Luciana (2020).

Foto 14: Jazigo da mãe e irmãos de Lôla.



Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 15: jazigo de Lôla, no qual também foi sepultada sua irmã Dorvina



Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 16: placa em homenagem a Lôla instalada no local onde foi velada na Matriz de São Manoel em Rio Pomba.



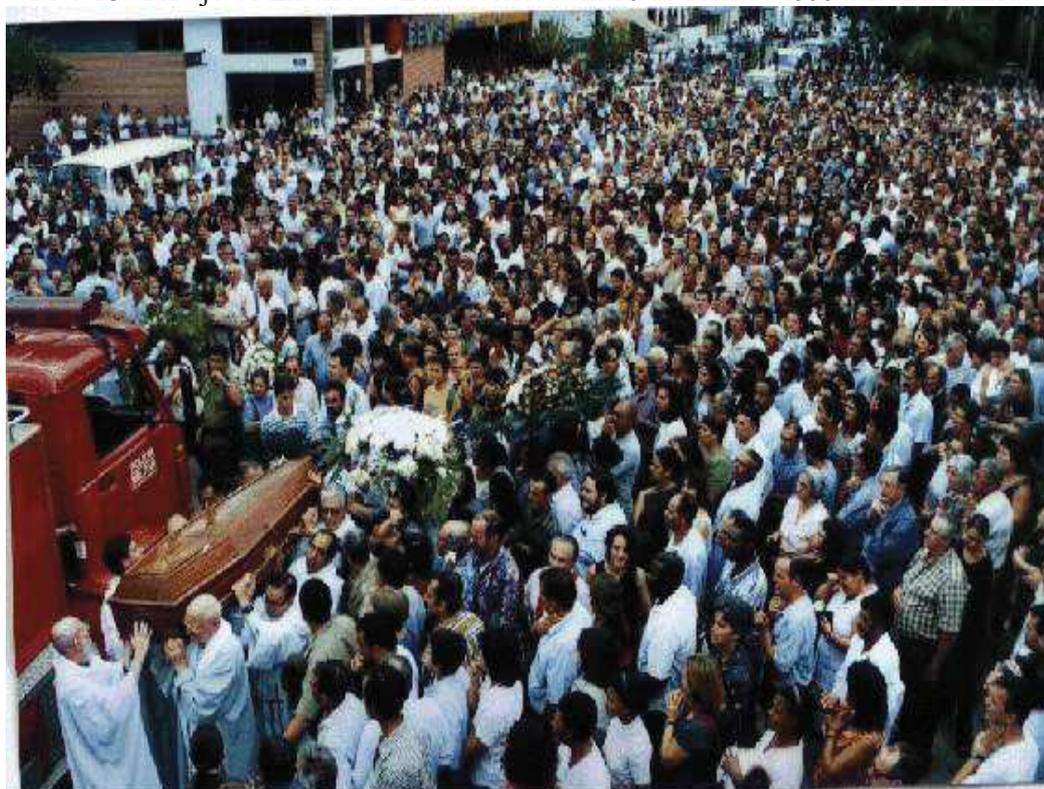
Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 17: Funeral de Lôla.



Fonte: arquivo Ferreira (2007).

Foto 18: Cortejo do Enterro de Lôla ocorrido em 10 de abril de 1999 em Rio Pomba.



Fonte: arquivo Ferreira (2007).

Foto 19: Santinho que era distribuído por Lôla e que atualmente Leda distribui.

<p>TERÇO AO S. C. DE JESUS Nas contas grandes: Lembraí-vos, ó misericordiosíssimo Jesus, que sois Pai bondosíssimo e cheio de ternura para com os vossos filhos. Certa de vosso infinito amor, eu me entrego ao vosso Coração, onde encontro a força, a perseverança, a paz, a alegria e a doce confiança em minhas súplicas, segundo vossas palavras: “Pedi e recebeis”. “Buscai e achareis”. “Batei e abrir-se-vos-á”. Eu bato, procuro e peço esta graça que me é tão necessária. (Aqui se pede o que se deseja) tudo para maior glória de Deus e bem de vossos filhos. Amém. Nas contas menores: “Sagrado Coração de Jesus, eu confio em vós”. 300 dias de indulgência de cada vez: Indulgência plenária nas condições habituais, a quem recitar esta invocação diariamente durante um mês. (Com aprovação eclesiástica) Tudo por vós ó Sagrado Coração de Jesus.</p>	 <p>Maio de 1934 à 1944 Dia feliz que eu me aproximei do Sagrado altar para receber fita de Filha de Maria, que alegria senti no coração, mas, não pude continuar nas reuniões, em seguida Jesus me chamou para o leito de enferma. Dele não mais me levantei, e, espero qualquer hora a minha partida. Deixo esta recordação para todos aceitarem o último adeus do meu coração. <i>Floripes Dornelas de Jesus</i> 27 de Maio de 1944</p>
---	---

Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 20: Oração pela Beatificação de Lôla

ORAÇÃO PELA BEATIFICAÇÃO



Deus Pai, que revelastes as maravilhas do Reino aos pequeninos, nós vos agradecemos pelos tesouros de virtude e sabedoria que em vida concedestes a Vossa filha Floripes Dornelas de Jesus, Lola.

Nós Vos pedimos, pela força de Vosso Espírito, exaltai sua humildade elevando Vossa fiel serva à honra dos altares. Concedei-nos a graça da oração e total confiança no Sagrado Coração de Vosso Filho, e na proteção materna de Maria, para que um maior número de pessoas possa tê-la como intercessora e modelo de vida cristã. Amém.

Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 21: Romarias na casa de Lôla na década de 1950.



Fonte: acervo do Museu Histórico de Rio Pomba (2020)

Foto 22: Romarias na casa de Lôla na década de 1950.



Fonte: acervo do Museu Histórico de Rio Pomba (2020).

Foto 25: Memorial instalado na Matriz de São Manoel em homenagem aos 20 anos da morte de Lôla.



Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 26: Atualmente na Matriz de São Manoel



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 27: Fachada da casa de Lôla.



Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 28: Visitantes chegando no Recanto Sítio da Lôla.



Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 29: Missa 1ª sexta-feira 01 de novembro de 2019.



Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 30: quarto da Lôla.



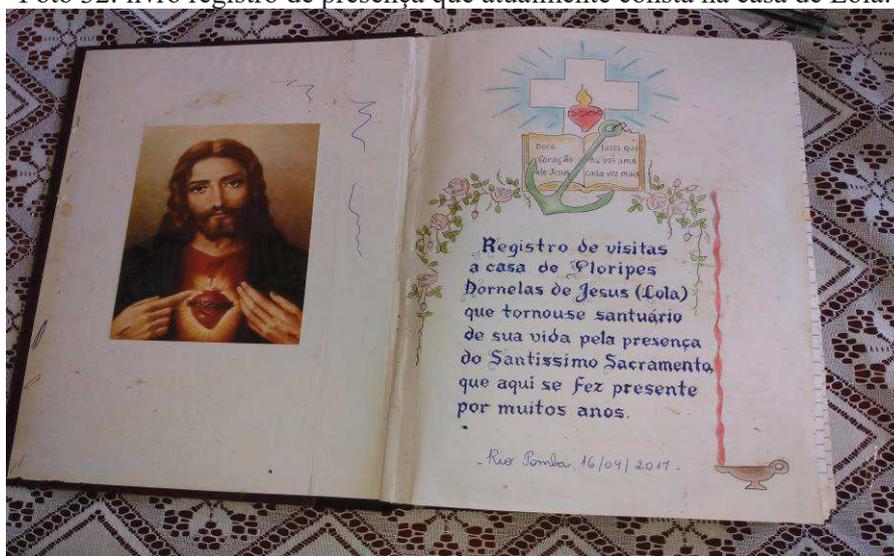
Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 31: Caixa para arrecadação de dinheiro destinado a manutenção do sítio.



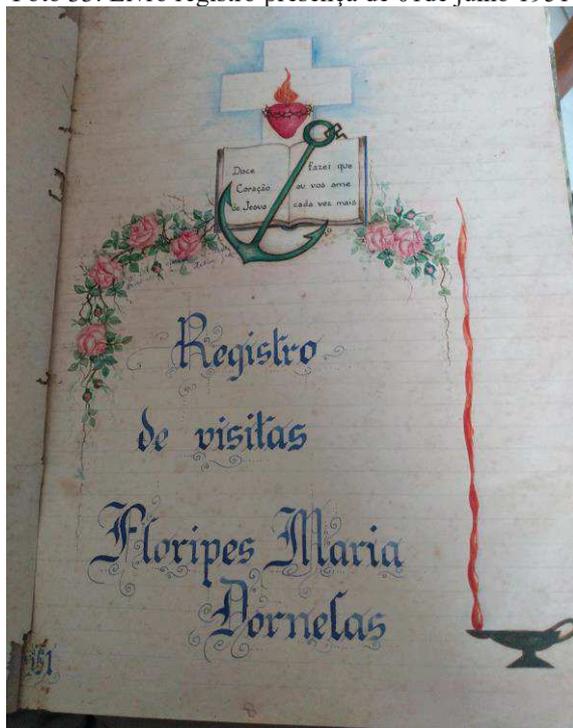
Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 32: livro registro de presença que atualmente consta na casa de Lôla.



Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 33: Livro registro presença de 01 de julho 1951



Fonte: acervo Museu Histórico de Rio Pomba (2020).

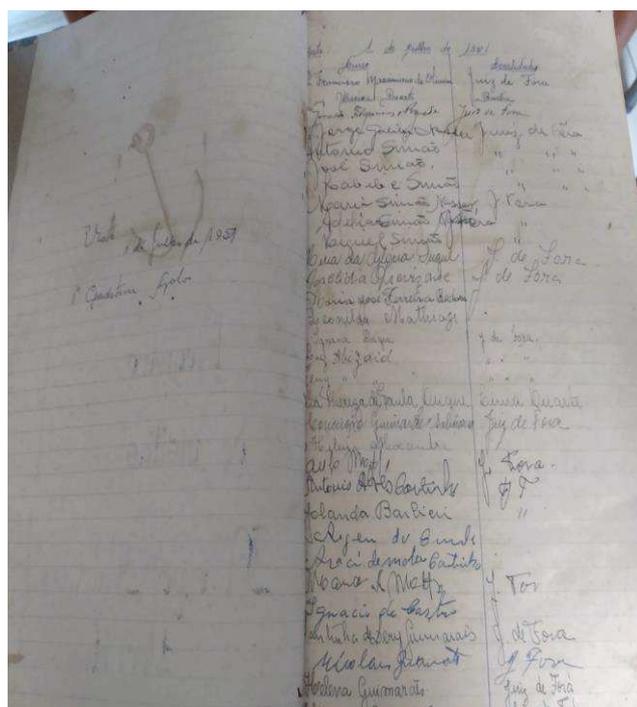
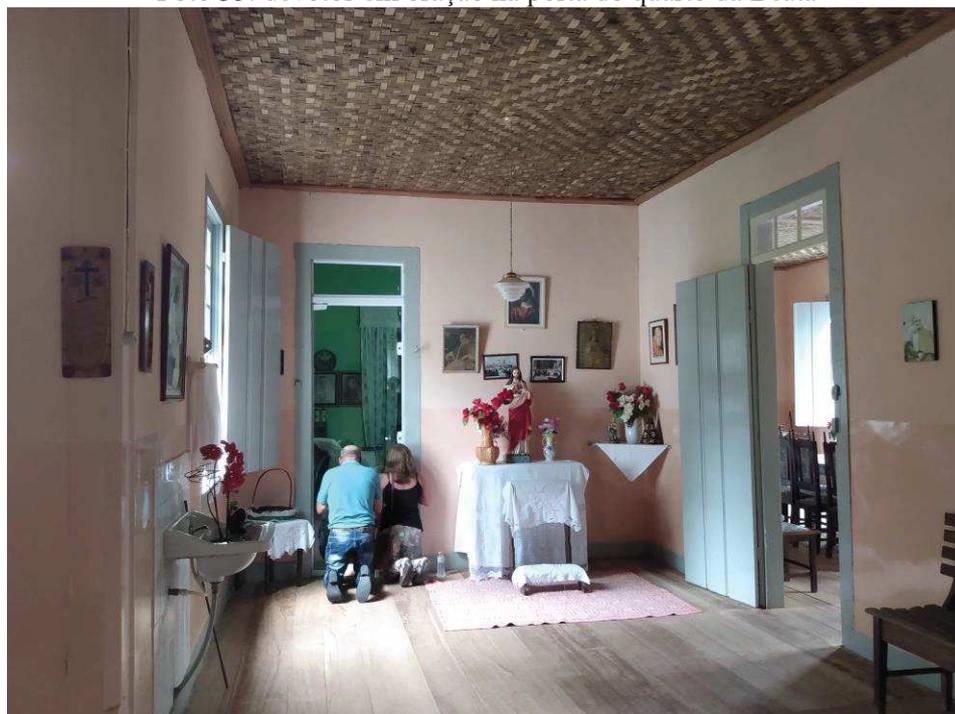


Foto 34: Lôla em seu quarto.



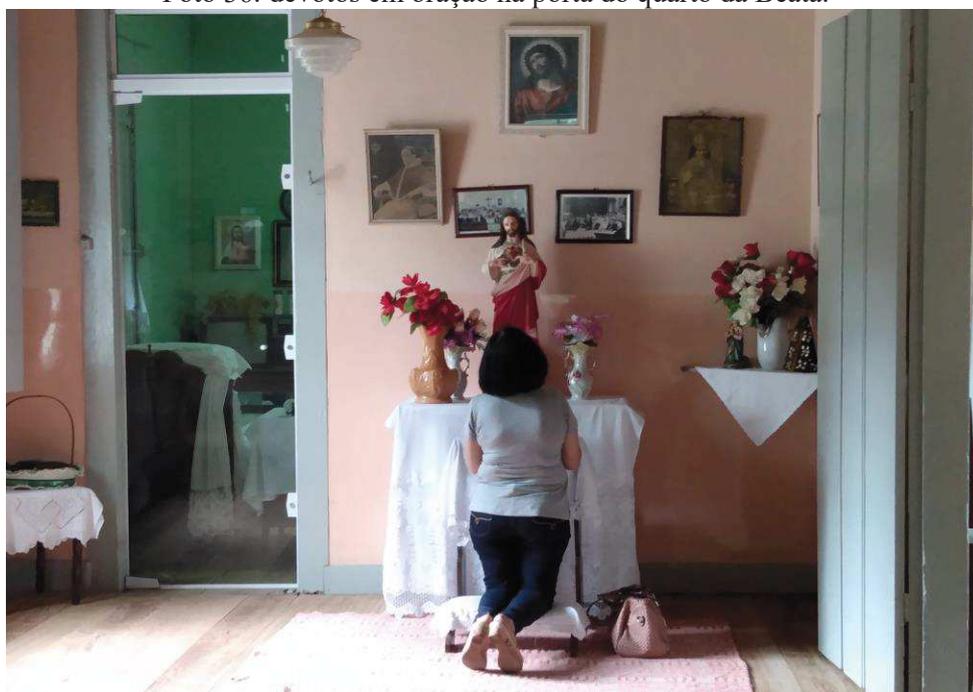
Fonte: arquivo Ferreira (2007).

Foto 35: devotos em oração na porta do quarto da Beata



Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 36: devotos em oração na porta do quarto da Beata.



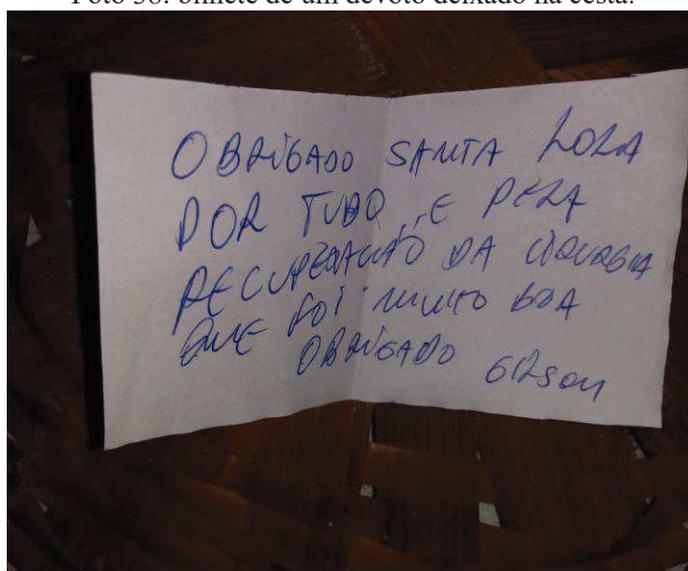
Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 37: imagem localizada entre a casa e a capela.



Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 38: bilhete de um devoto deixado na cesta.



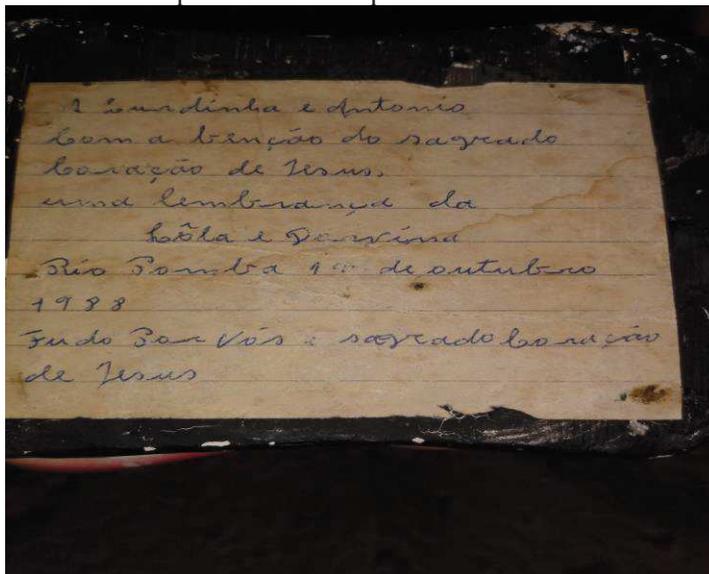
Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 39: imagem presenteada por Lôla aos pais autora



Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 40: dedicatória escrita por Lôla na imagem presenteada aos pais da autora.



Fonte: compilação da autora (2019).

Foto 41: Toalha que ficava na cabeceira da cama da Lôla.
Faz parte do acervo da devota Leda.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 42: terço da devota Maria.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 43: imagens distribuídas pela devota Maria.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 44: imagem pertencente ao devoto Marcos.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 45: dedicatória feita por Lôla na imagem pertencente ao devoto Marcos.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 46: imagens no altar na casa da devota Luciana.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 47: imagens no altar na casa da devota Luciana.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 48: armário na casa da devota Luciana.



Fonte: compilação da autora (2020)

Foto 49: quadros na casa da devota Luciana.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 50: crucifixo da devota Luciana.



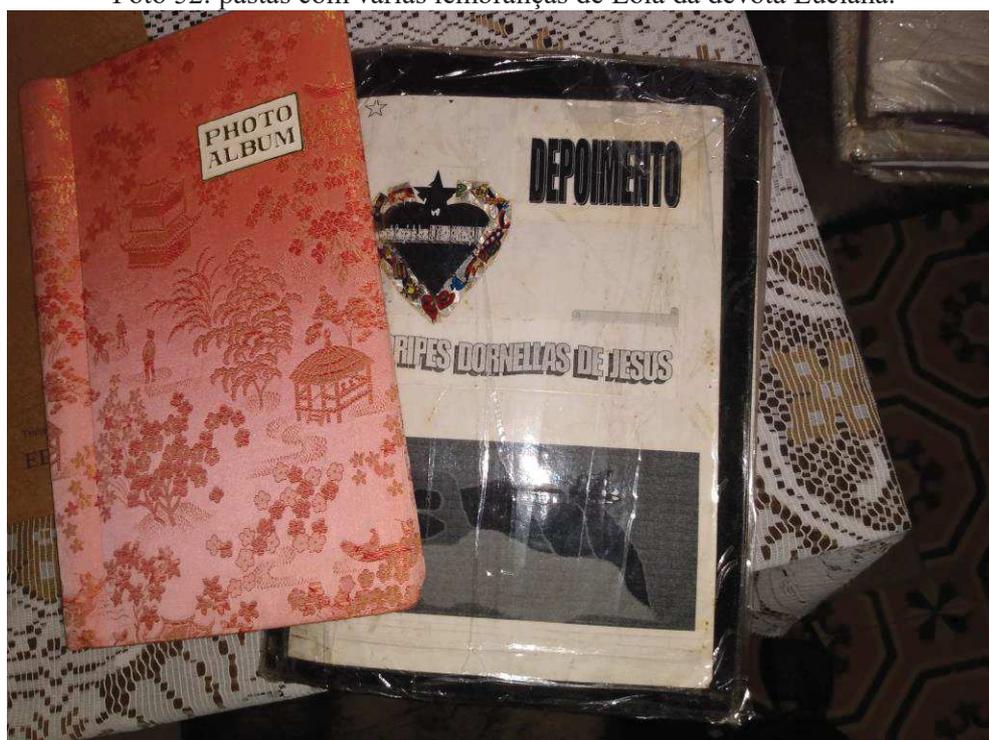
Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 51: anel da devota Luciana.



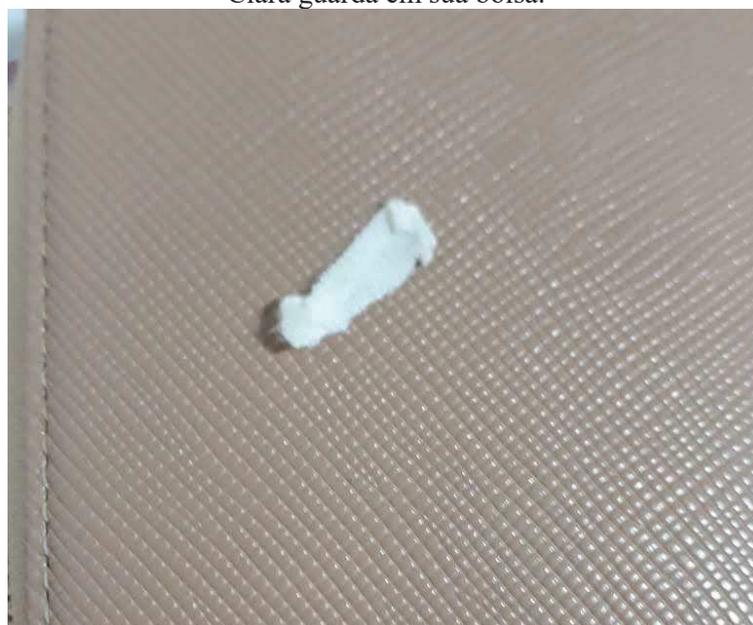
Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 52: pastas com várias lembranças de Lôla da devota Luciana.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 53: pedaço de tecido da roupa de Lôla que a devota Clara guarda em sua bolsa.



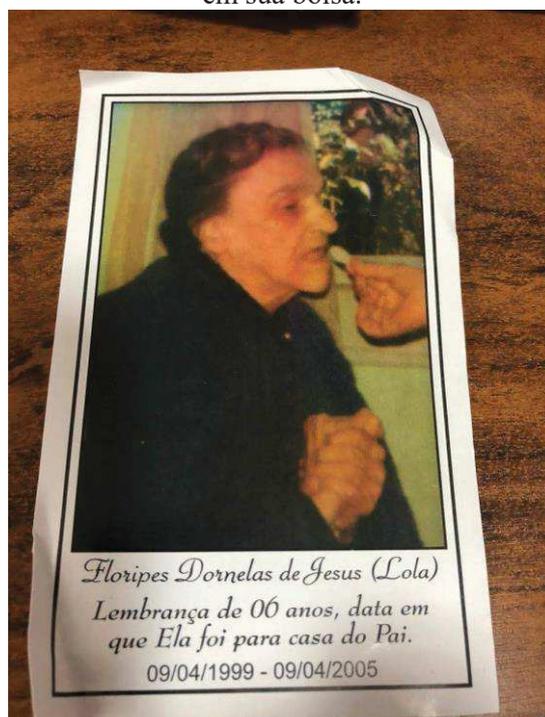
Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 54: Pombinha de papel que a devota Clara guarda em sua bolsa.



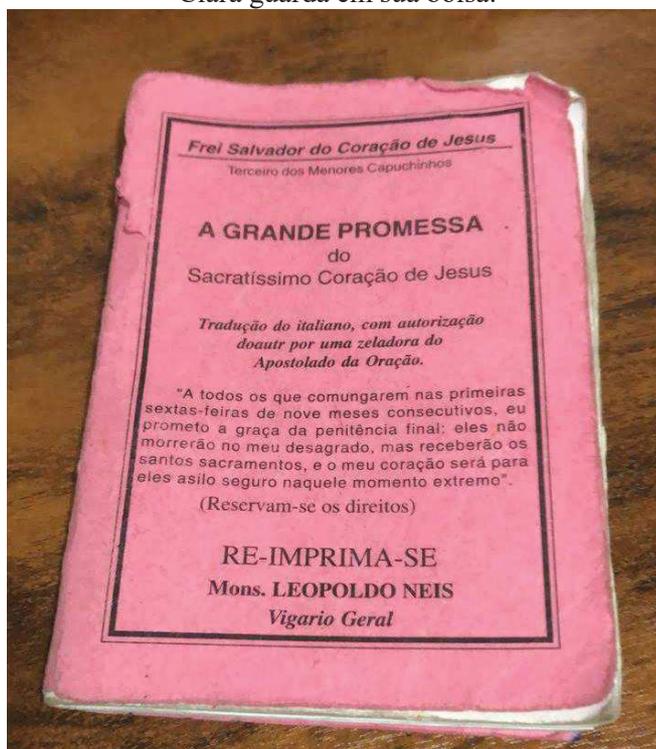
Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 55: santinho que a devota Clara guarda em sua bolsa.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 56: livro que era distribuído por Lôla e que a devota Clara guarda em sua bolsa.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 57: anel da devota Raquel.



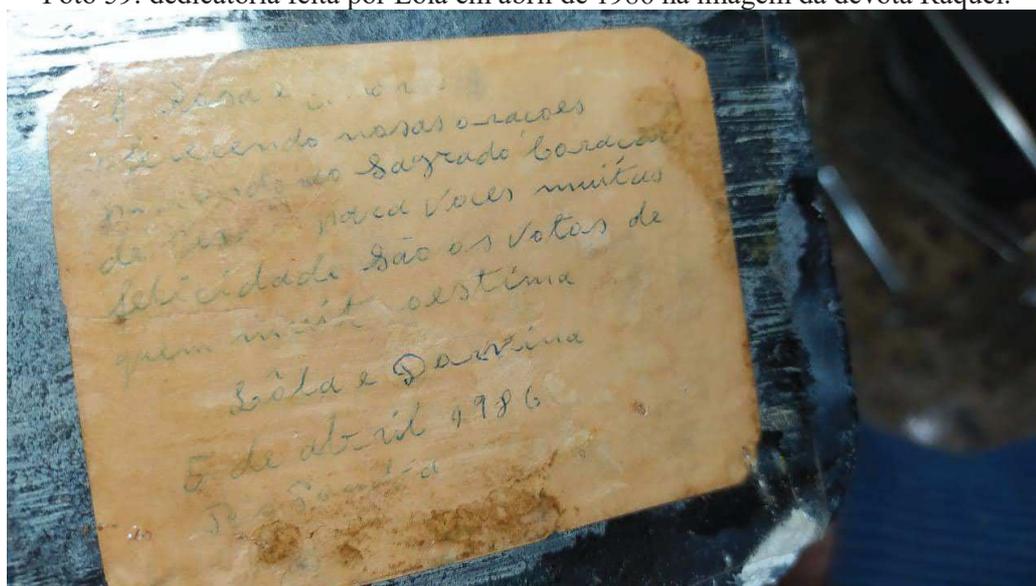
Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 58: imagem pertencente a devota Raquel.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 59: dedicatória feita por Lôla em abril de 1986 na imagem da devota Raquel.



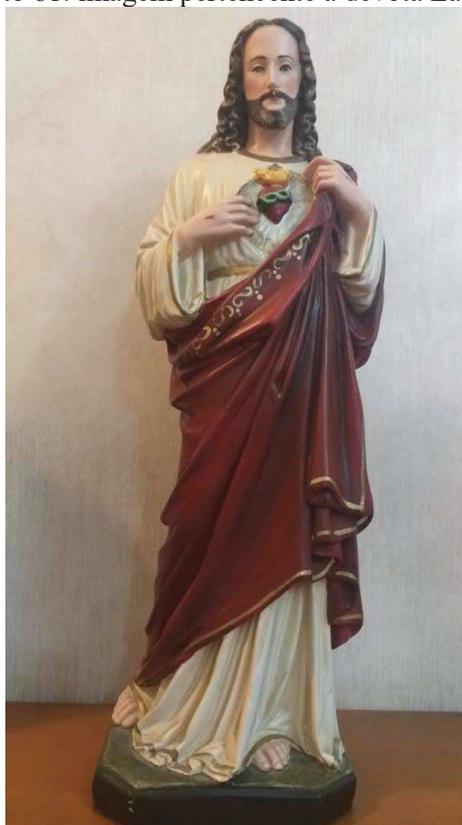
Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 60: livro da devota Raquel.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 61: imagem pertencente a devota Laura.



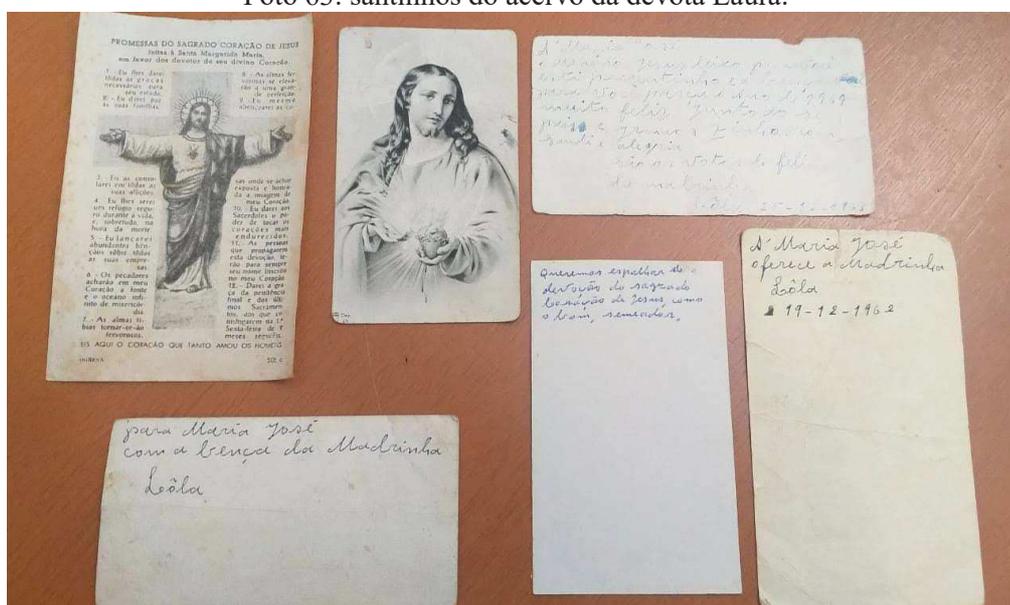
Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 62: pedaço da manga de camisa que era da Lôla.
Faz parte do acervo da devota Laura.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 63: santinhos do acervo da devota Laura.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 64: imagem e fita do devoto Francisco.



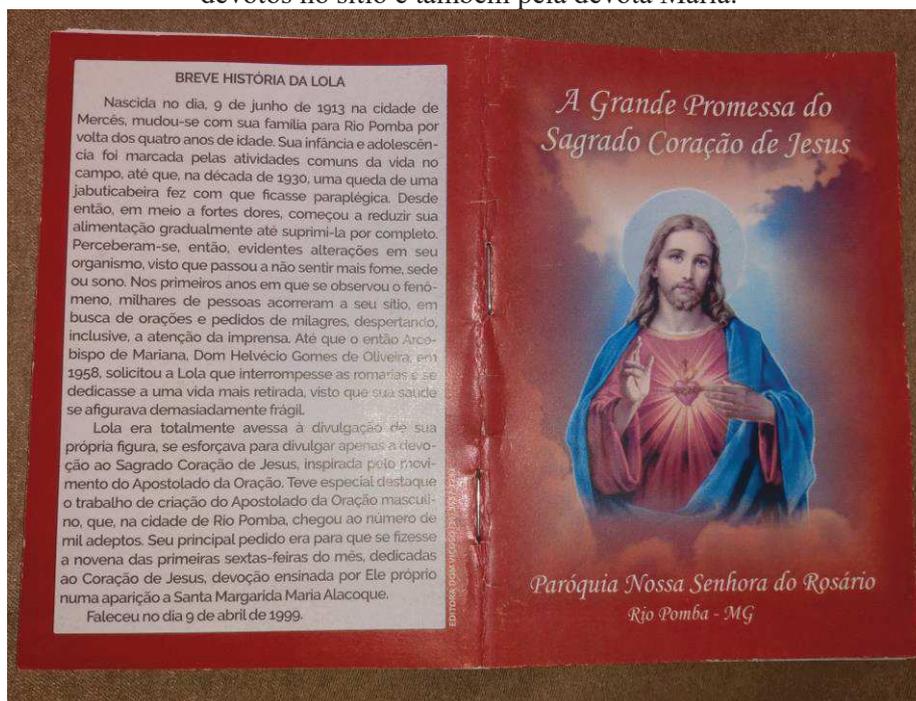
Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 65: livros distribuídos pelo devoto Francisco.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 66: livro que é distribuído atualmente aos devotos no sítio e também pela devota Maria.



Fonte: compilação da autora (2020).

Foto 67: Andor da Festa do Coração de Jesus ano 1998.

nas festividades do sagrado coração de Jesus, Lola trabalhava silenciosamente, distribuía mensagens, pomboinhas, (inclusive há muitos anos através D. Lourdes de Brito, também ajudava a fazer e recitar pomboinhas e mensagens na igreja em que ela frequentava lá), em Ação de graças por todos os graças alcançados durante o ano e preparava, administrava de como devia ser o andor, lembro que em 1998, último ano em que Lola passou aqui na terra, durante a festividade, o andor foi assim:



esta cruz com a pomboinha era iluminada, em um determinado momento, as luzes da cidade se apagaram casualmente e uma multidão tinha em mãos a vela acesa, em uma lanterna feita de papel estofado vermelho, a procissão prosseguiu normalmente, até a chegada à Matriz de São Manuel, (missa campal).

os Jesus não se acalaram com a ocorrência

Fonte: acervo particular da devota Luciana (2020).

ANEXO B – Parecer consubstanciado e Termo de Consentimento do Comitê de Ética

UFJF - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA -
MG

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A MATERIALIDADE DO SAGRADO NA CONSTRUÇÃO DO MITO RELIGIOSO: De Floripes Dornelas de Jesus e Serva Lola.

Pesquisador: MARA BONTEMPO REIS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 27760720.2.0000.5147

Instituição Proponente: Departamento de Ciência da Religião

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.134.263

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Hipótese", e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa. O projeto apresentado visa a "analisar o processo de construção do mito religioso que transformou Lola em uma Santa Popular por meio das relíquias e objetos considerados sagrados por seus devotos". Como hipótese, o pesquisador propõe "que os objetos considerados sagrados pelos seguidores de Lola a representam e a tomam presente na vida dos devotos e contribuem para a construção da mitologia de sua santidade". Assim, "a relação estabelecida entre os devotos e Lola, a partir dos objetos sagrados, depende da força do reconhecimento da sua santidade pela comunidade". No campo referente aos Riscos, o pesquisador coloca que "Tendo em vista os riscos dos participantes terem suas identidades expostas, adotarei como medida de precaução e proteção, nomes fictícios."

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos da pesquisa consideram, primeiramente, "analisar o processo de construção do mito religioso que transformou Floripes Dornelas de Jesus em uma Santa popular por meio da materialidade sagrada de relíquias e objetos" (retirado do texto). Nos objetivos secundários, visa-se a "realizar um levantamento da trajetória de vida de Lola antes e após o acidente, buscar fatos e elementos que contribuíram para a construção do mito Santa Lola; elencar narrativas sobre o se

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER SIN CEP: 36.038-900
Bairro: SAO PEDRO UF: MG Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.proposa@ufjf.edu.br

Página 01 de 04

UFJF - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA -
MG

Continuação do Parecer: 4.134.263

processo de santificação; mapear os objetos sagrados relacionados à Lola e estruturá-los em categorias; entender as funções simbólicas e sociais desses objetos e relíquias; compreender os significados e sentidos que as pessoas atribuem a esses objetos tornando-os sagrados."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Assim como retirado do texto da pesquisadora, tem-se como Benefícios "Contribuir para o enriquecimento do debate e respeito do tema. O estudo etnográfico pretendido possibilitará ampliar as interpretações das relações entre santo e devoto e a dinâmica da religiosidade popular presente no Brasil". Os Riscos decorrem de entrevistas a participantes que possuem objetos/reliquias que tenha relação com a Lola.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Foi realizado um desenho metodológico mais satisfatório para a pesquisa. Foi estabelecida uma amostra de 20 pessoas entre as que possuem objetos afins com a pesquisa. Será realizada uma análise em padrões etnográficos. De forma análoga, a metodologia de análise apresenta autor clássico a ser base referencial da análise.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, ressarcimento com as despesas, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a,b,d,e,f,g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CPes.

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER SIN CEP: 36.038-900
Bairro: SAO PEDRO UF: MG Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.proposa@ufjf.edu.br

Página 02 de 04

UFJF - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA -
MG

Continuação do Parecer: 4.134.263

processo de santificação; mapear os objetos sagrados relacionados à Lola e estruturá-los em categorias; entender as funções simbólicas e sociais desses objetos e relíquias; compreender os significados e sentidos que as pessoas atribuem a esses objetos tornando-os sagrados."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Assim como retirado do texto da pesquisadora, tem-se como Benefícios "Contribuir para o enriquecimento do debate e respeito do tema. O estudo etnográfico pretendido possibilitará ampliar as interpretações das relações entre santo e devoto e a dinâmica da religiosidade popular presente no Brasil". Os Riscos decorrem de entrevistas a participantes que possuem objetos/reliquias que tenha relação com a Lola.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Foi realizado um desenho metodológico mais satisfatório para a pesquisa. Foi estabelecida uma amostra de 20 pessoas entre as que possuem objetos afins com a pesquisa. Será realizada uma análise em padrões etnográficos. De forma análoga, a metodologia de análise apresenta autor clássico a ser base referencial da análise.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, ressarcimento com as despesas, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a,b,d,e,f,g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CPes.

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER SIN CEP: 36.038-900
Bairro: SAO PEDRO UF: MG Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.proposa@ufjf.edu.br

Página 03 de 04

UFJF - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA -
MG

Continuação do Parecer: 4.134.263

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JUIZ DE FORA, 03 de Julho de 2020

Assinado por:
Jubel Barreto
(Coordenador(a))

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER SIN CEP: 36.038-900
Bairro: SAO PEDRO UF: MG Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.proposa@ufjf.edu.br

Página 04 de 04

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa **A MATERIALIDADE DO SAGRADO NA CONSTRUÇÃO DO MITO RELIGIOSO: De Floripes Dornelas de Jesus a Serva Lola**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é analisar o processo de construção do mito religioso que transformou Floripes Dornelas de Jesus em uma Santa popular. Nesta pesquisa pretendemos mapear os objetos sagrados/reliquias pertencentes aos devotos de Lola.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: entrevista individual e realizada a partir de perguntas direcionadas, gravadas apenas em áudio. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são da pessoa entrevistada ser reconhecida pelo nome. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, o seu nome verdadeiro será resguardado e, portanto, adotarei nome fictício. A pesquisa pode ajudar a ampliar os estudos sobre o tema da religiosidade brasileira e de Floripes Dornelas de Jesus – Lola.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20 ____ .

Assinatura do Participante

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Nome do Pesquisador Responsável: MARA BONTEMPO REIS
Campus Universitário da UFJF
Faculdade/Departamento/Instituto: Mestrado em Ciência da Religião/ Departamento de
Ciência da Religião/ Instituto de Ciências Humanas.
CEP: 36036-900
Fone: (32) 9 8874-0652
E-mail: marabomtempo@yahoo.com.br

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
Campus Universitário da UFJF
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
CEP: 36036-900
Fone: (32) 2102-3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

ANEXO C – Certidão de Nascimento de Lôla

O Sagrado Coração de Lola – a 'Santa' de Rio Pomba | 93

República Federativa do Brasil

ESTADO DE MINAS GERAIS
 Serviço Registral das Pessoas Naturais
 da Cidade de Rio Pomba
 Ofício do Registro Civil das Pessoas Naturais da Cidade de Rio Pomba
 Mãe-Substituta
 O. Pr. Jo. Pomba, nº 692
 Márcia Lima Silveira Oliveira
 36.180940-1 - SUBSTITUTA



MUNICÍPIO E COMARCA
 DE RIO POMBA

Mariane Silveira Oliveira
 ESCRIVENTE - SUBSTITUTA

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

Certifico que, revendo em meu cartório o livro nº 20-A de Registro de Nascimento, verifiquei que nele à folha 202, sob o número de ordem 749 consta o assento de FLORIPES MARIA DE JESUS, //

do sexo feminino, // nascido(a) no dia nove de junho de mil novecentos e treze, -(09-06-1913)-//

às 04:00 horas, em Mercês, MG //

filho(a) de JOAQUIM DORNELLAS DA COSTA e de DEOLINDA MARIA DE JESUS, //

Sendo avós paternos Benedicto Dormellas da Costa e Maria José da Trindade, //

e maternos Francisco Antonio da Costa e Guilhermina Maria de Jesus. //

Foi declarante o pai, //

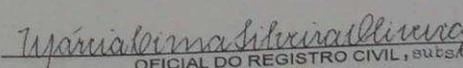
e serviram como testemunhas Francisco José da Silva e Olympio Estanielau Moreira. //

Registro feito em 16 / 04 / 1931. //

Observações Floripes Maria de Jesus faleceu nesta cidade de Rio Pomba, MG, no dia 09 de abril de 1999; conforme consta a anotação ao lado deste registro. //

O referido é verdade, do que dou fé.

Rio Pomba, 07 de fevereiro de 2006.


 OFICIAL DO REGISTRO CIVIL, subs.t.ª


 Selo de Fiscalização
 CERTIDÃO
 ACD 31567

O Registro de Nascimento, feito em 16 de abril de 1931, quando Lola já tinha 19 anos, resultou na troca da data de nascimento.

ANEXO D – Certidão de Batismo de Lôla

Paróquia de Na. Sra. das Mercês
 ARQUIDIOCESE DE MARIANA
 Praça Bins Fortes, 179 - 36.190 - Mercês - MG

CERTIDÃO DE BATISMO

Cartifico que a fls. Av do Livro N. 14 de assentamento de batismo desta Paróquia encontra-se o do teor seguinte:

- Aos Nove dias do mês de Julho do ano de mil novecentos e Onze na Igreja Matriz de Nossa Senhora das Mercês do Pombal batizei solenemente a Floripes nascida em Mercês aos 27 de Junho do ano de mil novecentos e Onze filha legítima de Joaquim Dornelas da Costa e Deolinda Maria de Jesus

Foram padrinhos Françisco Lopes de Faria e Maria Eleutéria Divino

E para constar lavrei este assentamento que assino.

Pe Luis Carlos da Rocha

Observações: _____

Nada mais se continha no dito assentamento a que me refiro e que fielmente copiei.

ITA IN FIDE PAROCHI

Mercês, 31 de Maio de 1999

R/R Dilson Alves de Souza



A Certidão de Batismo, não deixa dúvida: Lola nasceu em 27 de junho de 1911.

ANEXO E – Comunicado do Arcebispo referente a abertura do processo de beatificação

Comunicação às Comunidades e Paróquias da Arquidiocese de Mariana

Saúdo com afeto os irmãos e irmãs membros de nossas Comunidades convidando a todos para cooperarmos no maior conhecimento da vida de Floripes Dornelas de Jesus, tão estimada pela sua virtude chamada por Deus para receber o prêmio a 9 de abril de 1999 em Rio Pomba.

O exemplo de suas virtudes é motivo de gratidão a Deus e obriga-nos a reunir os depoimentos dos que a conheceram em vida a fim de podermos um dia apresentar os testemunhos para exame por parte da Congregação responsável pela beatificação dos santos em Roma.

Esta diligência requer a coleta de depoimentos, que deve ser feita com exatidão e conforme a orientação da Sé Apostólica.

Neste sentido damos início em data de 1º de julho de 2005, 1ª sexta feira do mês, ao trabalho de recebimento e organização dos depoimentos, encarregando para esta finalidade os párocos responsáveis pela Arquidiocese de Mariana em Rio Pomba: Rev. Pe. Marcos Macário Mendes e Rev. Pe. José Eudes Campos do Nascimento, respectivamente párocos de São Manuel e de Nª Srª do Rosário.

Compete aos párocos, tendo a seu lado os assessores do Tribunal Eclesiástico de Mariana, levar adiante o processo assegurando a recepção dos depoimentos, sua classificação, os tempos de oração e os serviços de conservação da propriedade de Dª Lola, assim como a difusão por ela solicitada de preces e imagens do Sagrado Coração de Jesus.

Aceitam-se ofertas para a causa em estudo das virtudes de Dª Lola e para restaurar e ampliar os locais onde Dª Lola viveu. A destinação destes locais, segundo a decisão da Arquidiocese e obedecendo às intenções de Dª Lola atenderá garantir um lugar de oração e uma obra social. As doações deverão ser custodiadas unicamente pelos responsáveis Pe. Marcos Macário Mendes e Pe. José Eudes Campos do Nascimento, evitando-se toda ação que não seja integrada nas decisões dos responsáveis.

Agradeço as diligências e iniciativas até hoje manifestadas em benefício do maior conhecimento das virtudes de Dª Lola e permito-me nesta nova fase, de acordo com as orientações canônicas, determinar que todo empenho e ulteriores iniciativas sejam feitas sob condução dos responsáveis acima indicados.

Peço a todos que ofereçam sua cooperação sob a forma de preces a Deus agradecendo o exemplo de vida de Dª Floripes, nossa venerada Lola, e atraindo sobre nossas comunidades a bênção de Deus.

Confio a Nª Srª do Rosário e a S. Manuel como intercessores de nossos anseios, a continuação agora em sua fase canônica, do processo, em ordem ao recebimento eventual da vida edificante e santa de Dª Lola.

Com firme e a bênção de

Luciano Eudes de Azevedo
Arcebispo de Mariana

Mariana, 27 de junho de 2005

2005: Dom Luciano, Arcebispo de Mariana

ANEXO F – Escritura declaratória na qual Lôla relata o motivo de seu isolamento

República Federativa do Brasil
Estado de Minas Gerais
Município e Comarca de Rio Pomba



Notária: *Bel^a Rita de Cassia Silva Vieira Campos*
Substituta: *Rosane Silva Vieira Arantes*
Esc. Autorizada: *Rosaura Silva Vieira Amaral*

SEGUNDO SERVIÇO DE NOTAS

Certidão



Eu, Rita de Cassia Silva Vieira Campos, Tabeliã do Segundo Serviço de Notas deste Município e Comarca de Rio Pomba-MG.

CERTIFICO, a pedido de pessoa interessada, que revendo o livro nº 163-N, do mesmo verifiquei constar às folhas 001/002verso, a escritura declaratória, lavrada em seis (06) de abril de um mil novecentos e noventa e oito (1998), do teor seguinte: *“Escritura Declaratória que faz Floripes Maria de Jesus, também conhecida por Floripes Domellas da Costa, na forma abaixo: No dia 06(seis) de abril do ano de 1998 (um mil novecentos e noventa e oito), D.C., no lugar denominado “Lindo Vale”, zona rural deste Município de Rio Pomba, sede da Comarca de igual nome, Estado de Minas Gerais, República Federativa do Brasil, às 14,15 horas, onde vim atendendo ao chamado de Floripes Maria de Jesus, que também assina Floripes Domellas da Costa, conhecida por “Lola”, em sua residência, no seu quarto, acompanhada de duas testemunhas ao final nomeadas, qualificadas e assinadas, compareceu perante mim, notária, Floripes Maria de Jesus que também assina Floripes Domellas da Costa, brasileira, solteira, maior, nascida em 27 de junho de 1911 (um mil novecentos e onze), filha de Joaquim Domellas da Costa e Deolinda Maria de Jesus, sendo a declarante, bem como as testemunhas presentes, pessoas juridicamente capazes, minhas conhecidas do que dou fé. A seguir, pela declarante Floripes Maria de Jesus ou Floripes Domellas da Costa, conhecida por “Lola” me foi dito que solicitou meu comparecimento à sua residência para prestar as seguintes declarações: 1)- que, desde o ano de 1937, encontra-se sobre uma cama, em razão de uma paralisia causada por uma queda de uma árvore; 2)- que durante muitos anos recebeu várias pessoas que vinham visitá-la; 3)- que, com o passar dos anos, em razão de sua saúde física que foi se agravando, e também pela idade avançada, foi aconselhada por seu médico a não mais receber as pessoas que vinham em grande número e cada vez maior, pois não teria estrutura física para tal ritmo de vida, assim optou, ela declarante, pelo isolamento quase que total, só recebendo as pessoas indispensáveis aos seus cuidados pessoais, de seus pertences, e ainda sacerdotes e ministros para receber a eucaristia; 4)- que tal decisão foi tomada por livre e espontânea vontade dela declarante, pelas razões anteriormente mencionadas, sem a imposição de quem quer que seja, e assim quer continuar até o fim de sua vida terrena, mantendo silêncio, sem divulgação de sua vida, sob qualquer forma, especialmente pela imprensa falada ou escrita, que é um direito assegurado a todo ser humano, tanto pela Lei de Deus, como pela lei dos homens; 5)- que é feliz, vive da forma que quer e tem direito, orando por todos, recebendo todo tipo de assistência material e espiritual, por um grupo de pessoas que lhe dedicam todo carinho e afeto, sendo que seus pais e irmãos já faleceram; 6)- que quer, desta forma continuar a viver em seu isolamento, rezando por todos ao Sagrado Coração de Jesus, sem divulgação e publicação de sua vida; 7)- que ela declarante quer viver em paz, carregando sua cruz, o que faz com muita alegria e fé no Sagrado Coração de Jesus; 8)- que toda assistência que recebe do grupo de pessoas referidas é feita*

CS Digitizado por CamScanner

Fonte: Ferreira (2007)

de forma gratuita e com muito amor. Assim o disse, e me pediu lavrasse neste meu livro de notas esta escritura, para constar as declarações que me foram feitas e aqui fielmente transcritas, escritura esta que lhe sendo lida em voz alta e achada conforme aceitou e assina com as testemunhas a tudo presentes e que são: José Militão de Oliveira, brasileiro, casado, lavrador aposentado, domiciliado nesta cidade, onde reside, na rua Cel. José Furtado, n° 105, e, Sebastião Bento Quintão, brasileiro, casado, pedreiro, domiciliado e residente em Rio Pomba/MG, na rua Osório Novato, n° 190. Certifico e dou fé, que a declarante encontra-se em pleno uso de suas faculdades mentais, e todas as suas declarações foram feitas com muita clareza e segurança. Eu, (a) Rita de Cassia Silva Vieira Campos, Notária, lavrei, li e encerro, colhendo a assinatura da declarante e testemunhas. Rio Pomba, 06 de abril de 1998. Em test° (sinal público) da verdade. (a) Rita de Cassia Silva Vieira Campos. (a) Floripes Maria de Jesus. (a) Floripes Domellas da Costa. T: (a) José Militão de Oliveira. T: (a) Sebastião Bento Quintão." Nada mais. O referido é verdade e dou fé. Rio Pomba/MG, 08(oito) de abril de 2003. Eu, Rita de Cassia Silva Vieira Campos, (Rita de Cassia Silva Vieira Campos), Tabeliã de Notas, que mandei digitar esta certidão a subscrevo e assino. De tudo dou fé.

Rita de Cassia Silva Vieira Campos
Tabeliã



ANEXO G - Cópias das correspondências da Associação dos Amigos da Causa de Lôla

São Paulo, 09 de dezembro de 2003.

Estimado Pe. José Macedo:

Antecipadamente, um feliz e abençoado Natal para você, comunidade e paroquianos.

Falei com nosso provincial Pe. José Antonio Netto de Oliveira, logo depois do nosso encontro sobre o assunto - Lôla e projetos da diocese, construção futura nos terrenos dela, etc. O Pe. Provincial foi claro, sincero e direto: "Todo esse assunto está nas mãos de dom Luciano Mendes de Almeida, bispo da diocese. Depois de muito estudo, consultas e oração, decidi que dom Luciano é a última palavra, a palavra decisiva no projeto em marcha." Telefone do Pe. Provincial: 021-2286-8692.

Posteriormente falei com dom Luciano por telefone, relatando nosso diálogo e encontro aí em Juiz de Fora e também a longa conversa que mantive com o Dr. Fernando Tadeu David, nosso advogado, seu telefone 032-3216-2788. Celular: 032-9987-2789.

Hoje tomei a falar pessoalmente com dom Luciano, aqui em São Paulo. Ele entende os anseios da equipe local de Rio Pomba, dona Miriam e demais componentes da equipe, interessados vivamente na construção de um Santuário do Coração de Jesus nos terrenos de Lôla.

Dom Luciano tem outro projeto em seu coração. Ele pretende agilizá-lo proximoamente. Disse-me que ele e o Conselho Presbiteral da diocese preferem construir uma casa de oração, nos terrenos de Lôla, tudo orientado para incentivar e promover a devoção ao Coração de Jesus, como Lôla sugere e aponta, em seu testamento. A construção de um Santuário ficaria para um segundo momento.

Resumindo: já não sou eu, nem o Pe. Provincial, Pe. Netto, que temos a última palavra sobre o assunto, mas sim dom Luciano, bispo da diocese. Portanto é com ele que vocês da equipe devem conversar e dialogar, daqui para frente. Esta é a decisão do Pe. Provincial ao qual eu, como humilde súdito, devo obedecer.

Rezo para que os melhores e mais abençoados caminhos sejam encontrados. Brevemente. Que a saudosa Lôla, profunda devota do Coração de Jesus e de Maria, nos abençoe da eternidade.

Paz, minhas preces e bênção amiga. Feliz Natal a você, a equipe e ao povo querido de Rio Pomba.

Cordialmente,

Men Fax -
041-3106-8591

Pe. Roque Schneider, SJ.
Pe. Roque Schneider, SJ.

Rio Pomba, 3 de junho de 2004

Exmo. Revmo. Sr. D. Luciano Mendes de Almeida

Queremos manifestar nossa gratidão e alegria pelo fato de o Sr. , quando esteve aqui em Rio Pomba, no 5º aniversário de falecimento de Lola, ter comunicado ao povo que levaria a Roma o pedido pela Beatificação de Lola.

Sabemos que o Sr. é também um grande admirador de nossa querida Lola, que pedimos a Deus , seja glorificada com a honra dos altares.

D. Luciano, queremos externar ao Sr. uma preocupação nossa: estamos preocupados com o fato que a Casa da Lola está bastante abandonada. O telhado da casa onde o Pe. Paulo Dionê ficava , caiu!

Pedimos ao Sr. que seja valorizado um local tão santo e importante. Que o testamento de Lola seja cumprido.

Sabemos que o Sr. é ocupadíssimo, e os padres da paróquia também o são. Contudo, já se passaram 5 anos da morte de Lola e o local está quase abandonado, nada foi feito lá.

Pedimos humildemente, que o Sr. em quem depositamos um grande apreço e admiração, faça com que o terreno da Lola seja valorizado, e haja uma manutenção melhor de sua Casa e propriedade.

Pedimos sua bênção e estamos a seu dispor para ajudá-lo em obra tão importante para nós e toda a cidade de Rio Pomba.

Endereço para a resposta:

Myriam Rodrigues Vieira
R. Donato Caiafa 43
36180-000 Rio Pomba MG.

ASS. Myriam Rodrigues Vieira C. P. F. 914.984.2204

Assinaturas em anexo

Carta aberta a Dom Luciano Mendes de Almeida.

Excelência,

Que a Paz esteja com o senhor.

Precisamos muito que nos responda a diversas perguntas às quais não temos conseguido obter respostas através de seus representantes aqui em Rio Pomba. Isso porque sempre ouvimos como resposta: -- São ordens de Dom Luciano; -- Somente Dom Luciano pode autorizar, e assim por diante. Como é difícil o acesso à Vossa Excelência, não tivemos outro recurso a não ser este, perguntar-lhe através de um jornal. Contamos por isso com a sua compreensão e boa vontade.

Em abril de 2004, o senhor esteve aqui celebrando a missa pelos cinco anos de falecimento da Lola. Na sua homília o senhor disse que logo em seguida estaria em Roma entregando os documentos que dariam início ao processo de beatificação. Mas não quis levar os documentos comprovatórios de inúmeros milagres e graças alcançados por meio da sua intercessão.

Em outubro de 2004, Severino, Miriam e Márcio estiveram com o senhor em Barbacena, em cuja reunião esteve também o Pároco da Paróquia de N. Sra. do Rosário. Nessa ocasião entregaram ao senhor esses importantes documentos e mais cerca de quatro mil assinaturas de pessoas pedindo providências nos assuntos referentes à causa da Lola. Eles voltaram muito contentes porque o senhor disse que já em novembro levaria para Roma tais documentos e logo teríamos a visita do clérigo responsável pelas causas dos santos.

Considerando que somos pessoas sérias e dignas de consideração, como verdadeiros filhos de Deus, gostaríamos de saber também:

Por que nunca mais tivemos o prazer de ouvir uma homília de sacerdotes que conviveram com a Lola, falando dela? Aliás, já se ouviu dizer que os sacerdotes de fora quando vêm celebrar aqui são advertidos para que não pronunciem o nome da Lola.

No último nove de abril, dia da Lola, três ônibus de pessoas do Apostolado da Oração de Juiz de Fora, esperavam que houvesse uma missa às 3 horas como era de se esperar. Como não estava previsto, pediram ao Sr. Pároco da Paróquia de São Manoel que permitisse que o sacerdote que os acompanhava (que era o presidente do Apostolado da Oração de Juiz de Fora) celebrasse uma missa em Ação de Graças. Ele negou e deu como justificativa o fato de que era por ordem de Dom Luciano. Para ilustrar contou que: na primeira sexta-feira, a um sacerdote que veio para a celebração e que pediu-lhe para celebrar aqui no dia 9, o senhor respondeu algo assim: -- Meu filho, é preciso ter obediência, se se diz que não pode é porque não pode.

Antigamente fazíamos a oração pela beatificação durante as missas das primeiras sextas-feiras, passou-se então fazê-la depois da missa, com todo o povo, depois, somente na reunião das zeladoras do Apostolado da Oração. E agora nem isso mais. Ao se perguntar por que, respondem que se trata de uma oração para devoção privada, não podendo assim ser rezada em público. Perguntamos então: -- Como antes podia?

Alguém quis ler algo semelhante a esta carta na reunião das zeladoras e foi impedida sob a alegação de que para se ler algo sobre a Lola era necessário ter a censura prévia do pároco.

Dentro da vida paroquial o nome da Lola virou tabu. Tem-se muito medo de falar abertamente sobre seus valores porque isso virou motivo de grandes agressões ditas do próprio altar. Já se ouviu até que, quem está interessado na causa de beatificação da

Lola quer é ganhar dinheiro às suas custas. Isto sem que os atingidos tivessem direito a defesa.

O nome da Lola virou tabu porque nos têm sido negadas as explicações necessárias para lidarmos com um assunto tão santo e delicado. Ninguém veio nos explicar como acontece um processo de beatificação passo a passo. O que deve ser feito, o que é permitido, o que é proibido segundo o Direito Canônico. Só ouvimos conselhos para calar a boca e ficar quietos.

Temos muita dificuldade em entender tanto empenho em glorificar a memória de Lola cuja vida foi um comprovado exemplo de fé.

Está certo que não podemos ser afoitos, nos arvorar em nomeá-la santa, cometer excessos que certamente serão prejudiciais à causa da sua beatificação. Longe de nós semelhante desatino.

Mas não somos desatinados. Muito pelo contrário, temos um tino certo, um rumo perfeito que é concretizar a vontade da Lola que sempre foi tornar o Coração de Jesus cada vez mais conhecido e amado. Nessa causa ela empenhou tudo o que ela era, e tinha, e isso nos deixou, o seu legado espiritual e material – Tudo por Vós é Sagrado Coração de Jesus.

Para não deixar tudo isso sepultado, para darmos continuidade à sua obra nos faz necessário tomar atitudes. Atitudes em perfeita harmonia com o bom senso e a prudência, que, se não forem tomadas corremos um grande risco de perder a memória da Lola e todo o seu legado.

O senhor mesmo nos disse na homilia de 2004 que precisamos cuidar desse assunto com prudência. E a prudência nos diz que não poderemos nos entregar à inércia! Em nome da prudência não podemos cruzar os braços, esperar que morramos um a um, os que convivemos com a Lola, conhecemos pessoalmente a sua história, testemunhamos a santidade de sua vida.

Não podemos nos dar ao luxo de morrer sem fazer o que estiver ao nosso alcance pela causa da Lola, sob pena de ter que prestar contas disso a Nosso Senhor, um dia, face a face.

Nesta carta não estamos tratando do legado material da Lola, que temos certeza, será sede do maior tesouro cultural não só de Rio Pomba, mas de toda a região, não só dos católicos, mas de todos os cidadãos. Se cada um fizer a sua parte.

Precisamos Excelência, saber quais são as atribuições dos clérigos, e quais são as atribuições que nós leigos poderemos executar. Pedimos orientações precisas e concretas. Por esta carta ser aberta pedimos também a quem possa nos ajudar, que o faça. Temos certeza, ninguém nunca se arrependeu de trabalhar na verdadeira visão do Senhor.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Rio Pomba, maio de 2005.

Amigos da causa da Lola

Rio Pomba, novembro de 2005

Reverendíssimo D. Luciano Mendes de Almeida
Arcebispo da Arquidiocese de Mariana/MG

É com muita alegria e cheios de esperança que o povo de Rio Pomba, representado pela Comissão "Amigos da Causa da Lola," vem, a honrada presença de V.Rev.^{ma}, solicitar o seu precioso empenho no processo de Beatificação de Floripes Dornelas de Jesus, a nossa estimada Lola.

Sabedores de que a sua santidade, o Papa Bento XVI, virá ao Brasil em maio de 2007 e aproveitando essa feliz oportunidade, gostaríamos que Ele anunciasse a beatificação da Lola para o mundo. Para tanto, acreditamos termos catalogado todos os milagres debitados à Lola.

Assim sendo, o seu empenho neste sentido, será sem dúvida, para nós, a coroação de seu episcopado, ficando o seu nome gravado nos corações dos adoradores do Sagrado Coração de Jesus, não só de Rio Pomba e região, mas do mundo inteiro.

É de grandíssima importância para nós que V.Rev.^{ma} ultime as providências necessárias para que o Padre Roberto Natali Starlino, Presidente do Tribunal Eclesiástico de Mariana, agilize o processo de beatificação da Lola. Nossa ansiedade já nos fez conversar com ele por telefone, onde ele declarou que existe a possibilidade da beatificação acontecer na próxima vinda do Papa ao Brasil. Desde já, colocamos à disposição pessoas leigas, de grande preparo intelectual que se prontificam a permanecer em Mariana, durante as férias escolares, para auxiliar o Padre Roberto, caso isto seja possível e conveniente.

Ao ensejo, rogamos a Deus que lhe dê ânimo, coragem e vigor para implementar mais uma grande realização na sua vida de Arcebispo. Temos certeza que lhe trará a mais genuína alegria que um coração humano pode sentir. Amém.

Certos de contarmos com o apoio e empenho de V.Rev.^{ma} agradecemos.

Deus lhe pague e o abençoe sempre!

Com sua benção,

Amigos da Causa da Lola

Campanha Amigos da Causa da Lola - CPF: 496.820.836-12 Rio Pomba, MG.
 Maria Fernanda Quintão Costa CPF: 436.162.836-04 Rio Pomba, RJ.
 Antonio Bevacqua Ferraz Campos CPF: 021.15736-68
 Valério Antonio Barros Vieira CPF: 881.113.786-53
 Rio Pomba

Rio Pomba, 18 de Novembro de 2005.

Rev. Pe. Marcos Macário Mendes
Rev. Pe. José Eudes Campos do Nascimento

Prezados Sacerdotes,

A comissão constituída pelos "Amigos da Causa da Lola", preocupados com a demora no andamento do cumprimento das declarações de última vontade de D. Lola firmado em seu testamento, instrumento legal amplamente divulgado após sua morte, vêm, pela presente, a honrada presença dos Rev. Sacerdotes, aduzir as considerações seguintes para ao final suplicar.

É de conhecimento corrente, que a falecida FLORIPES MARIA DE JESUS, mais conhecida por LOLA, firmou testamento perante o Cartório do 2º Ofício de Notas da Comarca de Rio Pomba, oportunidade em que a testadora deixou todos os seus bens móveis, imóveis e semoventes à **Congregação dos Padres Jesuítas do Brasil**, nominando como administradores de referidos bens os padres Romeu Ribeiro de Faria e Roque Schneider.

A propósito, a testadora ao contemplar a referida Congregação com a doação dos seus bens, impôs, para tanto, alguns encargos que os nominados padres deveriam cumprir ao receber o legado. Entre os encargos anotados no testamento, figuram: *"conservação dos bens, podendo ser construído convento, seminário, casa de retiro, sendo os bens utilizados, principalmente, para propagar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, na mesma medida que a outorgante doadora propaga, a fim de que o Sagrado Coração de Jesus seja conhecido e amado"*, dentre outros encargos, a distribuição de imagens do Sagrado Coração de Jesus, exemplares de novena e livrinhos, santinhos e fitas para homens do apostolado do Sagrado Coração de Jesus.

Com efeito, também é de conhecimento da comunidade de Rio Pomba, que os padres contemplados com os bens deixados por D. Lola, por razões desconhecidas, não aceitaram ou renunciaram o legado disposto no testamento, transferindo todos os seus direitos e obrigações à Arquidiocese de Mariana.

A propósito, sobre os assuntos afetos à D. Lola, o Reverendíssimo D. Luciano Mendes de Almeida, Arcebispo de Mariana, em expediente de sua lavra datado de 27 de junho de 2005, intitulado **Comunicação às Comunidades e Paróquias da Arquidiocese de Mariana**, determinou os procedimentos que devem ser implementados sobre a vida e a obra de D. Lola, encarregando para tal finalidade os padres das paróquias São Manoel e Nossa Senhora do Rosário, Rev. Pe. Marcos Macário Mendes e José Eudes Campos do Nascimento, respectivamente.

Na mesma carta determinou aos respectivos padres o seguinte:

"Compete aos párocos, tendo a seu lado os assessores do Tribunal Eclesiástico de Mariana, levar adiante o processo assegurando a recepção dos depoimentos, sua classificação, os tempos de oração e os serviços de conservação da propriedade de D. Lola, assim como a difusão por ela solicitada de preces e imagens do Sagrado Coração de Jesus"

Nestas condições, sabendo da gama de atribuições que são de responsabilidade de um pároco, na condição de leigos que somos, vimos pela presente, ofertar nossa modesta colaboração, no sentido de ajudar a concretizar as disposições de última vontade de D. Lola. Como imaginamos que tais atribuições se mostram impossíveis de serem desenvolvidas e concretizadas, somente pelos sacerdotes, devido aos inúmeros compromissos do ofício, queremos oferecer ajuda.

E neste sentido, para que possamos ajudar a implementar e concretizar a disposição de última vontade de D. Lola, sugerimos a criação de uma associação, a qual poderia ser denominada "AMIGOS DA CAUSA DA LOLA", tendo na presidência e coordenação da entidade um pároco de nossa cidade, cumprindo rigorosamente as determinações de D. Luciano.

Assim, rogamos a Deus que nos dê ânimo e esperança, coragem e vigor para concretizar e por em prática o grande legado deixado por D. Lola. Pedindo as bênçãos de Deus, aguardamos resposta o mais breve possível, sobre nossas sugestões e oferecimento de ajuda.

Atenciosamente,

Amigos da Causa da Lola

Carmen Lúcia Marcondes Araújo - CPF: 496.820.826-42 - Rio Pomba, MG.
 Maria Fernanda Quinto Costa - CPF: 436.162.836-04 - Rio Pomba, MG.
 ANTONIO BEARNARDINO F. Campos - CPF: 004.455.776-69 - Rio Pomba, MG.
 Virgílio Antônio Barros Vieira - C.R.F. 181.113.786-53 - Rio Pomba, MG.
 Maria da Conceição de Oliveira - C.P.F. 914.991.356-53 - Rio Pomba, MG.
 Manoel Luiz de Souza - CPF: 381.453.406-91 - Rio Pomba, MG.
 Francisco - Giovanni Miguel Souza Bahia - CPF: 582.319.666-70 - Rio Pomba, MG.
 Joana Lúcia Soares Bernardino - CPF: 393.387.196-72 - Rio Pomba, MG.
 (Alguém) - José Alcides Pereira - CPF: 144.121.446-15 - Rio Pomba, MG.
 Pedro do Nascimento Alves - CPF: 136.070.306-34 - Rio Pomba, MG.
 Maria das Graças O. Menezes - CPF: 625.492.196-00 - Rio Pomba, MG.
 Francineir Lúcia Campos - CPF: 003-857.906-20 - Rio Pomba, MG.
 Jka Marlins Pereira - CPF: 046021786-00 - Rio Pomba, MG.
 Lilian Soares Bastos Ueva - CPF: 061.038.708-10

Rio Pomba, 07 de janeiro de 2006.

Rvdo. Dom Lorenzo Baldisseri
DD. Nuncio Apostólico no Brasil

Com a audácia dos pequeninos, nos dirigimos ao representante de Sua Santidade na Terra de Santa Cruz para pedir ajuda para o grave e importante problema que vivemos em nossa cidade.

Nossa cidade se chama Rio Pomba, e fica em Minas Gerais, na arquidiocese de Mariana. Temos uma arraigada tradição da espiritualidade e costumes católicos, desde muitas gerações e por isso gozávamos de grande saúde espiritual.

Desde crianças muito pequenas éramos conduzidos à catequese dirigida pelas irmãs Cabrinianas, num clima onde era enfatizado o Verdadeiro Amor de Deus, a que todos tínhamos acesso, dele nos regalávamos e podíamos então partilhá-lo alegremente uns com os outros.

A vida na igreja era rica e alegre. Cada um podia buscar se desenvolver naquilo em que tinha mais aptidão, uns eram catequistas, outros Vicentinos, Luízas de Marilac, filhas de Maria, congregados marianos, e muitos, muitos do Apostolado da Oração; começávamos pequeninos, na Cruzada Eucarística, e crescíamos em graça, sabedoria e amor de Deus, até chegar a ser zelador ou zeladora da "fita larga".

Nossa alegria era indizível no preparo e realizações das festas litúrgicas. Cada um se esmerava mais, no que podia, para exercitar suas aptidões artísticas, e tudo ficava lindo, e nossos corações bailavam em profunda alegria. Todo o fundamento de nossas atividades estava no profundo respeito e amor a Deus que se derramava pelos nossos relacionamentos humanos.

Sempre tivemos consciência da nossa condição de pecadores, mas abrigados na misericórdia divina gozamos sempre da Verdade, com discernimento suficiente para livre de confusão, sabermos muito bem distinguir o certo do errado, o bom do nefasto, mesmo que tais atos tivessem sido praticados por nós mesmos.

Talvez seja por isso que nós mineiros tivemos sempre a fama de discretos e refratários à adulação.

Foi num ambiente assim que floresceu no meio de nós a Floripes (flor de ipê) Dornelas de Jesus, a nossa querida Lola.

Uma jovem filha de Maria que desde muito cedo usou de sua perspicácia inata para saber que as riquezas espirituais são muitíssimo reais e infinitamente mais valiosas do que todo o somatório das riquezas materiais.

Por volta dos dezoito anos caiu de um pé de jaboticaba, deliciosa fruta da nossa região, vindo a ficar parálitica. Ao invés de se tornar depressiva e revoltada por se ver excluída de todos os prazeres da juventude, acreditava que aquela era a condição para que gozasse de alegrias maiores do que as proporcionadas pela natureza humana. Era muitíssimo melhor esperar e confiar na expectativa de Deus do que na sua própria.

Foi assim que se exercitava dia a dia para estreitar o seu relacionamento com Deus. E quanto mais o fazia, tinha menos necessidades materiais, a ponto de não precisar mais alimento ou água, tinha como único alimento para o corpo e para alma, o próprio Deus na Eucaristia.

Teve grande sofrimento ao constatar isso ao ver o sofrimento de seus familiares, especialmente de sua mãe por sua rejeição ao alimento. Pensavam que fosse morrer. Ela também pensava que isso fosse acontecer, mas o que aconteceu foi justamente o contrário. Sua vivacidade e perspicácia aumentaram substancialmente e ela passou a ajudar a muitas pessoas, com suas orações, palavras de sabedoria e de conforto.

Com o passar do tempo, o número de visitas passou a aumentar constantemente, tornando-se mesmo romarias. Ela quase não tinha mais tempo para estar a sós com o Coração de Jesus, alvo de todo o seu amor e devoção. Sua irmã Dorvina, que também consideramos santificada, recebia da providência divina os meios para oferecer café e bolo aos visitantes, que vinham de às vezes de muito longe em carrocerias de caminhões cheias de pessoas. (Anexo 1)

Por ordem do então arcebispo, Dom Oscar de Oliveira deixou de receber os peregrinos. Tomou-se então enclausurada adoradora do Santíssimo Sacramento que Dom Oscar concedeu ordem para que ficasse em seu quarto. Mas, em troca, recebia inúmeros bilhetes com pedidos de orações, que respondia com recados de esperança e conforto nas providências do amor e poder do Coração de Jesus. Além de livros, devocionários, medalhas ou terços. Tinha imensa alegria em presentear as pessoas com imagens do Coração de Jesus. Para isso se empenhava na administração da sua pequena produção de leite com a qual adquiria proventos para custear suas despesas de devoção.

Embora vivendo reclusa em sua propriedade rural, sempre participou ativamente da vida da cidade. Foi sempre grande responsável pelo imenso número de adeptos do Apostolado da Oração, a fundação do Apostolado masculino aconteceu por diligências suas. Gozava do respeito e consideração de todos. Sacerdotes que vinham, às vezes de longe, para pedir suas orações.

Após a sua morte as autoridades civis de nossa cidade promulgaram feriado o dia nove de abril, o dia da Lola (data de seu falecimento em mil novecentos e noventa e nove) (Anexo 2).

Nos últimos anos, o ambiente harmonioso de unidade na grande diversidade que tínhamos na vida eclesial foi aos poucos sendo diluído num novo ar, denso e pouco agradável, que foi nos envolvendo como um gás venenoso e matando em nós a alegria, a espontaneidade, a doçura dos exercícios espirituais, o aconchego

do amor de Deus, da Virgem Santíssima, a segurança dos santos anjos e todas as nossas riquezas espirituais.

Elas passaram a ser alvo das zombarias e escárnios dos próprios padres, durante os sermões. Para eles as únicas coisas que tinham (têm?) valor eram as atividades políticas. Queriam (querem ainda?) libertar o povo das riquezas espirituais que consideravam (consideram?) ignorância, para torná-lo militante dos interesses de líderes formados por determinada ideologia totalmente materialista (e, portanto atéia) a qual Nossa Senhora apareceu em Fátima para nos alertar contra ela.

A unidade e alegria das festas da igreja deram lugar aos ciúmes, à competição, à divisão. A vida política da cidade (e inúmeras outras do nosso Brasil) tornou-se um caos. Muitos padres viraram políticos (ou seriam políticos que se fizeram padres?) E a promiscuidade entre o sagrado e o profano gerou a confusão do relativismo.

Diante de tal ambiente Lola jamais se manifestou, nem contra e nem a favor. Continuava reclusa em seu quarto, obedecendo fielmente ao arcebispo através de seu diretor espiritual escolhido por ele. Sempre se referia aos sacerdotes com todo respeito e consideração.

Mas tomou uma decisão muito significativa: anulou o testamento feito nos anos cinquenta no qual deixava a sua propriedade (cerca de dezoito alqueires) para a arquidiocese. Fez um novo, deixando-a para os padres jesuítas na pessoa do padre Roque Schneider, o maior divulgador da devoção ao Sagrado Coração de Jesus no Brasil, com instruções claras de que era para ser usada para divulgar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. (Anexo 3)

Após a sua morte a população esperava que sua vida fosse finalmente valorizada e manifestada pelos representantes da igreja. Seria como tomar posse de uma riqueza considerada sua, mas, que era escondida pela virtude, e que, então dela poderia, finalmente, se ufanar santamente.

Mas o que vimos foi altamente consternador: o que para nós eram relíquias vimos ser tratadas como por quase bárbaros. Postularam fazer de sua propriedade uma olaria! Os padres das nossas paróquias invocavam a humildade de Lola que abominava publicidade, e ameaçavam os que querem divulgar o seu exemplo com a pecha de espertalhões que querem ganhar dinheiro às suas custas.

Reclamamos com padre Roque Schneider providências, uma vez que o testamento por ele recebido fazia imposições. Ele então transferiu a propriedade para a arquidiocese de Mariana (Anexo 4).

Tudo ficou então muito mais difícil, conforme Vossa Senhoria pode constatar através das cópias dos documentos anexos. Tentamos concretizar uma associação ou fundação que auxiliasse os padres na construção de uma igreja e uma casa de retiros no sítio; tínhamos (e ainda temos) o apoio de arquitetos famosos, muitas pessoas interessadas em levar adiante a obra tão importante, mas eles recusaram.

Os padres recusaram a nossa ajuda e o senhor arcebispo negou as autorizações para a associação e o projeto do arquiteto, por telefone. (Anexos 5 e 6)

Todo o patrimônio legado por Lola está hoje a mercê dos padres das paróquias que lá criam cavalos. Fazem (agora) alguns poucos reparos na casa-fazenda que corre grande risco. Disseram que tencionam fazer mais tarde uma casa de retiros e uma igrejinha, mas recusam a nossa ajuda. Para Rio Pomba, disse-nos o senhor arcebispo, seria coisa muito simples!

Os padres exercem um grande controle sobre quem lá pode entrar. Fazem anunciar enfaticamente que se trata de propriedade particular da arquidiocese. Agem como incapazes de alcançar o significado do valor espiritual que este legado tem para nós.

É nesse triste ambiente que ainda vivemos. Temos com o nosso sacramento da Crisma o compromisso de defender os valores da Verdade e do Amor de Deus, até as últimas conseqüências, desde que com atitudes convenientes a um (a) verdadeiro (a) cristão (ã). Mas jamais pensaríamos ser necessário defende-los daqueles que deveriam estimulá-los,

Para conseguirmos que Dom Luciano cumprisse o que prometia ao povo, declarar aberto o seu processo de beatificação tivemos que lançar mão da "Carta Aberta a Dom Luciano", que graças a Deus, não precisou ser publicada, mas que chegou às suas mãos. (Anexo 7).

Desde então estamos à mercê da subjetividade dos dois párocos, que dizem (agora) ao povo que gostam da Lola, mas fazem o que podem para abafar a sua memória. Graças à "Comunicação às comunidades e paróquias da arquidiocese de Mariana" (Anexo 8).

Tudo o que queremos é preservar, valorizar e tirar todo o proveito espiritual possível do legado de nossa conterrânea que está sendo dilapidado em mãos de pessoas alheias ao nosso espírito, que demonstram constantemente que seus interesses ideológicos são contrários aos valores da piedade e costumes cristãos, como os nossos. É grande a nossa preocupação por ver o nosso tesouro em contínua ameaça, na parte espiritual e cultural de morrer no coração do povo, sufocada pela ideologia em vigor, e o patrimônio físico ser usado para outros fins contrários aos interesses do Coração de Jesus.

Se seguirmos as orientações por eles pregadas em todos estes anos, devemos procurar fazer com que nossos direitos sejam concretizados. Para isto devemos procurar os tribunais civis, por incrível que possa parecer, para defender a nossa cultura e valores espirituais dos padres e arcebispo da Igreja!

Seria uma atitude lógica, porque, o fato deles desprezarem esses valores não lhes dá o direito de impedir que os outros o façam. Está na Constituição Civil do nosso país o direito de professar toda crença. **Todas as nossas devoções estão totalmente fundamentadas nas orientações da Santa Sé de Roma.** Temos o direito a usar o patrimônio a nós legado para praticarmos a nossa fé e devoções

conforme aprendemos de nossos antepassados; uma vez que, não há lugar para elas em nossas paróquias.

Agora vossa senhoria pode aquilatar o tamanho do nosso problema, que só é menor do que o poder e o amor de Deus, com o qual temos contado durante todo esse tempo. É dEle que nos vêm tudo o que nos é necessário para trabalhar nesta vinha maravilhosa, que nos paga o salário em moedas de alegria, nas quais, podemos garantir-lhe, somos extremamente ricos. Não nos importamos com o tipo de serviço que devemos realizar, nem com quem havemos de tratar.

Quando temos uma inspiração, pedimos uma só coisa: --Confirma Senhor, se estivermos certos, corrija Senhor, se estivermos errados. E assim tem acontecido, e temos certeza, continuará acontecendo. Agora contamos com vossa senhoria, como instrumento do amor de Deus para conosco. Aguardamos uma orientação para o mais breve que lhe for possível, diante de Deus.

Pedimos também a sua intercessão para que a beatificação de Lola seja promulgada na próxima vinda de Sua Santidade ao Brasil. Segundo o padre Roberto Natali Starlino, presidente do Tribunal Eclesial da Arquidiocese de Mariana temos todos os quesitos necessário para que isso aconteça. Só depende de diligencias a serem autorizadas pelo senhor Arcebispo.

Agradecendo a Deus a graça de poder reportar-lhe estes acontecimentos, nos despedimos pedindo a sua bênção,

Pelos Amigos da Causa da Lola,

Miriam Rodrigues Vieira
 Miriam Rodrigues Vieira Severino de Almeida Vieira
 Rua Donato Caiafa, 43 – Centro
 36180 0000 – Rio Pomba/MG
 Fone 32 3571 1775

Giselle Nêves
 Giselle Nêves Moreira de Aguiar
 R. Geraldo Rosa Soares, 23
 36180 0000 – Rio Pomba/MG
 Fone 32 3571 4089

P.S.1 Representamos cerca de quatro mil pessoas em abaixo assinado, já entregue a Dom Luciano Mendes. (Anexo 9)

Rio Pomba, 06 de novembro de 2006

Revdo. Pe. Marcos Macário, pároco da Matriz de São Manoel,
Revdo. Pe. José Eudes Campos, pároco da Matriz de N. Sra. do Rosário e

Vimos comunicar-lhes que é fato concreto a existência da Associação dos Amigos da Causa da Lola, CNPJ nº. 08.373.502/0001-70.

Formada inicialmente por quarenta e cinco pessoas, que exercem as mais diversas profissões, em nossa cidade e em outras. Tem por objetivo continuar a obra de Floripes Dornelas de Jesus, a Lola: - *despertar o amor do Sagrado Coraçãc. de Jesus nos corações humanos.*

Como retorno, espera um mundo melhorado, com um número cada vez maior de pessoas capazes de amar; ou seja, dotadas de autoconhecimento e discernimento, portanto maduras e produtivas.

Mais uma vez, voltamos a oferecer nossos serviços, nosso empenho, nossa vontade, e tudo o que possamos ter para que essa obra maravilhosa que Deus começou através da Lola possa atingir o maior número possível de pessoas, o mais rápido possível.

Sentimos a necessidade de levar à frente a Associação, com a qual poderemos trabalhar e angariar fundos para que sejam feitas as obras necessárias e a manutenção da sua herança, material e espiritual, de maneira que o povo tenha acesso irrestrito e ilimitado a ele; tanto no plano espiritual como no físico.

É um direito do povo. Nos últimos anos ouvimos nas pregações que o povo tem o direito de reivindicar o que lhe é próprio. Nada mais próprio do povo do que o legado da Lola.

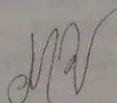
Por mais prerrogativas que tenham as autoridades eclesiais elas não tiveram o convívio que tivemos com Lola. Somos testemunhas da sua vida e do seu legado. Sentimo-nos presos a um compromisso com Deus de não deixar a mínima lembrança de sua vida sem produzir o fruto do seu significado; o que nossos padres, por melhores que sejam, não conhecem. O que para uns são velharias, para nós e para os futuros devotos são relíquias. Essa necessidade nos é premente, reivindicamos o nosso direito de ajudar no que for possível.

Sabemos das grandes dificuldades de colocar isso em prática. Não é serviço para duas ou três pessoas. É preciso envolver toda a comunidade. Daí a necessidade da Associação que deverá assumir as dificuldades para que os sacerdotes possam se ocupar das suas prerrogativas.

É um direito de cada um sentir a alegria de fazer o que pode pelos seus valores e ideais!

Contando com a compreensão e conseqüente apoio de cada um, esperamos poder contar com a presença dos senhores nas nossas reuniões plenárias.

Com saudações fraternalmente cristã, subescrevemo-nos,



A Diretoria

"Eu vos digo: Pedi e recebereis, buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á. Pois todo aquele que pede, recebe; aquele que procura, acha; e ao que bater, se lhe abrirá". - Luc. 11, 9-10 -

Rio Pomba, abril de 2007

A
Dom Geraldo Lyrio Rocha
Reverendíssimo Arcebispo de Mariana.

Agradecendo a Deus o fato de serem agraciados por tê-lo como Pastor, os abaixo assinados, vêm mui respeitosamente, pedir a V.Revma. providências a respeito de assunto muitíssimo importante (e, portanto alvo de suas preocupações) para os devotos do Sagrado Coração de Jesus:

Trata-se da obra começada pela Serva de Deus Floripes Dornelas de Jesus, nossa querida Lola, cujo processo de Beatificação foi iniciado por Dom Luciano Mendes de Almeida.

Pedimos:

- O empenho e interesse de V. Revma. na continuidade do seu processo de Beatificação, fomento de sua obra de divulgação da devoção ao Sagrado Coração de Jesus; além da preservação fiel e integral de sua memória através do patrimônio físico legado por ela.

- A averbação do testamento deixado por Lola às escrituras das propriedades deixadas por ela, junto ao Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Rio Pomba.

- A construção em caráter urgente de uma capela em sua propriedade para que os seus restos mortais e os de sua irmã Dorvina sejam para lá trasladados, porque correm sério risco de ação de vândalos no cemitério local, uma vez que seu túmulo já foi alvo de malfeitores.

- Que seja abrigada no seu sítio uma ordem religiosa de adoradores perpétuos do Santíssimo Sacramento, para que a adoração perpétua, feita por Lola (que não dormia) continue a presentear o povo de Deus com valiosos subsídios espirituais no nosso tempo tão carente dos mesmos.

- Que seja acolhida a Associação dos Amigos da Causa da Lola - CNPJ nº. 08.373.502/0001-70 -, com base no Concílio Ecumênico do Vaticano II, como uma associação fundada exclusivamente para ajudar as autoridades eclesiais, fornecendo os meios advindos de seu trabalho e empenho para que tão grande riqueza espiritual seja compartilhada com maior número possível de almas.

Tudo para a glória de Deus e bem do Seu povo.

Esperando no grande amor de V.Revma por Nosso Senhor Jesus Cristo, já agradecemos:

Rio Pomba, maio de 2007

Aos membros do Apostolado da Oração da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, de Rio Pomba, MG.

Agradecemos a oportunidade de externar nossa posição na vida da Igreja e da cidadania rio-pombense, uma vez que nas vidas das paróquias somos excluídos e marginalizados.

Somos acusados e execrados, tanto no altar pelos padres que insinuam sobre nós a acusação de querer ganhar dinheiro à custa da Lola e dos olhares condenadores daqueles que constituem os seus mais fiéis seguidores.

Talvez fossemos melhor acolhidos se estivéssemos na posição dos leprosos do Evangelho. Por isso, a carta de vocês nos colocando no nosso devido lugar, aos seus olhos, é para nós instrumento de Deus porque nos dá condição de fazer a nossa defesa, uma vez que as acusações nos são feitas do altar ou no sigilo da sacristia, onde o acesso nos é negado.

Fazer a nossa defesa nos é um tanto difícil porque somos acusados de algo pelo qual damos incansáveis louvores a Deus: querer e lutar pela beatificação da Lola usando os meios lícitos e de acordo com as leis de Deus, da Igreja e dos homens. Somos elogiados em todos os lugares aonde chega o nosso trabalho, pelas mais diversas autoridades, tanto civis como eclesiais; todos se encantam com o nosso tesouro: o que Nosso Senhor fez por nós através da Lola.

Num mundo como o de hoje, em que grassam os maus exemplos, falar de **uma vida singularmente santa como a da Lola constitui um refrigério e um estímulo à Esperança dos que se consideram verdadeiramente católicos e servidores do Reino de Deus**. Por isso não conseguimos entender de que somos acusados.

Soa-nos totalmente absurda a idéia de que queremos que os nossos párocos vão embora de Rio Pomba. Temos como comprovar que os procuramos, com grande alegria, para fazer de um deles presidente da nossa associação. Alguns de vocês estavam na reunião que fizeram para nos excluir oficialmente. Será que vocês leram a carta que foi enviada a eles?

Não temos culpa se a nossa simples existência pode causar tanto mal estar aos senhores párocos; não entendemos o porquê. Antes de torná-la real, mesmo sem a presença dos padres, um bispo nos disse que os católicos podem (e devem) se associar com todos os bons objetivos, desde que, obedeçam aos dez mandamentos.

Nosso único objetivo é continuar a obra da Lola: fazer com que o Sagrado Coração de Jesus seja cada vez mais conhecido, e, portanto, cada vez mais amado.

Tudo o que fazemos é com orientação da Santa Igreja, mesmo que esta orientação seja dada como esmola, uma vez que somos ovelhas rejeitadas pelos nossos pastores; que justificam sua posição dizendo que a Igreja não pode estimular esse tipo de espiritualidade que eles consideram estéril, fundamentalista.

Pode ser que esta seja a opinião deles, mas não é a oficial da Igreja. Também não está de acordo com a própria ideologia que pregam porque ela diz que todos têm direito de serem respeitados nas suas convicções. Se isto é verdade deveriam respeitar o direito dos que eles consideram fundamentalistas a viverem a fé conforme as suas tradições que eles teimam insistente em vilipendiar de maneiras sutis ou explícitas. Será que nossas milenares tradições católicas têm menos valor que as tradições indígenas ou africanas?

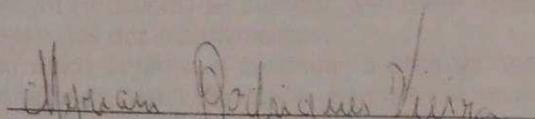
Acreditamos que tudo como tem acontecido, tem sido regido pela mão de Deus. De outra maneira não teríamos como saber que nas escrituras das terras deixadas por Lola, no Cartório de Registro de Imóveis de Rio Pomba, não se encontra averbado o seu testamento em que ela deixa muitíssimo claro o desejo de que sua propriedade seja usada para a divulgação da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Isto significa que, daqui a alguns anos, mantendo-se o silêncio a respeito da Lola, suas terras podem ser vendidas ou usadas para qualquer outra finalidade.

Para sermos coerentes com fé da Santa Igreja Católica Apostólica Romana não podemos agir de maneira diferente, sob pena de não termos como olhar no rosto de Nosso Senhor Jesus Cristo no momento da nossa entrada na eternidade. Não sem nos sentirmos ingratos e negligentes; pois, se não fizermos a nossa parte, agradecendo e divulgando a maravilhosa obra que Ele fez no meio de nós, como poderemos esperar dEle outra coisa que não seja o sentimento de decepção?

Por isto, não podemos deixar de fazer o que fazemos. Gostamos muito dos nossos padres mas entre contrariá-los e contrariar ao Sagrado Coração de Jesus e os interesses do Reino **de Deus**, preferimos contrariar aos nossos sacerdotes. Confiamos plenamente em Nosso Senhor, que "repara as nossas faltas e santifica as nossas obras". Tudo por Vós ó Sagrado Coração de Jesus.

Com os nossos agradecimentos,

Pela Associação dos Amigos da Causa da Lola - AACL -


Myriam Rodrigues Vieira- presidente

Rio Pomba, dezembro de 2007.

A Dom Geraldo Lyrio da Rocha
Revmo. Arcebispo de Mariana

Caríssimo Dom Geraldo,

Cumprindo um dever cristão, estamos reportando à V.Revma. o que, aos olhos de humildes ovelhas, tem acontecido nas paróquias de Rio Pomba.

Não temos nenhum objetivo de fazer pressão como querem insinuar (implícita ou explicitamente) os nossos párocos. Queremos apenas reclamar os nossos direitos, conforme eles mesmos sempre nos recomendaram. Acreditamos que temos o direito à verdadeira doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana; com toda a espiritualidade, devoções e práticas de piedade em consonância com a Santa Sé.

Estamos acostumados a ter nossos objetivos e intenções distorcidos pelos párocos. Mas temos o próprio Deus por testemunha de que não temos outro objetivo do que o vigor do Reino de Deus. Por isso nos vimos impelidos a enviar-lhe tudo o que podemos para que V. Revma. tome conhecimento do que tem ocorrido e aja segundo a vossa consciência, perante o Deus da Verdade:

Dentro dos nossos limites, enviamos em janeiro de 2006 uma carta com cópia de documentos a Dom Lorenzo Baldisseri, o Núncio Apostólico no Brasil (anexo G1- carta ao Núncio, ilustrada por 9 anexos) .

Recebemos a sua resposta conforme o anexo G2.

Em obediência o enviamos a Dom Luciano Mendes de Almeida, (anexo G3)

Diante do silêncio que se seguiu resolvemos fundar uma associação de leigos para trabalhar pela Causa da Lola. (anexo G4 - estatuto da Associação dos Amigos da Causa da Lola - AAACL -)

Durante os preparativos jurídicos para tal, tomamos conhecimento de algo que nos abalou profundamente: não consta, no cartório de registro de imóveis da cidade, a averbação do testamento de Lola consignando toda a propriedade à devoção ao Sagrado Coração de Jesus. (anexo G5 - registro da escritura das terras da Lola)

A fundação da associação levantou contra nós a ira dos párocos locais, conforme V.Revma. pode avaliar no anexo G6, cópia da ata de nossa reunião, e anexo G7, carta que os padres fizeram publicar e distribuíram na igreja, na primeira sexta-feira, aos peregrinos e a todo o povo.

A partir daí temos continuado a nossa luta pela divulgação do nosso tesouro, ávidos em partilhá-lo, publicando livros, artigos no jornal local, tudo o que se pode fazer sem ajuda dos padres.

Estava presente para nós na época, a necessidade de procurarmos o ministério público para fazer valer o testamento da Lola. Mas, com o advento do novo arcebispo, resolvemos esperar pelos seus gestos. Neste ínterim, aconteceu algo que nos abalou mais ainda: o túmulo da Lola sofreu ataque de vândalos.

Achamos então necessário um abaixo assinado (anexo G8) pedindo ao novo arcebispo (não sabíamos quem seria) as providências para os fatos, para nós urgentes e gravíssimos. Levamos o texto do abaixo assinado ao conhecimento do padre Marcos Macário.

Fomos, por causa desse abaixo assinado, alvo de insultos feitos pelo padre José Eudes no altar de sua paróquia, durante as missas.

Em seguida recebemos a seguinte carta de seus paroquianos: -anexo G9 - que respondemos assim: - anexo G10-

O abaixo-assinado com milhares de assinaturas (apesar do empenho contrário do padre) -anexo G8 - foi enviado a V. Revma. no seu primeiro dia na arquidiocese de Mariana.

Sabemos do valor espiritual do nosso tesouro, que no momento (tempo de torre de Babel, conforme o seu sermão em nossa cidade) não goza de muito prestígio entre os clérigos, cuja maioria é "devota" da teologia da libertação, em total antagonia com a espiritualidade da Causa da Lola: a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Por isso precisamos de uma palavra do pastor, investido do cargo de Apóstolo de Jesus Cristo.

Temos sofrido muito em ver nosso tesouro espiritual e cultural à mercê de quem não o vê como mesmos olhos nossos, ou pior, de quem despreza a nossa piedade como fundamentalismo retrógrado.

Depois de tanta peleja, o nome da Lola e sua espiritualidade já não sofre tanto escárnio. Mas todo o seu patrimônio está sob a ditadura dos padres que fazem somente o que dita seus gostos e opiniões pessoais.

No momento fazem reformas na sua casa. Não levam em conta a necessidade da fidelidade da conservação nos moldes de quem lida com relíquias. Nossa angústia é grande!

Que o Sagrada Coração de Jesus, por intercessão da Lola e de todos os que na terra puderam usufruir das benesses desta devoção lhe conceda tudo o que for necessário para que, em tudo o que lhe reportamos: faça-se, cumpra-se, a justíssima vontade de Deus.

Quanto a nós, repousamos nossa consciência no fato de ter feito tudo o que está ao nosso alcance, pelo advento do Seu Reino.

Que Deus nos conceda Sua misericórdia e Sua benção por meio de V. Revma.

ANEXO H – Ata de reunião da Associação dos Amigos da Causa de Lôla

Ata da reunião plenária da Associação dos Amigos da Causa da Lôla

No dia dezesseis de novembro de dois mil e seis, às vinte horas, reuniram-se na sede do Sindicato dos Produtores Rurais de Rio Pomba, os membros da Associação dos Amigos da Causa da Lôla, cujas assinaturas se encontram no livro de assinaturas. A presidente, senhora Myriam Rodrigues Vieira, deu início à reunião pedindo que juntos fizéssemos uma oração invocando o Divino Espírito Santo, o que fizemos. Logo, em seguida Dona Myriam comunicou-nos que, com a Graça de Deus, já somos, oficialmente, uma pessoa jurídica, com registro em Cartório e número de registro no CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas) com o número: 08.373.502/0001-70. Disse, também, que todas as despesas para estas finalidades, despesas de Cartório e registro no CNPJ, foram doadas pela doutora Rita de Cássia Silva Vieira Campos, responsável pelo Cartório. Explicou-nos que o "banner" que estava sendo mostrado, era uma cópia de um projeto de uma capela que está emoldurado numa das paredes da casa da Lôla, onde se lê: Capela do Sagrado Coração de Jesus – Lindovale – Rio Pomba. Adhemar Marinho – Eng. Arquiteto – CREA 863 D. Outubro de 1956. Disse que um grande objetivo da nossa associação será a realização do sonho das Lolas com a construção daquele projeto. Em seguida passou a palavra a mim, Giselle Neves Moreira de Aguiar, secretária, que explanei que já havíamos feito uma carta de apresentação da Associação, tendo ao fundo o projeto da capela sonhada por Lôla; além de carnês para contribuição mensal. Expliquei que as cartas deveriam ser enviadas pelos sócios a pessoas conhecidas que certamente dariam valor ao motivo de nosso empenho. Nessa carta estamos comunicando a existência da Associação, nossos motivos e interesses e pedindo a colaboração que poderá ser feita através dos carnês e de depósitos bancários, além de prestação de serviços profissionais e doações de bens que possam ser transformados em numerário. Os endereços dessas pessoas devem ser fornecidos à diretoria para que, tão logo seja possível, possamos enviá-lhes mensalmente um jornalzinho, que pretendemos chamar "O Beija-Flor", para termos divulgadas as boas notícias da nossa Causa, testemunhos, intercâmbio entre os associados, etc. Disse também que as despesas com o custeio da gráfica foram doações do casal Severino e Myriam Vieira. Falei da intenção da diretoria em alugar uma casa na cidade para sede da Associação, onde poderíamos expor algumas relíquias, receber os visitantes e possivelmente vender algum bem recebido em doação. O sócio Gerardo Magela Menezes disse que essa intenção deve esperar até que a Associação tenha pelo menos um pouco de estabilidade financeira; o que todos concordamos. Passei então a falar sobre os planos de arrecadação futuros como o bingo a ser promovido em Barbacena pelo casal Vicente e Fátima.

E o plano de um dia de confraternização rio-pombense que poderá se realizar no espaço de Exposições da Prefeitura Municipal no dia 7 de abril próximo, sábado de aleluia e antevéspera do dia da Lôla. Alguns minutos depois chegou ao recinto o padre José Eudes Campos, pároco da paróquia Nossa Senhora do Rosário. Sentou-se no fundo e, ao receber as boas vindas da presidente pediu a palavra e disse que estava ali como intruso. Que havia recebido uma carta muito formal comunicando a existência da

associação, na qual dizia que ele deveria ser convidado para as reuniões plenárias e que, no entanto não o foi para aquela. Disse gostaria de ir embora de Rio Pomba porque se sentia atingido por atitudes como aquela. Leu uma carta à população na qual Dom Luciano Mendes de Almeida, então arcebispo de Mariana, conferia plenos poderes de administração dos assuntos relacionados à Lola a ele e ao padre Marcos Macário, pároco da Matriz de São Manoel; que diz o seguinte: **-Em destaque anexo-** Quem respondeu foi Dr. Eduardo Dalmoro, advogado da associação. Em primeiro lugar reconheceu publicamente as virtudes do sacerdote e disse que a cidade era honrada e beneficiada pela presença dele aqui; e, em resposta às suas queixas, disse que em novembro de 2005 em carta registrada com aviso de recebimento, o grupo de pessoas pedia-lhes a fundação da Associação de maneira que um dos sacerdotes fosse o presidente. O que foi negado. Diante da negativa deles o grupo resolveu levar à frente o ideal, mas que, a associação é perfeitamente sabedora da submissão de toda obra à aprovação eclesiástica. O intento da Associação é, assim que tiver algum numerário consistente, procurá-los para que com a devida aprovação e recursos suficientes dar início a concretização das obras. Disse também, que o motivo dele não receber o comunicado da reunião é que no momento a associação ainda está em fase embrionária. Ainda não temos condições de levar nenhuma proposta ao conhecimento dos senhores sacerdotes. A visitante Tereza de Ubá pediu perdão ao padre se ele se julgava ofendido mas que longe nós estava o intuito de fazer o que fosse desobedecendo a Santa Sé e a Arquidiocese nos assuntos religiosos. O senhor Cláudio Gomes também pediu perdão ao padre, caso ele se sentisse ofendido, mas que de maneira nenhuma essa era a intenção da associação. Eu, Giselle, pedi então encarecidamente ao padre que lesse, na íntegra, a carta a ele enviada pela associação por mãos dos sócios Joana D'Arc Bernardino, vice-presidente, e Dalmo Furtado, tesoureiro. Então o padre leu a carta que diz o seguinte: - Em destaque anexo - Ficou então evidente que em momento algum faltamos com o devido respeito aos sacerdotes e que todas as nossas intenções eram claras, honestas e precisas. A palavra foi então dada à senhora Marina, que é proprietária da fazenda onde a Lola nasceu e viveu até os três anos de idade. Conçou que é imensamente grata à Lola por grandes graças por ela recebida e que no local onde Lola nasceu ela ergueu uma capelinha onde de vez em quando se celebra a Santa Missa, frequentemente se faz lá orações. E, em vinte e sete de junho se comemora o aniversário da Lola com um ato de desagravo ao Sagrado Coração de Jesus feito pelas crianças das redondezas e fiéis de toda a região. Nesse momento o padre José Eudes pediu licença e se retirou. À sua saída o vereador Romeu Moreira pediu novamente perdão ao padre pelas ofensas por ele sentidas. A sócia Margarida Vieira se levantou e se disse sentida porque o padre chegou, disse o que queria e não ficou até o final da reunião, como deveria. Dr. Eduardo Dalmoro usou novamente a palavra para reiterar o que disse ao padre. Tudo o que estamos fazendo é legitimamente correto e que, se não fizermos o que estamos fazendo a Causa da Lola correr sério risco de ser sepultada porque já faz sete anos que a Lola faleceu e tudo o que se conseguiu até agora, foi por muito empenho dos leigos. Eu, Giselle lembrei então que a nossa associação é uma associação civil, que deve acolher, segundo o seu estatuto, pessoas de todos os credos, não deve, portanto obediência aos sacerdotes em assuntos que não sejam eclesiásticos ou

diretamente do seu interesse.. O senhor Cláudio Gomes sugeriu que Dr. Eduardo Dalmoro e sua esposa Maria Helena fossem, usando de suas prerrogativas, até aos sacerdotes, e lhes explicassem a real situação. Ao que todos concordaram. Ao final a presidente pediu que encerrássemos a reunião com um Pai Nosso, uma Ave Maria e a Oração pela Beatificação da Lola rezados de mãos dadas. Após o que os sócios procuraram a diretoria para levar as cartas de apresentação e carnês para serem distribuídos entre seus parentes e amigos. Rio Pomba, novembro de 2006

Myriam Rodrigues Vieira
Presidente

Giselle Neves Moreira de Aguiar
secretária

ANEXO I – Comunicado da Arquidiocese de Mariana para as comunidades paroquiais


Carta às Comunidades Paroquiais
Mariana, 23 de novembro de 2006
Caríssimos irmãos e irmãs,
A paz de Cristo!

A Cúria Arquidiocesana de Mariana tem recebido várias consultas acerca da Associação dos Amigos da Causa de Lola – AACL.

Os principais questionamentos se referem ao possível vínculo da Associação dos Amigos da Causa de Lola com a Arquidiocese de Mariana e às informações veiculadas pela associação de um projeto de construção de igreja no sítio que pertenceu à Sra. Floripes Maria de Jesus, conhecida como D^a Lola, além da arrecadação de recursos para a construção da referida igreja.

Diante de tais questionamentos, dirigimo-nos às Comunidades Paroquiais para fazer os seguintes esclarecimentos:

1 – O direito brasileiro garante a liberdade de associação para fins lícitos e pacíficos, portanto, qualquer grupo de cidadãos pode criar uma associação civil para alcançar a realização de objetivos comuns.

Para que uma associação seja considerada, à luz do direito canônico, uma associação de fiéis, faz-se necessário a aprovação de seu estatuto pelo bispo da diocese em cuja circunscrição ela esteja contida, conforme Cân. 117 e seguintes.

Até a presente data, não houve solicitação à Cúria Metropolitana de Mariana de aprovação do estatuto da Associação dos Amigos da Causa de D^a Lola. Portanto, esta associação, não possui vínculo com a Arquidiocese de Mariana e sua constituição possui natureza exclusivamente civil.

2 – Para a construção de templo unido à Igreja Católica Apostólica Romana faz-se necessária a autorização pelo bispo da diocese em cuja circunscrição o templo será edificado, conforme determina o Cân. 1.215 - § 1.

Até a presente data, não consta na Cúria Metropolitana de Mariana pedido de autorização para construção de igreja na cidade de Rio Pomba.

3 – Quanto à possível construção da igreja ser realizada no sítio que pertenceu à Sra. Floripes Maria de Jesus, convém esclarecer que o referido imóvel é uma propriedade particular que pertence à Arquidiocese de Mariana e sua administração foi confiada por Dom

Luciano Mendes de Almeida, em 27 de junho de 2005, aos padres da comunidade de Rio Pomba: Pe. José Eudes Campos Nascimento e Pe. Marcos Macário Mendes.

Consultamos os referidos padres e os mesmos afirmaram que não receberam pedido de autorização para construção no imóvel de propriedade da Arquidiocese de Mariana que eles administram.

No aguardo da eleição de nosso novo arcebispo, permanece o posicionamento firmado, em nome da arquidiocese, pelo saudoso Arcebispo Dom Luciano Mendes de Almeida que, em carta oficial de 27 de junho assim se expressava:

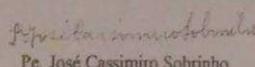
“Compete aos párocos, tendo ao seu lado os assessores do Tribunal Eclesiástico de Mariana, levar adiante o processo assegurando a recepção dos depoimentos, sua classificação, os tempos de oração e os serviços de conservação da propriedade de D^a Lola, assim como a difusão por ela solicitada de preces e imagens do Sagrado Coração de Jesus.

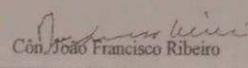
Aceitam-se ofertas para a causa em estudo das virtudes de D^a Lola e para restaurar e ampliar os locais onde D^a Lola viveu. A destinação destes locais, segundo a decisão da Arquidiocese e obedecendo às intenções de D^a Lola atenderá garantir um lugar de oração e uma obra social. As doações deverão ser custodiadas unicamente pelos responsáveis Pe. Marcos Macário Mendes e Pe. José Eudes Campos Nascimento, evitando-se toda ação que não seja integrada nas decisões dos responsáveis.”

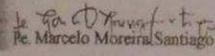
4 – Esclarecemos, ainda, que a Arquidiocese de Mariana não se responsabiliza pela destinação que será dada aos recursos porventura arrecadados pela Associação dos Amigos da Causa de Lola, pois não tem conhecimento oficial da existência de tal associação.

Esperamos a acolhida destas orientações, aqui apresentadas no desejo de servir a todos, amigos da causa da Lola, para buscarmos juntos, guardando a comunhão cristã, o caminho que o Sagrado Coração de Jesus nos há de mostrar progressivamente para honrar os que, nesta terra, como D^a Lola, nos deram verdadeiro testemunho de amor e obediência à Deus, à Igreja e de serviço aos irmãos(as).

Atenciosamente,
Pela Arquidiocese de Mariana


Pe. José Cassimiro Sobrinho


Côn. João Francisco Ribeiro


Pe. Marcelo Moreira Santiago